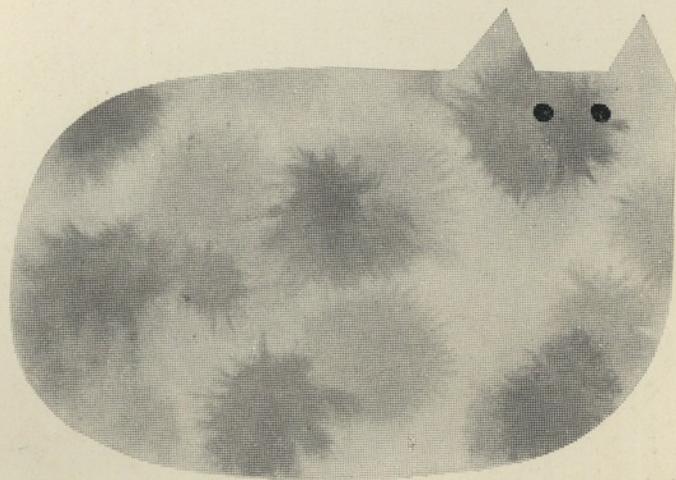
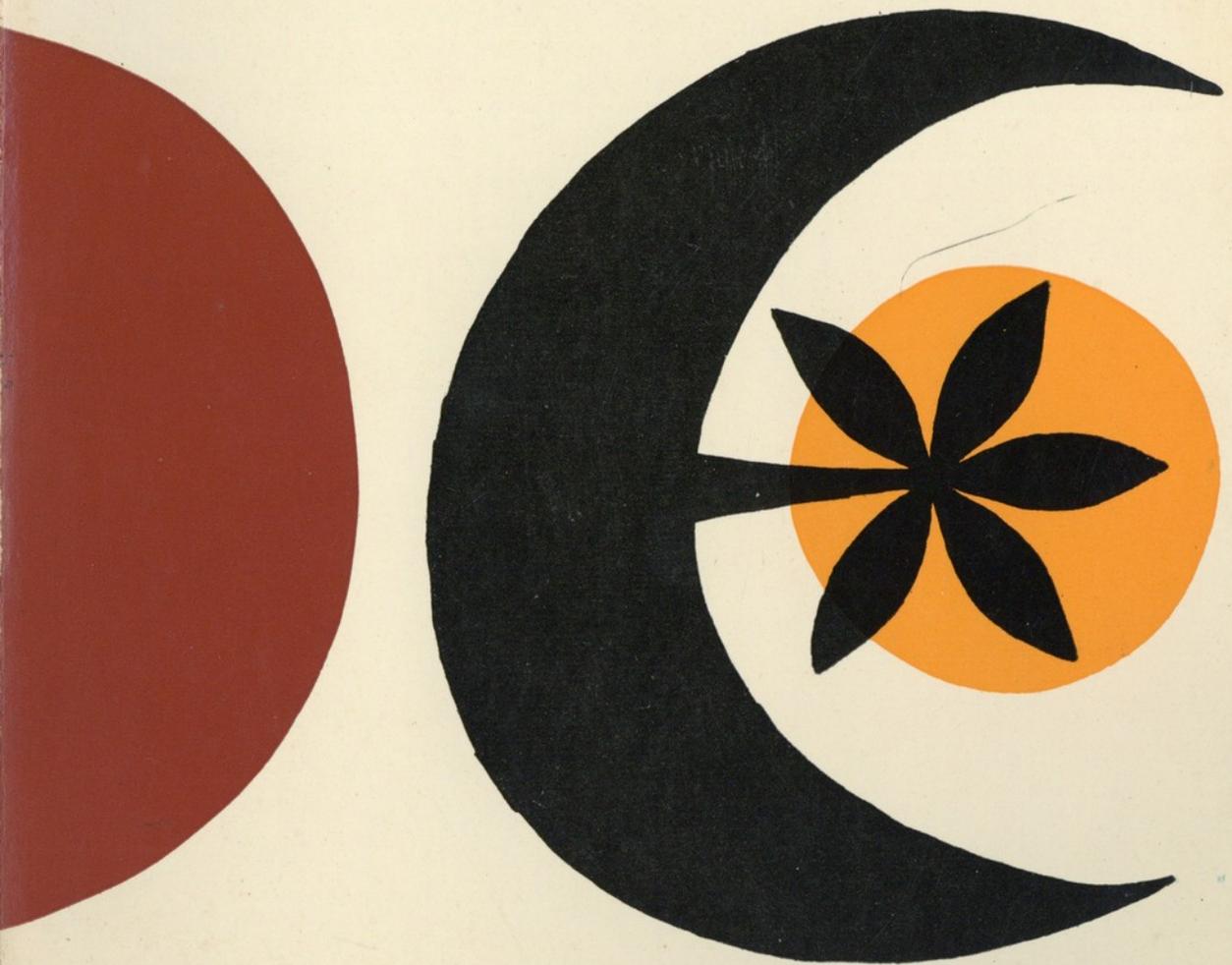
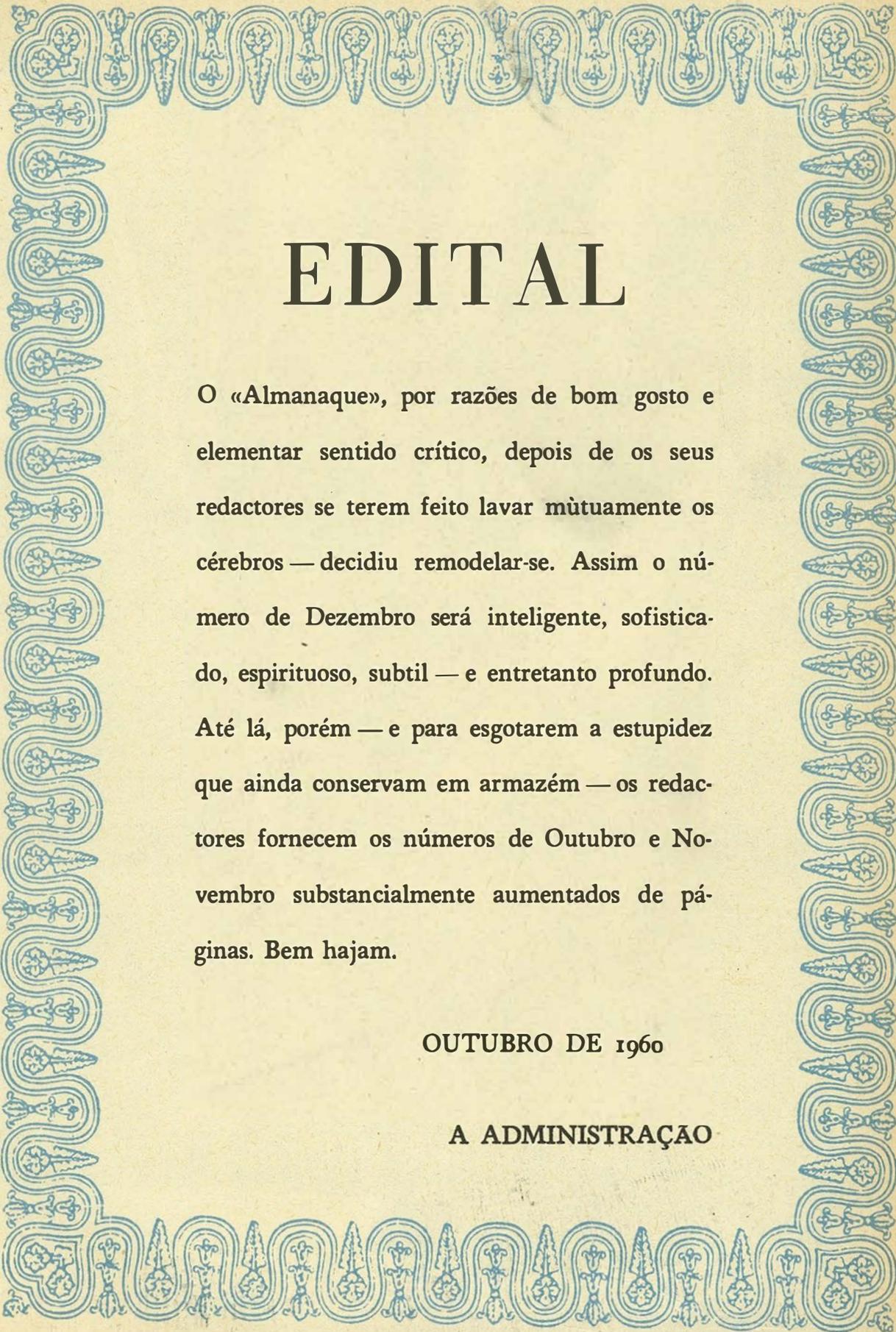


ALMANAQUE

outubro 1960







EDITAL

O «Almanaque», por razões de bom gosto e elementar sentido crítico, depois de os seus redactores se terem feito lavar mutuamente os cérebros — decidiu remodelar-se. Assim o número de Dezembro será inteligente, sofisticado, espirituoso, subtil — e entretanto profundo. Até lá, porém — e para esgotarem a estupidez que ainda conservam em armazém — os redactores fornecem os números de Outubro e Novembro substancialmente aumentados de páginas. Bem hajam.

OUTUBRO DE 1960

A ADMINISTRAÇÃO

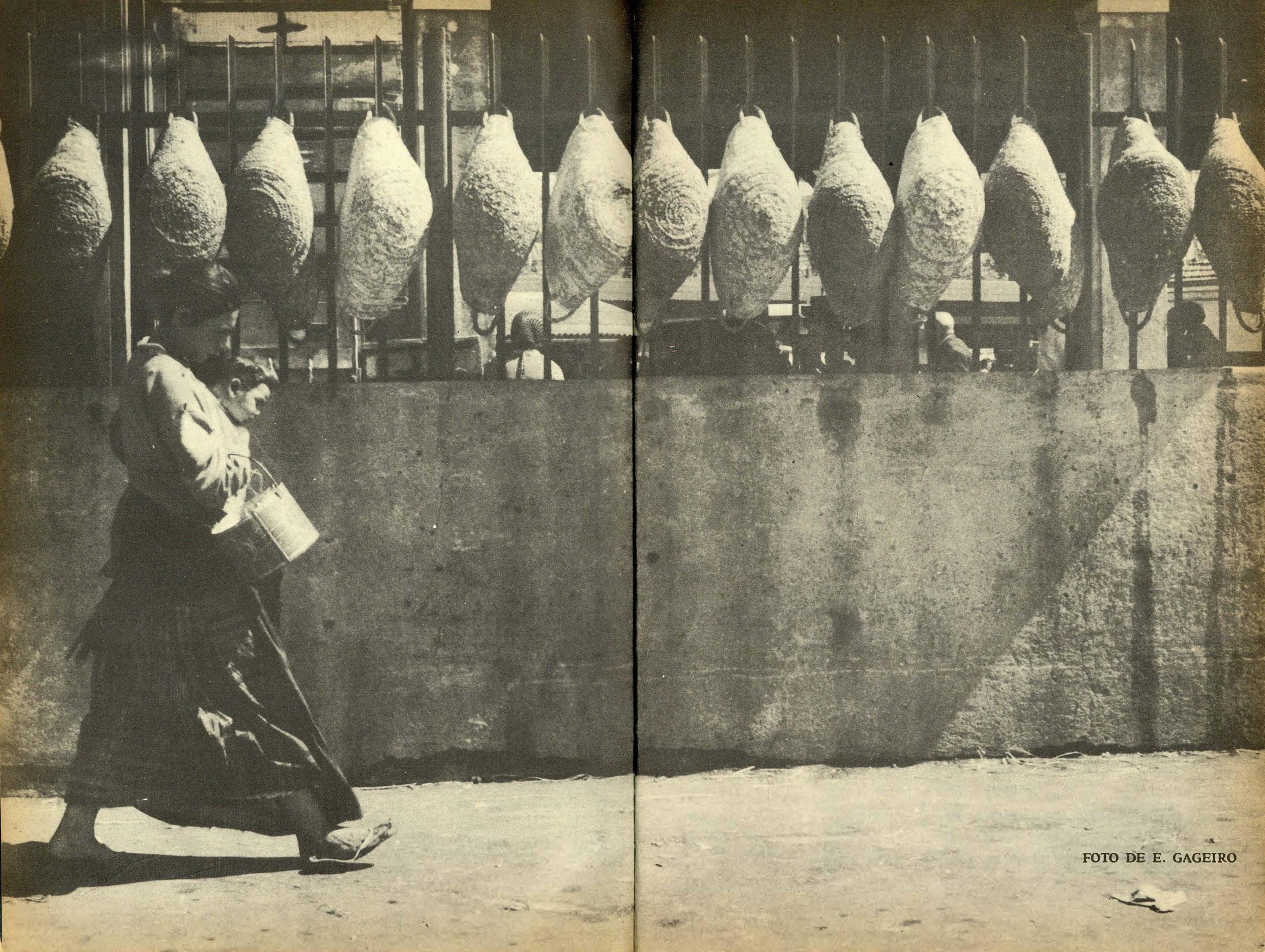
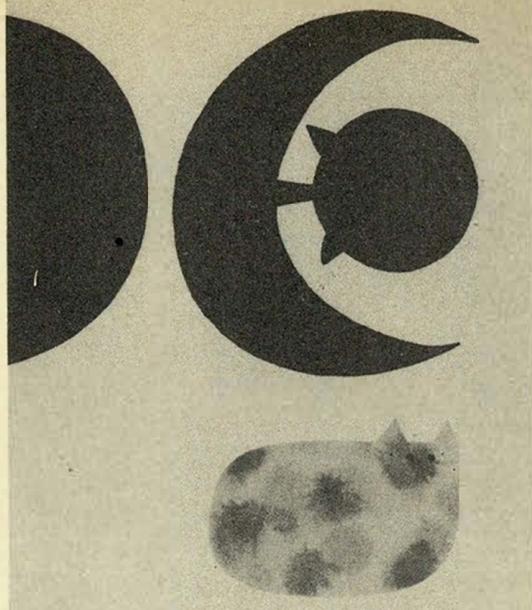


FOTO DE E. GAGEIRO



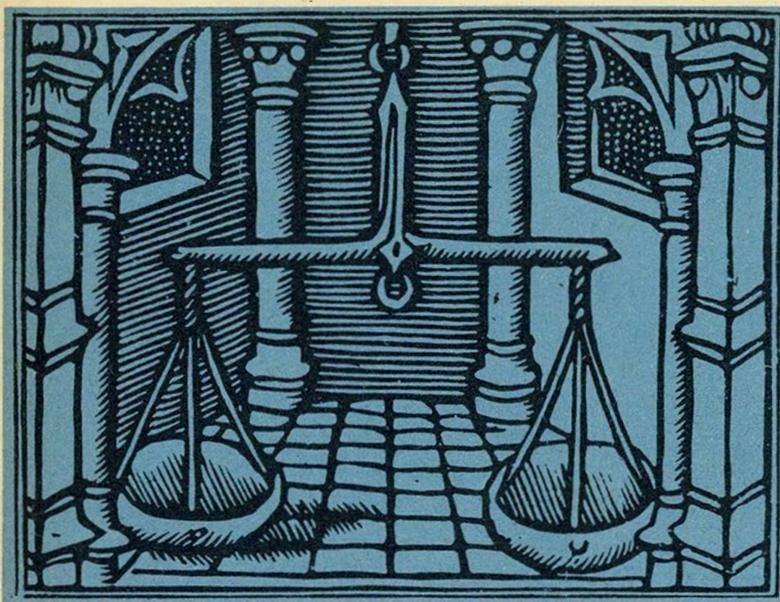
outubro / 60

EDITAL	1	
CALENDÁRIO	6	
OS DESTINOS DO MÊS	10	
FLOS-SANCTORUM	20	Santa Brígida da Suécia
EFEMÉRIDES	23	
ACTUALIDADES	26	
CAÇA	30	
PESCA	33	
FLORICULTURA	36	
O ANIMAL DO MÊS	40	a ratazana
O «TRAJE DE LUCES»	44	3 quilos de bordados
A BANDEIRA NACIONAL	48	
BOÊMIA DE OUTROS TEMPOS	54	figuras populares do século passado
MATER REGUM	58	Letícia, a mãe de Napoleão
NOVE DÉCIMOS DA POPULAÇÃO MUNDIAL VIVE NA CENTÉSIMA PARTE DO GLOBO	62	
ARIANA	66	conto cor-de-rosa
AUTÓPSIA DAS PROFISSÕES	70	1 — o médico
SECÇÃO DE ANÚNCIOS	80	
ABRAHAM LINCOLN	86	um tiro na nuca

FALEMOS DAS SUAS RUGAS	94	
QUEM VAI GANHAR?	96	para o homem e a mulher modernos o que quer dizer: Amor
O FILME DO MÊS	101	
GRACE DE MÓNACO	108	e Campo de Ourique
CONHEÇA A SUA APENDICITE	116	
ARMAZÉM DAS LETRAS	122	& Diversos chamada urgente conto por João Gaspar Simões o livro do mês no Reino de Pacheco
SURPRISE-PARTY	131	aperitivo culinária a história cruel mas feliz da princesa Jabirowski três minutos com Sophia Loren Agatha Cristhie os olhos: janelas abertas para dois mundos passatempos anedotas ⁴²

ALMANAQUE

Director: J. A. de Figueiredo Magalhães
 • Orientador gráfico: Sebastião Rodrigues •
 Editor e proprietário: Grupo de Publicações Periódicas •
 Redacção e Administração: Rua da Misericórdia, 125-1.º •
 Expediente e contabilidade: Rua da Misericórdia, 67-2.º •
 Telefones: 3 18 92/3 • Composto e impresso na Casa Portuguesa, Rua das Gáveas, 109
 • Revista mensal • Cada volume: 15\$00 •
 Assinatura semestral: 75\$00 • Anual: 145\$00



outubro / 60

*

Durante este mês o Sol encontra-se no signo zodiacal da Balança até ao dia 23; neste dia às 10 h e 3 m o Sol entra no signo do Escorpião.

O dia durante o mês diminui 1 h e 12 m.

O dia 1 dura 11 h e 47 m; o dia 15, 11 h e 13 m; o dia 31, 10 h e 35 m.

1

1 — Sábado. — Santos Mártires de Lisboa. — Feiras: Budens; Moncarapacho; Vila Velha de Ródão; Vieira do Minho.

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 1.04	HORA 13.31
ALT. 3.30	ALT. 3.55

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 7.00	HORA 19.33
ALT. 1.16	ALT. 0.91

2

2 — Domingo. — Santos Anjos da Guarda. — Feiras: Alcanena; Entradas; L. do Bailão; Sabóia; V. F. de Xira.

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 1.02	HORA 13.20
ALT. 3.54	ALT. 3.80

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 6.52	HORA 19.27
ALT. 0.92	ALT. 0.70

3

3 — Segunda-feira. — Santa Teresa do Menino Jesus. — Feiras: Abela; Vau.

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 1.39	HORA 14.00
ALT. 3.34	ALT. 3.57

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 7.36	HORA 20.00
ALT. 0.71	ALT. 0.53

4

4 — Terça-feira. — S. Francisco de Assis. — Feiras: Castelo Branco; Guarda; M. da Beira; P. de Sor; Redondo; Tavira. — Lua cheia às 22 h e 17 m.

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 2.40	HORA 14.58
ALT. 3.93	ALT. 4.13

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 8.18	HORA 20.43
ALT. 0.52	ALT. 0.42

5

5 — Quarta-feira. — S. Plácido.

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 3.11	HORA 15.47
ALT. 4.03	ALT. 4.16

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 9.08	HORA 21.30
ALT. 0.42	ALT. 0.42

6

6 — Quinta-feira. — S. Bruno.
— Feira: Almancil.

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HO RA 3.58	HO RA 16.20
ALT. 4.04	ALT. 4.09

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HO RA 9.40	HO RA 22.00
ALT. 0.43	ALT. 0.49

7

7 — Sexta-feira. — S. Marcelo.

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HO RA 4.32	HO RA 17.00
ALT. 3.98	ALT. 3.95

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HO RA 10.16	HO RA 22.35
ALT. 0.51	ALT. 0.63

8

8 — Sábado. — Santa Brígida.
— Feira: Alcácer do Sal.

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HO RA 5.12	HO RA 17.34
ALT. 3.86	ALT. 3.74

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HO RA 10.51	HO RA 23.12
ALT. 0.67	ALT. 0.84

9

9 — Domingo. — S. João Leonardo. — Feiras: Relíquias; Póvoa do Rio de Moinhos; Santarém; V. de Açor (Mértola).

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HO RA 5.59	HO RA 18.19
ALT. 3.66	ALT. 3.47

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HO RA 11.34	HO RA 23.49
ALT. 0.86	ALT. 1.04

10

10 — Segunda-feira. — São Francisco de Borja. — Feiras: Cabaços (Alvaiázere); Cesteleiro; Gomes Aires; Ni sa; V. R. de Santo António.

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HO RA 6.35	HO RA 19.02
ALT. 3.45	ALT. 3.22

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HO RA —	HO RA 12.12
ALT. —	ALT. 1.10

11

11 — Terça-feira. — S. Germano.

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HO RA 7.20	HO RA 19.50
ALT. 3.24	ALT. 3.00

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HO RA 0.30	HO RA 13.00
ALT. 1.27	ALT. 1.32

12

12 — Quarta-feira. — Nossa Senhora dos Remédios. — Feiras: Évora; Lagos. — Quarto minguante às 17 h e 26 m.

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HO RA 8.14	HO RA 20.53
ALT. 3.06	ALT. 2.84

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HO RA 1.20	HO RA 14.02
ALT. 1.50	ALT. 1.53

13

13 — Quinta-feira. — Santo Eduardo, Rei.

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HO RA 9.20	HO RA 22.05
ALT. 2.95	ALT. 2.80

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HO RA 2.28	HORA 15.28
ALT. 1.66	ALT. 1.62

14

14 — Sexta-feira. — S. Calisto. — Feira: Penalva do Castelo.

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HO RA 10.31	HO RA 23.20
ALT. 2.96	ALT. 2.88

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 3.50	HORA 16.42
ALT. 1.70	ALT. 1.36

15

15 — Sábado. — Santa Teresa de Avila. — Feiras: Alagoa; Caceia; Cotimos; Mogadouro; Penamacor; Sertão.

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 11.40	HORA —
ALT. 3,08	ALT. —

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 5.00	HORA 17.43
ALT. 1,60	ALT. 1,40

16

16 — Domingo. — Santa Hedvigés. — Feiras: Calvos; Cabo Verde; Gavião; Mercês.

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 0.15	HORA 12.34
ALT. 3,06	ALT. 3,26

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 6.00	HORA 18.26
ALT. 1,39	ALT. 1,18

17

17 — Segunda-feira. — Santa Margarida Maria.

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 1.00	HORA 13.20
ALT. 3,27	ALT. 3,46

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 6.40	HORA 19.02
ALT. 1,16	ALT. 0,95

18

18 — Terça-feira. — S. Lucas Evangelista. — Feira: Ervedal.

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 1.41	HORA 14.00
ALT. 3,48	ALT. 3,64

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 7.28	HORA 19.48
ALT. 0,93	ALT. 0,75

19

19 — Quarta-feira. — S. Pedro de Al câmara. — Feira: Óbidos.

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 2.21	HORA 14.38
ALT. 3,68	ALT. 3,80

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 8.04	HORA 20.27
ALT. 0,73	ALT. 0,58

20

20 — Quinta-feira. — Santa Iria. — Feiras: Faro; Fundão; Santa Iria (Tomar). — Lua nova às 12 h e 3 m.

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 2.59	HORA 15.12
ALT. 3,82	ALT. 3,90

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 8.40	HORA 21.00
ALT. 0,56	ALT. 0,48

21

21 — Sexta-feira. — Santa Úrsula. — Feira: S. Teotónio.

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 3.31	HORA 15.50
ALT. 3,90	ALT. 3,93

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 9.11	HORA 21.30
ALT. 0,46	ALT. 0,44

22

22 — Sábado. — Santa Celinea. — Feira: Aljustrel.

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 3.51	HORA 16.12
ALT. 3,64	ALT. 3,58

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 9.41	HORA 22.00
ALT. 0,27	ALT. 0,31

23

23 — Domingo. — Santa Ivete. — Feiras: Benafim; Azambuja; Mercês.

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 4.32	HORA 16.59
ALT. 3,58	ALT. 3,44

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 10.28	HORA 22.42
ALT. 0,24	ALT. 0,44

24

24 — Segunda-feira. — S. Rafael Ar canjo. — Feira : Cano Fronteira.

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 5.12	HORA 17.41
ALT. 3,44	ALT. 3,24

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 11.00	HORA 23.20
ALT. 0,49	ALT. 0,64

25

25 — Terça-feira. — S. Crispim. — Feiras: Melides; V. N. de O urém.

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 6.03	HORA 18.41
ALT. 3,24	ALT. 3,00

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 11.50	HORA —
ALT. 0,68	ALT. —

26

26 — Quarta-feira. — Santo Evaristo. — Feira : Monchique.

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 7.02	HORA 19.51
ALT. 3,05	ALT. 2,80

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 6.12	HORA 12.51
ALT. 0,88	ALT. 0,90

27

27 — Quinta - feira. — Santa Antonieta. — Quarto crescate às 7 h e 34 m.

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 8.20	HORA 21.11
ALT. 2,90	ALT. 2,72

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 1.21	HORA 14.03
ALT. 1,21	ALT. 1,10

28

28 — Sexta-feira. — S. Judas Tadeu. — Feiras : Al cobaças Montalegre ; Pr.-a-Velha ; S. Simão da Aj uda;Sardoal; Vidago.

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 9.41	HORA 22.29
ALT. 2,89	ALT. 2,78

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 2.30	HORA 15.32
ALT. 1,30	ALT. 1,15

29

29 — Sábado. — S. Narciso.

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 10.56	HORA 23.30
ALT. 3,00	ALT. 2,94

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 4.05	HORA 17.06
ALT. 1,30	ALT. 1,08

30

30 — Domingo. — Santo Arsenio. — Feiras: Chaves; Sendim (M. do Douro); Vermoiz.

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 11.51	HORA —
ALT. 3,17	ALT. —

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 5.24	HORA 18.10
ALT. 1,18	ALT. 0,92

31

31 — Segunda-feira. — Santa Lucilla. — Feira: Silves.

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 0.31	HORA 12.46
ALT. 3,12	ALT. 3,32

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HORA 6.20	HORA 18.53
ALT. 0,98	ALT. 0,76



SIGNO DE BALANÇA

pelo Prof. Carlos Radini

Governado pelo planeta **Vénus** na sua característica **diurna** tem Saturno em Exaltação, Sol em Queda e Marte em Exílio.

Dependente dos anos o signo principia a 23 de Setembro e termina em 22/23 de Outubro.

O primeiro decanato, vai de 23 Setembro a 2 de Outubro, governado pela Lua, segundo os antigos e por Vénus conforme as novas teorias. O segundo decanato vai de 3 a 12 de Outubro tendo Saturno como governante, pelos antigos ou Saturno e Urano pelos modernos. O terceiro decanato compreende o período de 13 a 22 de Outubro com Júpiter a governá-lo de acordo com os antigos ou Mercúrio segundo os modernos.

A legenda que corresponde a este signo é: **Vivam mas deixem viver. Balança é o princípio do Equilíbrio e da Harmonia.**

O signo é representado por uma balança em homenagem a **Astréa**, segundo uns, ou a **Témis** segundo outros autores, por serem as deusas que representavam a Justiça. Tanto que a balança e a espada seguras por uma mulher de olhos vendados representam a Justiça. O seu significado é: as acções dos homens depois de pesadas, devem receber a sanção, isto quanto à balança e à espada. Os olhos vendados são para o cumprimento da sentença sem olhar a quem executa.

Segundo a Mitologia, Astréa (a Justiça humana) era filha de Témis (a Justiça divina) e de Júpiter, sendo da sua jurisdição as leis civis e criminais, julgar conforme estas dispõem e aplicar as penalidades correspondentes.

Témis era filha de Urano e de Titeia, e irmã de Saturno, e segundo a maioria dos autores é ela que pertence à Balança.

Em parte o signo da Balança é, também, consagrado a **Neméris** — a deusa de geração espontânea que julgava as almas somente com a espada —, representando a **Justiça pessoal** e a **Vingança**. O seu único atributo é a espada. Não usa balança porque desdenha medir a culpa, nem venda os olhos que é para saber a quem aplica a sua vingança e ficar satisfeita vendo a dor que causa.

os destinos
do mês

Esta terrível deusa também tem consagração em parte do signo de Escorpião.

Os Hebreus e os Caldeus tinham grande respeito pelo signo da Balança que foi atribuído à tribo de Asher.

Confirmando o equilíbrio que a Balança simboliza a moderna astrologia diz que o Sol entrando neste signo no Equinócio do Outono, quando o dia é igual à noite, representa o equilíbrio e, de certa forma, a Justiça.

Desta maneira pode dizer-se que os nascidos neste signo têm o princípio da Justiça e o sentido do equilíbrio, não esquecendo que a **Balança representa, além do equilíbrio o desequilíbrio.**

ALGUNS NOMES CONHECIDOS
NASCIDOS EM BALANÇA

Alfred Nobel, Ghandi, General Foch, Himmler, Eisenhower, Péron, G. Clemenceau, George Sand, Oscar Wilde, Franz Liszt, Rita Hayworth, etc.

CORRESPONDÊNCIA DO SIGNO

Cores: Azul-claro e Rosa.

Pedras: Diamante, opala, esmeralda, lápis lazuli.

Metal: Cobre.

Perfume: Rosa, jasmim, sandalo.

Dias favoráveis: Sexta-feira e sábado.

Dias menos favoráveis: Domingos e terças-feiras.

Animal: Aves canoras.

Elemento: Ar.

CARACTER, QUALIDADES E DEFEITOS

Os indivíduos do signo da Balança são voluntariosos, perspicazes, simpáticos, de humor estável e amantes dos prazeres.

Os maus aspectos dos diferentes planetas, a este signo, dão preguiça, espírito caprichoso, sensual e propenso para prazeres cruéis.

DESTINO

A sorte aparece normalmente sem grandes esforços para a conseguir, podendo mesmo obter-se por intermédio de amizades e influências.

Todavia os indivíduos de Balança gostam de se ocupar de futilidades, raramente sabendo escolher as ocasiões propícias, apercebendo-se mais tarde de certos erros cometidos por essa razão.

APTIDÕES E PROFISSÃO

Todas as profissões que ponham em contacto com indústria ou comércio de luxo, indústria de jogo, teatro, cinema, música, alta costura, moda, perfumaria, livraria de arte, e também cabeleireiros, dançarinos, escritores, estadistas, etc.

OS DECANATOS

O primeiro decanato (23 de Setembro a 2 de Outubro): Tendência ao sonho e à imaginação. Natureza amável mas versátil. Influenciável. Idades mais importantes: 8, 16, 24, 32, 40, 48, 56, 64 e 72 anos.

Segundo decanato (3 a 12 de Outubro): Espírito calmo prudente. Existência sem grandes alternativas. Natureza amante da Justiça. Idades mais importantes: 8, 16, 24, 32, 40, 42, 48, 56, 64 e 72 anos.

Terceiro decanato (13 a 22 de Outubro): Aptidões literárias, sensualidade, amor do fausto ou do cerimonial. Por vezes dá indivíduos glutões. Natureza intelectual sob todas as formas de expressão mental. Idades mais importantes: 8, 10, 16, 20, 24, 30, 32, 40, 48, 50, 56, 60, 64, 70 e 74 anos.

HOMENS DO SIGNO DE BALANÇA

Formalmente de boa aparência, possui boas maneiras e fino trato social. Se bem que de carácter pacífico é dissimulado. Por vezes colérico mas pouco violento é dominado por uma certa indiferença que o faz rir de tudo e de todos embora o faça veladamente. Grande amoroso sente-se admirado por todas as mulheres, mas como é bastante egoísta não é muito feliz nas suas paixões. A sentimentalidade é grande mas foge das tristezas com verdadeiro horror. Em certos períodos da vida sente-se fatalista. Casando cedo costuma ser um bom marido.

MULHERES DO SIGNO DE BALANÇA

As mulheres de Balança sobretudo se recebem boa influência de Vénus o planeta governamental deste signo, são amáveis, de temperamento alegre e agradável. Detestam tudo o que é grosseiro possuindo um sentido de justiça muito desenvolvido. Gostam do amor completo, tendo, por isso, dificuldades em determinadas ligações sentimentais ou no casamento. Possuidoras de dons artísticos e naturalmente sensuais as mulheres de Balança triunfam não só por estes predicados como também pela sua forma física normalmente bem equilibrada merecendo o reparo do sexo oposto.

CRIANÇAS

Inteligentes as crianças de Balança aprendem com facilidade mas como têm tendência à preguiça é necessário uma certa luta para as fazer trabalhar. Será difícil emendar esta tendência se não houver, da parte dos educadores, uma boa persistência sem necessidade de usar de grande autoridade mas sim tenacidade, bondade e justiça. Se isto se conseguir, a criança corresponderá.

Resumo do mês de Novembro

O planeta Marte, na altura da luação, encontra-se maleficiado pela oposição de Saturno que, encontrando-se na casa 1.^a, inclina a acidentes e incidentes no sector internacional. Marte, por si próprio inclina a nervosidade e a compromissos que não são cumpridos. Esta configuração astral dá ao mundo tendência a rupturas de acordos, pequenas guerras, dificuldades internas ou vaidade dos dirigentes responsáveis. Por outro lado, os bons aspectos que Jupiter forma ao Sol, e este a Urano, atenuam um pouco aquelas más predisposições, permitindo, assim, um relativo equilíbrio.

As Nações mais afectadas por estas disposições planetárias são: Austria, Etiópia, Egipito, Japão, China, Índia, Lituânia, Grécia, Bulgária e Macedónia.

AQUÁRIO — 21 de Janeiro a 19 de Fevereiro

O imprevisto pode contar nos seus ganhos

Em especial é o seu mérito que se imporá quanto aos resultados de ordem financeira. Apesar disso os acontecimentos imprevistos terão grande influência. É mesmo possível que possa ter elevação sob o aspecto social ou mundano. No sector intelectual terá algumas oposições. Cuide atentamente dos seus actos e palavras.

Mais do que os amores, as amizades...

Através de algumas amizades sólidas poderá levar a bom termo alguns dos seus pro-

jectos, desde que estes já tenham sido trabalhados. Os amores, apresentam-se sem características definidas.

PEIXES — 20 de Fevereiro a 20 de Março

Aqueles que o rodeiam indicarão as oportunidades

No sector social e mundano terá oportunidade de evidenciar os seus méritos através daqueles com quem convive dia a dia.

Período favorável para viagens e para estudos

Mercúrio e Vénus enviando aspectos favoráveis ao Sol e Lua ajudam a mente nos assuntos filosóficos e de estudo.

As viagens curtas ou longas encontram um clima astral favorável. É natural que receba notícias — talvez sem esperar — de alguém que esteja longe.

CARNEIRO — 21 de Março a 20 de Abril

Contratos, acordos ou combinações com ponderação

Marte, o seu planeta, não está bem disposto nas configurações que forma com os

outros planetas, em especial com Saturno. Assim, deve cuidar atentamente todos os assuntos que lhe sejam propostos, para evitar futuros aborrecimentos.

Os amores e os prazeres em boas condições

Apesar da lunação não favorecer os assuntos ponderados uma «certa» sorte é provável em todos os assuntos especulativos e em particular em coisas de prazer e também nos amores legais.

TOURO — 21 de Abril a 20 de Maio

Desperdício de energias

Vénus oposto ao seu signo não promete grandes coisas, antes pelo contrário dá tendências a obcecações e a acontecimentos imprevistos no sector sentimental. Os excessos de prazer ou outros, incluindo os de trabalho, prejudicarão a sequência dos seus desejos.

Cuidados de saúde indispensáveis

Desde que o seu médico tenha observado quaisquer anormalidades físicas deve seguir inteiramente os seus conselhos. De momento, durante o mês de Novembro, em especial, a partir do dia 1 deve orientar o seu regimen dietético e os seus nervos.

GÊMEOS — 21 de Maio a 20 de Junho

O trabalho diário facilitado

A entrada de Mercúrio no Signo de Sagi-

tário no dia 8 de Novembro, promete um melhor desenvolvimento intelectual, daí ter possibilidade em resultar no seu trabalho quotidiano.

Os ganhos e empreendimentos em dúvida

No seu sector de ganhos encontra-se Marte em aspecto maléfico pelo que deve ser prudente em qualquer empreendimento. Não facilite as coisas nem as complique demasiado. Se tem qualquer ideia inédita deve guardá-la àvaramente senão, sujeita-se a que os outros a aproveitem.

CARANGUEJO — 21 de Junho a 22 de Julho

Nervosidade e incompreensões

A presença de Marte retrogrado no seu Signo Solar durante todo o mês de Novembro implica seriamente na sua parte psicológica. Demais, a oposição de Marte a Saturno vem complicar os seus assuntos, motivando incompreensão e contrariedades em vários sectores, em parte criados por excessos de personalidade. As viagens devem ser bem preparadas. Fuja de todas as coisas que possam ocasionar perigo.

LEÃO — 23 de Julho a 22 de Agosto

Relevo social ou mundano

A posição do Sol quando se produz a lunação é favorável para todos os assuntos que se refiram ao seu sector social ou mundano.

É mesmo possível que alguém que estima — ou de forma imprevista alguém desconhecido — lhe dê satisfações de amor próprio.

VIRGEM — 23 de Agosto a 23 de Setembro

Projectos com viabilidade através de amizades

Durante o mês de Novembro especialmente até ao dia 8, os seus projectos encontram um clima astrológico favorável permitindo realizações através de boas amizades. desde que a sua vontade seja firme.

Não guarde para amanhã...

Mercúrio atravessando o Signo de Sagitário de 8 a 27 de Novembro incita, pelos aspectos que forma aos outros planetas, a protelar determinados assuntos o que prejudica os resultados.

BALANÇA — 23 de Setembro a 22 de Outubro

Actividade intelectual mas tendência a prazeres

O planeta governante do seu Signo encontra a partir do dia 10 um clima astrológico que favorece as suas actividades especialmente se forem de ordem intelectual.

Antes, porém, Vénus, incita a dispender energias ou dinheiro sem resultados práticos, inclinando a prazeres mundanos.

Algumas contrariedades afectivas e familiares

A oposição de Marte a Saturno na altura da luação dá os seus efeitos no decorrer do mês indicando contrariedades afectivas por excessos de personalidade que, por extensão, podem atingir o lar. Deve, portanto, reservar-se e não tomar atitudes que possam suscitar complicações.

ESCORPIÃO — de 23 de Outubro a 21 de Novembro

O seu mérito e o seu dinamismo senhores neste mês

Na sua personalidade encontra a responsabilidade dos acontecimentos do mês. A maioria dos planetas rápidos atravessaram o seu Signo dando-lhe assim uma mais clara visão das coisas, que aliada ao seu dinamismo poderá resultar de forma favorável.

Alguns problemas sentimentais podem apresentar-se

A partir do dia 10, depois da oposição de Vénus/Urano, deve cuidar atentamente dos seus assuntos de carácter afectivo para evitar incompreensões. Fuja das discussões, pois elas nada resolvem.

SAGITÁRIO — de 22 de Novembro a 21 de Dezembro

Dinamismo irregular

Entre os dias 8 e 27 as características do seu carácter são praticamente postas à prova pela passagem de Mercúrio no seu Signo solar de nascimento. Pode possuir muitas ideias mas terá dificuldade em fixar-se numa. O seu dinamismo encontra alguns pequenos obstáculos que serão facilmente resolvidos. O fim do mês apresenta bons prenúncios.

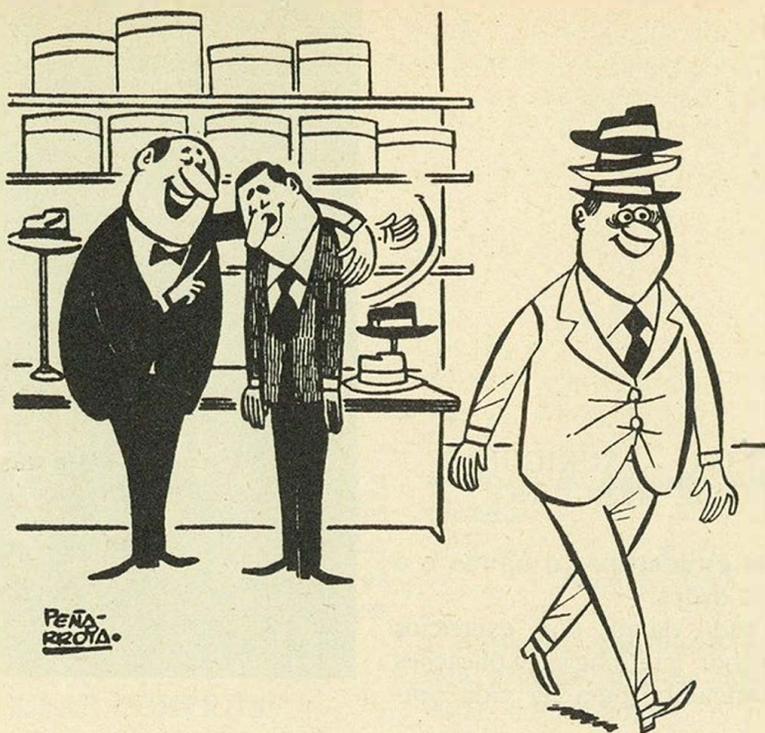
CAPRICÓRNIO — de 22 de Dezembro a 20 de Janeiro

Pequenas contrariedades de amor próprio

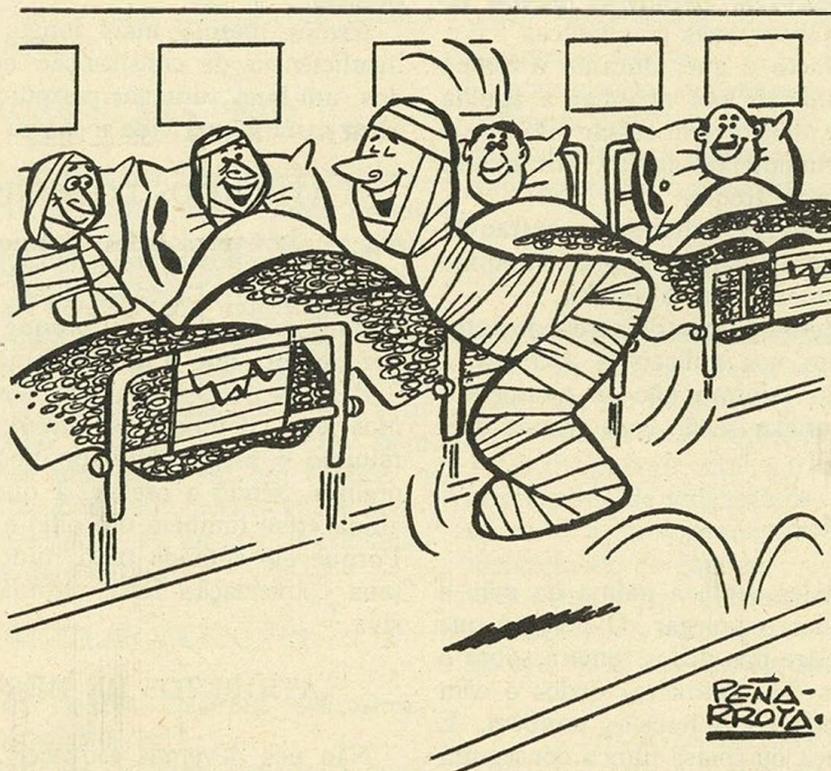
O seu arbítrio joga no decorrer de Dezembro de forma decisiva, daí a poder encontrar algumas oposições que ferirão o seu amor-próprio. De resto, a oposição de Saturno a Marte acentua estas predisposições, muito embora a passagem de Vénus pelo seu Signo venha atenuá-las.

Boas possibilidades no domínio intelectual

O fim do mês de Novembro, especialmente a partir do dia 26, é favorável aos seus assuntos de trabalho, sobretudo no domínio intelectual. O momento é favorável para concluir os seus projectos e, preparar-se para os pôr em prática.



— Você é o melhor vendedor da casa!



— Você é que tem sorte, o Dr. deixa-o levantar-se!

O DEDO MÍNIMO — AURICULAR OU DEDO DE MERCÚRIO

Como auricular estudaremos o último e o mais pequeno dos dedos.

Primeiro que tudo damos dois exercícios que indicarão melhor que longas explicações o lugar que o auricular ocupa na vida prática:

Primeiro exercício

Colocai uma agulha fina sobre uma mesa bastante lisa e esforçai-vos por a apanhar com o polegar e o indicador.

Enquanto procurais apanhá-la reparai no dedo mínimo. Observareis dois factos:

O primeiro facto é que, durante o tempo em que vos esforçais por apanhar a agulha o dedo mínimo mexerá sem cessar, afastando-se consideravelmente do anelar, atirando-se para trás e para a frente.

Numa só palavra, agitar-se-á, enfraquecerá sem demora e não estará tranquilo enquanto não apanhardes a agulha.

O segundo facto que não deixareis de notar é que enquanto vos aplicais a apanhar a agulha, o dedo mínimo não se conseguirá colar ao dedo anelar senão com grande dificuldade.

Segundo exercício

Dobrai os dedos sobre a palma da mão e colocai sobre eles o polegar. O polegar que é o chefe e mestre dos dedos tomará sobre o seu domínio os dois primeiros dedos e com um pequeno esforço o terceiro também. E vereis que nunca ou quase nunca conseguirá submeter à sua vontade o insignificante mínimo.

quirológia

Este último exercício indica que o dedo mínimo pode ou não submeter-se à vontade do polegar, mas sendo suficientemente desenvolvido pode considerar-se como tendo valor próprio.

Iremos mesmo mais longe: em caso de insuficiência de constituição dos outros dedos, um bom auricular permitir-nos-á mesmo abrir caminho na vida e chegar ao nosso fim.

ATRIBUTOS DO AURICULAR

Baseando-nos sobre a etimologia da palavra auricular, Larousse disse: «**O dedo mínimo é assim chamado porque a sua pequenez permite que o introduzamos na orelha**».

Para as necessidades da causa modificaremos esta definição e diremos: «O dedo mínimo é assim chamado porque serve na orelha», sendo a orelha, a que juntaremos ainda «tem também um olho e uma língua». Porque ele entende tudo, tudo vê, e possui uma conversação fácil, agradável e persuasiva.

ATRIBUTOS DE MERCÚRIO

Não nos devemos esquecer de mencionar que o dedo auricular é também chamado «**o dedo de Mercúrio**».

Todos sabemos que, Mercúrio, segundo a mitologia, era o Deus da eloquência, dos comerciantes e dos ladrões. O dedo auricular acumulando todos estes atributos, marcará as tendências indicadas como atributos daquele deus mitológico.

AURICULAR COMPRIDO

O auricular comprido possui um espírito de reflexão mas, apesar disto, é vivo e está sempre em desconfiança.

Aprecia e vê rapidamente os prenúncios subtis das palavras e dos feitos. Tem logo réplica fácil, chegará sempre por si próprio nas circunstâncias mais complicadas e mais difíceis da vida.

AURICULAR CURTO

Aquele que possui um auricular curto raramente reflecte, actuando duma forma impulsiva. Uma espécie de mola quando se solta.

Daí, cometer normalmente erros que poderão ser muito nocivos. Por outro lado possuirá, assimilação rápida e um bom senso comercial. Mas para que seja colocado convenientemente é preciso dizer que se um auricular comprido poderá torná-lo um bom industrial, um negociante ou um orador, o auricular curto dará um mérito útil e apreciável de colaborador, no entanto, à condição de o sustentar e de o dirigir.

AURICULAR FLEXIVEL

O auricular flexível indicará delicadeza, subtilidade e sociabilidade.

Estas qualidades conferem-lhe muita habilidade, diplomacia e destreza. O auricular flexível dá condições para dominar quaisquer

situações ou negócios mesmo os mais complicados.

AURICULAR RIGIDO

A pessoa que tenha um auricular rígido terá grande falta de subtilidade, de sociabilidade, de docilidade.

Faltar-lhe-á consequentemente, o tacto e a diplomacia. Será inflexível, arrogante e insociável.

AURICULAR DELGADO

O auricular delgado poderá revelar debilidade física assim como também indicará destreza e finura.

Acautelai-vos, no entanto, porque o excesso de finura pode tornar-se em astúcia. A pessoa cujo auricular é delgado será duma maneira impressionante um astucioso e hipócrita.

AURICULAR GROSSO

O possuidor dum auricular grosso não será isento de astúcia. Mas a sua astúcia não será envolvida em tanta finura como quem possua um auricular muito delgado.

Quem possuir um auricular grosso será impregnado de vulgaridade, mentirá frequentemente e grosseiramente, será exageradamente ávido de ganhos.

A causa disto tudo não poderá encobrir a sua hipocrisia, nem a sua má fé e, por vezes, poderá vir a cometer alguns roubos.

AURICULAR NODOSO

Os nós dos dedos do auricular têm bons augúrios. Aquele que tem o auricular nodoso

sabe o que vale e em alguns casos tem a noção daquilo que pode atingir.

Poderá, pois, ser um bom industrial ou comerciante. Poderá igualmente ter condições oratórias, como orador hábil e persuasivo, sabendo aplicar exactamente as palavras e as expressões próprias no momento oportuno.

AURICULAR MAL FEITO

O auricular mal feito revela mentira, astúcia e avidez, atenuados ou agravados segundo a sua forma dimensão e consistência.

O auricular mal feito sai visivelmente dos outros dedos e tendendo voltar-se para a parte interior da mão indica um individuo interesseiro em todos os domínios.

No caso de não existirem os índices de inteligência, finura, e de sensibilidade pode predizer prisão por burla ou roubo.

AS FALANGES DO AURICULAR

As falanges do dedo auricular dão também importantes revelações não devendo, portanto, negligenciar-se este exame.

Terceira falange

Comprida: Anuncia astúcia e mentira.

Curta: Indica pessoa incapaz de hipocrisia.

Grossa: Denota uma pessoa com desejos puramente materiais ou corporais.

Seca: O individuo possuidor da terceira falange muito seca agirá normalmente por cálculo quer no terreno material quer no terreno sentimental.

Segunda falange

Comprida: Indica uma pessoa realista com profundo sentido comercial só vendo o lado prático e os lucros.

Curta: Revela um bom empregado. Resulta mais como empregado do que como comercial.

Grossa: Indica uma pessoa vulgar que procura ganhar dinheiro sem olhar aos meios.

Seca: É índice de comerciante ou industrial que tanto sabe ganhar como perder. Raramente as perdas o desencorajarão.

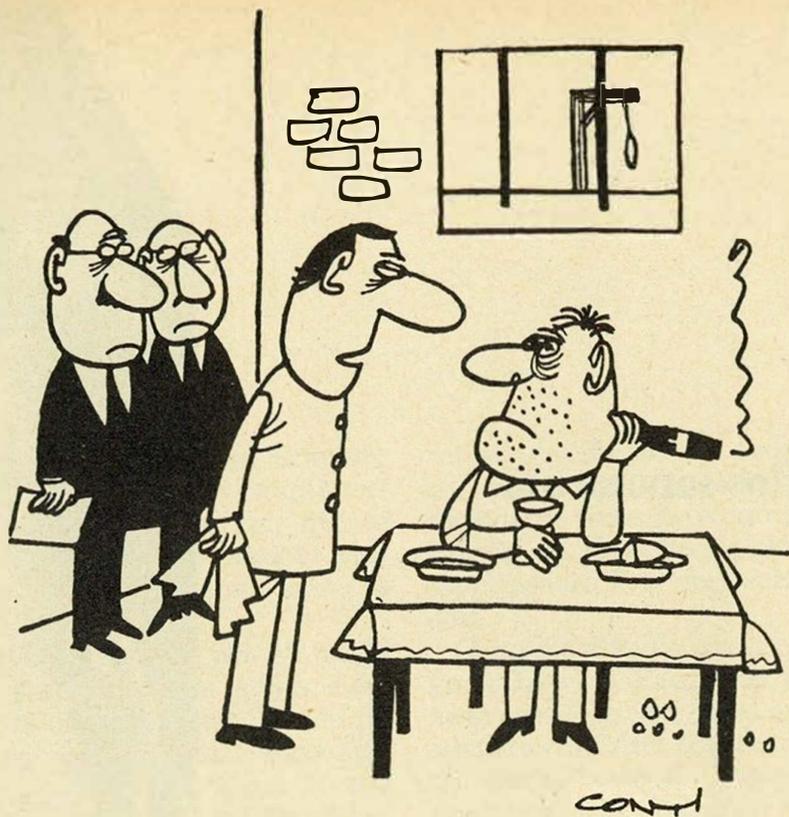
Primeira falange

Comprida: Revela aptidões para estudos científicos, realizações industriais e, também, eloquência.

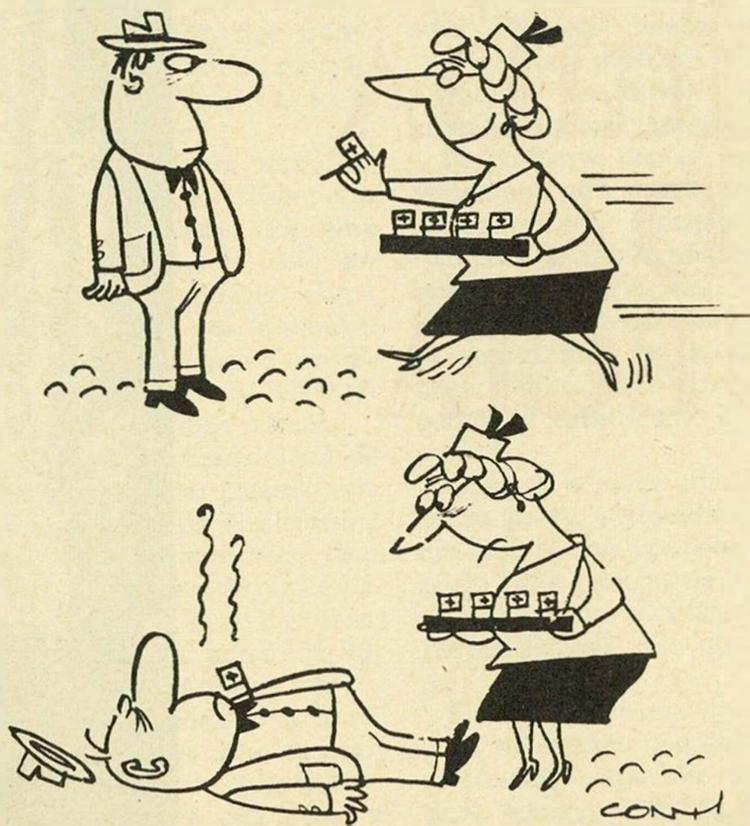
Curta: Indica uma inteligência lenta e falta de eloquência.

Grossa: Indica grosseria e falta de honestidade.

Seca: Anuncia uma capacidade de conversação fácil, agradável e persuasiva.



— O café, prefere bebê-lo aqui, ou à sombra do patíbulo?



Sem legenda

flos-sanctorum

SANTA
BRÍGIDA
DA
SUÉCIA



Nasceu na Suécia, no dia 8 de Outubro, de pais nobilíssimos em sangue e geração real e muito mais na virtude. Seu pai, que se chamava Brigero, com muita devoção visitou variadíssimos lugares santos, entre os quais Compostela.

Sua mãe, chamada Sigridis, não foi menos devota: mandou edificar muitas igrejas, e dotou-as de rendas e ornamentos. Quando estava grávida de Santa Brígida, sofreu um naufrágio onde quase toda a gente se afogou. O capitão vendo-a em tão grande perigo, tentou de todos os modos salvá-la e conseguiu-o. Na noite seguinte apareceu em sonhos à senhora uma pessoa de vestes resplandecentes que lhe disse: «Foste salva durante o naufrágio por amor do fruto que trazes no ventre: e, portanto, terás muito cuidado e criá-lo-ás com amor, porque este dom foi-te concedido por Deus».

Nascida a Santa Menina, um servo de Deus, sacerdote que veio a ser Bispo, viu um grande esplendor, e no meio dele uma virgem sentada sobre uma nuvem, com um livro na mão, e ouviu uma voz dizer: «Uma filha nasceu a Brigero, cuja voz admirável soará por todo o mundo». A criança desenvolveu-se normalmente e aos três anos falava já correctamente. Entretanto, a mãe faleceu.

O pai, encarregou uma cunhada, irmã de sua mulher, de educar Brígida. Quando esta tinha sete anos viu defronte do seu leito um altar, e nele uma senhora muito bela, ricamente vestida, com uma coroa de ouro e pedras preciosas nas mãos, a qual lhe disse: «Brígida, vem cá». A menina admirada, levantou-se e aproximou-se da senhora que repetiu: «Brígida, queres esta coroa?» A Santa respondeu afirmativamente. A Senhora colocou-lha na cabeça e a visão desapareceu. Brígida nunca mais esqueceu esta cena, a qual significava que a sua alma viria a tor-

nar-se altar do Senhor, onde sempre haveria de arder o fogo do divino amor, e ela ser coroada de todas as virtudes. Aos dez anos, Brígida era já conhecida pela sua bondade e simplicidade. Era obediente, alegre e caridosa.

Certo dia Brígida ouviu na igreja um pregador falar da Paixão de Cristo. Tal sofrimento sensibilizou-a de tal modo que na noite seguinte viu Cristo crucificado com as chagas tão frescas como se O tivessem acabado de pregar na cruz. Julgando ela que eram recentes, perguntou: «Oh, Senhor, quem vos feriu assim tão cruelmente?» O Senhor respondeu-lhe: «Quem?» Os que desprezam e têm em pouca conta a minha caridade e amor. Dito isto, desapareceu.

A criança a partir de então, meditava continuamente na Paixão do Senhor e muitas vezes as lágrimas chegavam-lhe aos olhos.

Pouco tempo depois, andando a Santa divertindo-se com outras donzelas da sua idade, apareceu-lhe o demónio com cem mãos e cem pés. Esta visão aterrorizou-a de tal modo que a jovem fugiu para o seu quarto. Estava aí, rezando humildemente ao Senhor quando o espírito mau lhe apareceu novamente e disse: Não te posso fazer mal, porque o não permite o Crucificado. E, dizendo isto desapareceu.

Chegada à idade adulta, e o pai reconhecendo-lhe tão maravilhosas qualidades, decidiu casá-la com um nobre, novo e rico, chamado Ulfo, príncipe de Nerícia. A Santa que muito desejava sacrificar-se pura e casta ao Divino Esposo, não quis desobedecer a seu pai.

Casada e princesa de Nerícia, Santa Brígida, no entanto não quis viver ociosa. Com as criadas, ocupava-se dos trabalhos domésticos, bordava e tratava dos pobres enfermos para merecer (dizia ela), o pão que comia.

Frequentava os sacramentos assiduamente, escolhendo para seu confessor e director espiritual um mestre muito virtuoso e sabedor o qual costumava dizer aos seus amigos que a Santa chorava os pecados graves como se fossem gravíssimos e nada queria esquecer, esforçando-se por recordar tudo o que lhe acontecera no acto da confissão, para melhor discriminar.

Secretamente abstinha-se de manjares delicados, para que o marido e os outros não dessem por tal.

Dava muitas esmolas e tinha uma casa que oferecera aos pobres doentes e inválidos, e muitas vezes servia-os, tratava-os e lavava-lhes os pés. Quando certo dia estava para lhe nascer um filho a vida da Santa esteve em perigo. Brígida invocou a Virgem Maria e logo uma Senhora vestida de branco se aproximou do leito e tocou os membros da enferma. No meio da admiração total a criança nasceu e a Senhora desapareceu. Fora sem dúvida a Virgem quem a salvara.

Era muito amiga do marido e certo dia decidiram ir ambos visitar a casa do apóstolo S. Tiago a Compostela. Cumprida a sua devoção voltaram para casa. Quando estavam ainda na cidade de Atrebatense, durante a viagem o marido adoeceu. Santa Brígida suplicou a Deus a cura do marido e quando orava, apareceu-lhe S. Dionísio que falou do

seguinte modo: Eu sou aquele Dionísio que foi enviado de Roma para pregar. Pela tua bondade e devoção Deus quer que sejas conhecida no mundo, e porque estás entregue à minha guarda eu te ajudarei: em sinal do que te digo, brevemente o teu marido estará livre dessa enfermidade. Revelou-lhe igualmente que iria a Roma e Jerusalém.

Finalmente recobrando o marido saúde, continuaram a jornada e fizeram cada um, voto de castidade. Para melhor o cumprirem ingressou cada um em seu convento.

Com o zelo da honra de Deus e salvação do próximo escreveu esta Santa mulher aos sumos pontífices, imperadores, reis, rainhas, príncipes governadores, prelados e seculares vários, de ambos os sexos, ameaçando-os umas vezes com a ira de Deus, e outras avisando-os brandamente. Estando o papa Urbano V no monte Frascon, contou-lhe a Santa uma revelação de Nossa Senhora, a qual o proibia de sair de Itália para Avinhão.

A Gregório XI escreveu muitas cartas dizendo-lhe que saísse de Avinhão e fosse para Roma. Visitou Roma e Jerusalém.

Prestes a morrer teve uma visão na qual Jesus a chamava e lhe dizia que era já tempo de a coroar no seu altar como Sua esposa e freira.

Morreu no ano de 1372 a 23 de Agosto e foi canonizada por Bonifácio IX em 1391.



efemérides



1 de Outubro de 1946. — Terminaram os julgamentos de Nuremberg. Os principais criminosos de Guerra nazis — Goering, Ribbentrop, Keitel, Södl, Streicher, Kalbubrumer, Seyss-Inquart, Rosenberg e vários outros, foram condenados à morte.

De todos os crimes que lhes foram imputados nenhum será, porventura, mais chocante que o massacre de 6.000.000 de judeus da Europa-Central. Com ele se relaciona um homem, hoje em dia, muito falado: Adolf Eichman.

Deste massacre aos judeus, eis dois documentos oficiais.

A 3 de Julho de 1941, Herman Goering enviou a Beinhard Heydrich a seguinte carta:

«Completando a missão que lhe foi atribuída no dia 24 de Janeiro de 1939 e que tinha por fim — através da emigração e da evacuação — chegar a uma solução tão favorável quanto possível do problema judaico, encarrego-o de todos os preparativos referen-

tes ao aspecto financeiro e burocrático necessários à solução completa do problema judaico dentro da esfera de acção alemã na Europa.

Sempre que para tal for necessário, deverão os outros organismos estaduais colaborar consigo.

Encarrego-o, ainda, de me enviar brevemente um plano geral das medidas burocráticas, pactuals e organizativas necessárias à desejada solução definitiva do problema judaico». — Assinado: Goering.

Heydrich não teve a menor dificuldade em recomendar uma «solução definitiva» para o problema. Em Janeiro de 1942, numa conferência que teve lugar no Gross Wannsee, Heydrich disse:

«Nos grandes grupos de trabalho, com separação de sexos, os judeus capazes, são levados para estas áreas (nos territórios ocupados da Europa-Oriental) e ocupados na



Estética Nazi: Parte de um «abat-jour» feito com a pele tatuada de um prisioneiro morto em Buchenwald, para Ilse Koch, esposa do comandante do campo.

construção de estradas, um trabalho em que, certamente, uma grande parte desaparecerá através da diminuição natural. O remanescente que se mostrar capaz de resistir a isto será, certamente, o grupo de maior resistência e terá de ser tratado duma forma especial já que é o produto duma selecção natural e tem de ser considerado como sendo a célula-base dum possível renascimento judaico se o deixarmos em liberdade».

4 de Outubro de 1582. — Morre em Alba de Tormes, com 67 anos, Santa Teresa de Jesus. A sua vasta obra literária, toda de inspiração religiosa leva-a a ser considerada um dos doutores da Igreja. Dessa obra fazem parte alguns poucos versos — que a colocam imediatamente entre os maiores poetas de língua espanhola.

Vivo sin vivir en mí

*Vivo sin vivir en mí,
y de tal manera espero
que muero porque no muero.*

*Vivo ya fuera de mí,
después que muero de amor;
porque vivo en el Señor,
que me quiso para sí.
Cuando el corazón le di
puse en él este letrero:
que muero porque no muero.*

*Esta divina prisión
del amor con que yo vivo
ha hecho a Dios mi cautivo,
y libre mi corazón;
y causa en mí tal pasión
ver a Dios mi prisionero,
que muero porque no muero.*

*Ay, qué larga es esta vida!
Qué duros estes destierros!
Esta cárcel, estes hierros
en que el alma está metida.
Sólo esperar la salida
me causa dolor tan fiero,
que muero porque no muero.*

*Sólo con la confianza
vivo de que he de morir,
porque muriendo el vivir
me asegura mi esperanza;
muerte do el vivir se alcanza,
no te tardes, que te espero,
que muero porque no muero.*

*Mira que el amor es fuerte;
vida, no me seas molesta,
mira que sólo te resta,
para ganarte, perderte;
venga ya la dulce muerte,
el morir venga ligero,
que muero porque no muero.*

*Aquela vida de arriba,
que es la vida verdadeira,
hasta que esta vida muera,
no se goza estando viva;
muerte, no me seas esquivia;
viva muriendo primero,
que muero porque no muero.*

*Vida, qué puedo yo darte
a mi Dios, que vive en mí,
si no es el perderte a ti
para merecer ganarte?
Quiero muriendo alcanzarte,
pues tanto a mi Amado quiero,
que muero porque no muero.*

23 de Outubro de 1881. — Nasce Pablo Ruiz Picasso. A sua pintura é sobejamente conhecida, a sua vida também, as influências, boas e más, que exerceu infinitas. Como todos os grandes artistas conservou até hoje a mesma genuína e infantil pureza.

27 de Outubro de 1553. — Morre Miguel Servet. Médico e heresiarca espanhol nasceu em Vilanova de Sixena, Lérida, em 29-9-1511 e morreu na fogueira em Champel (nos arredores de Genebra).

Foi um dos homens mais estudiosos e eruditos do seu tempo. Teve como mestre o padre João de Quintana, conselheiro e confessor de Carlos V que lhe dispensou protecção e o levou através da Europa no séquito do imperador. A leitura de Loci Theologici de Melancton chamaram a sua atenção para os problemas, tão accessos à época da discussão teológica. Estudou em várias universidades europeias e envolveu-se em numerosas polémicas religiosas. A reprovação unânime dos chefes da reforma levou-o a explicar-se num livro publicado em Hagenau em 1531 intitulado: *De Trinitatis erroribus libri VI*. Perseguida e condenada em Ratisbona esta obra levantou acesas discussões na Alemanha e na Suíça e veio a ser anatematizada pelos chefes da Reforma religiosos. No ano seguinte, com uma segunda obra, *Dialogorum de Trinitate, libri duo; de Justitia Regni Christ et de chantate, capitulo quator*, Servet

explicou e desenvolveu as suas ideias teológicas, expondo um sistema filosófico e teológico estritamente pessoal, baseado no panteísmo místico, que levantou o protesto dos reformados com violentas ameaças de tortura e de morte.

Servet deixou a Alemanha e partiu para Lyon onde adoptou o apelido de Villeneuve por razões de prudência.

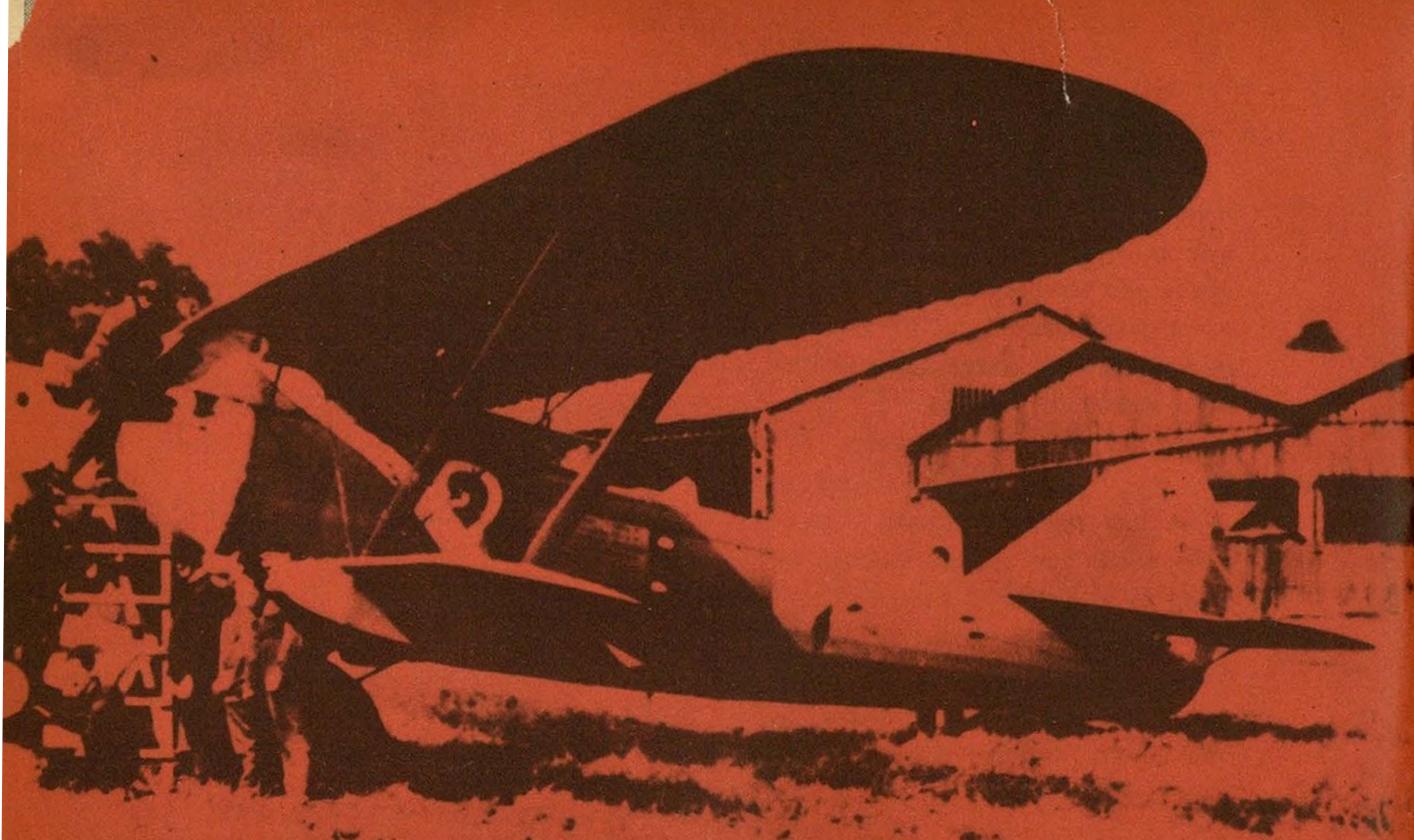
Sem recursos, empregou-se na tipografia dos irmãos Trechsel, que lhe confiaram a revisão, correcção e anotação da *Geografia* de Ptolomeu. Os comentários de Servet foram tão importantes que Reclers o considera o fundador da geografia comparada e da etnografia.

Um ano depois, devido à sua amizade com um médico lionês resolveu dedicar-se ao estudo da medicina. Adquiriu nesse mister enorme celebridade e fez estudos de grande importância mas o vício da polémica religiosa não o abandonou. Em Paris travou terríveis discussões com Calvino, e teve que abandonar a cidade. A protecção do bispo Paulmier que o fez médico da sua câmara em Vienne, capital do Delfinado, poderia ter-lhe assegurado tranquilidade na prática da medicina por muitos anos; mas a necessidade polémica de Servet era superior ao seu desejo de comodidade. Fez uma compilação das suas teorias e doutrinas do cristianismo puro num tratado a que chamou *Christianismi Restitutio*, e em que Calvino reconheceu um panteísmo herético recusando-se a uma discussão com Servet e, por denúncias e ataques directos, movendo-lhe perseguição.

Servet apesar das fortes protecções de que dispunha é condenado à morte e vê-se compelido a fugir para Itália.

Atravessa a Suíça sob o nome de Miguel Vilamonti e não resiste à tentação de ir ouvir o próprio Calvino à catedral de Genebra. Denunciado e preso, foi queimado publicamente em Champel a 27 de Outubro de 1553.

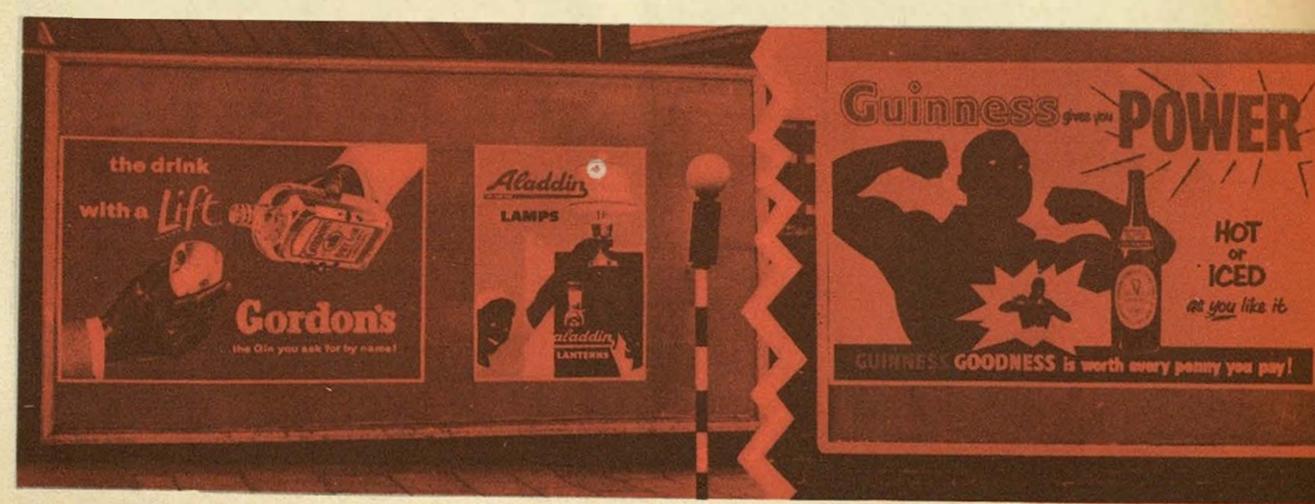
Não foi, certamente, pelas suas polémicas religiosas que Servet passou à história da humanidade. Um século antes de Harvey, teve a noção da circulação do sangue e descreveu mesmo com extremo rigor científico a circulação pulmonar. Tivesse ele vivido numa época de maior tolerância e muito provavelmente mais lhe teríamos ficado a dever no campo das ciências exactas.



No dia 1 de Setembro de 1930, o Brégot, «Ponto de Interrogação», pilotado por Costas e Bellonte, ligava Paris a New York em 37 h e 17 m. Trinta anos depois desta façanha os grandes quadrimotores comerciais voando a 950 km, com 120 passageiros fazem o mesmo trajecto em 7 h e 30 m.

Estes cartazes colocados em Londres têm levantado celeuma e provocado discussões. Anunciam três produtos conhecidos: o «gin» Gordon, as lâmpadas Aladdin e a cerveja Guinnee. Até aqui nada de anormal. Mas os indivíduos que aparecem nos cartazes — são negros. Porquê? Perturbação das firmas perante os problemas raciais? As firmas entretanto dizem nada saber do assunto, tratar-se de um engano, etc. Mas o facto fica: no coração de Londres estes cartazes foram afixados.

ACTUALIDADES

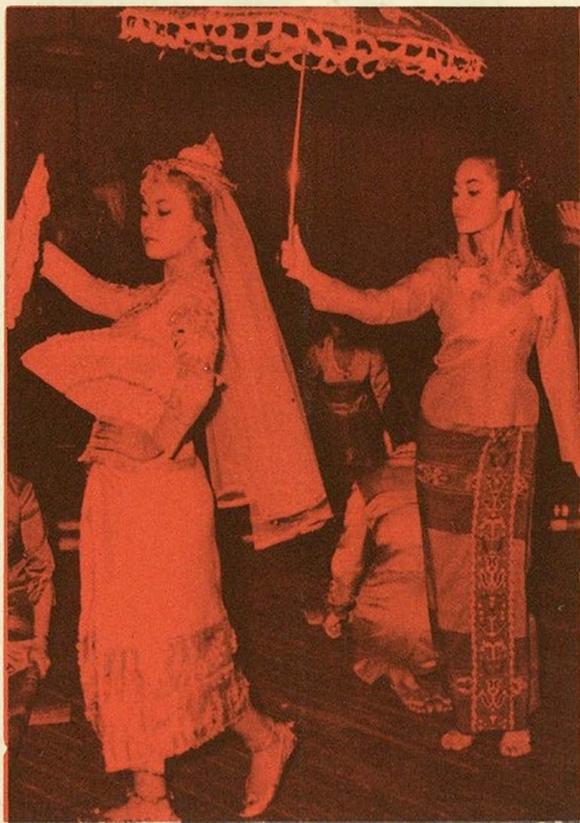


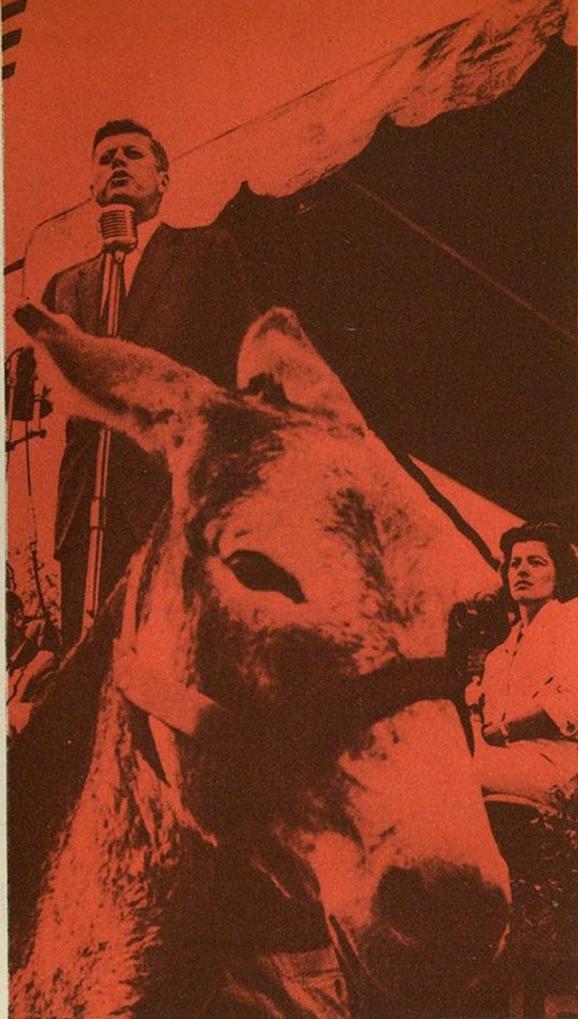


Exposição em Londres de «abat-jours» de plástico. O plástico invade a vida moderna. A vida moderna invade o plástico. A vida moderna e o plástico invadem-nos a nós.

Tragédia no circo. Uma trapezista de 18 anos precipitou-se de nove metros de altura em Kingston-on-Thames. Os pais rodeiam-na, em baixo, antes de ser transportada para o hospital.

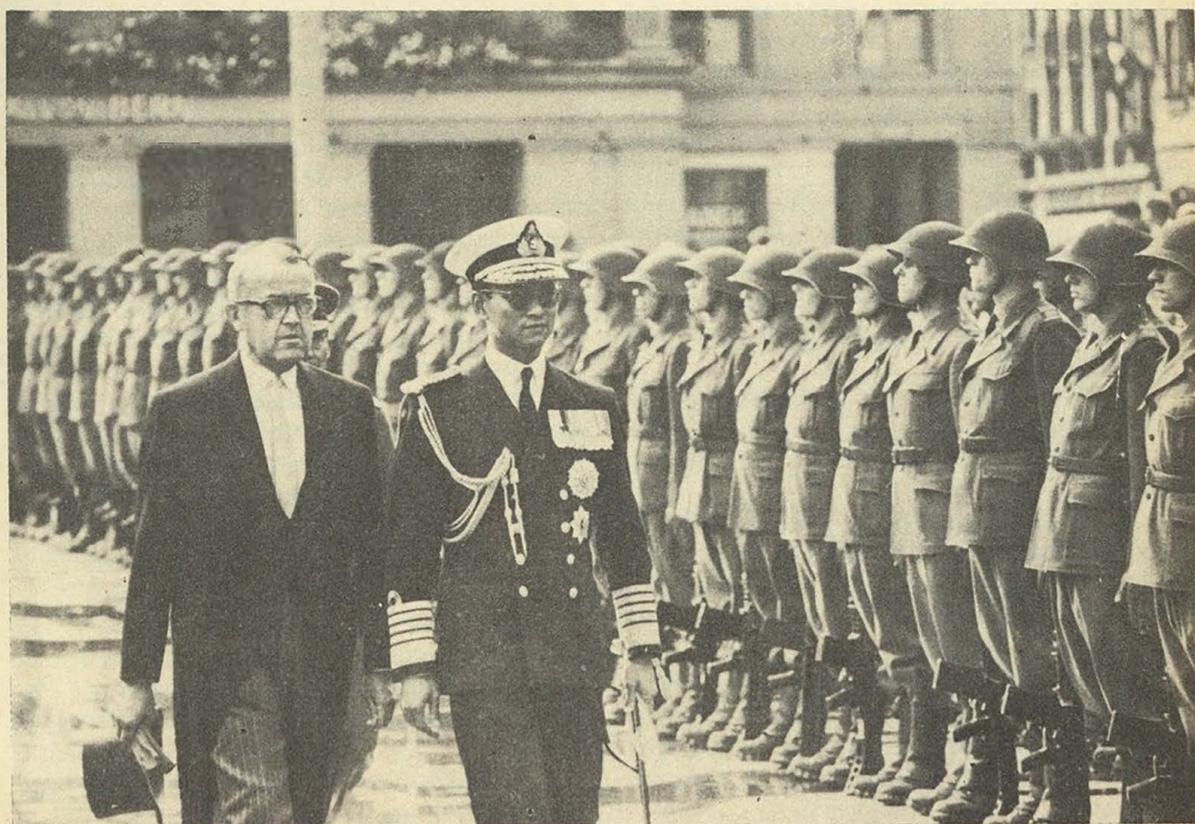
O «Ballet» nacional filipino continua a exhibir-se na Europa. Diferente na música, na encenação e na coreografia o «ballet» filipino tem obtido nos grandes palcos europeus notável sucesso.





O senador Kennedy, candidato democrático às eleições americanas, sua esposa e o emblema do seu partido.

O mundo é pequeno. O rei do Sião visitou a Suíça depois de ter deixado o nosso país. Ei-lo acompanhado do presidente da Confederação Helvética, passando revista.



NOTAS DE ABERTURA

Do «Diário dum coelho»

Eles aí estão.

Primeiro em esparsos grupos de vultos indecisos, que os débeis alvares da madrugada que se avizinha, a custo avoluma.

Depois em massas compactas, rudes e ferozes como Hunescas hordas em jeito de razia.

Tremem aflitas as tímidas perdizes, acolhendo-se desesperançadas ao abrigo de moitas e tojeiras, arrebítam as orelhas as velozes lebres prontas para a arrancada que talvez lhes poupe a vida. E em todo o campo como que tocada pela vara da fatalidade prepassa uma ondã de inquietação, que, pouco a pouco, vai crescendo até tocar as raias do pânico.

Na minha toca de velho solitário já oiço cada vez mais distintos os resfolgares de homens e rafeiros. Felizmente que estou bem protegido por largos palmos de terra, e promissores parágrafos de legislação proibindo o uso de furões...

E pronto, termina aqui abrupta e tristemente o «Diário de um coelho», vítima dum furtivo que «voluntariamente» desconhecia a lei.

E como este, quantos e quantos furtivos, mais destruidores que todas as pestes, mais ferozes que todos os animais daninhos, não andarão misturados com os milhentos caçadores mais ou menos desportivos que a «golpes de espingarda» «de cão» ou de «cajado» irão escrever neste fatídico (para os bicharocos) 1 de Outubro, mais uma trágica página para a história da extinção da caça em Portugal.



caça

A título de curiosidade ocorre-nos perguntar:

— Será justo que se continuem concedendo licenças de caça sem tom nem som, permitindo que o número de caçadores ultrapasse em muito o número das peças de caça (de certas espécies indignas, nomeadamente perdizes, claro está), que deveriam ser abatidas num ano venatório?

Será lógico que se não intensifiquem as fiscalizações, nem se contingentem os abates por caçador?

Será razoável que se não providencie para que se criem reservas de caça, mas reservas que se vejam, capazes de defender as espécies, para os necessários repovoamentos?

Talvez seja. Talvez tudo seja justo, lógico e razoável, mas quanto a nós, parece-nos bem que se está cada vez mais longe dos caminhos que conduzem às soluções.

Do «Diário de um caçador desportivo»...

Estou satisfeito! Loucamente satisfeito.

A minha espingarda está impecável. Ainda ontem lhe inspeccionei os mecanismos de disparar e de segurança. Tudo perfeito, bem lubrificado e funcionando maravilhosamente.

O meu cão fiel e obediente rastrega a caça quase colado aos meus pés.

OUTUBRO E A CAÇA

Uma a uma as perdizes vão-me carregando o cinto.

Mas que vem a ser isto? Um... dois... três, vinte tiros quase na minha direcção?

E tudo chovendo em cima daquela minúscula codorniz que esvoaceja alvoroçada!

Então as batidas não estão proibidas neste mês?

Pelo sim e pelo não deixa-me abaixar não vá eu ser vítima deste bando de furiosos. Ai! Ai, minha mãe!

Tinha ou não tinha razão, em ser cuidadoso?

Um deles já levou chumbo do companheiro da «ponta esquerda».

Agora travam-se de razões.

Estou mesmo a ver que esta caçada ainda acaba por meter Guarda Republicana.

Vou voltar para casa, pois assim, nem dá gosto caçar!

Pum! Pum! Catapum!!! Mas que é isto Santo Deus!

Nova salva de tiros, mas, desta vez, em cima dum mísero coelho que vem fugindo na minha direcção.

Desvia-te bandido! Desvia-te senão ainda me fazem num «passador» por tua causa. Pum!!!...!!!

Ja sendo desta. Ainda não sei bem o que se passou, pois, a fumarada da pólvora não me deixa ver quantos mortos houve.

Felizmente só houve um. — O triste coelho que ficou atravessado pelo cano da espingarda.

Quanto ao caçador que atirou... quanto a esse vamos lá andando que teve muita sorte. Ficou só com a coroa enfiada na testa.

Mas onde estão os seus companheiros! Ena pai, como correm. — Parece que se estão a treinar para a Maratona...

Parem rapazes! Venham cá. Parem por favor!... Isso param eles...

E pronto meus amigos.

Cá estou eu com a caçada estragadinha de todo, a ter que levar este «javardo» para o hospital.

A título de curiosidade ocorre-nos mais uma vez perguntar:

Porque se darão licenças de caça a irresponsáveis, que nem sequer sabem atirar?

Porque razão se não lhes faz um prévio exame como aos automobilistas?

Porque razão se não obrigam a levar a uma inspecção as suas armas para se verificar se estão realmente em condições de fazer fogo?

Quantos e quantos desastres se não evitariam com tão elementares medidas de segurança.

Do «Diário de um caçador novato»

Hoje vim à caça pela primeira vez. Já ando há duas horas pelo campo e ainda não vi nem uma pena.

Espera! Lá está um bando de perdizes. Agora é que vão ser elas.

... ..

Mas não foram nada. O terreno em que as perdizes se passeavam mesmo nas minhas barbas, **Estava coutado!**

Mais, duas horas sem ver nada.

Olá, parece-me que vou finalmente estrear-me com uma lebrezinha...

... ..

Mas não me estreei nada. O terreno em que a lebre brincava descuidadamente **«Estava coutado!»**

Mais três horas sem ver nada.

Agora sim, este coelhito não escapa com certeza.

... ..

Mas escapou mesmo! O terreno em que o

coelhito corria estouvadamente **Estava coutado!**

... ..
Tudo. Tudo coutado! E cá fora desses Paraísos venatórios nem uma peçazita que me desse a chance de desferrujar o gatilho.

... ..
Mas diga-me Senhor Guarda. Essas coutas protegem a caça para nos futuros anos termos abundância por toda a parte?

Proteger a caça?

— Não meu amigo estas coutas servem para proteger as caçadas dos seus donos, e convidados que ainda por cima beneficiam das entradas de caça fugida das zonas livres!

Ah... Assim, sim!

— Pronto, Senhor Guarda. Pegue esta «coronhazinha» para fazer lenha e este canito para atizar o fogo. Até à vista Senhor Guarda.

Desta vez não fazemos perguntas. Apenas nos limitamos a contar aquela velha história que nos parece a propósito, do Eusébio que

tendo andado todo o santo dia atrás da caça sem ver peça a que dar um fogacho acabou por passar por um restaurante encomendando:

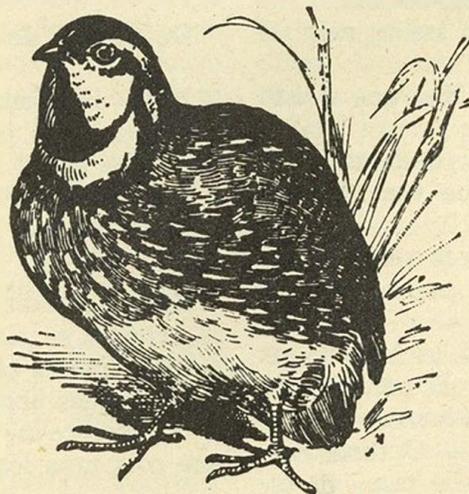
— Oiça Sr. José mande-me lá a casa seis perdizes bem estufadinhas. Mas que sejam gordas hem!

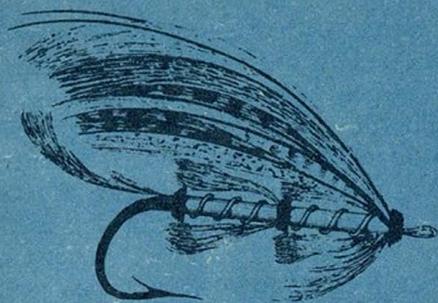
— Esteja descansado amigo Eusébio — garantiu o Sr. José — vai ficar bem servido com certeza.

Oito horas da noite. Em casa do Eusébio está tudo à mesa aguardando as perdizes que o nosso caçador desejando poupar trabalhos à cara metade dissera ter mandado cozinhar no restaurante da esquina.

Batem à porta. E poucos segundos decorridos surge a criada trazendo uma travessa em que navega um monumental pargo assado acompanhado deste recado:

O Senhor José pede muita desculpa. Mas como se lhe acabaram as perdizes manda em lugar delas este pargozinho que está mesmo um apetite.





pesca

OUTUBRO E A PESCA

Como o «palhinhas», o «coco», «o asas reviradas» ou o chapéu mole, o peixe da moda é agora o «achigã».

Já foste aos «achigãs»? Qual é a melhor amostra para o achigã? Então tens apanhado muitos achigãs? e a verdade meus amigos é que com certa razão não se fala noutra coisa.

Trazido para Portugal Continental e espalhado pelas nossas águas interiores graças ao esforço e devoção de alguns velhos carolas da pesca desportiva, neste pobre rincão em que as salmonídeas malgrado boas vontades pouco a pouco vão estiolando a caminho da completa extinção, pode com certa razão considerar-se o achigã como o «peixe do futuro».

Dinâmico, variável, combativo, voraz e saboroso é a todos os títulos quando se trata como peixe verdadeiramente apetecível.

Pena é que nem sempre seja tratado como peixe, pois por várias vezes, o vimos já ser tratado como azeitona e colhido às cestadas sem atentar nem no tamanho nem na maturação.

Mas, enfim, que tudo seja em desconto dos seus pecados.

Fora o achigã que neste mês em que o movimentar das águas agitadas pelas primeiras

chuvas tornará talvez presa mais fácil, tudo o resto se cifrará como nos outros anos.

As grandes carpas e os grandes barbos caindo com mais facilidade e as trutas tornadas difícilísimas pela escassez e longa estiagem a tornarem-se esquivas atrás das minúsculas moscas ou colherinhos.

Com todas estas vantagens ou inconvenientes, é, no entanto, o mês de Outubro, sem dúvida, um dos mais férteis em gordos resultados no simpático capítulo da pesca de rio.

E agora com os achigãs que tudo abocam, muito melhor ainda.

No que respeita à pesca no mar, quer da rocha, quer ao largo pouco ou mesmo nada teremos a acrescentar ao que em artigos semelhantes referentes à mesma quadra lhes dissemos.

Já foi a Sesimbra aos espadartes?

Se tem aparelhagem própria e não foi... então vá, vá e verá que se lhe calhar algum pela proa ficará com recordações para muitos anos.

E é tão fácil... Um tronco de árvore, um carroto quase do seu tamanho, cheio com algumas centenas de metros de corda de estender roupa, tendo um cabo de aço na ponta, segurando um enorme anzolão cravado na lambeira duma chaputa viva.

Um arnez, uma cadeira de combate, um bom mestre de pesca, algumas chaputas vivas e o dinheiro suficiente para ir à procura deles, tantas vezes, quantas as necessárias para agarrar «o seu peixe» e pronto eis tudo quanto é necessário para ser pescador de espadartes.

Mas cuidado, olhe que o bicho puxa como um danado. E bobinar centenas de metros de linha cansa como o diabo.

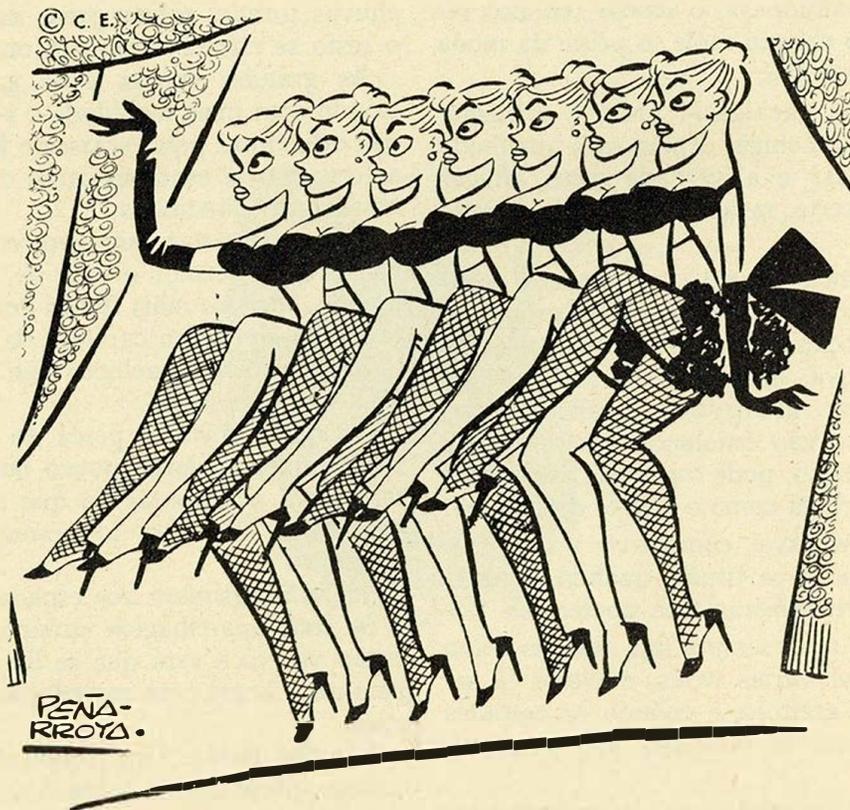
Cuidado que o peixinho tem a boca mais frágil do que parece e, desferra com certa facilidade, cuidado... e sobretudo leia o livro do Dr. Arsénio Cordeiro se quer ficar a saber alguma coisa daquilo que por ignorância e inexperiência nunca lhe poderemos ensinar

senão muito superficialmente sobre espadartes.

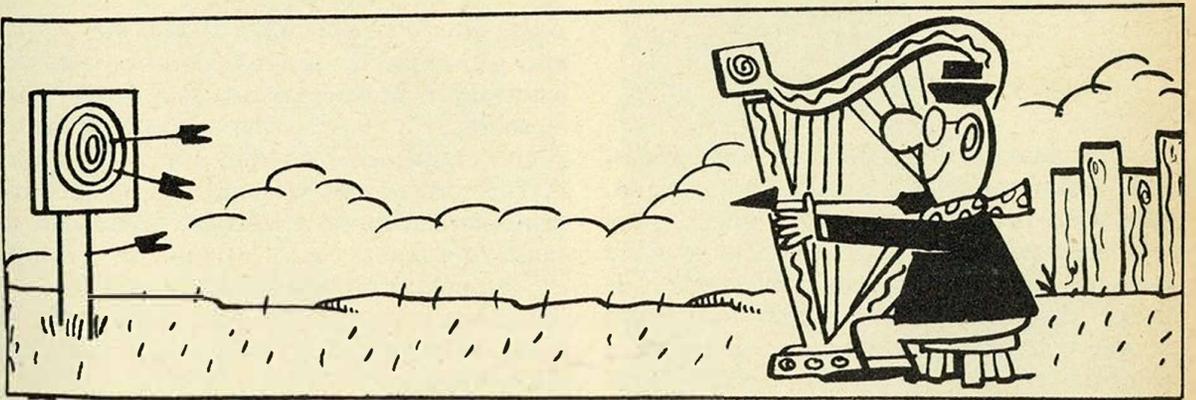
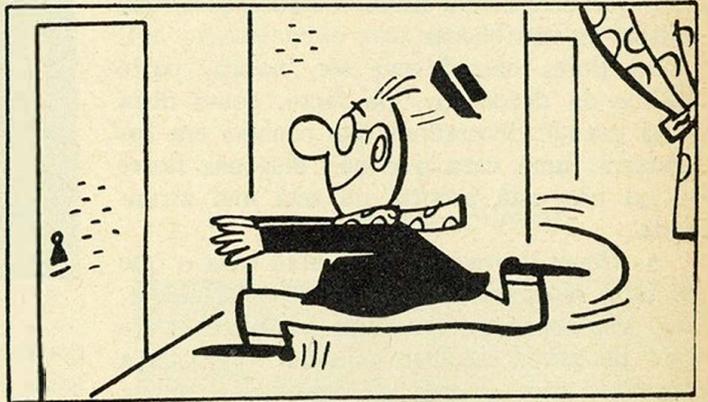
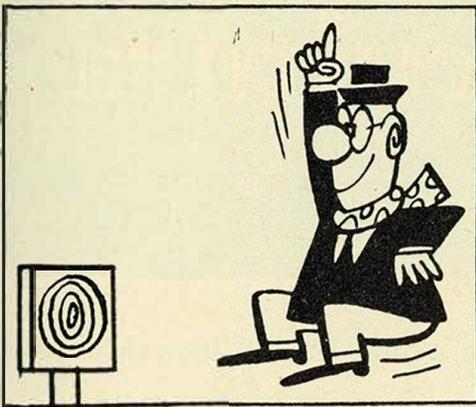
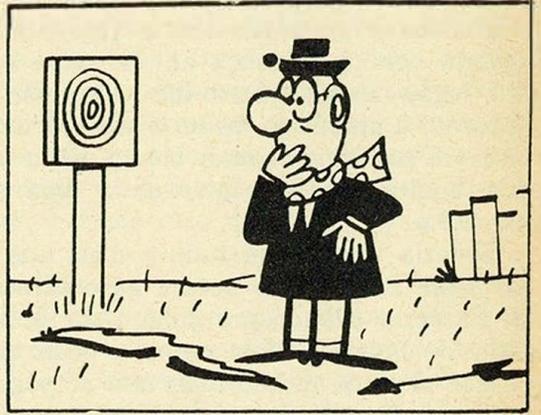
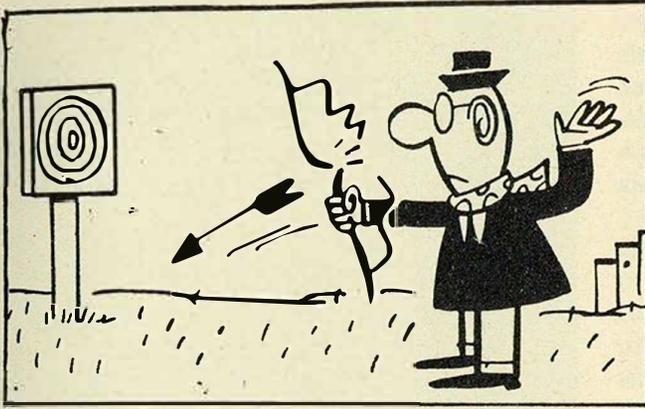
Na rocha, com um pouco de engodo ou até mesmo sem engodo, poderá pescar montes de sargos, algumas boas tainhas, bailas e robalos de preferência a quaisquer outros peixes agora tornados menos frequentes.

Se não tiver mais nada com que se entreter e quiser encher uma alcofa de sargalhada pode vir procurar-nos, pois, teremos, muito gosto em lhe proporcionar uma boa pescaria.

Aonde? bem, quanto a isso desculpe, mas não lhe dizemos, pois, qualquer dia se quisermos ir à pesca, neste cantinho em que vivemos, teremos que pedir licença para arranjar 5 centímetros de espaço... É mais um bem vê...



...e ele disse-me: gosto de ti porque és diferente das outras...!



INTRODUÇÃO À PARTE TÉCNICA

Diz Constance Spry, num dos seus muitos livros sobre arranjos de flores:

«As flores numa sala têm a qualidade em comum com a presença ali de gente e de um fogão aceso; trazem-lhe vida, dão ao aposento a aparência de ser vivido. A acrescentar a isto tornam mais bonita ainda uma sala bonita, ou dão interesse a uma sala sem ele.»

Gostaria que lessem tudo o mais que ela diz nesse 1.º capítulo do seu livro «How to do Flowers» editado por John Dent & Sons Ltd., de Londres. Vale muito a pena tê-lo, porque além de tudo o mais tem 32 páginas de fotografias de arranjos, 16 das quais a cores.

Como em tudo o que diz respeito a flores Constance Spry tem razão. Mas eu tenho que acrescentar umas considerações, que talvez as vão chocar.

As flores não devem ser, nunca, parte básica da decoração. De facto, como dizia uma grande decoradora que conheci em Inglaterra, uma casa que não dispensa flores — ou não está pronta, ou está mal arranjada.

As flores devem ser para uma casa o que as jóias são para uma mulher: um acessório, um ornamento. E como uma mulher elegante tem de saber escolher os seus acessórios a condizer com o que vai vestir — e nunca porá, por exemplo, um colar de esmeraldas com um vestido desportivo, assim nós temos de arranjar as nossas flores a dizer com as casas que temos.

VOU MAIS LONGE

— Há casas onde as flores são descabidas, onde ficam mal. Uma sala imensa, caiada, rude, não pede flores: melhor ficará sobre uma mesa encerada um grande pote de cobre cheio de verdura, ou com um esgalho de árvore despido de folhas, com os troncos escuros e torcidos a destacarem-se contra a brancura da cal, do que o arranjo mais subtil de flores delicadas.

Se uma sala é austera, tem de haver sobriedade nos seus acessórios.

Tudo tem de tomar-se em conta; tem de haver «propósito» num arranjo de flores,



flori- cultura

como na escolha de cada móvel para uma sala.

Quando, por exemplo, vem a «propósito» um lindo ramo de flores numa sala especial, é preciso que esse ramo esteja a condizer com ela, quer em importância ou em delicadeza, quer como mancha de cor. Mas é preciso não esquecer que esse ramo é para, por assim dizer, **humanizar** essa sala — não para se sobrepôr a ela ou diminuir o seu encanto.

Há muitas pessoas que cometem o erro de carregar as suas salas de flores, repetindo ramos grandes, ou enchendo os móveis de ramos pequenos, como se houvesse o intuito de deslumbrar as visitas com a profusão — e isto é um erro, porque, como com todas as coisas belas, a concorrência traz a saciedade e a confusão.

Quando se quer valorizar uma obra de arte tenta-se dar-lhe importância, isolando-a — não misturando-a com outras de igual ou de menos valor.

É sempre perigoso e sempre muito difícil

fazerem-se dois arranjos iguais e só quando um par de móveis o exige devemos tentar fazê-lo. Nesse caso devem escolher-se as flores antes de começar o arranjo, dividindo em dois grupos as flores de que precisamos, escolhendo-as tão idênticas quanto possível, contando-as e dispondo-as por tamanhos.

Normalmente, numa sala, coloca-se um arranjo importante dando-lhe relevo. Deve evitar-se colocá-lo debaixo de um quadro, que o abafe ou seja abafado por ele — (se porém não temos outro remédio devemos verificar que as cores escolhidas não gritem com as do quadro em questão) — e depois um, ou outro arranjo, mais pequeno, e de flores de uma só espécie, no tom escolhido entre as que temos no arranjo grande, de preferência em taças baixas e sempre a alguma distância do ramo grande.

Numa sala onde há um quadro que represente uma floresta, e onde não possamos reproduzi-la ao vivo, devemos evitar arranjos misturados e nunca pôr estes perto dela.

Quando, por exemplo, uma sala é ornamentada com muitas peças de loiça da China, devemos manter muito simples os nossos arranjos, escolhendo um dos tons predominantes na pintura da porcelana.

Porém, quando a sala é decorada com tecidos de várias cores, com pouco desenho, podemos dar larga à nossa imaginação, tendo o cuidado de arranjar os nossos ramos com flores que apanhem os tons dos estofos. São os ramos mais interessantes e divertidos de fazer, e neste caso dominam, em geral, na sala.

Eu sou apologista de ramos de flores misturados de uma só cor, embora de vários tons dessa cor, de ramos de flores da mesma espécie da mesma cor ou de cores diferentes.

Uma amiga minha, que tem um lindo jardim tem às vezes jarras das cores mais variadas, que são um imenso prazer para os olhos.

Há muita gente que não gosta de arranjos brancos, porque os acha frios ou monótonos. Eu pessoalmente não sou dessa opinião e

Arranjo de flores secas.



Arranjo de flores plásticas.





Arranjo de flores e folhas secas com frutos de plástico. Exemplo referente a arranjos permanentes.

concordo, mais uma vez, com Constance Spry, de quem vou transcrever o trecho, que, melhor do que eu o saberia fazer, lhes dará a ideia do que quero dizer:

«Usadas e colocadas com critério, as flores brancas não são frias mas luminosas, não são monótonas mas tocadas com infinita delicadeza de transparência, de modo que parecem até às vezes reflectir vagamente as cores que as cercam».

Há dias tive que vir para Lisboa de madrugada. Entrei, antes de sair, na minha sala de estar. A minha casa é velha e tem as paredes muito grossas e eu meti a minha mesa de escrever no vão de uma janela que dá para o jardim.

Tinha sido ali posto, contra os vidros, um copo alto cheio de rosas de uma trepadeira que cobre um dos muros da quinta: são rosas abertas, de um branco rosado, quase transparente. Não posso descrever-lhes o efeito desse ramo muito simples, de pureza e de frescura incomparável, a recortar-se na luminosidade da manhã; mas sei que todo o dia, que foi estafante e maçador, me refresquei a lembrar essa sensação.

E já que me referi à minha casa no campo, lembro-me de lhes dizer por associação de ideias, como é divertido arranjar flores numa casa rústica. Há possibilidades quase ilimitadas e podemos dar largas à nossa imaginação. Desde o estanho ao pote de barro, tudo serve como vazilha, e desde a sardineira ao malmequer branco, tudo serve como flor. Tendo-se o sentido do volume e da cor e uma certa originalidade de pensamento, raramente podemos errar.

Alguns destes arranjos têm a vantagem extraordinária de ficarem tão bem em casas arranjadas com móveis muito velhos — dos séculos XVI e XVII, como em casas francamente modernas.

Há muito por onde escolher, como vêm, quando queremos ter flores nas nossas casas. Pelo gráfico apresentado em seguida, poderemos aproveitar ideias para as nossas casas particulares.

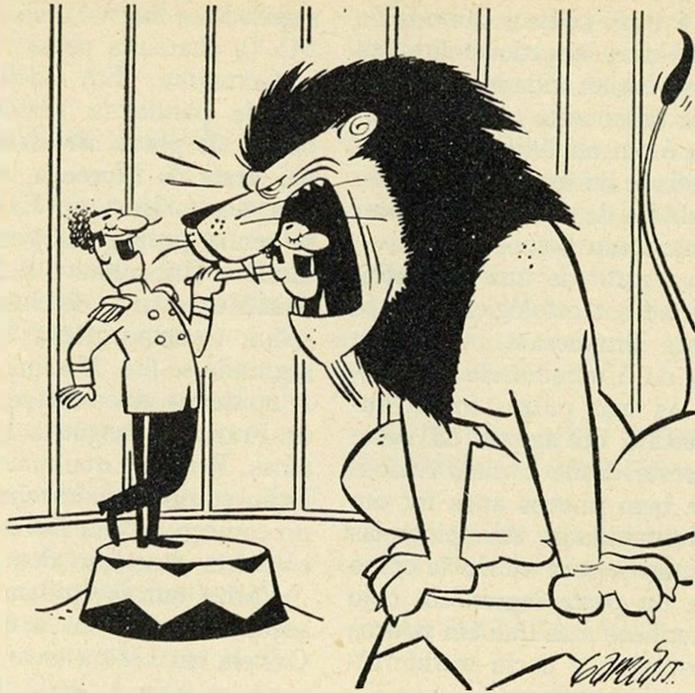
Não devemos porém singir-nos demasiadamente a ele, ou a qualquer que tenhamos aprendido.

É preciso não esquecer que a arte, em qualquer ramo que seja exercida, se eleva acima de regras e abandona caminhos trilhados.

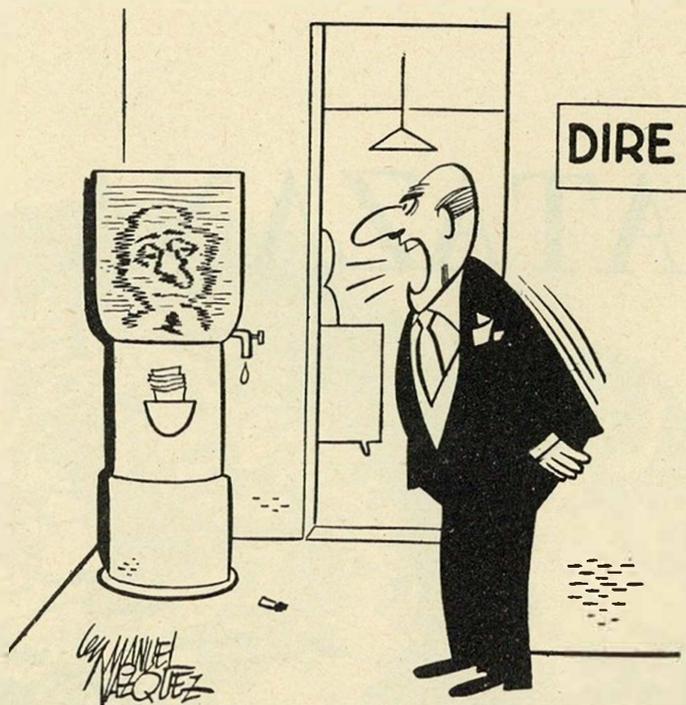
A grande maioria das mulheres têm casas simples, arranjadas sem grande preocupação de estilo, mas que têm a qualidade suprema — a única que verdadeiramente vale — de ser um lar. São essas casas que querem alegrar com flores, para que fiquem ainda mais a seu gosto. Pois bem sejam a seu gosto; que os largos conhecimentos que lhes foram dados nestas linhas lhes sirva de auxílio quando tiverem qualquer problema a resolver — mas não receiem exageradamente cometer erros de estética, ou não estar na vanguarda da moda; divirtam-se, vão fazendo experiências; usem a sua imaginação e sigam o seu instinto. São os melhores mestres que poderão ter.

No próximo número irá um gráfico resumo do que foi dito e uma indicação dos utensílios precisos para o arranjo de ramos de flores.

por LÚCIA DE STAU MONTEIRO



Ensaio



— Não se esconda, sr. Santos, eu bem o vejo!

A ratazana não é uma célebre cantora de Ópera italiana; não é uma lançadora olímpica de disco; não é uma velha cidade grega da Sicília agora posta a descoberto pelos arqueólogos; muito menos é um remédio para a traça, uma nova variedade de tecido de algodão irrugável ou uma «boîte de nuit» a abrir brevemente: a ratazana é um bicho.

Juntamente com o rato de que se distingue por particularidades morfológicas que os zoólogos hábilmente enumeram, tem tido através da história da Humanidade considerável importância: as suas pulgas foram durante séculos o veículo do agente da peste (um bacilo) e a peste desde a mais remota antiguidade até há bem poucos anos foi um dos flagelos da Humanidade. As epidemias sucederam-se algumas de rara violência como a **peste Justiniana** ou **peste inguinária** cujo foco inicial se desconhece mas que em poucos anos invadiu e devastou a bacia mediterrânica e as regiões mais próximas.

Constantinopla foi logo contaminada (542)

seguido-se-lhe a Itália em 553, a Gália em 545 (a chamada peste de Avignon) e depois a Alemanha. Em 1346 surgiu a segunda grande pandemia pestosa, conhecida pelos nomes de **pestis atrocíssima**, **mortaleza grande**, **peste de Florença**, etc. Pensa-se que tenha tido origem no Extremo Oriente e que se tenha propagado por via terrestre, invadindo o Turquestão, a Pérsia, a Arábia e a Ásia Menor antes de chegar à Rússia e a Marselha. Constantinopla foi também atingida, seguindo-se-lhe Messina, Siena e Florença. A epidemia estendeu-se depois para o Norte de França e chegou a atingir as Ilhas Britânicas. Pensa-se que mais de metade da população europeia nela tenha morrido. Boccaccio no começo do seu Decameron dá-nos curiosa e exacta descrição dos sintomas da doença.

Várias outras epidemias, menos graves se seguiram entre elas a que levou D. João de Castela em 1384 a levantar o cerco de Lisboa e a que vitimou em 1415 D. Filipa de Lancaster. A última peste célebre é a peste de

Oran de 1942 narrada por Albert Camus no seu romance: «A Peste».

E agora, às ratazanas.

AS RATAZANAS DE SETHON

Conta Heródoto que Sethon, rei dos egípcios, devido à sua avareza e temperamento irracional se viu repentinamente impossibilitado para dominar uma rebelião da sua gente, já cansada do ambiente irrespirável do seu governo.

E a luta surgiu de tal modo impetuosa que o Monarca apenas saiu vitorioso graças ao socorro das ratazanas.

Senaquerib, rei dos Assírios, entrou no Egipto com um numeroso exército.

Os oficiais e soldados egípcios, no entanto recusaram-se a dar-lhes combate. Sethon não perdeu a coragem. A muito custo reuniu um pequeno exército com as tropas que se lhe mantiveram fiéis. Avançou até Pelusa onde Senaquerib acampara.

Durante a noite seguinte uma multidão infindável de ratazanas invadiu o campo dos Assírios e destruiu as cordas de todos os arcos e as correias dos escudos do inimigo, deixando-o impossibilitados de se defenderem.

Assim, desarmados, os Assírios viram-se na contingência da fuga e retiraram-se depois de terem perdido grande parte das suas tropas.

Quando Sethon voltou ao seu país mandou erigir uma estátua, representando-se a si próprio com uma ratazana na mão direita com a seguinte inscrição:

QUE POR MEU INTERMÉDIO SE APRENDA A RESPEITAR OS DEUSES!

à qual alguém com sentido de humor acrescentou: E a temer as ratazanas...

AS RATAZANAS DA BASTILHA

Vigneul Marville num seu livro conta que certo capitão fora encarcerado na Bastilha

A RATAZANA



após ter falado um pouco livremente ao Marquês de Louvois.

Para mais facilmente passar o tempo, pediu autorização para tocar o seu alaúde.

Ora toda a gente ficou atónita quando ao fim de quatro sessões musicais, viram a pouco e pouco aproximar-se do prisioneiro, ratos e ratazanas que saíam dos seus buracos para o ouvir.

Acabado o concerto a assembleia desfez-se e o músico ficou só. No dia seguinte, apenas ele começou, a estranha plateia surgiu, desta vez muitíssimo mais numerosa, como se os primeiros auditores tivessem convidado os seus amigos. De tal modo que a pouco e pouco o prisioneiro nunca estava só: bastava pegar no seu alaúde mágico e logo amigos e admiradores respeitosos surgiam de todos os buracos...

HAMELEN E AS SUAS RATAZANAS

Numa cidade alemã, Hamelen, as ratazanas tinham-se multiplicado de tal maneira que os seus habitantes andavam aterrorizados. Tudo lhes devoravam e destruíam. Já se não sentiam donos das suas casas e dentro em breve a única hipótese seria abandoná-las aos seus estranhos usurpadores.

Certo dia um desconhecido apresentou-se aos magistrados e prometeu destruir aqueles inimigos mediante elevada quantia. Combinado o assunto, o homem pôs-se a percorrer as ruas da cidade acompanhado do seu tambor.

As ratazanas como que hipnotizadas surgiam de todos os lados e seguiam-no.

Depois de ter percorrido toda a cidade conduziu-as para fora dela, e sempre com a ajuda do tambor, levou-as não se sabe aonde.

Triunfante dirigiu-se aos magistrados. Mas estes, esquecida a sua palavra, recusaram-lhe a recompensa do seu serviço.

Revoltado, pegou novamente no seu tambor e iniciou a estranha música. As crianças atraídas pela sua fama juntaram-se-lhe e seguiram-no. Saiu com elas para fora da cidade e nunca mais entrou. E, em vão os pobres pais procuraram os seus filhos.

A lembrança deste infeliz acontecimento manteve-se por muitos anos em Hamelen. Por isso as portas da cidade se encontravam

sempre fechadas e era expressamente proibido tocar tambor.

Não sabemos se tomaram alguma medida para castigar aqueles que faltam à sua palavra...

A RATAZANA DE CRÉBILLON

Crébillon tinha sido enviado para a prisão de Vincennes por causa do seu livro *Tanzai*. Na primeira noite, logo que adormeceu sentiu qualquer coisa macia e quente na sua cama que julgou ser um gato. Fez um movimento para acariciar o bicho mas este repentinamente desapareceu. No dia seguinte, ao acordar, a ideia do gato perseguia-o, até porque lhe não desagradava ter um compnheiro nesses dias de exílio. No entanto, nas noites seguintes nada aconteceu.

Um dia, em que se preparava para jantar viu um animal sentado como se fosse um macaquito e que o observava tranquilamente. Na semiobscuridade do compartimento julgou reconhecer o gato e tentou acariciá-lo.

Este, receoso, fez um movimento que mostrou a sua cauda. Crébillon ficou atónito: era uma ratazana imponente. Ao constatá-lo soltou um grito de pasmo e repulsa.

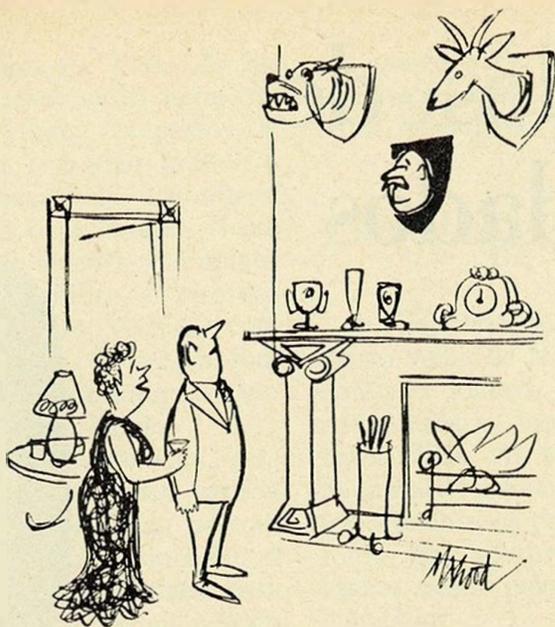
O carcereiro que por acaso estava perto acalmou-o.

— Desculpe, pois devia tê-lo prevenido, disse ele enquanto soltava uma gargalhada. O seu antecessor domesticou este animal de tal modo que ele vinha comer junto dele e à noite ficava na sua cama. Quando se foi embora, achei-o de tal modo gentil que por minha vez adoptei este homenzinho (desculpe o termo)! Repare! Admire!

«Ratinho! Ratinho!» — gritou o carcereiro, com um bocado de carne na mão — «Aproxima-te, amigo!».

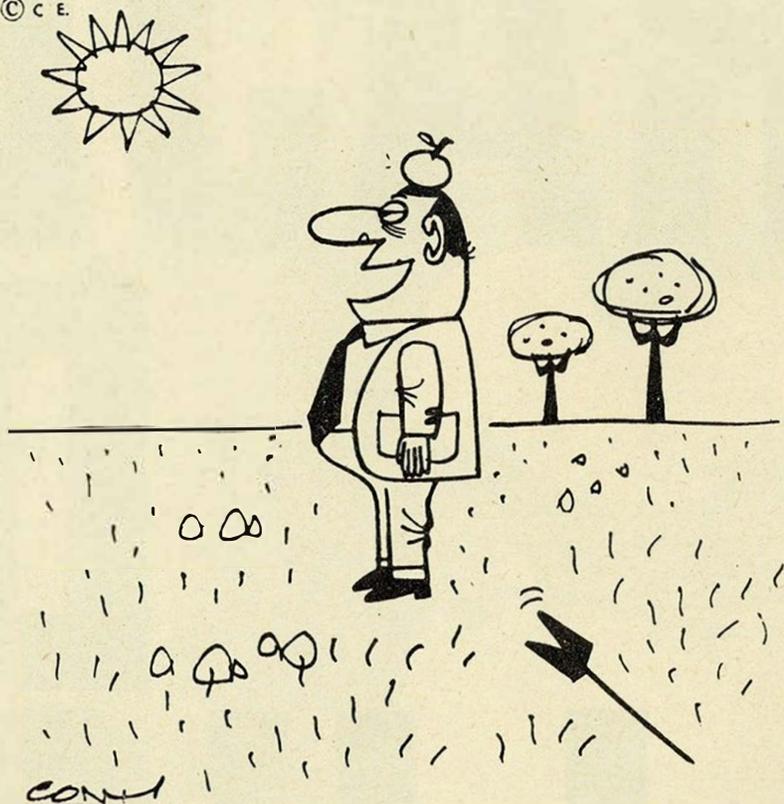
«Ratinho» mostrou primeiro a cabeça e logo que reconheceu a voz aproximou-se e comeu.

«A partir daquele momento» — acrescentou Crébillon, que contava a história a um grupo de amigos —, a extrema aversão que sentia por ratos e ratazanas desfez-se. Enquanto estive hospedado na prisão passei a gozar dos direitos do meu antecessor: comia com ele, dormíamos na mesma cama e se não fosse a amizade que o carcereiro lhe tinha, nunca teria abandonado Vincennes sem o trazer comigo para Paris».



— O meu pobre Henrique está cumprindo dez anos por causa dele.

© C. E.



— Sangue-frio: Não desanimes, homem. Experimenta outra vez!

3 kilos de bordados

O TRAJE DE LUCES

Os ponteiros do relógio da Plaza de las Ventas em Madrid marcam cinco horas da tarde. Ouvem-se os primeiros compassos de um paso-doble, abre-se o portão grande e os toureiros e as suas quadrilhas inrrompem pela praça, sempre com o pé direito. Nesse mesmo instante o público levanta-se e aplaude-os. O espectáculo é magnífico. O ouro dos trajes brilha. Cada toureiro veste-se com cores diferentes e os gritos, o sol, o tom acastanhado da areia da praça compõem um quadro excitante, único no mundo.

Longe, em plena meseta castelhana, realiza-se nesse mesmo momento uma corrida modesta. A praça é mais pequena, os toureiros pouco mais são do que principiantes que jogam a vida com touros difíceis para ganharem fama, os trajes são menos vibrantes e deixam adivinhar os remendos, as quadrilhas são menos numerosas e até os espectadores parecem mais pobres. No entanto o espectáculo é semelhante. A tragédia está presente em ambos os casos e se atentarmos

um pouco mais reconheceremos o traje do toureiro modesto: vimo-lo na temporada anterior, envergado por um toureiro famoso...

SANTIAGO PELLAYO, ALFAIATE DE TOUREIROS

A alfaiataria dos toureiros está situada no bairro velho de Madrid. O alfaiate chama-se Santiago Pellayo e pode equipar um toureiro desde as sapatilhas, até à espada e às bandarilhas. Aí se encontram os matadores de primeiro plano que vão encomendar um traje novo e os principiantes cheios de esperança que compram um traje usado, roto tantas vezes pelos toiros e hábilmente remendados.

Nessa alfaiataria guardam-se as medidas dos principais toureiros espanhóis e sul-americanos para que eles possam fazer as suas encomendas, mesmo quando estão no estrangeiro. Basta-lhes dizer a cor que preferem,



o preço que estão dispostos a pagar, o hotel em que se encontram e dentro de pouco tempo Santiago Pellayo satisfaz-lhes os pedidos com um traje que se lhes ajusta perfeitamente ao corpo.

A escolha da cor é muito pessoal. Os toureiros são naturalmente supersticiosos e se, por acaso, se introduz num dos seus trajes uma cor odiada, recusam-se a vesti-lo.

Claro: Santiago Pellayo está perfeitamente ao par dos gostos dos seus clientes. Ele nunca caiu na asneira de mandar um traje verde a Domingo Ortega ou azul a Lorenzo Garza. Ele conhece perfeitamente as pequenas manias dos toureiros e procura sempre ser-lhes agradável. Assim, remenda muito bem os trajes com que Ordoñez foi colhido porque este gosta sempre de vestir na primeira tourada em que entra após uma colhida a roupa com a qual sofreu o desastre.

Até não há muito tempo os toureiros preferiam as cores pálidas. Gostavam de aparecer discretamente na praça. Mas, presentemente, todos eles exigem cores violentas, salvo Luiz Miguel Dominguín. Quanto a Manolete quase todos os seus trajes eram cor-de-rosa.

Na confecção dos trajes dos toureiros são utilizadas todas as cores.

A história dum traje tauromático começa quase sempre da mesma maneira. O «**apoderado**» ou o «**diestro**» visitam Santiago Pellayo ou telefonam-lhe:

— Quero uma fatiota de doze mil e quinhentas pesetas. O melhor possível. E tem de estar pronto para as corridas da feira de X.

Isto basta para que toda a alfaiataria se ponha em movimento. Os tecidos descem das estantes, os lápis que traçam os moldes, as tesouras que cortam certamente os forros, as agulhas com os seus fios de ouro, criam a pouco e pouco essa maravilha que é o traje do toureiro.

As costureiras bordam magnificamente.

Estendem as diversas peças do traje nos bastidores e as agulhas vão traçando no tecido complicadíssimos arabescos coloridos. Além disso pregam as lantejoulas e todas as espécies de fios doirados.

CINCO QUILOS SOBRE O CORPO

Vestir um **traje de luces** é algo de extraordinariamente incómodo. Parece incrível que os **diestros** possam erguer elegantemente os braços, dar passos rápidos, correr, saltar a barreira com extrema facilidade.

O peso médio de cada um destes trajes pode calcular-se em cerca de cinco quilos. E o que menos pesa é o tecido. O fio de cobre doirado consome à sua conta três quilos.

Um toureiro rico usa o mesmo traje de seis a oito corridas. Depois dá-o, vende-o, ou guarda-o se sentimentalmente valer a pena.

Se o toureiro vende o seu **traje de luces** não é difícil voltar a vê-lo na alfaiataria donde saiu. Mas então os seus bordados já não brilham como dantes...

Quando um modesto toureiro consegue um contrato para uma pequena praça da província dirige-se à alfaiataria de don Santiago Pellayo. Compra um fato em segunda mão, compra todo o equipamento necessário por qualquer coisa como seiscentas e cinquenta pesetas. Se o toureiro tem pouca sorte e o seu traje (esse traje que, provavelmente, contém tardes brilhantíssimas) se rompe, então vai acabar os seus dias numa novilhada popular...

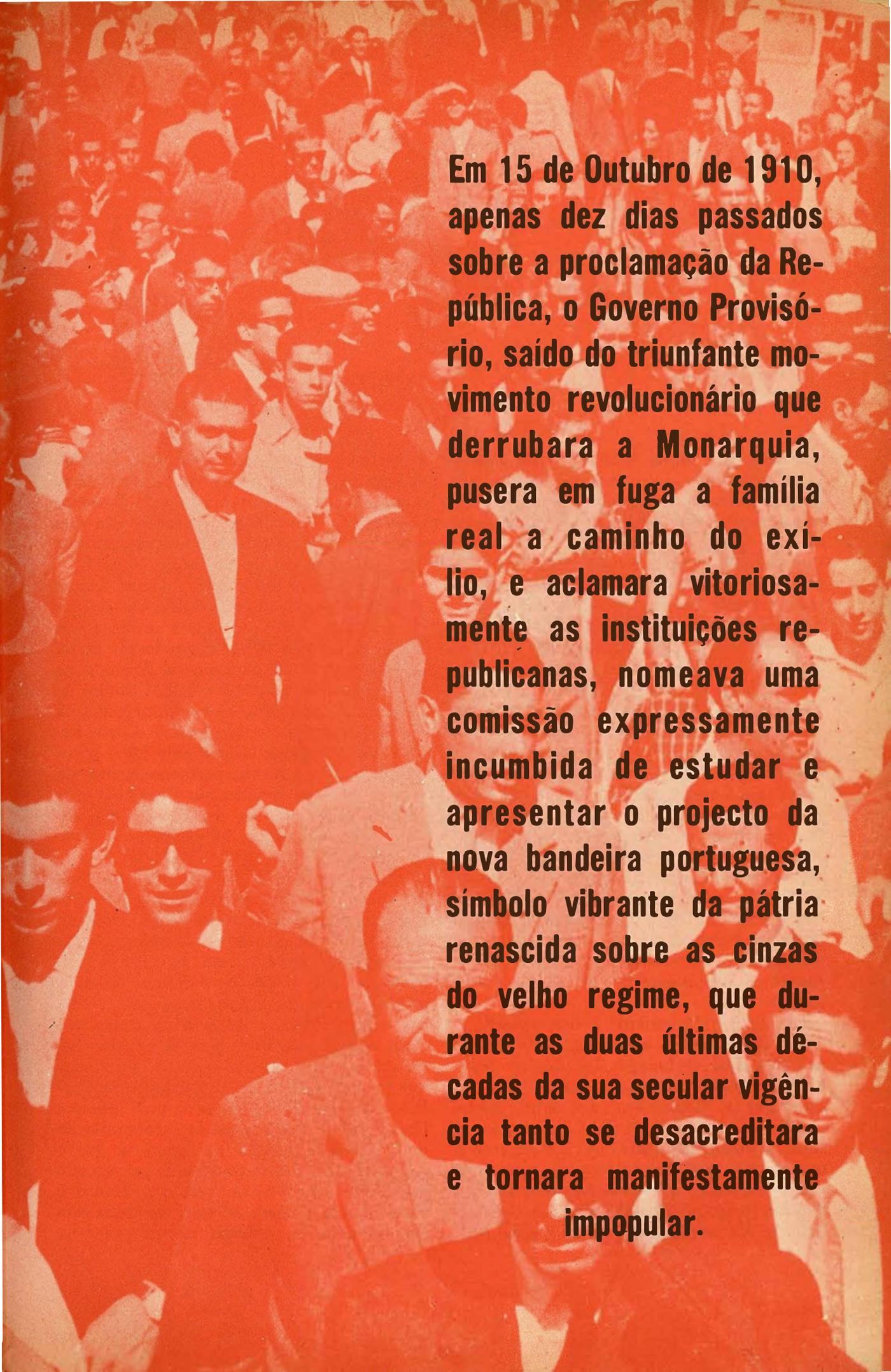
Mas será errado pensar que apenas os toureiros comprem **trajes de luces**. Muitos turistas visitam Santiago Pellayo e comprem trajes novos ou trajes que pertenceram a um famoso diestro. Deste modo, o triste, o desgraçado fim de tantos trajes que conheceram as glórias mais puras é este: acabarem num baile de máscaras!



A BANDEIRA NACIONAL

por MANUEL MENDES





Em 15 de Outubro de 1910, apenas dez dias passados sobre a proclamação da República, o Governo Provisório, saído do triunfante movimento revolucionário que derrubara a Monarquia, pusera em fuga a família real a caminho do exílio, e aclamara vitoriosamente as instituições republicanas, nomeava uma comissão expressamente incumbida de estudar e apresentar o projecto da nova bandeira portuguesa, símbolo vibrante da pátria renascida sobre as cinzas do velho regime, que durante as duas últimas décadas da sua secular vigência tanto se desacreditara e tornara manifestamente impopular.

Foram dias, esses, de inesquecível e exultante entusiasmo cívico, em que o povo celebrou o acontecimento que daria início a uma era nova da nossa história, e outro haveria de ser o **guião** para simbolizar o movimento de clamorosa ressurreição nacional em que todo o país unânimemente vibrava.

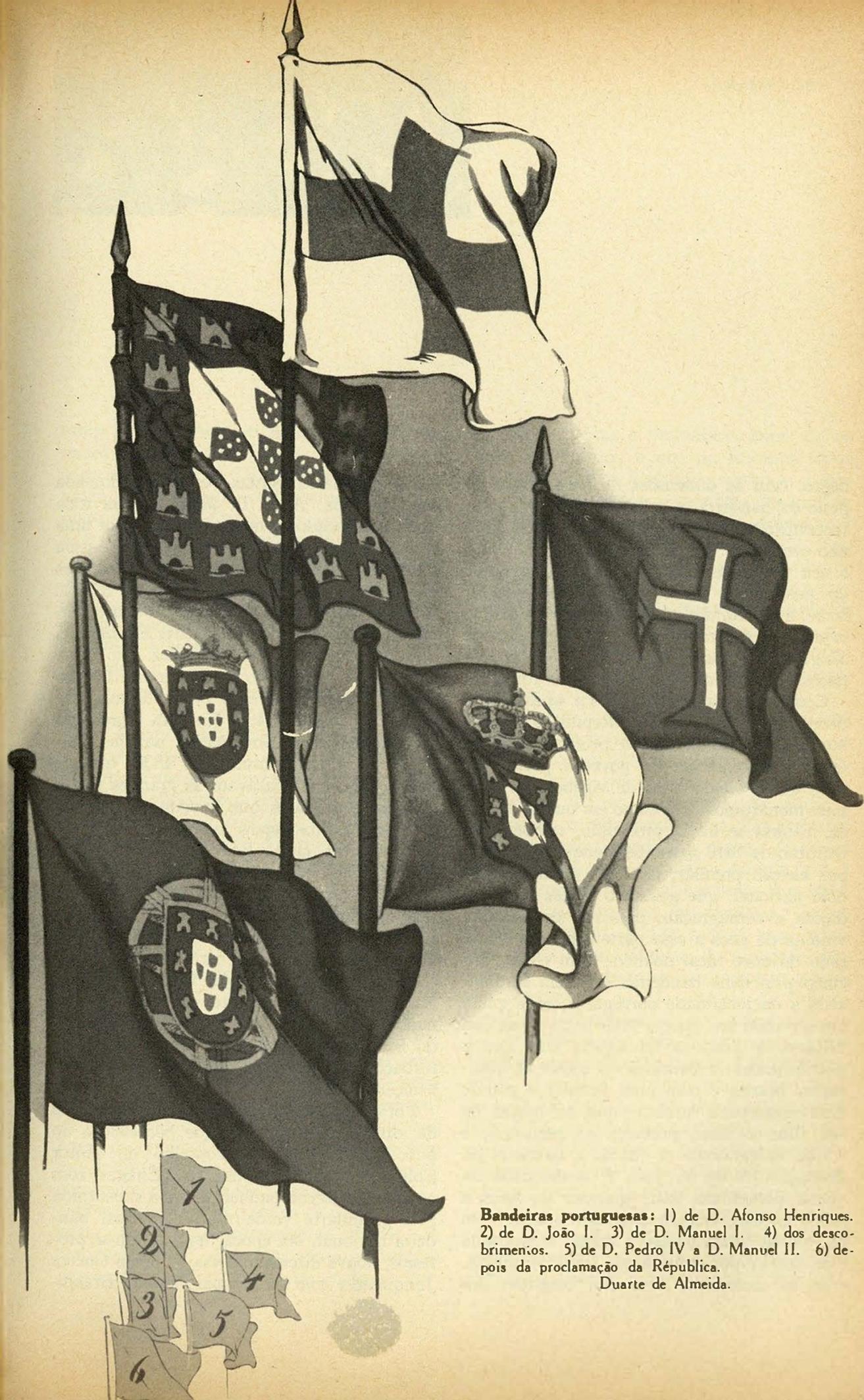
A comissão foi constituída por cinco membros: Columbano Bordalo Pinheiro, mestre pintor da mais alta reputação e um dos raríssimos artistas de sensibilidade e gosto excepcionais de que se honra a arte portuguesa; João Chagas, jornalista e panfletário de grande popularidade, que dera à propaganda da República o vigor combativo e o brilho literário da sua pena admirável, como dera o exemplo e a coragem indefectível das suas inabaláveis convicções; Abel Botelho, diplomata e romancista então em voga; e dois oficiais das forças armadas, que decidida e heróicamente haviam participado na sublevação de Outubro, o capitão de artilharia Afonso Pala e o marinheiro António Ladislau Parreira, ambos personificando o prestígio dos combatentes da revolta de que surgira a recém-nascida República Portuguesa.

O Governo Provisório, a que presidia o velho Teófilo Braga e do qual participavam os nomes mais destacados dos políticos republicanos, sensatamente confiava ao gosto indiscutível de Columbano, ao espírito esclarecido e à autoridade de João Chagas, assim como a dois combatentes da Revolução e a um escritor que por essa época gozava de vasta audiência, o estudo do projecto para a nova bandeira nacional. Catorze dias depois da sua nomeação, a 29 do mesmo mês,

a comissão de que foi relator Abel Botelho apresentou as conclusões do seu trabalho, num projecto logo aprovado pelo primeiro Governo da República, aprovação esta que a Assembleia Constituinte havia de ratificar por decreto de 19 de Junho de 1911.

As cores vermelha e verde tinham sido as da bandeira hasteada no edifício da Câmara Municipal do Porto, durante a revolução de 31 de Janeiro de 1891, como foram as da que flutuara na Rotunda e na Avenida da Liberdade, nos dias 3, 4 e 5 de Outubro de 1910. Este estandarte verde-rubro tinha já a sua consagração, acompanhara os que haviam vertido o seu sangue pelo ideal republicano, quer na revolta portuense, motivada pela perturbação política do Ultimato, quer na sublevação popular de Lisboa, que instituiu o novo regímen, há exactamente meio século.

Assim, segundo o projecto que elaborou a comissão nomeada dez dias após a revolução vitoriosa, determinou-se que a bandeira seria de verde-escuro e vermelho, verticalmente bipartida, sendo a divisória das cores de modo a que dois quintos do comprimento total fossem ocupados pelo verde, cor esta que ficaria do lado da tralha, ou corda que prende ao mastro. O escarlate seria de extensão de três quintos, a mancha que mais tremularia ao sopro do vento, desfraldada como a crepitação de uma inquieta chama. Determinou-se ainda o comprimento de uma vez e meia o da altura, e que o emblema central seria constituído pelo escudo das armas nacionais, orlado a branco e assente sobre a esfera armilar, recortada esta em cor amarela, avivada de um contorno



Bandeiras portuguesas: 1) de D. Afonso Henriques. 2) de D. João I. 3) de D. Manuel I. 4) dos descobrimentos. 5) de D. Pedro IV a D. Manuel II. 6) depois da proclamação da República. Duarte de Almeida.



negro, com as dimensões de meia altura do pano da bandeira, e colocado entre as cores, levemente subido. Junqueiro, que aliás não concordou com a decisão, pois era outro o seu ponto de vista, escreveu algures que «o pendão de 31 de Janeiro iluminou-se, como o da Rotunda, de vermelho e verde», «verde de esperança até à fé, vermelho de sangue até à morte», «da cor do trigo quando nasce, da cor da aurora quando rompe!».

Com estas características foi aprovada e decretada a bandeira da República, comemorando a transformação profunda que se operava no sistema de governo português, após quase oito séculos de vigência do regime monárquico. Tal como em outras épocas da história se havia procedido, também em Outubro de 1910 se estabeleceram, mas agora por eleição popular, as cores do novo símbolo nacional, que gozavam já das suas tradições e consagração, pois era de há uma vintena de anos a essa parte o pendão venerado do novo ideal político. Com efeito, das cinco principais bandeiras que têm simbolizado a nacionalidade portuguesa, e de guião lhe serviram nas épocas mais notáveis da sua história, a primeira foi aquela com que a pátria nasceu, a bandeira do conde D. Henrique, branca e com uma simples e grande cruz estampada a azul, que as hostes de seu filho e nosso primeiro rei seguiram, e a que vulgarmente se chama a bandeira da fundação. A de D. João I, desfraldada na época porventura mais gloriosa de toda a nossa história, era um quadrado branco, com as quinas estampadas a azul, contornado esse fundo por uma larga faixa vermelha, com os castelos a ouro e a surgirem dos

lados as quatro pontas verdes da floreada cruz de Aviz. A de D. Manuel I foi toda branca, o escudo ao meio, encimado por uma coroa de ouro, e na mesma época se usou a bandeira chamada dos Descobrimentos, que era de um pano todo verde, sobre o qual se via a grande cruz de Cristo, aberta a vermelho, com o interior das hastes em branco. A bandeira, que a da República veio substituir, foi a do período da Monarquia liberal, hasteada desde D. Pedro IV ao último Bragança, D. Manuel II, e que fora criada por decreto da Junta Governativa da Ilha Terceira, em 18 de Outubro de 1830, quando nos Açores se preparavam as grandes forças políticas e militares que haviam de derrotar o Absolutismo, depois de alguns anos de acesa guerra civil. Era de fundo azul e branco, cores que se confundem com o céu, e tinha as armas encimadas por uma coroa, ficando o azul do lado do mastro e o emblema ao centro, assente metade em cada cor. Estas haviam já sido as cores nacionais, escolhidas e decretadas pelas Cortes Gerais da Nação, em 22 de Agosto de 1821, no reinado de D. João VI, após o seu regresso do Brasil e antes ainda do começo das perturbações políticas que derrotariam a Constituição de 1820.

Foi esta bandeira de cores pálidas, branco de nuvens, azul de céu, que por eleição do povo republicano e a conselho do pintor Columbano e do jornalista João Chagas, com os seus outros companheiros, seria substituída pelo estandarte verde-rubro da actual bandeira nacional. Na época, levantaram-se protestos, houve discussão acesa. O poeta Guerra Junqueiro e com ele Sampaio Bruno, Braam-

camp Freire e António Arroio, entre outros, foram partidários de que se mantivessem as cores do pendão do Liberalismo, pendão que havia acompanhado os mestres políticos e doutrinários do começo do século XIX, e se hasteara no desembarque do Mindelo, no cerco do Porto, e havia dado a vitória às ideias liberais. Dizia o poeta: «A bandeira nacional é a idealidade de uma raça, a alma de um povo, traduzida em cores. O branco simboliza inocência, candura unânime, pureza virgem. No azul há céu e mar, imensidade, bondade infinita, alegria simples. O fundo da alma portuguesa, visto com os olhos, é azul e branco.» Teófilo Braga, então chefe de Estado como presidente do Governo Provisório, propunha por seu turno que nela figurassem divisas como «A lei pela grei», para o laço azul e laço azul e branco que fora o galhardete dos que acompanharam Fernandes Tomás, e «Se mais mundos houvera...», na faixa zodiacal da esfera armilar. Contra as razões poéticas de Junqueiro, contra o pendor erudito de Teófilo, venceu o que fora a escolha e a vontade popular, consagrada na luta republicana, e depois confirmada pela opinião da comissão nomeada pelo governo. Foi aceite o projecto dessa comissão, que as Constituintes da República ratificaram. Daí para cá, em meio século, tem sido este o símbolo da nossa nacionalidade, a bandeira que nos representa, o estandarte que alto se levanta nas horas de orgulho, tal como é o pano de luto que cobre a ataúde dos grandes portugueses, cuja memória fica a ser venerada.

Foram pois em vão todos os protestos, do poeta, do velho e intransigente Teófilo, de Sampaio Bruno, Braamcamp e António Arroio. O pendão que fora hasteado no Por-

to, nas primeiras e dramáticas horas de revolta republicana, e que na Rotunda levou o povo de Lisboa à vitória, sagrara-o o sangue dos combatentes, o sacrifício dos mortos, teve o aplauso autorizado de Columbano e de João Chagas, aceitou-o o Governo Provisório e decretou-o a Assembleia Constituinte de 1911. Ao contrário dos anteriores estandartes portugueses, não nasceu em berço de ouro a bandeira da República, e decerto por isso ela é tão genuína na sua simbólica beleza, como o povo que espontânea e unânimemente a elegeu.

O modelo a que tudo deu origem, essa bandeira da revolta de 31 de Janeiro de 1891, foi o pendão do Centro Democrático Federal, içado no mastro da Câmara Municipal do Porto, na manhã da primeira insurreição armada republicana. Era um largo pano vermelho, tendo no centro um disco verde. Como esta bandeira evoluiu até à actual bandeira nacional é questão que ignoramos se alguma vez foi estudada. O que sabemos, porém, é que aceites essas cores pelo povo, como símbolo da almejada República, no projecto do arranjo e composição interveio o critério estético de Columbano, como interveio a inteligência viva de João Chagas e a opinião de corajosos combatentes como Afonso Pala e Ladislau Pereira. A vontade do povo juntou-se o juízo de homens do mais alto significado na cultura e na vida social portuguesa. Se para amar em consciência as coisas é preciso conhecê-las, saber como nasceu e se determinou o símbolo da nossa pátria é contribuir para que mais vivo e quente se torne o nosso amor e respeito pela bandeira que ao vento tremula, tão viva e comovente no seu significado como o próprio nome de Portugal.

FIGURAS POPULARES DO SÉCULO PASSADO

O progresso é o algoz cruel do pitoresco. Na sua voragem insaciável, tudo desaparece. Os velhos trens com as suas parelhas vistas, no tempo em que a velocidade do automóvel não açambarcava o mundo, produziam curiosos cocheiros, tipos populares que acamaradavam, embora respeitosamente, com os melhores fidalgos da época e que obrigavam os seus cavalicóques a corridas desenfreadas.

É claro que hoje o automóvel não tem a poesia da tipóia que tornou lendário o selebre Feliciano das Séges, o honrado bolieiro que à porta do extinto café Central tinha três trens que explorava por sua conta. Actualmente, os maníacos e os mentecaptos, recolhem aos asilos. Extravagantes já não há porque o ambiente não se presta.

Antigamente, faziam da cidade a sua sala de visitas para divertimento, em especial da garotada.

Este Feliciano de quem acabámos de falar, um rapagão loiro e rosado, também filho de um cocheiro, frequentava assiduamente a galeria pública da Câmara dos Deputados. A eloquência de Passos Manuel, os arrebatamentos do tribuno José Estêvão e a retórica espirituosa e elegante de Almeida Garrett, faziam delirar o simpático bolieiro. Na sua residência modesta, havia na parede dois retratos. O do rei D. Miguel e o do José Estêvão. Por aqui se verificam as suas predileções políticas e literárias.

Lisboa inteira o conheceu e a manobrada boémia, utilizava os seus serviços. Sabe-se que um dos seus cavalinhos tinha uma sin-

gular mania. Quando ouvia falar em Sintra, relinchava e escoiceava, como se entendesse e percebesse a pilóta que ia apanhar...

Então o Feliciano, sorridente, dizia delicadamente ao freguês: — «Não diga ao cavalo que vai para Sintra. Diga-lhe tudo menos isso...».

Tinha cocheiros à sua ordem a quem dava seis vinténs por cada cinco tostões de serviço. E quando a freguesia não apertava, ei-lo a caminho da Cova Funda, uma tabernória afamada pelo belo sumo da uva onde ia a miúdo matar a sede e refrescar as goelas.

A sua popularidade na Cova Funda era tão grande que nas paredes da baiuca, um artista desconhecido desenhara a carvão a rotunda figura do Feliciano. Afinal, depois de ter ganho tanto dinheiro, foi preciso fazer uma subscrição rapidamente coberta para o levarem a enterrar.

Ironia que o Destino repete muitas vezes. Em geral os boémios pensam apenas no dia de hoje, descuidando o de amanhã.

Também as feiras populares davam as suas figuras que Lisboa inteira conhecia.

Começemos por recordar o **Machadinho**, um feirante muito amigo dos numerosos frequentadores da sua barraca de petiscos, fiando aos seus fregueses as apetitosas iscas que a mulher, conceituada cozinheira, fazia a primor.

Apareceu depois a **Maria Botas**, cuja fama chegou aos nossos dias, especialmente no saboroso coelho guisado que muitos propalaram ser gato. A freguesia alarmada, aban-

donou a barraca que teve de fechar e à porta de um rés-do-chão da Junqueira onde a barraqueira morava, o rapazio não a largava com apupos e vaias

Finalmente, o **Carapetino**, decano dos feirantes, cujo reclame era feito pela própria clientela. Tinha orgulho na freguesia da sua casa.

Uma noite, quatro rapazes da nossa melhor fidalguia abancaram alegremente no **Carapetino**. Este, lisonjeado com a preferência, pediu respeitosamente aos noctivagos, licença para lhes oferecer a ceia que pouco passava de dez tostões...

Próximo da sua barraca, havia locandas de menor categoria sem figuras que se celebrassem, mas onde imperava o calão da época. Assim, às sardinhas chamavam **costeletas na grelha**, ao pão **um susto** e a uma garrafa de vinho e 2 copos, uma **viúva e dois filhos**.

Nas feiras actuais também se petisca como dantes mas com mais despesa e menos calão...

Em 1844, quando Lisboa era uma cidade escuríssima, Arroios era cheia de quintas improdutivas e charnecas enormes.

Ali nasceu Martinho António de Freitas que toda a população conheceu pelo **Maluquinho de Arroios**. O escritor André Brun escreveu um dia uma comédia com esse nome em feminino. Na feira do Campo Grande, este desequilibrado aparecia bastantes vezes com uma larga barretina na cabeça e de vassoura em punho!

Todos riam do infeliz raquítico que não fazia mal a ninguém.

Às vezes, uma irmã acompanhava-o e respondia com gestos e frases de pouca moralidade a quem se metia com o irmão. E lá andava a bambolear-se, admirando as barracas das queijadeiras com café e bebidas, as exposições de figuras de cera ou olhando gulosamente os cestos de peras cozidas e o pão de milho que em cima de mantas se estendia no chão.

Se ele visse o seu Arroios de hoje, certamente não o reconhecia. Lá nasceu e lá morreu apenas com 39 anos num quarto que o Conde de Soure lhe ofereceu bondosamente no seu Palácio.

Mudando de ambiente, evocaremos a Praça da Figueira de 1880. Há oitenta anos, ela era um montão de barracas sujas e inestéticas, com um acanhado portão ao centro, pior que qualquer dos mercados da nossa província. Era ali que Lisboa se abastecia.

É portanto aí que vamos encontrar a gorducha **Vicência** em frente da rua dos DouRADORES onde atendia com o melhor dos seus sorrisos, a melhor freguesia da capital.

A Casa Real fornecia-se do seu estabelecimento. Isto bastava para consagrar a popular **Vicência**.

Tudo quanto Lisboa tinha de endinheirado lá ia à procura das saborosas laranjas de Setúbal ou dos cestinhos com os afamados morangos de Sintra.

Umás sobrinhas, trabalhadoras como a tia,

herdaram os bens da Vicência e com eles compraram algumas moradias na Estefânia.

A marinagem britânica, assim que desembarcava no Tejo não deixava de ir ali procurar as boas frutas e o imperador D. Pedro II quando passava na capital, não faltava a uma visita à loja da Vicência.

Depois veio a Praça da Figueira dos nossos tempos. Mais limpa e asseada mas ainda deixando a desejar em questões de higiene.

Da **velha Vicência**, já raros se lembrarão. Tudo se esvai na bruma do passado. Já que falámos de comidas, a figura do **Mata** cozinheiro, não pode faltar nesta antologia.

O pai, cozinheiro como ele, deixou-o órfão aos 12 anos de idade. Mas felizmente para ele cá ficou e num primeiro andar da rua do Alecrim, pôs o seu primeiro estabelecimento. Numa comédia representada no teatro D. Maria, o seu restaurante aparecia em cena. Dez anos depois estabeleceu-se no prédio onde está hoje o Montepio Geral.

Aí ficou célebre um banquete presidido pelo Marechal Saldanha. Tão bem o popular cozinheiro manipulava a çordas que o Duque adaptou o clássico prato português nas ementas do almoço.

Depois passou para o Chiado, no local onde se encontra o Turf-Club. Passou a ter um hotel no Calhariz onde Saia Bernardt se hospedou. O **Mata**, cozinheiro famoso, guardava gratas recordações da sua vida gastronómica.

Uma ao acaso: Mendes Leal, ministro da Guerra do Ministério do Duque de Loulé, era de procedência modesta. Seu pai, músico dos teatros, pouco o podia auxiliar. Mendes Leal nesses tempos de dinheiros escassos, jantava várias vezes no **Mata**, ficando-lhe por fim a dever dez tostões. Um dia, muito mais tarde, no Arsenal da Marinha, realizou-se um banquete por ocasião do casamento do rei D. Luís I. Já ministro, Mendes Leal encarregou o **Mata** de fornecer o banquete e depois mandou-lhe dez tostões com um bilhete onde dizia mais ou menos isto: — «Sr. Mata. Aqui tem os dez tostões que lhe devo desde o tempo em que frequentava o seu antigo restaurante. Desculpe não ter podido pagar-lhe mais cedo.»

Este episódio fez corar o simpático cozinheiro que um dia escreveu um manual de

cozinha onde, entre outras especiarias, ensinava a fazer filetes de codornizes em que era exímio.

EM 1870 apareceram os irmãos **Dallots**, uns franceses que criaram em Portugal um circo de 20 figuras. Funambulos, acrobatas, **clowns**, tudo arrastava ao circo Price, uma multidão entusiasmada.

É então que aparece outra figura curiosa de Lisboa, o **Joaquim Carpinteiro**, fiel às graciosas **paradas** dos velhos circos, junto das atrizes, pintadas de zarcão, dos ginasistas com malhas inverosímeis, com a sua voz estridente anunciando o próximo espectáculo nestes termos:

— «É entrar meus senhores! Compreem os seus bilhetes. Quem não tem cabeça não paga nada. Este é o teatro frequentado pelas damas diplomáticas! Vai dar-se a última função! Sempre uma enchente real!»

Chegou a ensaiar-se nesta organização dos Dallots uma mímica intitulada «Os Salteadores da Calábria». Como sempre, o Joaquim Carpinteiro terminou os seus dias a distribuir programas. Pois foi um tipo que Lisboa inteira apreciou.

Ainda em material de botequinhos, um dia apareceu em Lisboa um italiano de apelido **Marrare** que pode considerar-se o reformador das lojas de bebidas da nossa cidade:

Antes do terremoto de 1755, os botequins eram raríssimos e não se recomendavam pela frequência. Um dos primeiros cafés de luxo que tivémos, foi o botequim de Marcos Filipe no Largo do Pelourinho.

Dizem que no dia da inauguração, o Marquês de Pombal foi lá tomar chá e torradas. Até que apareceu o napolitano António Marrare, antigo copeiro do Marquês de Niza que fundou em Lisboa, quatro estabelecimentos do género. O de São Carlos, à esquina da Rua Anchieta, o Marrare das Sete Portas no Arco de Bandeira, outro à esquina da Travessa dos Remolares e finalmente o célebre **Marrare do Polimento**. — Dizia Júlio César Machado, o talentoso folhetinista da cidade, que no **Marrare do Polimento**, ninguém lá entrava sozinho pela primeira vez. Ali fazia quartel general o boémio Marquês de Niza e lá conspirou José Estêvão.

Luís Palmeirim, cronista minucioso da nossa velha capital, assegurava que sem a

consagração deste café não havia talentos nesta terra, nem artista que tivesse o mérito do público, nem governos sólidos nem mulheres bonitas. Já noutro artigo descrevemos as particularidades deste café elegante, frequentado pelo **Tout-Lisbonn**. Segundo a pena autorizada de Bulhão Pato, este estabelecimento do Chiado, assumiu um aspecto literário e político que ficou pertencendo à história.

O Marrare do Arco da Bandeira onde o italiano imperava como nos outros, era um alegre refúgio da gente de teatro. Depois de terminados os espectáculos, era fácil vermos lá o Tasso, o Epifânio, o Teodorico e outros mais, ceando e contando anedotas.

Não admira pois que este napolitano fosse uma figura popular de Lisboa. A sua actividade desdobrou-se como se viu, em vários estabelecimentos do género. Chegou até a ser Empresário do Teatro de São Carlos durante três épocas, mas parece que o lucro dessa exploração se reduziu ao botequim onde fornecia agradáveis refrescos.

Não cabiam certamente num artigo, as diversas figuras populares que a nossa Lisboa conheceu e esqueceu.

Para terminar, merece especial alusão um antigo soldado de artilharia a quem alcunhavam de **mexerico**. Este herói era um mestre no fandango e frequentador das baiucas da Ribeira Nova.

A sua habilidade muito apreciada, era original.

Estendia doze ovos no chão a pequena distância um dos outros e depois, ninguém melhor que **Tinop** o pode descrever: — «Era quase inacreditável como os pés do **Mexerico** iam passando vertiginosamente sem nunca pisar um ovo. Parecia que a cada momento esborrachava tudo quanto lhe ficasse debaixo das sólas, mas só tocava no chão com delicadeza e segurança prodigiosas.»

O **Mexerico** usava **bonet** de oliado, jaqueta de alamares e calça de ganga azul com botões de madreperola como os fadistas de então.

Muitas mais figuras populares, Lisboa conheceu e acarinhos.

Ficam por citar o **José Maria Saloio**, um lisboeta do Bairro da Graça que ninguém excedeu no manejo do jogo do pau; o **José das Caixinhas**, de lenço da Índia ao pescoço e chapéu alto muito coçado que nunca ninguém soube donde veio nem onde nasceu; o **Morgado das Cebolas**, amador tauromáquico que um dia toureou tão desastrosamente que os amigos encheram o redondel de cebolas, razão da alcunha e o **Roberto Pim-Pim**, amador de música, certo no teatro de São Carlos.

Como dissémos no início deste artigo, o progresso liquidou todas estas figuras que davam um **cachet** especial a esta Lisboa que tanto se modificou num século de vida. Hoje, os **Cantinflas** e os **Tótós** enriquecem no cinema, onde os pagamos a bom preço para ver as suas extravagâncias...



MATER REGUM



Era a mais bela mulher do mundo
—Dizia Napoleão.

Esbelta, com cabelos castanhos, olhos negros e pensativos, sobranceiras bem arqueadas, dentes muito brancos, Letizia viria a ser recordada muitas vezes em Santa Helena pelo filho. «A minha mãe é uma mulher de coragem e de talento. É orgulhosa, quase masculina, digna de todas as homenagens».

LETIZIA

A MÃE DE NAPOLEÃO

A 15 de Agosto de 1769 a senhora Letizia Ramolino Bonaparte não pôde assistir ao fim da missa na cathedral de Ajaccio. Foi a pé para casa, deitou-se, mal entrou, num canapé e deu à luz aquele que, trinta anos mais tarde havia de dominar a Europa. Casada aos 14 anos com Charles Bonaparte, Letizia já então tivera seis filhos, cinco dos quais haviam morrido. Felizmente Joseph, que nascera no ano anterior enchia a casa com os seus gritos de satisfação aos quais se juntavam agora os vagidos de Napoleão. Entre 1765 e 1874 Letizia Bonaparte teve dez filhos, mas de todos o preferido foi o turbulento Napoleão. Talvez por isso é para ele que Letizia reserva os maiores castigos. O pai, esse, caracteriza-se por ser extremamente indulgente. E o despotismo que o jovem Napoleão impõe aos seus irmãos e irmãs diverte-o. A verdade é que o menino prodígio que faz o encanto dos pais deu uma tarefa no irmão mais velho, invejoso por ele ser mais velho! E rouba o pão das irmãs para o levar aos soldados do quartel que, em troco, o tratam por «Marechal». Sabedora disso a mãe castigou-o.

— Tu não podes bater num marechal! — gritou-lhe Napoleão.

— Até podias ser rei! — respondeu-lhe a mãe, encantada, de resto, com o dito do filho.

MAIS DIGNOS DE ADMIRAÇÃO DO QUE OS VENCEDORES

Aos 14 anos Napoleão foi mandado como bolseiro para o Colégio Real de Brienne-le-

-Château. Os seus camaradas riam-se dele por causa da maneira como pronunciava o francês e também por causa da sua pobreza. Ele, taciturno, desconfiava dos «franceses». Não esquecera nem uma palavra dos ensinamentos da mãe. Esta havia-se batido contra os franceses e tinha-se alistado, à semelhança do marido, nas tropas de Pascal Paoli, o herói infeliz da independência da Córsega. E contara muitas vezes ao filho a forma como os corsos de Paoli se tinham batido na proporção de um para dez. «Foram vencidos — disse ela — mas são mais dignos de admiração do que os vencedores».

Em Brienne o taciturno Bonaparte pensa nessa frase e quando um dos seus professores o quis castigar obrigando-o a comer de joelhos, ele respondeu-lhe:

— Jantarei de pé! Na minha família só nos ajoelhamos perante Deus!

O professor, estupefacto, ameaçou-o com o chicote. Mas Napoleão recusou-se a ceder. E teve uma crise de nervos, caindo desmaiado.

A mãe, quando disto soube, ficou apreensiva pela saúde do filho, mas satisfeita com a sua coragem.

A 24 de Fevereiro de 1875, Charles Bonaparte morreu em Montpellier com trinta e nove anos. «Sòzinha, sem um apoio, sem nada — dirá Napoleão mais tarde — a minha mãe teve de resolver por si mesma as dificuldades que a educação dos filhos e a administração dos bens lhe levantaram. E em tudo a conduta dela foi impecável».

Os anos que se seguiram à morte do pai foram bem difíceis. Anos de miséria e de

LETIZIA

privações. Assim quando a Revolução rebentou os Bonapartes achavam-se na miséria. Napoleão compreendeu que chegara o momento das grandes decisões. E assim, aos 24 anos joga o seu destino aceitando o comando da artilharia que ataca Toulou. No ano seguinte, novo triunfo: esmaga os inimigos da Convenção e pode enviar 60.000 francos a Letizia, que vivia em Marselha na mais completa das misérias.

Mas, a par desses dinheiros que lhe envia dar-lhe-á um terrível desgosto ao casar com a bela Josefina. Josefina era divorciada e Letizia não podia suportar um tal casamento. Prevendo isso Napoleão não ousou dizer à mãe que ia casar-se e preferiu apresentar-lhe o facto consumado. Letizia perdoou ao filho essa cobardia, mas no que respeitava à nora foi implacável.

O MAIS INFELIZ DOS FILHOS

Entretanto o jovem e glorioso general via abertos à sua frente os caminhos da vitória. Quando assumiu o comando do Exército da Itália proferiu estas palavras: «Defende bem a tua saúde, minha mãe, porque quando morreres eu não terei mais ninguém que me seja superior». Posteriormente, em Paris, ela seria a sua grande conselheira: «Toma cuidado com Fouché — avisa-o —, ele trair-te-á». Sabendo que o filho tencionava matar o Duque d'Enghien escreve-lhe: «Serás tragado pelo abismo que estás a cavar sob teus próprios pés, meu filho!»

Quando Napoleão fixou residência em Roma ao seu irmão Lucien, Letizia intervim. «Porque o defendes?» pergunta Bonaparte. E a mãe responde-lhe: «Aquele dos meus filhos a quem mais amarei será sempre

o mais infeliz». Napoleão replica: «Eu sou o mais infeliz!».

E no entanto em 1804, Napoleão era sagrado imperador na Catedral de Paris. Letizia recusou-se a assistir à cerimónia, mas Napoleão corrigiu a verdade histórica ordenando a David que a representasse no seu famoso quadro. De facto ela aparece aí no primeiro plano. Ela de resto é o único ser humano que ele considera digno dum primeiro plano. Quando vai visitar a mãe esta despede sempre as suas damas de companhia para o aconselhar. Durante horas ela fala-lhe como se ele não fosse o herói incontestado da França, mas apenas um filho.

— Queres tudo — diz-lhe — e acabarás por ficar sem nada.

Ele responde-lhe com doçura mas, a pouco e pouco, deixa-se levar pela sua desenfreada imaginação. Levanta-se, expõe os seus planos.

— Senta-te, Napoleone! — Ordena-lhe a mãe.

Ele senta-se.

Letizia receia o futuro. À cautela, faz economias. O filho atribuiu-lhe um fabuloso subsídio anual e diz-lhe: «Gasta-o! Este dinheiro é para gastar!».

Napoleão distribui títulos de nobreza pela família. Ela encolhe os ombros: — Quem sabe se um dia não terei de alimentar todos esses príncipes e reis?

E pede ao rei de Roma que recite todas as noites esta oração: «Meu Deus, fazei com que o meu pai dê paz à França!».

Então, enquanto o imperador está no máximo da sua glória ela pressente a desgraça que se aproxima e confia a Cambacérès:

— Não me lamentarei. Não me lamentarei se tudo isto acabar sem que a honra de

meu filho seja atingida. Perder nada é quando se perde com nobreza.

Nomeada Protectora dos **Estabelecimentos de Beneficência e de Caridade**, ela esforçou-se por aliviar as misérias que as guerras provocavam. Exigiu mesmo que fossem atribuídas pensões às viúvas e aos órfãos dos soldados em combate.

— Napoleão não tem tempo para praticar a caridade — comentava Letizia. — Mas todo o bem que eu faço, faço-o em nome dele...

MATER REGUM

Quando Bonaparte foi mandado para a ilha de Elba pediu a presença da mãe. Ela ouviu-lhe o chamamento. Pois não era verdade que Napoleão era de todos os seus filhos o mais infeliz?

— Precisas de dinheiro? — pergunta-lhe ela. E como o exilado se admirasse com a pergunta, acrescentou: — Vendi as minhas jóias.

Mas a jaula onde a águia estava presa ficava muito perto de França. De novo ele se aconselha junto da mãe. Letizia ouve com atenção esse homenzinho de quarenta e cinco anos que a fixa intensamente com os seus grandes olhos escuros.

E ela acompanha-o a Paris. Depois de Waterloo viu o filho pela última vez em Malmaison. Napoleão esperava por ela de pé na biblioteca. Avançou para Letizia e estabeleceu-se entre ambos um curto diálogo que ninguém percebeu em dialecto corso. Depois disseram:

— Adeus, minha mãe.

— Adeus, meu filho.

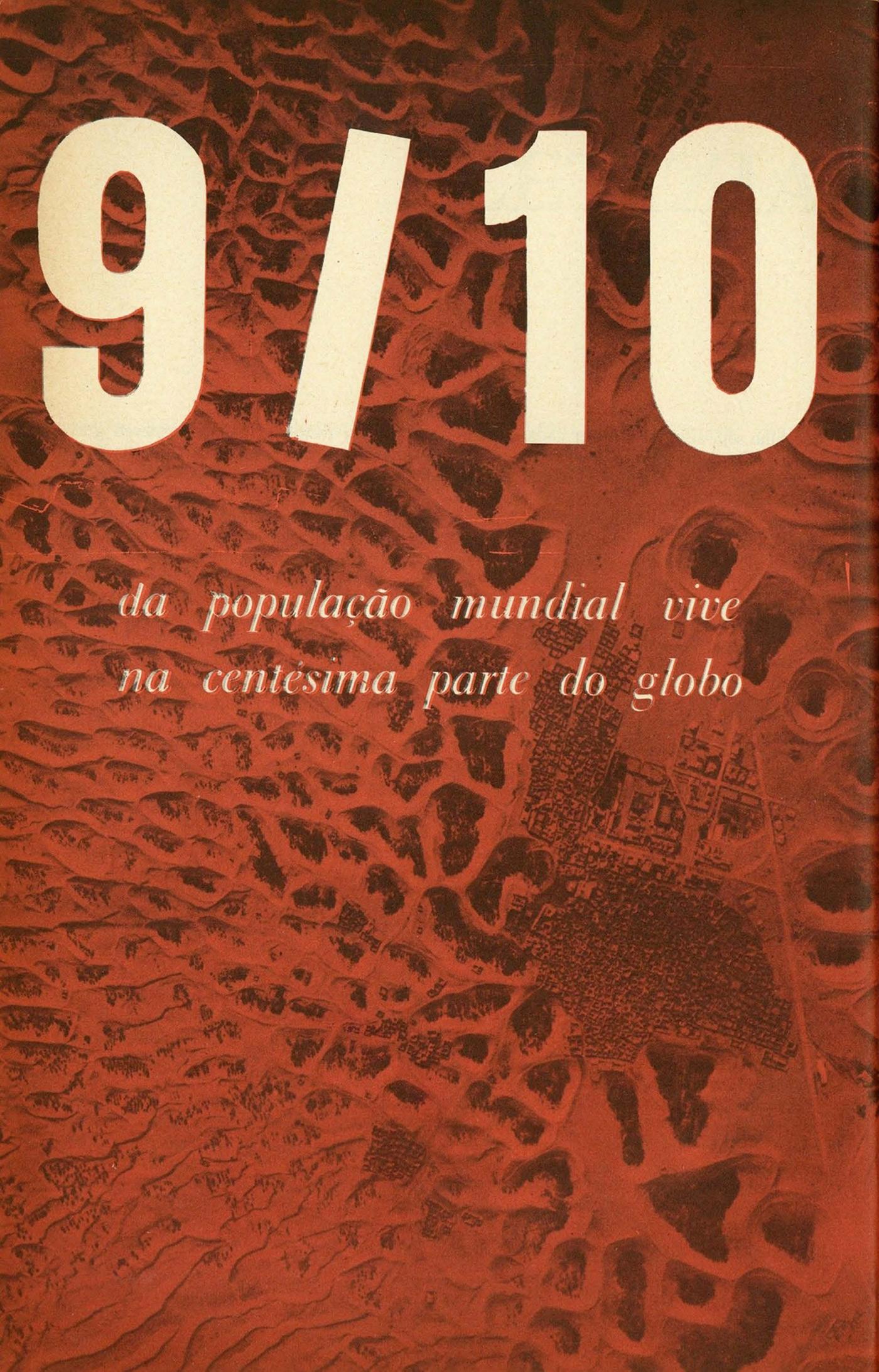
Abraçaram-se longamente. Quando se se-

pararam o rosto da mãe permaneceu grave e impassível. Ela afastou-se com um passo firme sem se voltar uma única vez para trás.

Em Roma onde se exilou nunca deixou de pensar no seu Napoleão. Quando soube da morte dele fechou-se no seu quarto durante vários dias, recusando-se até a aparecer aos outros filhos para que estes não lhe vissem as lágrimas. Escreveu então a Lord Castlereagh a mais nobre das cartas: «Milord, a mãe do Imperador Napoleão vem reclamar dos seus inimigos as cinzas do filho. Peço os restos do meu filho e ninguém tem mais direitos do que uma mãe. O meu filho não precisa de honras, o seu nome basta-se a si mesmo; mas eu desejo guardar as suas cinzas. Foi longe da agitação e do barulho que as minhas mãos lhe prepararam um túmulo numa humilde capela. Em nome da justiça e da humanidade, peço-vos que não recuseis este meu pedido. Dai Napoleão à França e ao mundo. Em nome de Deus, em nome de todas as mães, suplico-vos, Milord, que não me recuseis os restos do meu filho». A carta ficou sem resposta.

Todos os seus pensamentos voltaram-se então para um adolescente. Esse adolescente era o Rei de Roma. «Sim, ele permaneceu fiel à memória de seu pai e da França». E quando morreu, Letizia chorou as suas últimas lágrimas.

Em 2 de Fevereiro de 1836 deu a alma ao Criador. Em 1851 o seu corpo foi transportado para Ajaccio. No túmulo daquela que foi, segundo a sua própria expressão, a «mãe de todas as dores» foram gravadas estas palavras: **MATER REGUM**. Mas teria sido mais justo escrever uma única palavra: **MATER**.



9 / 10

*da população mundial vive
na centésima parte do globo*

A terra tem uma superfície aproximada de 510 milhões de quilómetros quadrados. Os mares cobrem uma superfície de 374 milhões e as terras emergidas representam 136, pouco mais do que um quarto da superfície total do globo.

OS DESERTOS BRANCOS

O continente glacial antártico é totalmente desabitado. As expedições de Ross, Weddell, Scott, Charcot, Byrd e Wilkins, e a utilização do avião desde 1929, permitiram desenhá-lo com bastante exactidão os seus contornos. Duas grandes massas continentais, ligadas por um istmo entre os mares de Ross e de Weddell. A porção mais importante deste continente, chamada Antártico do Oeste no sul do Pacífico tem menos de 2.600.000 quilómetros quadrados. Existem pois perto de 8 milhões de quilómetros quadrados de terras emergidas próximo do polo que são absolutamente inabitadas.

No hemisfério norte vastas regiões, são também completamente inabitadas. Menos de 500.000 habitantes vivem em pequenos grupos isolados distribuídos pelos 9 milhões de quilómetros quadrados do Norte siberiano. Não há nenhum ser humano na terra François-Joseph, e o arquipélago do vizinho Spitzberg conta apenas dois estabelecimentos permanentes: a exploração mineira de Green Harbour onde vivem em condições bastante precárias perto de 2.000 russos numa aldeia situada em volta das galerias de minas e a

estação meteorológica de Gross Bay onde hibernam três noruegueses. A ilha vulcânica de Jean Mayen dominada pelas massas imponentes dos glaciares do Baerenberg também só tem uma estação meteorológica norueguesa. A Islândia colonizada pelos guerreiros Vikings de Eric o Vermelho, no século VIII, conta uns 112.000 habitantes, mas estes vivem em 384 localidades e os dois terços da população vivem em algumas dezenas de quilómetros quadrados ao sudoeste em volta da capital Reykjavik. A imensa terra da Gronelândia é quase totalmente desabitada. Há alguns dinamarqueses e 7 a 8.000 esquimós repartidos em pequenas colónias ao longo da costa oriental e ocidental ao sul de 70% de latitude norte. A terra de Baffin, a ilha do Príncipe Alberto não possuem qualquer estabelecimento humano. Todo o norte do Canadá é habitado apenas por alguns esquimós: em mais de 6 milhões de quilómetros quadrados vivem menos de 20.000 habitantes. Nos Estados Unidos, as regiões de Nevada de Utah, do Arizona e do Novo México, do Idaho, de Montana e de Wyoming têm uma população muito rara, agrupada num pequeno número de cidades: dezenas de milhares de quilómetros quadrados são desabitados.

OS DESERTOS AMARELOS E OS DESERTOS VERDES

Na América do Sul vastas regiões montanhosas nas Cordilheiras dos Andes, a floresta do Amazonas, o planalto do Mato Grosso, o sul da Patagônia não contam uma única aglomeração humana. Metade do continente australiano é um deserto. A África com o Saará, o deserto da Núbia, a floresta congoleza e o deserto de Kalahari é desabitado em três quartas partes.

O mesmo acontece na Ásia com as imensidões desérticas da Arábia, do Irão, do Turquestão, de Gobi e da Mongólia.

OS MONTANHESES SÃO RAROS

Para medir o povoamento da terra nada é mais instrutivo do que as viagens de avião. Verifica-se que as zonas de população densa estão quase todas situadas na vizinhança imediata do mar ou das planícies baixas. A altitude média das terras emergidas é de 800 m, mas 9/10 dos homens vivem a menos de 200 m de altitude. De uma maneira geral as instalações humanas são cada vez mais esporádicas à medida que a altitude cresce. No entanto existem grandes cidades a grandes altitudes.

Para nos referirmos apenas a capitais de Estado, Kabul, cidade de 160.000 habitantes fica a 1.900 m; Bogotá na Colômbia,

cidade de 450.000 habitantes fica a 2.640 m; Adis Abeba situa-se a 2.400 m; e La Paz na Bolívia a 3.700 m de altitude.

Mas estas cidades não se encontram no centro de vastas regiões de povoamento.

OS HOMENS GOSTAM DE ÁGUA

Nas margens do Lago de Genebra a baixa costeira de 2 quilómetros de largo tem uma densidade de 900 habitantes por quilómetro quadrado. Nas margens dos lagos italianos a densidade é muito grande. No Extremo-Oriente, as regiões costeiras são superpovoadas. A todo o comprimento do Yan-Tsé as aglomerações humanas acotovelam-se e às vezes o próprio rio desaparece, escondido pelas habitações de população anfíbia que aí predomina em grande quantidade.

Na Noruega mesmo 95% dos habitantes vivem a menos de 5 Km do mar. Nos Estados Unidos, de Boston a Washington, acotovelam-se vinte cidades com mais de 100.000 habitantes, pertencendo seis dessas cidades às dez maiores desse estado americano. No Tonkin vivem nas terras de Delta do Huang-Ho os 2/3 da população numa superfície inferior à vigésima parte da superfície total do país.

Mesmo em França, onde a população está bastante disseminada, ela concentra-se sobretudo ao longo dos principais cursos de água na Champagne nos Landes centenas de quilómetros quadrados são desabitados.

CORTIÇOS HUMANOS

As zonas de povoamento denso e contínuo são muito raras: certos fragmentos da costa mediterrânica, a Flandres e uma parte do Norte e do Pas-de-Calais, o vale do Reno, do Maine, a região do Ruhr e de Cantão, o baixo Yan-Tsé, o curso do Ganges, a planície de Tóquio e circuito do mar interior japonês, o Delta do Nilo e do Hung-Ho, a região de Londres e do Lancashire. Aí, em menos de 500.000 quilómetros quadrados vive a décima parte da população do globo. Mesmo assim, nessas zonas de povoamento muito densas há espaços não utilizados pelo homem: perto de Londres as dunas selvagens dos Downs, no Ruhr a floresta de Hagen.

A terra contava em 1955 cerca de dois biliões e meio de habitantes, 40% dos quais viviam em aglomerações de mais de 2.000 habitantes cujos territórios representam no total 2.000 a. parte das terras emergidas, ou seja cerca de 8.000 a. parte da superfície do globo.

Estamos abaixo da verdade quando declaramos que os 9/10 dos homens vivem na centésima parte do planeta. Mas uma cidade é inseparável do **hinteland** que a sustenta e sem a qual ela não existiria.

A TERRA ESTÁ SUPERPOVOADA?

Não se devem tirar conclusões apressadas destas estatísticas gerais sobre o limite de

povoamento do mundo ou mais exactamente sobre o optimum de densidade humana em tal ou tal região. Numas zonas muito povoadas podem alimentar muito mais habitantes do que actualmente. Por outro lado, há certas zonas desérticas que se encontram, desde já superpovoadas. A densidade aritmética é uma noção bem imperfeita e tem apenas um valor muito relativo. A densidade calculada por unidade da superfície cultivável dá uma ideia mais precisa do valor do povoamento. Mas para termos uma opinião exacta do número de seres humanos que o globo actualmente poderia alimentar seria preciso conhecermos em cada terra cultivável qual o máximo rendimento possível, no entanto estamos ainda longe de ter atingido para o planeta o ponto crítico que previa há um século o inglês Malthus. O leitor já alguma vez pensou que superfície seria necessária se os nossos senhores de amanhã — os habitantes de qualquer outro planeta decidissem reunir todos os seres humanos? A razão de quatro habitantes por metro quadrado, eles caberiam numa superfície de 550 quilómetros quadrados. Actualmente, uma densidade de 4 habitantes por metro quadrado só é atingida no bairro de Wall Street, na cidade de Nova Iorque, mas à noite cada um regressa a casa às vezes a mais de 100 quilómetros quadrados daí e a alimentação absorvida por esta população flutuante é produzida em sítios muito diversos e afastados. Na realidade ela tem necessidade, para viver, de grandes superfícies de cultura.

ARIANA

Apaixonado por Ariana havia seis meses eu guardava ciosamente este segredo. Nenhum dos meus amigos adivinhara qualquer coisa e Ariana estava longe de suspeitar o que se passava no meu coração. Não era esta a primeira vez que eu gostava de uma mulher, não era a primeira vez que tinha uma desilusão... Por isso, essa larga experiência aconselhava-me agora a ser prudente.

Duas vezes casada, duas vezes divorciada, Ariana não se mostrava desejosa de constituir novo lar. A maior parte dos homens que lhe agradavam e a quem ela agradava pensavam do mesmo modo. Mas eu não! Eu queria fazer dela a minha mulher embora soubesse que o futuro com Ariana não garantia a felicidade.

Assim, quando o jornal de que sou correspondente me transferiu para Roma fiquei satisfeitiíssimo. Tenho um verdadeiro horror pelo desperdício, mesmo quando esse desperdício o é apenas de sentimentos. Pouco romântico por natureza eu meditava na fórmula: longe dos olhos, longe do coração.

De início tudo se passou conforme o previsto. Deixara Paris em pleno Inverno, com um frio rigoroso e mal descí do comboio sob um sol mediterrâneo, senti-me liberto, cheio de alegria.

As minhas funções em Roma absorveram-me completamente. Conheci muita gente, distraía-me com facilidade.

Entretanto, para meu desgosto, Ariana fazia-me tanta falta, tanta falta que acabei por me aborrecer terrivelmente na cidade Eterna. Porque não lhe escrever?

Durante o tempo em que vivera em Paris nunca lhe escrevera. Quanto muito, numa ou outra viagem que fizera pela província, mandara-lhe um ou outro postal que ela oferecia sempre à filha da porteira.

Certa noite, impaciente por escrever, deixei muito cedo o restaurante *Il Fuoco* e fui para o meu hotel. A noite estava quente. Os mercadores ambulantes davam as suas últimas voltas, olhavam para mim na esperança de que eu lhes comprasse uma gravata ou uns botões de punho. Crianças descalças aproximavam-se de mim com maços de cigarros passados aos direitos. À esquina do meu hotel uma lampadazinha brilhava aos pés da madona.

Despi-me, tomei um banho e pus uma folha de papel na máquina de escrever. Diante dessa página branca senti-me menos seguro de mim mesmo; as frases que eu tinha preparado ao longo das ruas fugiam-me da memória e pareciam-me estúpidas.

Levantei e procurei na minha mala uma garrafa de gin e cigarros. Não consegui acender o isqueiro, tive de perder cinco minutos a procurar nos bolsos uma caixa de fósforos. Estendi-me na cama a ler o jornal.

Depois voltei a sentar-me em frente da

por Enzo Piccolo

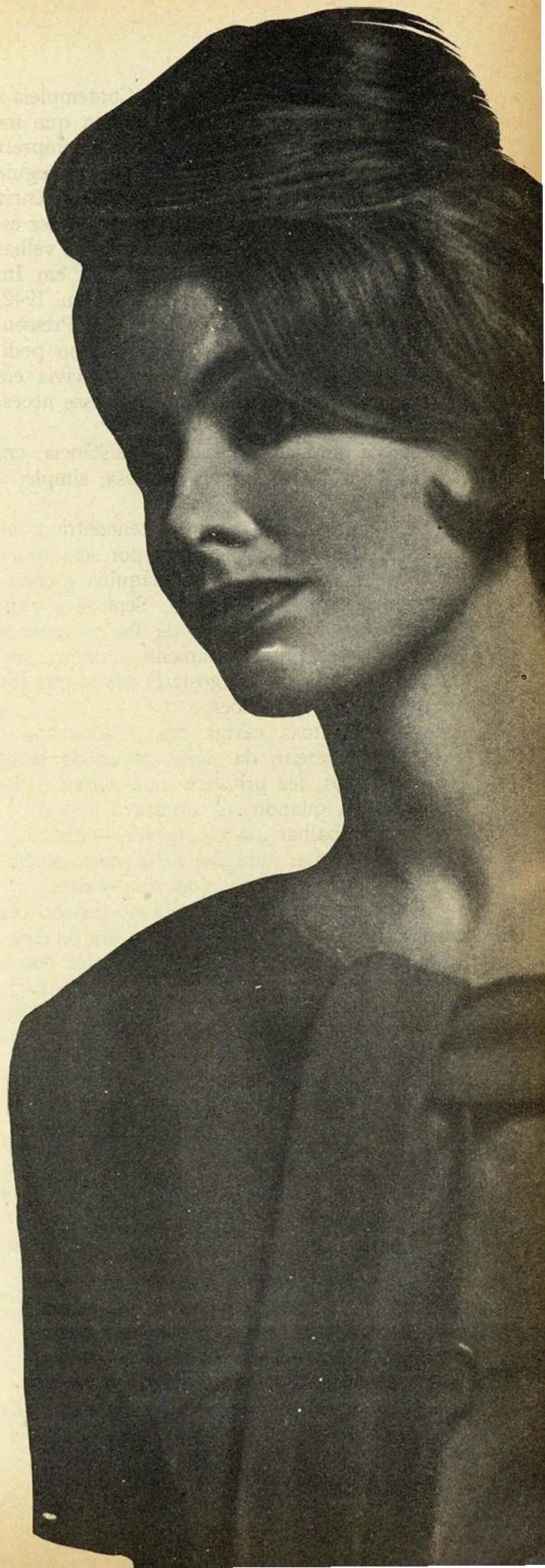
máquina. Era preferível não arriscar logo de início, uma declaração de amor. Era mesmo preferível não ser explícito, «ser um pouco vago». Enchi de novo o copo com gin e água da torneira.

De súbito lembrei-me duma sessão a que assistira no Parlamento italiano. Discutia-se uma proposta de lei que procurava estabelecer a igualdade no domínio das heranças, entre os filhos legítimos e ilegítimos. As discussões entre os cristãos-democratas e os socialistas haviam sido violentíssimas. Quase em dar por isso achei-me a descrever a sessão.

No fundo esquecera-me de que estava a escrever a Ariana, escrevia para mim mesmo, fazia uma reportagem, tomava melhor consciência das minhas próprias ideias. Quando acabei reli a carta e fui à varanda respirar o ar da noite. Não se ouvia o mais pequeno ruído. Um gato preto avançava cautelosamente ao longo dum telhado.

Então voltei à máquina e acrescentei algumas linhas: «Porque te escrevi uma tão longa carta, querida? Simplesmente porque gosto de ti. E é tudo. Se ela te aborrecer não falaremos mais nisso».

Era tardíssimo mas eu não tinha sono. Abri uma gaveta e no meio de papéis encontrei a fotografia de Ariana: Ariana com os seus olhos sombrios os seus braços delica-



dos, os seus cabelos sedosos... Contempleia-a longamente e imaginei o telegrama que me havia de mandar: «Amei-te desde sempre!»

Continuei a beber. E como não conseguia dormir resolvi pôr a minha correspondência em ordem. Entre as cartas por responder estava uma de Nicole. Uma das minhas velhas amigas. O irmão que eu conhecera em Inglaterra fora lançado em França em 1942, capturado pelos alemães e fuzilado. Pressentindo — quem sabe? — o seu destino pedi-me que procurasse a irmã que vivia em Paris e que a auxiliasse se ela tivesse necessidade disso.

Nicole também pertencia à resistência, era uma rapariga admirável, corajosa, simples e muito bela.

Enquanto vivi em Paris, encontrava-me com Nicole uma, duas vezes por semana.

Pus uma nova folha na máquina e comecei uma carta para Nicole. Sentia-me cansado, não tive paciência de lhe escrever o que se passara no Parlamento italiano, embora soubesse que ela gostaria muito que lhe narrasse tais discussões.

Meti as duas cartas nos sobrescritos e descí. O porteiro da noite, acordado pelos meus passos, fez primeiro uma careta e depois sorriu quando me encarava.

— A trabalhar até tão tarde? — disse.

Eu tomei o ar dum jornalista morto de trabalho e mostrei-lhe os dois sobrescritos.

Uma semana depois recebi no mesmo dia duas cartas de Paris. A primeira era de Ariana. O meu coração começou a bater duma forma desordenada. Ela sentia-se encantada por ter notícias minhas. Desejaria muito visitar a Itália, mas por agora não tinha tempo. Descobrira finalmente a pintura, sobretudo a pintura a fresco. Eu ainda não ouvira falar dum jovem e grande pintor cubano que ela acabara de conhecer e se chamava Pablo Iturbi? O resto da carta falava apenas de Iturbi e era evidente que, talentoso ou não, ele agradava muitíssimo a Ariana.

Precisarei de dizer que me senti desiludido?

A segunda carta era de Nicole. Desdobrei-a e li:

«Querido Russel:

Como explicar-te a alegria que senti ao ler a tua carta? Não fossem as tuas últimas linhas e eu não teria coragem de te falar nisso. É então verdade Russel? Porquê essa falta de confiança? Como poderia o teu amor aborrecer-me? Não sabes, nunca adivinhaste, que eu gosto de ti desde o primeiro dia em que te vi?»

Consternado não tive coragem de prosseguir a leitura. Os braços caíram-me ao longo do corpo, eu não compreendia como a minha carta pudera provocar em Nicole aquela reacção.

Tornei a pegar na carta de Ariana: Pablo para aqui, Pablo para acolá. De repente percebi: Tinha-me enganado nos sobrescritos...

O suor inundou-me a testa. Como poderia eu desfazer aquele equívoco? Reli de novo a carta, uma, duas vezes, e por fim acabei por sentir uma certa satisfação. Uma «certa» satisfação? Uma grande satisfação...

Abri as persianas e encostei-me à varanda, num terraço vizinho uma mulher tentava estender a roupa, sob a aragem quente do siroco. Um calor de fomalha obrigou-me a recuar. Fechei de novo a janela, descasquei uma laranja e comecei a sugá-la. Depois passei pelo sono. Durante quanto tempo? Algumas horas... Não... Dez minutos apenas.

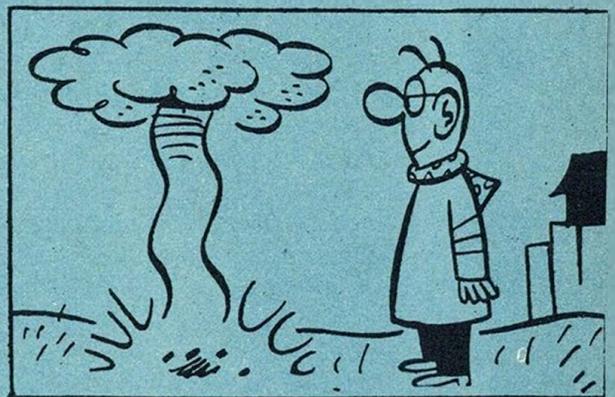
Sentei-me em frente da máquina de escrever e comecei: «Querida Nicole».

Dizer-lhe a verdade? Não, decerto. Resolvi manter-lhe a ilusão. Mas, à medida que ia «confirmando» a minha confissão, descobria um enorme prazer como se estivesse a escrever a verdade...

Depois de pôr a minha carta no correio fui isolar-me nos jardins da vila Borghese. Os castanheiros gigantes estavam em plena floração e o vento desencadeava uma chuva de pétalas brancas.

Estava uma tarde maravilhosa. Esqueci Ariana, esqueci Pablo. Sentia-me simultaneamente descansado e feliz. Pela primeira vez na minha vida o futuro parecia-me fácil, simples, digno de ser vivido.

fim



autópsia das profissões

1 - O MÉDICO

por Mário Ventura

— Quanto lhe devo, Sr. doutor?
Sem levantar os olhos da receita que preenchia, respondeu:

— A minha consulta são trinta escudos.

— Credo, Sr. doutor, tanto dinheiro!

Ele fitou-a sem compreender.

— Ontem não ganhei um tostão na venda, Sr. doutor. Pode crer que até tenho fome... Se o Sr. doutor me pudesse arranjar aí os remédios...

O médico arranjou os remédios, que não eram os mesmos mas talvez fizessem bem, e não levou nada pela consulta.

● Entra depois uma mulher pobremente vestida, com um miúdo ao colo.

— O miúdo está quase a morrer; porque não o trouxe cá há mais tempo?

— Julguei que passasse, Sr. doutor; nós somos muito pobres...

— Tem que levar muito soro!

— E é caro? — pergunta a mulher em voz chorosa.

O médico telefona para a farmácia e depois informa:

— Cinco escudos cada ampola.

E dá-lhe outros remédios. A mulher vai-se embora sem pagar a consulta; e como leva muitos remédios, que lhe deu o Sr. doutor, não compra o soro. O miúdo morre.

● A seguir, uma cigana, que logo de início afirma não ter um tostão. O médico reprime a tentação de a pôr na rua, examina-a conscienciosamente e manda-a embora com uma caixa de injecções que



fotos de E. Gageiro

não lhe hão-de fazer bem algum, em consequência do que se revoltará contra o doutor.

- A mãe, aflita, entra pelo consultório como um furacão, com a criança nos braços. Esta tem urticária. O médico prepara-se para lhe dar uma injeção na veia.

— Que horror, Sr. doutor, uma injeção na veia!

— Não posso fazer outra coisa, minha senhora.

— Se tem de ser...

O médico vai recomeçar a operação mas logo é interrompido.

— Não, Sr. doutor, isso não! Espicaçar a minha pobre filhinha é que não!

E sai pela porta fora com a criança nos braços.

Pela tarde adiante vão desfilando as mazelas humanas no consultório cinzento, mazelas que o médico tenta remediar, a princípio com devoção, depois com um automatismo indiferente, por fim quase com ódio.

OS MÉDICOS SUICIDAM-SE...

— Talvez lhe pareça estranho, mas, entre nós, a classe médica é das que oferecem mais suicídios à reflexão da sociedade.

Não me parece estranho mas não o digo ao meu interlocutor, um médico formado há oito anos e que tem agora trinta e quatro de idade. Exerce a clínica num bairro dos subúrbios onde predomina uma população operária, e presta, além disso, serviço num dos hospitais civis de Lisboa. Não pertence, de forma alguma, à minoria privilegiada de médicos que fazem trinta ou quarenta contos de honorários por mês, não atendem chamadas nocturnas ou, antes de o fazer, eluci-

dam que o preço da sua consulta são mil escudos.

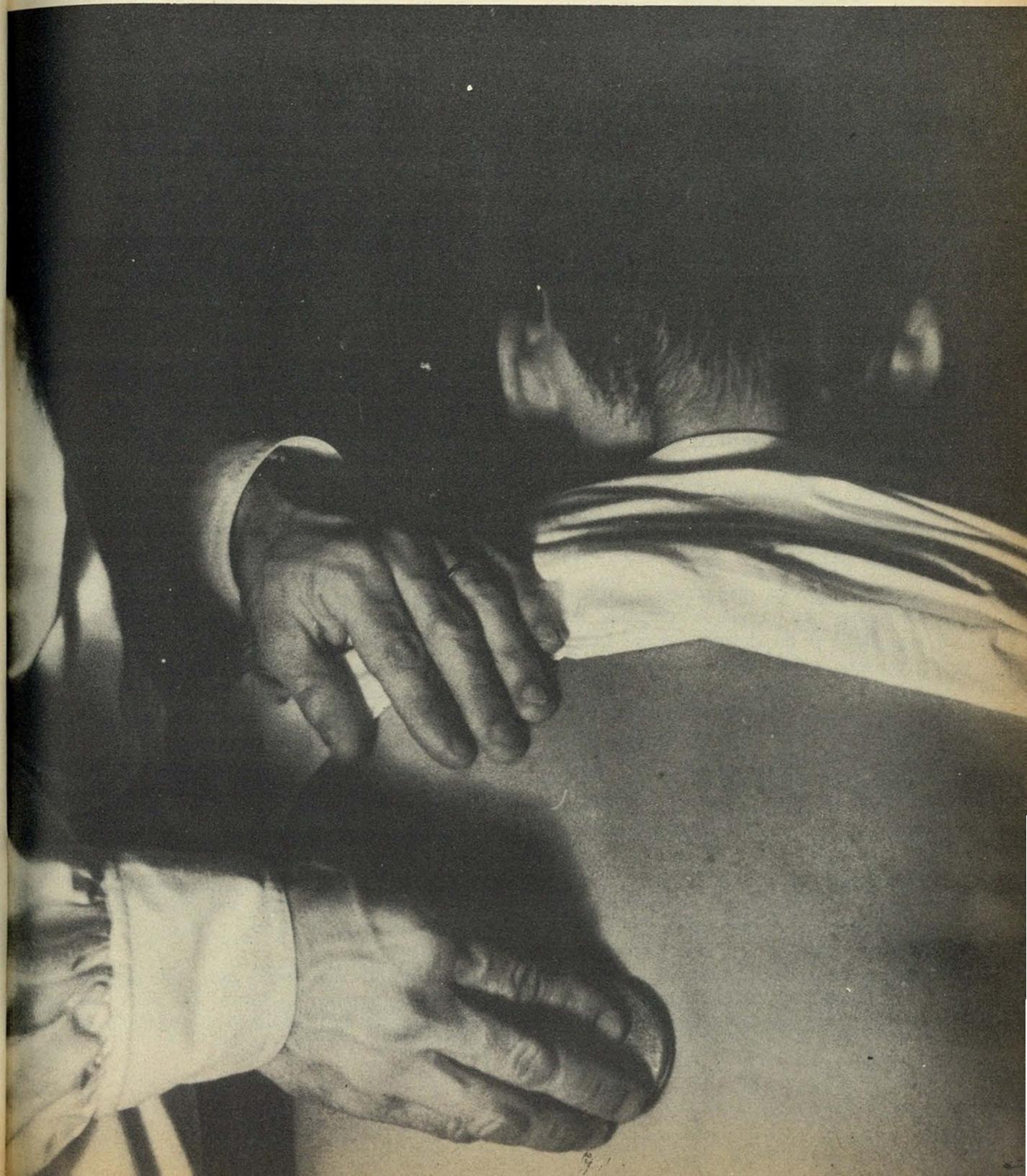
Como uma extensa maioria, trabalha ininterruptamente de dia e noite, em períodos que totalizam uma média de doze a catorze horas diárias, para auferir um vencimento mensal que oscila entre cinco e seis mil escudos. Tem um automóvel utilitário — comprado em segunda mão e a prestações —, sem o qual não poderia deslocar-se e atender chamadas urgentes. É-lhe indispensável, mas gasta com a sua manutenção quase um quarto do seu ordenado.

À distância de catorze anos, sente-se por vezes como se tivesse sido logrado, ao reflectir que a sua expectativa, no início do curso, em relação ao futuro exercício da medicina e à existência que este lhe proporcionaria, não correspondia nem por vislumbre à posterior realidade. A sua situação presente tem duas coordenadas: queda espiritual e estagnação material — mas compreende que muitos colegas, em circunstâncias ainda piores, o possam invejar.

A CLÍNICA EM FUNÇÃO DOS INTERESSES DO MÉDICO

A sua existência no momento presente pode definir-se da seguinte forma: uma luta entre a paixão — que não decresce — pelo exercício da medicina tal como o idealizou, e a frustração de todas as suas ambições — luta provocada pela circunstância de um trabalho forçado impossível de realizar com honra para ambas as partes: médico e doente.

Um deles fica sempre a perder. A necessidade de ganhar a vida, dependente do número de doentes observados, obriga o médico a não desprezar uma única consulta, até cair no hábito da clínica em função dos seus interesses pessoais e não dos do doente. A média X de doentes por mês corresponde a um vencimento Y. Não é humanamente



possível fazer mais consultas e, se a média alcançada diminuir, a quantia de que necessita para suprir todas as exigências da sua vida também será inferior.

Alvaro C., um exemplo típico, colhido entre centenas, dos factos expostos, diz-me do procedimento do médico em relação ao doente:

— O interesse do clínico pelos seus doentes não decresce, é certo; mas a verdade é que se sofre como que um desencanto perante a impossibilidade de actuar nas condições que se idealizaram. Não existe o prazer que se desejaria encontrar, e a clínica transforma-se numa massada que impacienta e satura.

Um drama pessoal origina sempre, porém, no próprio íntimo, uma reacção que é simultaneamente de revolta e esperança. Assim o provam as palavras seguintes:

— No meu caso, as coisas não se passam exactamente desta forma, pois sou um pouco orgulhoso do meu nome. Outros, porém, deixam que a clínica se transforme numa actividade rotineira. Por outro lado, há como que um constante balanço entre o que é e o que devia ser, criando-se assim um interesse crítico que, com frequência, gera o espírito de luta no sentido de pôr as coisas no devido lugar.

Mas será assim na realidade? Ou representam estas palavras somente uma reacção do íntimo que sempre se recusa a considerar-se vencido? Vejamos...

Alvaro C. afirma que trinta por cento dos seus doentes não pagam as consultas. Alia-se a este facto o do drama pessoal que cada um reflecte, conscienciosamente narrado ao clínico para justificar a falta de pagamento. Não lhe passa, evidentemente, pelo espírito, a ideia de lhes recusar assistência. Se o fizesse, a sua fama de falta de humanidade espalhar-se-ia rapidamente no pequeno meio onde vive, e os outros, os que pagam, procurariam outro médico, chocados com a atitude.

No entanto, esta «assistência desinteressada» tem aspectos negativos. O doente que recebe uma consulta gratuita e remédios, queixa-se depois do médico porque não se sentiu melhor. Esquece-se de que ele próprio declarou que não podia adquirir os melhores (e mais caros) medicamentos...

Outros indivíduos, deformados em extremo pelas condições de miséria em que sempre viveram, desejam apenas saber se a sua doença é ou não mortal e, no segundo caso, desprezam qualquer espécie de tratamento.

Alguns, ainda, vivendo em circunstâncias extremamente difíceis, têm consciência do seu mal e do que é preciso fazer para debelar. Mas não possuem quaisquer recursos... «O sofrimento desses seres é digno de respeito».

«PENSO NOS LUGARES RENDOSOS QUE CONSEGUIREI...»

Pode o médico, porventura, perante os problemas que a sua clínica diariamente lhe cria, manter intacto, no meio de uma progressiva estagnação a ruína espiritual, manter intacto o amor pela profissão e o altruísmo que ela exige, de que estava animado no início da sua carreira? Não se tornará um pouco mercenário?

— Eu nunca actuo por instinto mercenário. Perante os meus doentes tenho sempre a intenção, não de me fazer pagar, mas de conseguir a recompensa com a cura do enfermo. As minhas preocupações quanto a remuneração, resumem-se em auferir diariamente a quantia necessária à minha existência... Sou até capaz de cobrar o preço da consulta a um doente a quem decidira examinar gratuitamente. Mas, como aquele dinheiro me é indispensável, sou forçado a fazê-lo. Em relação ao futuro procedo de uma forma optimista: penso nos lugares rendosos que conseguirei, nos recursos que o acaso poderá proporcionar-me. Para o presente, tenho um bom seguro de vida, solução de todas as emergências...

E num desabafo que contraria, afinal, o optimismo das primeiras frases:

— Mas a garantia do futuro, tanto do médico como da sua família, está sempre presente, e infelizmente, no exercício da medicina. E a verdade é que a esperança, que tem de se tornar activa, em maiores proventos, me causa uma angústia progressiva, pela impossibilidade cada vez maior de me dedicar, de viver inteiramente a minha profissão.

O indivíduo alanceado por preocupações e incertezas quanto ao futuro dos seus, não pode cumprir em absoluto no exercício de

uma profissão que exige doses ilimitadas de paciência e devoção.

— A melhor recompensa seria o equilíbrio da minha vida financeira sem ter de atrair o espírito e o cumprimento da profissão, sem ter de ver doentes em função das minhas necessidades pessoais, mas sim, dos verdadeiros objectivos da medicina.

Mas o que acontece? Depois de passar fora do consultório um escasso fim de semana roubado aos doentes, esquecido de tudo o que se relaciona com a medicina, sempre que regressa o recomeço é cada vez mais doloroso, sentindo mais o peso atroz de tudo o que deixou em suspenso. A pouco e pouco, o que foi ou podia ter sido um prazer, transforma-se numa tortura.

O cansaço diário, que não pára de acumular-se, não é só a consequência do esforço físico dispendido em doze horas de trabalho. Provém, sobretudo, de mil e um problemas relacionados com os doentes que só o médico pode resolver.

Além da incerteza sobre o proveito das terapêuticas, que não são as mais indicadas mas somente as menos caras, há os casos mal esclarecidos, perante os quais o clínico quase desempenha o papel de adivinho ou, pelo menos, de médico de há cinquenta anos.

Vejamos o exemplo de um determinado dia: vinte e dois doentes examinados, número muito superior ao normal, se se atender a que a consulta é de clínica geral, tendo o médico, portanto, de partir da base.

Diga-se, no entanto, que daqueles vinte e dois doentes só treze pagaram a sua consulta; os restantes foram examinados gratuitamente.

Para manter o discernimento clínico, a partir de metade daquele número, o médico tem de obrigar-se a um enorme desgaste físico e mental. Não pode furtar-se à quantidade indicada, porque dela depende a média mensal do seu vencimento; e para obter esta tem de examinar gratuitamente nove doentes.

E surgem os complexos, surge uma angústia fina e penetrante: se se têm muitos clientes cai-se na impossibilidade de acertar, se se têm poucos teme-se o dia seguinte.

Alvaro C. aproxima-se mais da sua sinceridade quando afirma:

— Não se cai propriamente no desinteresse pelo doente mas, a partir de uma certa al-

tura, fica-se no semi-diagnóstico, e o médico lava as suas mãos, mandando-o para um hospital ou qualquer outro lado. Mas nem sempre é assim...

Sim, nem sempre procede dessa forma. A maior parte dos seus doentes não têm poses que lhes permitam faltar ao trabalho um dia sequer, ou pagar as senhas hospitalares. Transforma-se então o médico em informador: «tire um atestado... o seu patrão tem de assinar... e também o médico municipal... tem de ir à Câmara... — não se canse, devia estar deitado — e depois venha cá».

Mas, depois, no hospital, marca os dias das consultas, análises e radiografias aos doentes, procura arranjar-lhes cama, paga as senhas e informa-se dos dias em que terão de comparecer.

Toda uma actividade social que não cabe ao médico, e o perturba e desvia da sua profissão.

MÉDICO: REPARTIÇÃO COM «GUICHET» SEMPRE ABERTO...

A meio do seu curso previu a situação actual. Mas já então era tarde para voltar atrás, e a força da sua juventude transmitia-lhe uma estranha esperança: a de que conseguiria, só ele, modificar esse estado de coisas. Mais tarde, porém, resignou-se ao pensar que todas as profissões intelectuais no nosso país sofrem uma crise semelhante; o problema não é só da medicina.

Mas, mesmo assim, ainda agora, decorridos os anos e assimilada a indiferença, o choque sofrido quando se depara com a realidade quotidiana, é muitas vezes incomportável e destrói o indivíduo quase por completo. Daí, a abundância de suicídios que se verifica entre os elementos da classe.

Na maior parte dos casos dá-se uma lenta adaptação, com prejuízo de todos os sonhos, esperanças e ilusões, embora não sem luta, sofrimento e angústia. Durante anos, ainda, não se perde a ocasião de afirmar a intenção de se manter fiel ao «como deve ser». Contudo, no isolamento da intimidade, reconhece-se o fracasso de todas as intenções pela impossibilidade de as concretizar.

— A minha profissão — diz Alvaro C. — nas condições em que eu e muitos colegas

meus a exercemos, não permite que o indivíduo estabeleça planos para se realizar seja no que for. No que diz respeito a projectos de qualquer espécie, que nunca se realizam, o meu trabalho é de molde a fazer-me desesperar. Tenho de adiar todos os dias qualquer coisa para o dia seguinte. Há muito que deixei de ler seja o que for. Ao fim de alguns meses apercebo-me, de repente, que continua em suspenso tudo o que já devia ter sido realizado. Não há tempo para estudar, embora a profissão não dispense o estudo. A especialidade, que é a ambição de qualquer médico, passa a ser uma hipótese remota...

E conclui:

— Com que amor eu me dedicaria à clínica, se tivesse um ordenado assegurado e dispusesse de tempo para estudar, e para apreciar devidamente os casos que se me deparam...

No fundo nutre a esperança — perder-se-á alguma vez a esperança? — de realizar uma pequena parte daquilo que ambicionava: tirar uma especialidade, consolidar a técnica (ou a arte) do diagnóstico, realizar-se como homem do seu tempo, no que isto significa de conhecimento e compreensão de uma época.

Mas não deixa de sentir que está a perder tempo, até quando dá largas à esperança. E agora, que passou os trinta anos e se aproxima velozmente dos quarenta, aquela forma de encarar os factos deixa de ter validade.

Relativamente a determinadas ideias, atrasou-se de tal forma que, agora, só conseguiria actualizar-se se não fizesse mais nada. E o indivíduo está preso a uma série de compromissos a que não pode fugir: a obrigação deontológica, a família e, até, o hábito em que se deixou cair e amodorrou. Apesar do embotamento da sensibilidade e da tortura do espírito, o médico continua a sentir, na

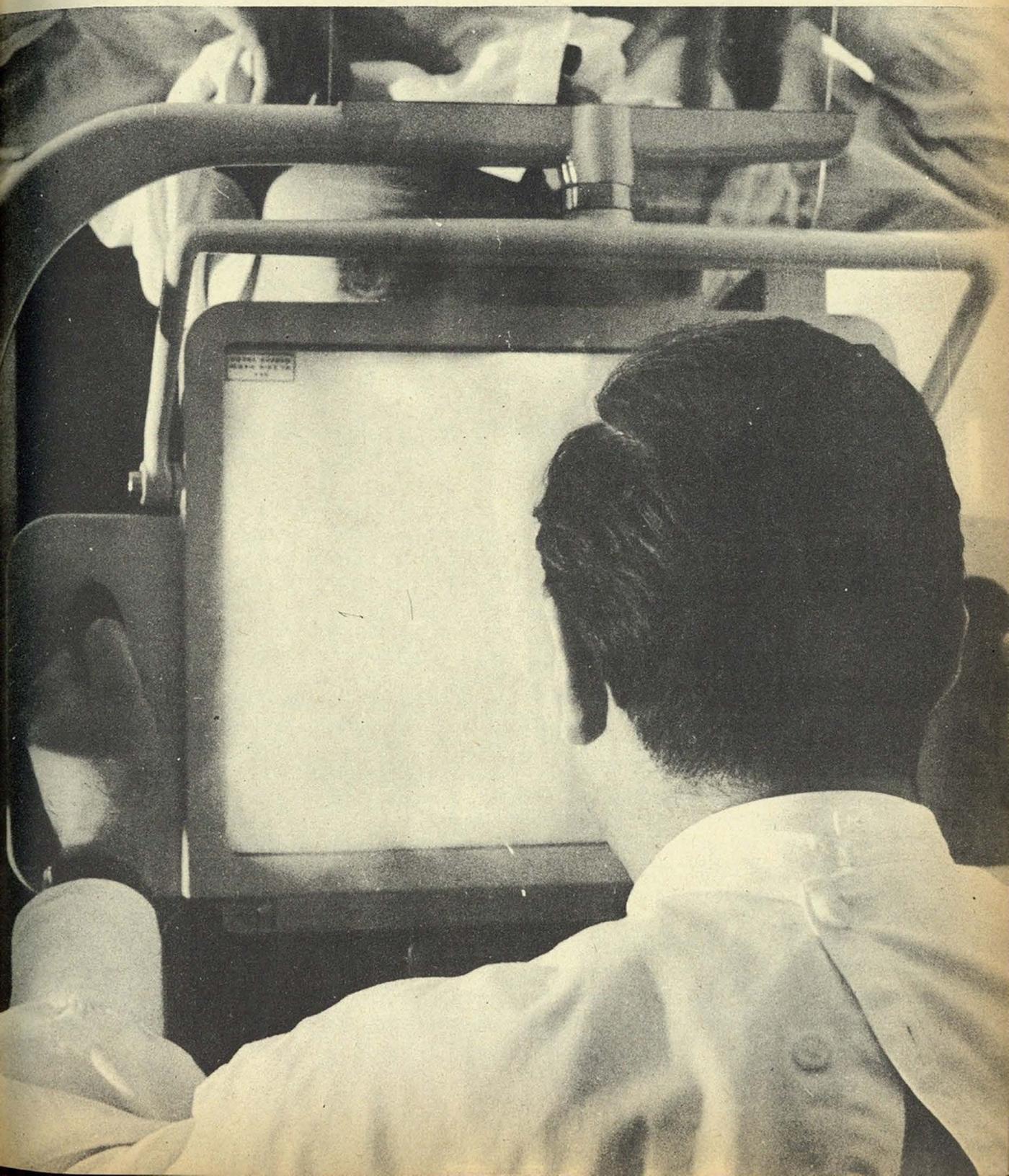
maior parte dos casos, a sua profissão e a obrigação de cumprir, embora com o sacrifício de si próprio.

O médico está constantemente em sobresalto, numa excitação nervosa que só dificilmente domina. Álvaro C. compara o seu consultório a uma repartição pública em que o «guichet» estivesse permanentemente aberto. «Como posso, assim, estudar, manter-me a par do constante avanço da medicina?».

Mesmo nas escassas horas vagas o estudo não pode ser henéfico, pois a atenção desvia-se sempre que o telefone retine. «Eu sei que podia sair de casa e ir para qualquer local distante e isolado; mas nunca conseguiria evitar a perseguição, traduzida na imagem de um doente esperando no consultório ou do telefone a tocar de meia em meia hora...».

E que dizer dos momentos de distracção cuja necessidade o organismo sente cada vez com maior acuidade? O médico, cansado e apreensivo, possuído de revolta, é progressivamente impellido para o «relax», para o esquecimento absoluto nos escassos momentos de lazer. Passa a preferir estes à realização das coisas importantes que exigem ponderação, e que vai protelando eternamente. Mas fá-lo com remorsos, por «não ter a coragem» de desprezar os divertimentos — que actuam como lenitivo — e aproveitar devidamente os breves intervalos.

— Como é no meio deste caos que tenho de passar a minha existência, sou forçado a chegar a uma conclusão: a vida tem de ser esta, e é nela que tenho de me realizar, se é que o conseguirei alguma vez. Em consequência: o médico tem ideais que não se realizam, contrariados pelas circunstâncias da vida, que garantem, no entanto, a subsistência diária. É, afinal, um problema de escolha, se é que o indivíduo ainda pode escolher...



A MULHER PODE SER UM DOS POUCOS LENITIVOS

Alvaro C. é casado e tem dois filhos. Mas a verdade, e bastante consequente, é que a família não ocupa papel de relevo na sua vida.

A actividade profissional obriga-o à impossibilidade de horários e, em resultado, à anarquia de uma vida irregular. A existência no lar, amena e acolhedora, praticamente não existe. O médico não pode ser só um técnico, pois tem de viver a sua profissão. Condena-se, por isso, a uma distribuição de afectividade com prejuízo, frequentemente, da família.

— Não existe um contacto permanente com a família e perde-se, assim, o que há de mais agradável e encantador na vida do homem: os filhos, os pormenores do seu crescimento...

Em relação à companheira, com quem não mantém a comunhão de ideias e sentimentos que devia verificar-se, o médico não só não lhe pode dispensar o amparo ou o carinho de que ela necessita, como muitas vezes a torna alvo da sua ira e impaciência. A mulher que possua verdadeira compreensão da vida do marido, transforma-se num dos poucos lenitivos que ao médico ainda é dado usufruir.

«ASPIRO!...»

Como profissional honesto e consciente, Alvaro C. alimenta a esperança de que se consigam algum dia modificar as condições em que os médicos trabalham. Será ainda na sua juventude que velozmente desaparece? Será ao menos na época em que vive?

Procura, no entanto, convencer-se de que não é remota a hipótese de uma modificação radical no exercício da medicina. A última parte do seu depoimento é quase um apelo, vibrante, um apelo dirigido a ninguém, que não é possível ignorar ou menosprezar.

— Aspiro, como qualquer profissional, a ter as minhas horas certas de trabalho, que me permitam a remuneração suficiente para viver uma vida compatível e digna; e que

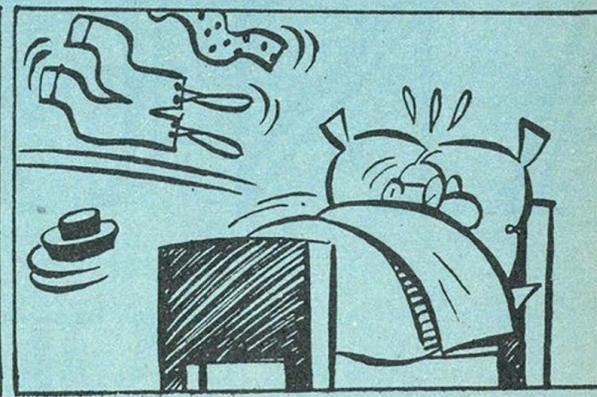
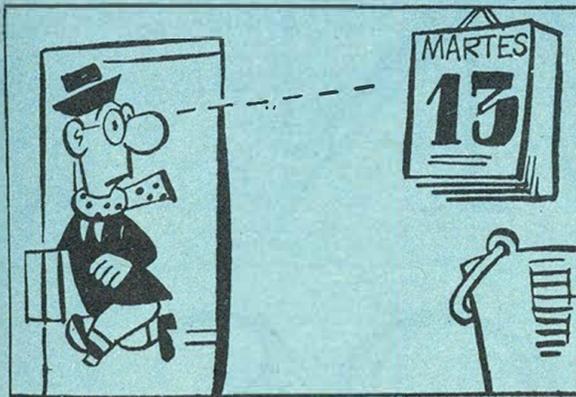
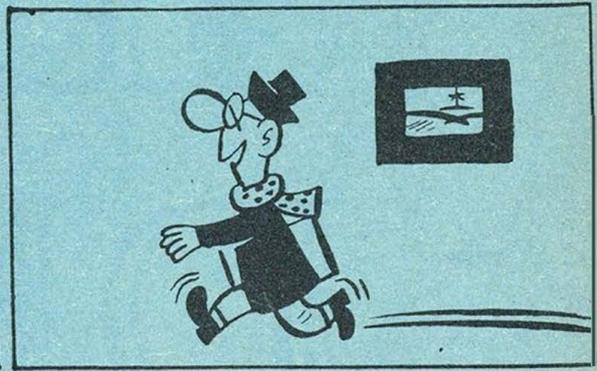
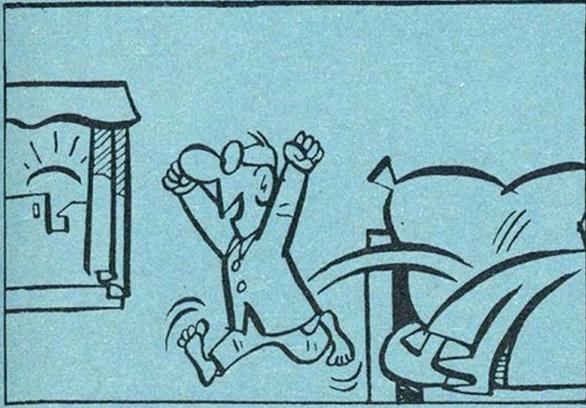
me restem horas para aliar o produto do estudo ao da prática clínica. Pela evolução própria das sociedades tudo tem de ser organizado. À medida que a sociedade se complica tecnicamente, exigem-se cada vez mais planos conjuntos e não iniciativas isoladas. A medicina, precisamente pela complexidade a que chegou, exige hoje, em face do doente, uma quantidade enorme de exames complementares, extremamente caros, que necessitam do concurso de pessoas por vezes altamente especializadas. Afasta-se, por isso, da ideia inicial, quase romântica, do médico personalidade isolada, criando unicamente por méritos próprios a sua clínica, para se aproximar da técnica extremamente complicada, a exercer em centros onde as últimas aquisições possam ser postas ao serviço de todo um povo, orientadas por homens à altura, centros a que a população terá de recorrer para usufruir dos mais modernos requisitos. O médico, como personalidade isolada, e o doente que se dá ao luxo de escolher o seu clínico, não têm sentido no nosso tempo. O direito à vida no combate à doença, é hoje um direito sagrado, que só pode ser garantido através de uma medicina organizada.

Alvaro C. exemplifica depois com o que, porventura, se terá já feito nesse capítulo:

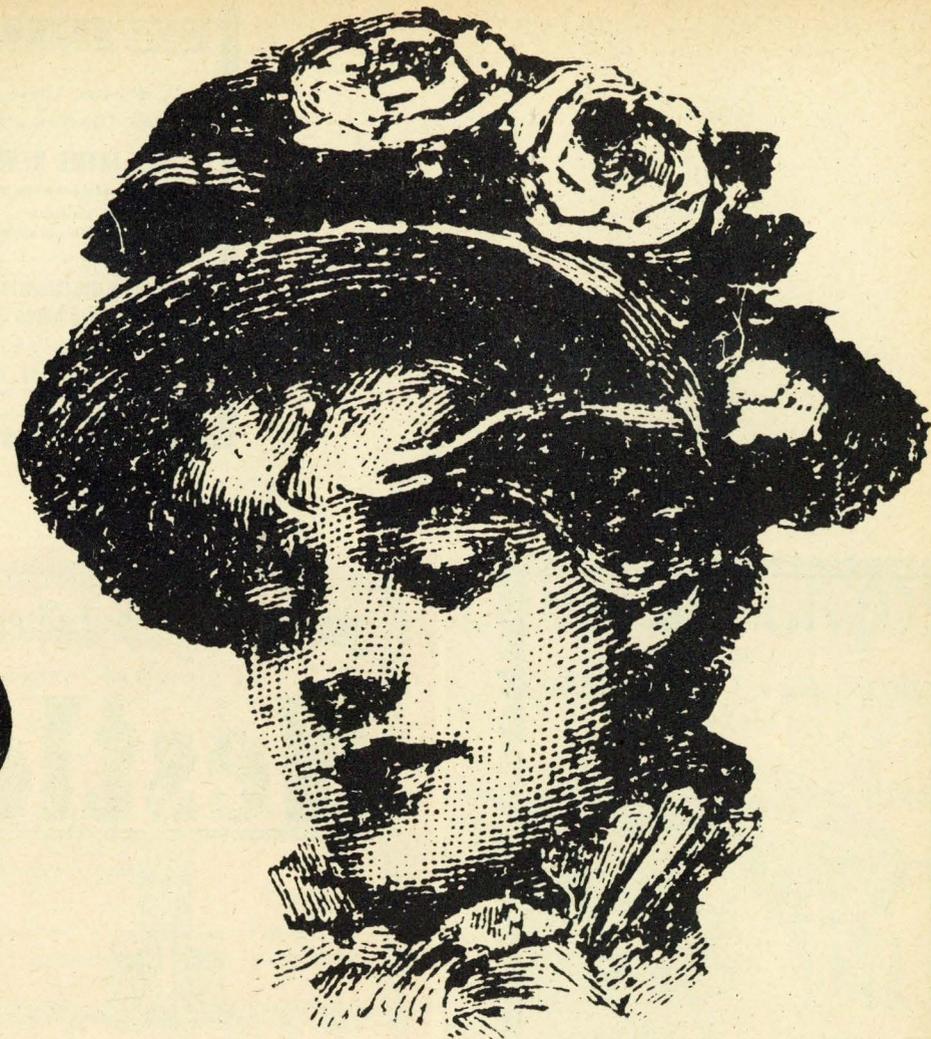
— As caixas de previdência constituem uma organização semi-socializada, mas os médicos que nelas trabalham recebem ordenados incompatíveis com a sua dignidade. O doente, embora saiba que é mal assistido, vai ali primeiro mas, em muitos casos, consulta depois um médico particular. Para chegar a conclusões, este último precisa de radiografias e análises que, na Caixa, já lhe mandaram fazer. Como o doente não pode pagar, o clínico encaminha-o para um hospital, onde torna a fazer todos os exames. Processa-se assim, uma duplicidade, mais frequente do que se pensa, que prejudica a economia nacional.

E como num desabafo, em que o pessimismo predomina, conclui:

— Evidentemente que tal modificação implicaria, em primeiro lugar, uma mudança de mentalidade, tanto de doentes como de médicos. Como esperar modificações num povo cuja reacção a tudo o que é novo é sempre contrária e violenta?



SECCÃO DE ANÚN CIOS



A Publicidade seguiu o gosto dos tempos. Existente sob formas mais ou menos inexpressas, desde que se compra e vende, começou a tornar-se uma actividade profissional com normas técnicas próprias nos Estados Unidos no decorrer do século passado.

A partir de então proliferou acompanhando a competição económica das firmas e das nações. parte activa na propaganda política e religiosa, dos governos e das igrejas. Especializou-se, dividiu-se em múltiplos departamentos, chamou a atenção dos psicó-

DOENÇAS

DAS

SENHORAS

Partos, Utero,
Ovarios, Urethra e Bexiga

DR. JAYME NEVES

Da Faculdade de Paris

Ex-assistente
de clinica de mulheres do HOTEL DIEU

Consultas e tratamento
das 2 ás 5 horas da tarde

Rua Nova do Almada, 11, 2.º

LISBOA

Casa do Povo d'Alcantara

J. O. MIGUENS

137, 139 — Rua do Livramento — 141, 143

LISBOA



Um dos melhores e mais bem sortidos estabelecimentos de Lisboa
e o que vende mais barato

Secções de

Franqueio, modas, mercador, retrapeiro,
perfumaria e luvaria

Officinas de

ALFAIATERIA E CAMISARIA

PREÇO FIXO



Farinha Lactea

Nestlé



Alimento completo
para crianças de tenra idade
Convalescentes e pessoas edosas

Contem o leite puro
das
vacas suissas



logos, dos sociólogos e dos homens de estado. Desde o anónimo locutor do pequeno posto de rádio que anuncia a última marca de graxa para sapatos ao Dr. Goebbels, desde o folheto a dizer o que vai no teatro à colecção «Petite Planète» para uso dos turistas, desde o senhor desenhado à pena que se coça a um

Anúncios reproduzidos do almanaque «Bertrand» para o ano de 1904.

Casa Portuguesa

Papelaria e Typographia

JOSÉ NUNES DOS SANTOS
SUCCESSOR DE MANOEL SILVA

PAPELARIA

Grande sortimento de papeis nacionaes e estrangeiros, objectos para desenho e todos os artigos precisos nas escolas

TYPOGRAPHIA

Trabalhos typographicos em todos os generos.
Impressões a côres, oiro, prata e sobre setim.

Papelaria — Rua de S. Roque, 139 e 141 — Officina Typographica — R. das Gaveas, 89

N.º telephonico 220 — Endereço telegraphico — PAPELTYPO
LISBOA

LUVARIA GATOS

D. ROCHA & S.^{ca}

ENDERELO
FABRICO DE LUVAS
GATOS
JOVIN

Gravatas

Grande variedade

EM

Modelos diferentes

LUVAS

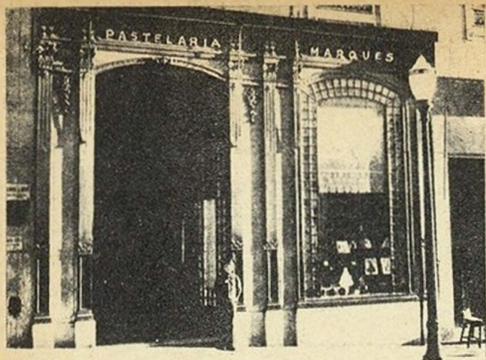
bello sortimento quer em pellica glacè, quer em pellica sueca, tanto á franceza como á ingleza e bem assim em malha de seda e escocia.

268 RUA DO OURO 270
LISBOA

PREÇOS RESUMIDOS

canto da página de anúncios, ao retrato a óleo na primeira página de um Chefe de Estado—tudo é, mais ou menos, publicidade, tudo nela aprendeu.

Pelos anúncios antigos dos jornais e revistas (e pelos modernos) é-nos dada uma época e uma sociedade: as suas necessidades, o seu nível de vida, o seu grau de



PASTELARIA MARQUES
 70, CHIADO, 72
 Telefone a 3362

Modernizada, confortável e frequentada pela mais selecta aristocracia

Serviço diario de almoços e Five-o-Clock-Tea

Fornece banquetes, soirées e lanches para casamento — em Lisboa e na provincia

Esmerado fabrico de todos os seus productos, EM ESPECIAL, FRUTAS

ESPARTILHOS E CINTAS
 MARCA
“POMPADOUR”

OS MELHORES
 OS MAIS RESISTENTES
 E OS MAIS ELEGANTES

Casas de venda:
LISBOA
A Pompadour
 28, CHIADO, 30

PORTO
 Armazens da Capela
 70, Rua das Carmelitas, 76

EMONEURA
 MEDICAMENTO - ALIMENTO

Tonico-Reconstituinte da maior efficácia em todos os casos de fraqueza do organismo

Usado SEMPRE com o melhor êxito e recomendado por todos os médicos.

De resultados seguros na Tuberculose, neurastenia, suores nocturnos, palidez, nas convalescenças, e em todos os casos em que haja fraqueza geral

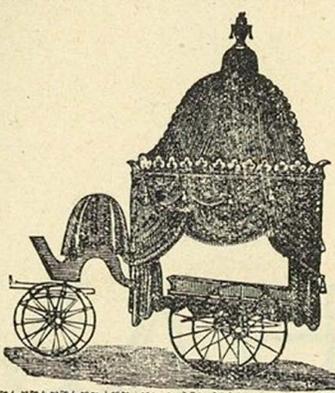
PREÇO 12\$50

DEPOSITO GERAL:
MANUEL J. TEIXEIRA
 115, RUA DO POÇO DOS NEGROS, 117
L I S B O A

Anúncios reproduzidos do almanaque «O Século» para 1932.

progresso técnico, o seu gosto. Mais do que romances e novelas mais que os grandes acontecimentos políticos que a história vai fazendo em pó, as páginas de anúncios são testemunhos vivos, espontâneos, feitos sem a preocupação de impressionar os vindouros e por isso mesmo mais genuínos.

NINGUEM FIQUE SEM RETRATO
 Única casa que faz retratos em tamanho natural a réis 45000. Trabalho garantido, perfeito e barato. N'este atelier executam-se os seguintes processos photographicos, com a maxima perfeição para os quizes tem artistas competentes. Retratos em papel Eastman, retratos em papel Charbon (processo carvão), retratos em papel albuminado, retratos a óleo, retratos a aguarella, retratos a crayon, retratos em miniatura.
 N. B. — Todos os trabalhos são executados n'este atelier.
PHOTOGRAPHIA BASTOS - 19, C. do Duque, 25
 (Lado esquerdo indo do Rocio)



ANTIGA AGENCIA DE FUNERAES
 DE **Jose Bernardino de Almeida**
 Encarrega-se de funeraes tanto em carros modernos como antigos e pretos (systema francez.). Carrretas de colunas em preto por preços muito razoaveis, variedade em urnas demogno polido. **RUA DO LIMOEIRO, 19**
 Largo de Santa Luzia, 1 a 4. **Lisboa**



ARMAZEM DE VINHOS
 De **C. C. Roiz Villarinho**
 16 - Rua de S. Pedro - 16
 Vinhos de Collares, Bucellas, Torres, Charneca, Porto, Moscatel, Cavellos, Madeira, cognac, etc.
 — Preços sem competencia —

Anúncio reproduzido do almanaque «O Encanto» para o ano de 1897.

SIFILIS

artrítismo, doenças das senhoras, de pele e nervosas: reumalimento, obesidade e gota.

TRATAMENTO FISIOTERÁPICO ESPECIAL

Sem medicação quimica.

Consultório Fisioterápico
 R. C. João Gonçalves, 20, (Intendente)

Nas páginas que se seguem apresentamos alguns exemplos tirados de publicações portuguesas já antigas. Algumas das firmas e produtos existem ainda, outras desapareceram levadas na competição económica. Todos porém conservam, cremos, um particular sabor. Por isso os publicamos aqui.

ABRAHAM LINCOLN

Numa época em que as democracias se debatem recorda-se amargamente o destino do pai da democracia moderna:

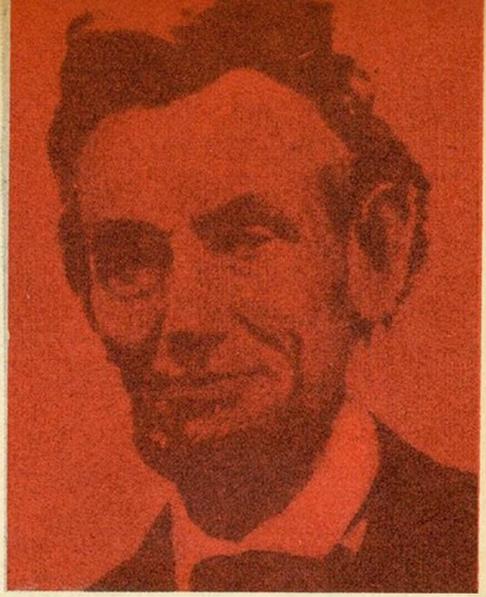
Como muitos dias históricos o 14 de Abril de 1865 teve um começo sem história. Cedo, logo de manhã, uma multidão de jovens oficiais (alguns deles apoiando-se alegremente em bengalas ou muletas) de senhoras elegantes, de cavalheiros em vistosas sobrecasacas foi-se dirigindo à bilheteira do teatro Ford, cuja arquitectura neo-clássica dava uma nota bem característica à 10.^a rua, reflectindo-se na água das valetas. As despesas da guerra da secessão tinham impedido Washington de se oferecer passeios para as ruas. Agora que a guerra acabara na claridade pálida da primavera e no incêndio das últimas cidades do Sul, recomeçara-se a viver na rua e a morrer na cama. Desmobilizada pelos jornais, a Fatalidade voltava aos cartazes dos teatros. E se toda a gente desejasse ter visto «O primo da América» de que se dava «irrevogavelmente» a última representação, era primeiro que tudo porque cada bilhete, das poltronas ao terceiro balcão constituía um passaporte para o post-guerra. O «cancan» começava a substituir os boatos.

— Sabe porque é que o nome de Booth não está no cartaz? dizia um **capeline** florida. Uma das suas queridas ia-o apunhalando nos bastidores ontem à noite. Viram-no fugir num cavalo preto...

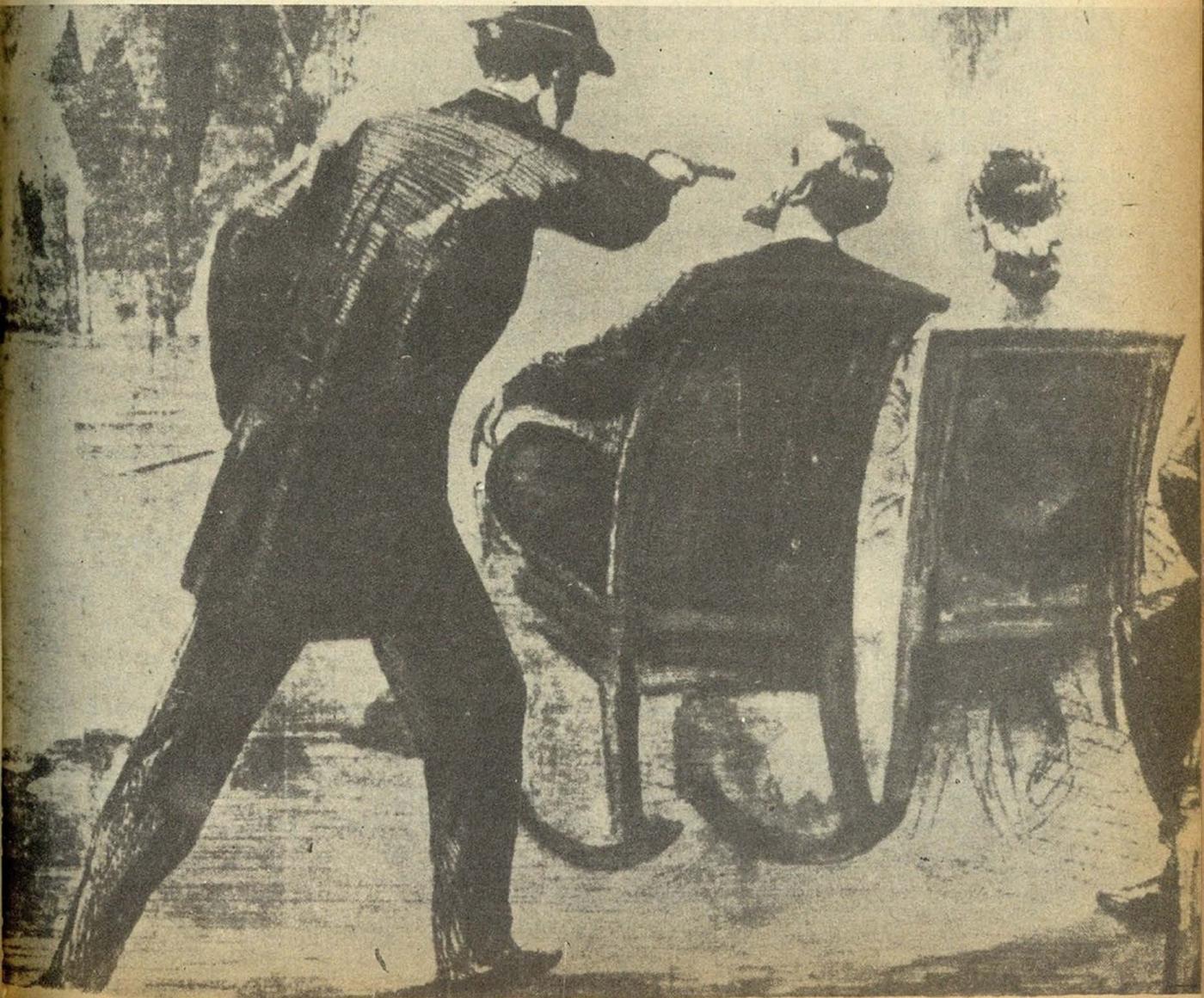
Se a espirituosa menina tivesse tido a ideia de levantar os olhos teria visto o seu herói: de pé, ao sol da manhã, em frente da grande janela aberta do escritório do director do teatro, Booth via a América agitar-se a seus pés. Queixo alto, perna esticada parecia viver o seu retrato em pé. Era um grande. Tinham acabado de lho dizer; escreviam-lhe nesse sentido.

«Um grande actor, sim; quase tão grande como o Grande Booth seu pai» diziam as pessoas. A verdade é que, através de tantas comédias com êxito, o filho do grande Booth conhecera apenas um drama: era um apelido, nunca seria um nome próprio. Bem podiam as raparigas matar-se pelos seus vinte seis anos, os seus coletes de veludo e o seu bigode lustroso; ficaria sempre: o «Senhor Quasi».

Por detraz da secretária preta, Henry Clay Ford, o director do teatro observava o rosto sombrio do seu visitante. Nesse dia, Booth



um tiro na nuca



nem sequer abrira a sua correspondência. Tinha feito um leque com as cartas e passava-o distraidamente pelas faces. É que, nesse dia, o Sul tinha sido esmagado, Lincoln era o vencedor. Para este elegante filho do Sul, a vitória do Norte era a vitória dos maltrapilhos. Sobretudo desse enorme camponês sem maneiras chamado Lincoln, incarnação tudo quanto detestava. Um dia, na solidão da sua alma orgulhosa, Booth fizera um juramento: fosse qual fosse a sorte da guerra, seria o justiceiro do Sul.

E, agora, chegara o momento. Dentro de poucos dias, de poucas horas talvez ia virar as costas a toda essa glória de poeira e cartão, por um outro teatro, enfim à sua escala: o da História. Um gesto apenas da sua mão, mudaria o destino de uma guerra, de um povo. E ia ele, o actor maior e mais desconhecido do momento, abater o homem mais célebre e mais detestado do século. Ia matar Lincoln.

No primeiro andar da Casa Branca, a família Lincoln acabava o seu pequeno almoço. Tinham dado as nove e o café estava ainda nas chávenas. O Presidente não fora tão matinal como de costume. Estava sentado à ponta da mesa, com o tronco enorme encostado a uma cadeira alta, e sentia-se que fazia um esforço para não deixar a fadiga vergar-lhe os ombros nervosos. Mas a barba mal cuidada que lhe cobria o rosto pálido não conseguia esconder um sorriso distante e cansado que lhe aflorava aos cantos dos lábios espessos. Ao beber o último gole de café, a mão de Lincoln tremeu. Bem rude mão, todavia, que segurara o machado, apoiara a rabiça da charrua, e manejara a Winchester durante quase meio século através das ravinas de Kentucky os navios de Inland e as planícies do Illinois. Todavia,

onde se viam os grandes carros das caravanas, modelar sobre as rodas de madeira a miséria e a esperança dos pioneiros na poeira amarela das pistas do Oeste, ela lá estava sólida e generosa. Um dia, esta mão formidável, empolgara a história.

10 HORAS. «O PRESIDENTE ASSISTIRA À REPRESENTAÇÃO»

E agora que a história se dobrava, uma chávena de chá era suficiente... Nada escapava à presidente que ocupava a outra frente da mesa com os seus dois filhos. Mary Told Lincoln deixava geralmente a América e a democracia ao marido mas governava ela a Casa Branca, com a autoridade jovial da sua silhueta pequena e arredondada. Interrompeu Robert, o filho mais velho que contava, entusiasmado a sua recente visita aos exércitos da União e falava da peça do Teatro Ford, «O Primo da América».

— Vai ser um descanso agradável para nós todos.

— Bem, disse o presidente, irónico. Ocupar-me-ei disso mais tarde. Por agora o gabinete espera-me. E levantou-se. Tinham já dado as 10 e Booth continuava à janela do teatro. «Curioso», notou Ford que chupava um charuto por detraz da mesa «Tem as pernas tortas. Como Lincoln».

Bateram três pancadas leves — porque o destino é mais discreto na vida que no palco. Era Clifford, o carpinteiro.

— O presidente deve assistir à apresentação desta noite. Tire o tabique que separa os camarotes 7 e 8, de maneira a formar só um camarote grande, para ele e para a comitiva.

À janela, Booth baixou-se. Tinha-lhe escapado uma carta. O sangue, bruscamente, afluía-lhe à face pálida. Saiu.



15 HORAS. NA SALA DESERTA UMA SOMBRA EM SILÊNCIO

Às 3 horas da tarde o cenário estava colocado. Depois do trabalho os maquinistas da cena vinham sempre beber uma cerveja ou duas à Taberna Taltavul, ponto de encontro e reunião dos que trabalhavam no teatro Ford. Booth estava-os esperando. Ofereceu uma rodada-geral. Seguro agora de que o teatro estava vazio, pretextou ter que fazer uma compra e saiu.

Uma atmosfera de câmara ardente banhava a grande sala silenciosa. Apenas, de cada lado do palco, duas lâmpadas de gás brilhavam nas suas rosáceas de vidro despolido, colando às costas das cadeiras um reflexo cor de açafão. Um ruído fraco e regular começou a arranhar o silêncio: o assassino puzera-se ao trabalho.

Acocorado no estreito corredor que ligava o camarote presidencial ao balcão, Booth cavava um pequeno buraco na parede para poder travar a porta de comunicação com o auxílio de uma tábua. Depois de ter escondido o objecto num canto do corredor, dirigiu-se para a porta do camarote, tirou do bolso uma pequena broca e aplicou-a contra a madeira: Três cadeiras e uma poltrona de báscula tinham sido trazidas especialmente para o presidente. A cabeça de Lincoln ficaria exactamente no eixo do buraco. Booth acendeu um fósforo, meteu no bolso as aparas de madeira, e foi-se embora em bicos de pés.

Em G. Street uma caleche levantava aclamações à passagem. O par presidencial fazia o seu passeio de tarde. Na ponta do braço magro, Lincoln, agitava sem cessar o seu velho e inimitável chapéu. Mary afundada em penas e tafetás, respondia. Diante do

Capitólio uma fila de prisioneiros Sulistas apareceu.

— Sinto-me feliz, disse Lincoln gravemente, desta vez a guerra acabou.

Eram ainda só 4 horas e já os restaurantes se enchiam. Nessa tarde o whisky corria à larga: as marcas em voga eram o Baker, o Overholtz, o Ziegler, o Finale, e encontravam-se todas as variedades bem como de gin holandês que se vendia ao barril. A abundância invadia de novo as montras: caixas, bidons, jarras, regorgitavam de chá, verde e preto, de especiarias, de molhos, de compotas, de charutos, de rolos de tabaco em folha, de óleo de baleia e de petróleo de iluminação. Lebres e gansos pendiam das montras dos merceiros que vendiam também quinquilharia e até espartilhos ao preço — ainda escandaloso — de 1 dólar e meio cada (1 dólar e 75 o modelo reforçado). Por toda a parte o mesmo cheiro a cozinha, a carvão de lenha e a estrebaria, se derramava sobre as ruas cheias onde os *tramways* a cavalo rolavam as suas grandes rodas ferradas, assustando os patos e os porcos que se espojavam na lama tépida.

Lincoln tomou a mão da mulher.

— Nunca me senti tão feliz na vida, repetiu o presidente estirando as suas enormes pernas.

Mary voltou-se para ele, subitamente perturbada.

— Não se lembra que estava com essa disposição imediatamente antes da morte do nosso Willie?

No Potomac, um navio casino apitava.

19 HORAS. A VOLTA DE UM ABAT-JOUR QUATRO AMIGOS DISCRETOS

No Hotel Herndon, sob o luz amarela de um abat-jour de vidrinhos, quatro homens discutiam em voz baixa. A elegância refi-

nada de John Wilkes Booth fazia um contraste estranho com o desalinho dos seus três companheiros: Paine, o locatário do quarto, um bruto massiço de olhar apagado; Harold, um pateta alto, de nariz cupido, que parecia ainda mais novo que os seus vinte anos; Atzerodt, uma cabeça de rato sob um enorme barrete de castor.

Com um gesto Booth impôs silêncio.

— Previ tudo. O guarda fica diante da porta branca que conduz ao camarote. Eu apunhá-lo-o. Será impossível perseguir-me porque bloquearei a porta atrás de mim.

Os três homens escutavam atentos.

— O tiro partirá exactamente no momento em que se dá esta réplica: «Penso que estou tão farto de ti que te posso virar como um crepe, minha velha pescadora de homens».

Todas as noites as pessoas se riem. Os risos cobrirão a detonação. A cena passa-se no começo do 2.º acto, portanto, segundo os meus cálculos, pelas 22.15 horas. Deixar-me-ei cair para o palco e fugirei pelos bastidores. Atrás do teatro estará um cavalo à minha espera.

E Booth distribuiu os papéis: Paine e Hérold deviam matar o secretário de Estado. Atzerodt, o vice-presidente.

— Bates-lhe à porta. A essa hora é ele quem virá abrir. Abate-lo no patamar.

Uma só hora H para os três golpes: 22.18 horas. Missão cumprida, encontro na ponte do Arsenal com os cavalos. A seguir, o Sul.

— Que se passa, gritou Miss Trenchard, recuando para a caixa do ponto.

— Para brincadeira, não é má brincadeira — exclamou Lord Dundreasy.

E a sala explodiu de riso enquanto o nobre Lord limpava uma enorme nódoa de molho, de casaca negra. Mas, nesse instante, quem estava nos balcões começou a pôr-se de pé: Abraham Lincoln entrava. No palco, Laura Keene que desempenhava o papel de Miss Trenchard, suspendeu o espectáculo: «Saudemos o Presidente» e a primeira dama dos Estados Unidos improvisou. Toda a sala — 1675 pessoas — estava de pé virada para o camarote onde dois grandes estandartes de seda enquadravam um retrato de George Washington. A orquestra atacou: **Saudemos o Chefe** e Lincoln passou a pequena porta branca que conduzia ao seu camarote. Flutuando na sua casaca negra, parecia levantar em cada passada toda a terra de Kentucky. A presidente estreara um enorme vestido branco e um chapéu com flori-

nhas cor-de-rosa. Entre eles, dois convidados: o major Rathbow, que passava lentamente o programa pelas suíças encaracoladas, e sua noiva, a filha do senador Harris.

Eram 20 e 20 quando puderam recomeçar. Mas, a cada momento as cabeças se voltavam para o camarote oficial onde Lincoln e a sua comitiva pareciam muito alegres.

O intervalo encheu o Taltavul. Ao fundo da sala, Booth estava sentado diante de uma garrafa de whisky. Na mesa vizinha, Ranker, o guarda-costas, que deixara o seu posto, bebia em companhia do cocheiro Barms e de Forbes, criado de quarto do Presidente. Nenhum dos três conhecia Booth. E nem ouviram mesmo a reflexão de um cliente do bar:

— Hé, sr. Booth, é verdade que não é tão grande actor como foi o seu pai?

— Quando deixar o palco, disse lentamente Booth, serei o homem mais célebre da América.

A cena II do 3.º acto, chegava ao fim quando Booth penetrou no átrio do teatro. Buckingham, o porteiro, estendeu maquinalmente a mão.

— Não me vais exigir um bilhete! — exclamou Booth.

Buckingham desculpou-se rindo e perguntou ao actor se lhe poderia apresentar alguns amigos.

— É sé um minuto, eles estão desejosos de o conhecer.

Booth olhou para o relógio da entrada: 22.07 horas.

— Mais tarde, John.

E tomou a escada dos balcões.

— Ah, senhor Trenchard!, falávamos justamente dos seus talentos no tiro ao arco.

Booth quase não ouviu as réplicas da peça. Sobre os degraus num passo de autómato. Tornara-se o actor da sua própria tragédia.

— O que é preciso é olhar em frente, calcular a distância e puxar bem a corda.

Booth sobressalta-se diante da porta branca: a cadeira do guarda está vazia. Entre ele e Lincoln mais nenhum obstáculo. Entra no corredor do camarote e, com a pequena tábua, trava a porta. Agora já ninguém pode intervir.

— Como? — exclama a voz aguda de Mrs. Mountchessington. Não tem fortuna?

Na porta do camarote, um raio de luz



cruza a obscuridade do corredor: o buraco de broca. Booth espreita por ele.

— **Reparo que não conhece as boas maneiras da sociedade** — observa Mrs. Muntchessington.

Através do orifício, Booth distingue as costas da poltrona articulada, encimadas pela cabeça do Presidente imóvel.

— **Não conheço as maneiras da boa sociedade?** — exclama Asa Trenchard.

22.15 HORAS. O PÚBLICO RI. DE REPENTE, UM TIRO

Booth tirou a pistola do bolso. É uma pequena Deninger de cobre, de cano curto. A arma só podia atirar uma bala: um pequeno **berlinde** em chumbo maciço com um centímetro de diâmetro. Sem ruído abre a porta do camarote. Interessados no desenrolar da peça os seus ocupantes nem se mexeram. Em bicos de pés, Booth avança até à poltrona articulada. Calmamente levanta o braço até à nuca de Abraham Lincoln. O cano aflora a pele.

— **Penso que estou tão farto de ti que te posso virar como um crepe, minha velha pescadora de homens.**

Uma torrente de risos, abafa a detonação surda. Os ocupantes do camarote voltam-se ao mesmo tempo. Menos Lincoln cuja cabeça tombou, ligeiramente, sobre o peito. Atrás dele um homem, de pé, grande e pálido, envolvido numa nuvem de fumo azul. Numa voz plácida o desconhecido pronuncia estas três palavras estranhas: **Sic semper tyrannis**. E a voz, como o olhar, parece dirigir-se a um horizonte invisível. O major Rathbone levantou-se. Não sabe que pensar. Olha para o Presidente que parece adormecido, depois para o desconhecido imóvel. Avança para o intruso. No momento em que lhe segura o braço vê a pistola e compreende. Booth deixa cair a arma e recua vivamente. O major lança-se sobre ele.

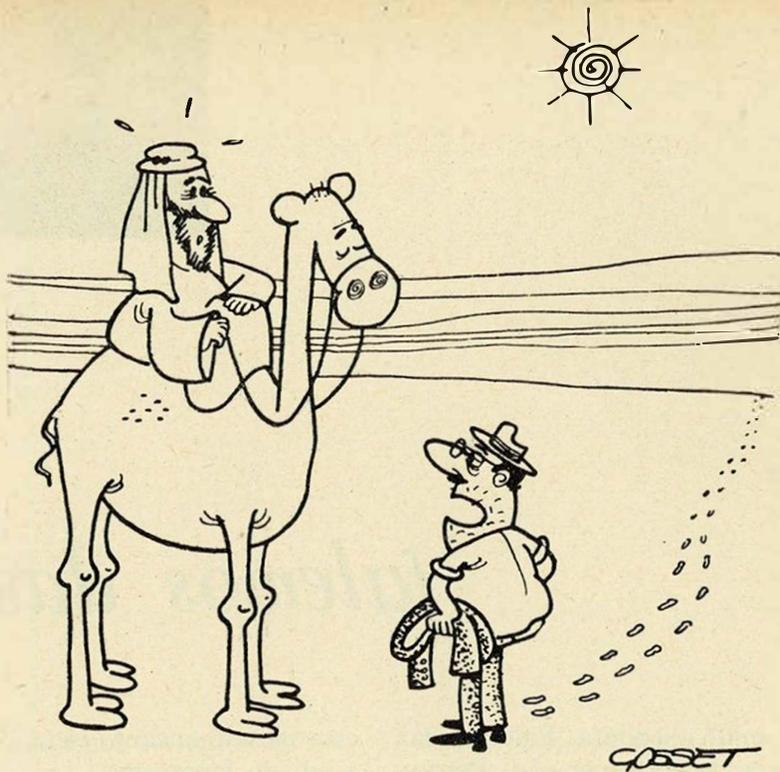
Mas desta vez, Booth segura um punhal. O major tem apenas tempo para avançar o braço esquerdo e aparar o golpe. A lâmina crava-se na carne até ao osso. Liberto, Booth lança-se para a parte da frente do camarote, roçando a presidente que crava as unhas assustadas na cara. O major tenta ainda segurar o assassino com o braço direito mas este repele-o com um encontrão. Passa as pernas sobre o parapeito do camarote, detém-se um instante e grita: «Vingança para o sul!». Depois, segurando-se com as duas mãos, salta do camarote para o palco onde o «Primo da América» só em cena, interrompeu o seu monólogo. Mas as esporas prendem-se a um dos estandartes e a bota arrasta consigo um rasgão de seda. Um grito de mulher vindo do camarote acompanha a queda. A sala inquieta levanta-se. Vê o homem cair pesadamente nas tábuas e fugir, coxeando, para os bastidores. Laura Keene louca de susto, precipita-se para o palco. Cruza-se com Booth e vê brilhar o punhal diante dos olhos. No camarote presidencial, Miss Harris torce as mãos. «Água», grita. «Depressa!»

Um oficial sentado na primeira fila trepa para o palco e precipita-se para os bastidores. Ouve-se gritar: «Prendam-no». Mas em breve tudo se confunde num bronha geral.

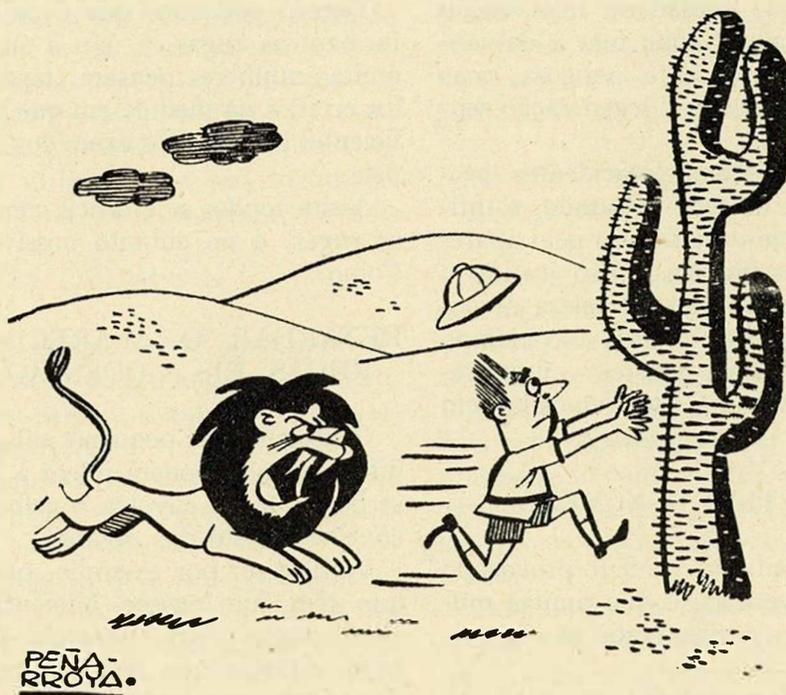
O velho Abe devia respirar ainda durante nove horas. Booth, com um tornozelo partido, galopava perdidamente para o Sul. Cercado numa herdade foi abatido pelo exército. Paine, com a pistola encravada, apenas agredira o secretário de Estado. Atzerodt, aterrorizado deitara a sua arma para um canavial. Harold fugira. Os três foram presos, julgados e enforcados.

No dia seguinte o último general sulista capitulava. Mas a barreira separando o Norte e o Sul retombara de repente e o problema negro continuava sem solução.

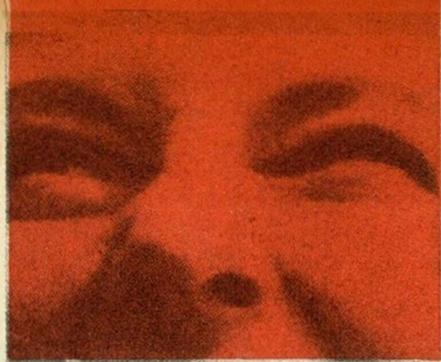
O sonho de um louco, uma coincidência e vinte e cinco gramas de chumbo tinham modificado o curso da história.



— Por favor o caminho para a Praça do Chile?



— Azar!



falemos das suas **RUGAS**

Exactamente, minha senhora. Falemos das suas rugas, quer as tenha, quer não. Porque isso estimadíssima e cortejada leitora, é uma espécie de fatalidade, uma dessas catástrofes que acabam sempre por acontecer e que quando chegam, pouco mais se lhe pode opor que uma boa dose de resignação. Isto no caso de não poder atirar para as mãos de um bom cirurgião a pequena fortuna em que importa um «peeling», verdadeira intervenção cirúrgica que ainda por cima tem a desvantagem de ser extremamente perigosa, mas que consegue por vezes uma regeneração sensorial.

O pavor que semelhante «acidente» provoca nas mulheres de todo o mundo, é infinitamente maior que o verificado pelo aparecimento de cabelos brancos e isso justificou que laboratórios e institutos de beleza desencadeassem contra essa marca do tempo — quando não de outros factores — uma tremenda e frenética batalha que, vamos lá, tem obtido qualquer coisa de positivo.

UM INESTÉTICO FENÓMENO

Exagera-se, no entanto, o efeito provocado pelas rugas. E a verdade é que muitas mulheres às arranjam a pensar como hão-de evitá-las...

Um conhecido dermatologista aconselhava recentemente num artigo publicado numa revista de beleza americana «a ter encanto com as rugas naturais da idade». Em todo o caso, não há dúvida de a mulher preferir ter

esse mesmo encanto isento daquele inestético e odiado fenómeno.

Que é que determina finalmente o aparecimento de rugas?

A degenerescência do tecido conjuntivo, que perde com o tempo a sua elasticidade e faz com que a epiderme, não encontrando o seu sustentáculo natural, se torne flácida e «quebre».

Temos, portanto, que é na derme que se formam as rugas, e não à superfície, como muitas mulheres pensam, fazendo tratamentos errados na medida em que pensam ser suficientes os cuidados exercidos à superfície da pele.

Assim sendo, se é difícil conseguir «tratar» as rugas, é no entanto possível retardá-las. Como?

RETARDAR O APARECIMENTO DAS RUGAS, EIS A QUESTÃO...

Conseguir este pequeno milagre, não é tão difícil como se poderá julgar à primeira vista, se bem que tal envolva o velho problema do envelhecimento dos órgãos.

Verifica-se, por exemplo, que as mulheres que têm um regime alimentar defeituoso, criam rugas com tremenda facilidade, tal como aquelas que têm um regime de vida desregrado, por excessos de trabalho ou de qualquer outra natureza. O abuso do álcool, a falta de horas de sono consideradas normais, ou uma higiene descuidada, são factores que trazem rugas ao rosto com uma incrí-

vel velocidade. É frequente ver entre camponeses ou empregadas de fábricas, mulheres de epiderme cansada, ainda que não tenham chegado aos trinta anos. O mesmo sucede entre outras conhecidas por abusarem de uma vida nocturna.

Uma alimentação equilibrada — estudada por um médico — uma higiene perfeita do corpo e dos costumes, são meio caminho andado para retardar o aparecimento do temido fenómeno. Assim como é indispensável conseguir um equilíbrio nervoso que lhe torne a vida calma e sem grandes problemas.

Tem igualmente importância a qualidade dos cosméticos utilizados na sua maquilhagem, que devem ser cuidadosamente escolhidos.

LEITES CREMES E C.

E, desde que falamos em cosméticos, permitamo-nos duvidar de que oitenta por cento das mulheres se saibam maquilhar e desmaquilhar como convém.

Há quem peque por excesso e quem o faça por defeito. Nisto, como noutra coisa qualquer, nem oito, nem oitenta...

A desmaquilhagem deve ser feita com um bom creme ou leite que retirem todas as impurezas facilmente e de maneira definitiva. Qualquer cosmético para este efeito, contém, sempre um ácido, pelo que é conveniente não o manter demasiado tempo sobre a pele.

Durante a noite aproveite-se para «alimentar» a pele com um creme «de alimentação e protecção». Isto que aqui fica expresso, é

qualquer coisa de muito simples, com a vantagem de trazer sólidos resultados.

Quanto aos chamados cremes «hormonais», se são de procedência acreditada, tornam-se realmente recomendáveis, mas apenas depois de uma consulta a um especialista. Este princípio, deve aliás ser seguido para todos os tratamentos de pele mais complicados. Há, de mulher para mulher, substanciais diferenças de pele e é evidente que se uma pele seca pede determinados produtos alimentares contidos nos cremes «de alimentação», uma pele gorda deve ter tratamento bem diverso.

NÃO HÁ NADA COMO UMAS TANTAS ESTALADAS...

Para espanto de muito gente, o tratamento que melhores resultados pode conseguir para a mulher no capítulo de manter uma pele jovem... são as estaladas e os beliscões...

Poderá não ser agradável, mas é eficiente. E a explicação é simples: qualquer dos dois processos forçam a uma irrigação maior da derme pelo sangue dos vasos mais à superfície: É exactamente esse resultado que se pretende.

Dez minutos de estaladas e beliscões sabiamente administrados pela face, pescoço e testa, antes de deitar e de manhã, são o que de melhor se pode fazer para retardar o aparecimento de rugas ou mesmo para atenuar as que já fizeram o seu aparecimento.

Mas... devagar, sim? Docemente, como quem não quer a coisa...

quem vai ganhar?

*para o homem
e a mulher modernos
o que quer dizer:
AMOR*

Uma rapariga mais ou menos bela e inteligente encontra um rapaz mais ou menos belo e inteligente. Quinze dias, um mês e começa a grande história. A febre partilhada, a tensão incessante. E surge o medo da separação, a aflição do afastamento. Enfim, a solução maravilhosa, o casamento, a única forma de dar ao amor uma segurança, uma salvaguarda contra o tempo e contra o espaço.

Seis meses. Ótimo. Um ano. Muito bem. Depois, de repente, como um Verão que acaba bruscamente, um clima de guerra fria entre os dois. Porquê? E porque razão acontece o mesmo que em casa dos Morais? E não só em casa dos amigos, mas também noutras cidades, noutras países? Porque razão nos Estados Unidos a vida conjugal quotidiana se transforma num melodrama em episódios, a tal ponto que congressos de psiquiatras e sociólogos se reúnem para estudar o assunto?

E porque é que os atritos, os conflitos conjugais actuais são incompreensíveis para as gerações precedentes, e por mais esforços de memória que façam não conseguem encontrar nas suas questões e nas da gente de hoje pontos de contacto?

As nossas avós dizem: «Nós tínhamos cenas, mas eram situações clássicas, reprová-

vamos aos homens terem os defeitos dos homens, serem demasiado vaidosos, demasiado impacientes, demasiado brutais, eles implicavam com o nosso conformismo, a nossa frivolidade, era o macho que se opunha à fêmea, tudo era claro e lógico, os diálogos eram compreensíveis, enquanto que os problemas da gente nova não têm pés nem cabeça, assemelham-se mais a discussões de adolescentes».

E os nossos avós dizem: «Por vezes gritávamos e barafustávamos mas nunca nos passava pela ideia destruir o casamento».

No início, na organização humana deste planeta, tudo parecia de uma simplicidade maravilhosa. Duas espécies de indivíduos, os homens e as mulheres. Diferentes, muito diferentes, mas concebidos para se completarem, e não apenas fisicamente. Se ficarem, cada um só no seu canto, restam-lhes muito poucas possibilidades de deixarem traços profundos a provar a sua passagem pela Terra. Unidos, é a felicidade, a transcendência, algo muito mais elevado do que a união de duas personalidades. E, desde séculos, a humanidade foi isto, estes casais que se exaltam, um homem que foi feito para uma mulher; e os pequenos acidentes que acontecem como dois homens que pretendem a mesma mu-



lher, ou o contrário, não modificam de modo algum a prodigiosa harmonia.

Assim se percorreram milhões de anos e agora a Humanidade parece ter esquecido esta verdade. Como explicá-lo?

Eis a minha explicação, diz a estatística. É extremamente simples. Encontra-se nos números. É o facto das mulheres trabalharem.

O homem trabalha. A mulher também. Há os horários, as preocupações, o facto de se chegar a casa cada dia como se se chegasse duma expedição interplanetária. E, não é apenas isto: há outra preocupação, uma preocupação extremamente importante que não era do conhecimento das mulheres de antigamente. A ambição, uma descoberta da actualidade.

A AMBIÇÃO

Temos um grande quadro à vista. Estatisticamente vamos abordar o problema. O trabalho da mulher francesa desde há 50 anos, de 1905 a 1955. Classificação essa por anos e por profissão. Verifica-se: 1.º — em 1905 há já a mesma percentagem de mulheres que trabalham fora de casa do que em 1955. Se a vida dos casais franceses contemporâneos

não é feliz, a causa não poderá ser portanto o facto da mulher trabalhar.

2.º — Enquanto que no decorrer dos anos diminui o número de mulheres com ocupações subalternas, aumenta nas profissões cuja importância social é mais elevada.

Exemplos: em 1905, há 100.000 mulheres funcionárias públicas. Em 1920 são já 200.000, 240.000 em 1936, 500.000 em 1946, 650.000 em 1955.

Em 1905 há 37 mulheres advogadas e 60 farmacêuticas. Em 1920 contam-se já 630 advogadas, 350 farmacêuticas. No ano de 1926 vemos 1.200 advogadas e 440 farmacêuticas. Em 1935, 495 mulheres licenciadas em Direito em Paris. Em 1955 são já 982.

Em Ciências temos 245 licenciadas em 1935 e 484 em 1955. Em Letras licenciam-se 661 em 1935 e 1.525 no ano de 1955!

Mesmo que se não leiam os números, e se observe apenas o quadro, verifica-se uma migração de mulheres para os lugares socialmente mais importantes e mais considerados.

Além disso se o quadro incluir as profissões consideradas masculinas, então assistir-se-á a uma verdadeira invasão. Ao lado de imensos engenheiros surge a primeira mulher engenheira; e imediatamente uma tribo de mulheres engenheiras. Depois que houve uma mulher na magistratura, centenas delas seguiram essa carreira. O mesmo com médicas, químicas, etc.

E à estatística pode juntar-se esta reflexão: Se a ofensiva feminina verificada nos quadros no que se refere às profissões tidas apenas como masculinas, causar perturbação igual nas relações marido-mulher no lar, então não é de estranhar que a paz tenha desaparecido na maior parte dos lares.

A MÁQUINA E A EDUCAÇÃO

O Sociólogo dá outra explicação: a máquina. Olhamos à nossa volta. Que vemos? Máquinas. Apenas máquinas. Para provocar frio. Para provocar calor. Para cozinhar. Para lavar. Para fotografar. Para nos dar música. Para nos deixar falar com amigos distantes. Como se sente a mulher em frente dessas máquinas? Perfeitamente à vontade, tal como o senhor seu marido. O telefone, o volante, etc., não as assustam. O Sociólogo

considera em primeiro lugar o homem anterior à época da máquina. O que era ele?

Uma força. A lealdade, a coragem e a audácia.

Necessitava de ser tudo isso para comer, para conquistar para proteger. Junto dele a sua doce companheira. Como fisicamente não se lhe pode opôr admira-o, submete-se. Vénus admira e aplaude Hércules triunfante. Mas eis que entra em cena algo de estranho e imprevisível: o cérebro. O homem deixa os músculos para um segundo plano e pensa. Constrói, faz comércio, inventa a arma, a máquina.

O homem, entretanto, está senhor absoluto. Carrega num botão e o mundo trabalha. A sua companheira admira-lhe a inteligência, tal como lhe admira a força.

Mas eis que ela faz uma descoberta: aquele gesto, de carregar num botão, também ela o pode fazer. O homem já não tem o exclusivo. A máquina suplanta-o.

E tudo se modifica: Nada de força, nada de autoridade, nada de submissão. Nada de submissão, nada de amor: é preferível a liberdade.

É nos Estados Unidos que mais se verifica esta situação. É lá que a mecanização mais se infiltrou na vida quotidiana do casal. É a América o país onde a mulher mais lida com a máquina e foi aí que mais rapidamente o homem deixou de ser considerado como senhor admirável. É nos E. U. que os conflitos entre homens e mulheres se apresentam em maior número, mais agudos e explosivos.

Assim o psicólogo apresenta a sua tese baseado na evolução da sociedade.

Como funciona um ser humano?

Um ser humano pode ser definido como uma coleção de necessidades. Há necessidades vitais tais como a alimentação, a respiração, o dormir, o deslocar-se, que são conhecidas de toda a gente. São necessidades primárias. Há também necessidades secundárias, digamos psicológicas como o amor-próprio, a necessidade de ser estimado e a necessidade de segurança. Há, enfim, as necessidades sociológicas, a lei, a vontade de nos integrarmos num grupo.

Viver consiste em encontrar a conduta mais apta para assegurar a satisfação harmónica destas necessidades. A educação que todos nós recebemos em princípio, permite-nos fazê-lo sem dificuldade.

Há um tipo de mulher casada que corresponde à sua situação. Tal como há um tipo de homem casado que corresponde ao perfeito marido.

No entanto os conflitos nascem a cada passo. Qual a causa? É o facto mais que provado consequente à evolução ultra-rápida da vida moderna. As necessidades surgem e modificam de tal maneira as situações — tipos clássicas, que as condutas consideradas alguns anos antes aptas a resolver as situações, se apresentam agora ineficazes.

E então o homem ou a mulher agem ao acaso, enervam-se e nada resolvem.

Antigamente, uma jovem aprendia a comportar-se, uma vez casada, como esposa modesta e submissa dum herói barbudo que todos os dias travava um combate solitário e perigoso lá fora, algures.

E, uma vez casada era mesmo isto que encontrava. Hoje, uma conduta de mulher apagada e dócil já não convém à mulher que faz uma vida idêntica à do marido. E, então, elas tentam outra solução.

UMA SOLUÇÃO

Depois de termos analisado a opinião da estatística, do sociólogo e do psicólogo, ainda temos outras a considerar. Se interrogássemos um médico especializado em problemas sexuais, ele consideraria o amor como chave.

Iria encontrar a explicação no comportamento sexual do casal e, sobretudo, no facto da mulher ter deixado de ser passiva, se sentir com direito ao prazer dos sentidos, e preferir o amante ao tirano egoísta. Poderíamos escutar um filósofo, este diria que o ser humano sente a nostalgia da síntese, que a fusão da noção de homem e da noção de mulher na noção de casal é o meio que encontrou para conhecer a experiência de todas as virtualidades contraditórias que, por exemplo, o homem forte conhece a fraqueza com uma mulher fraca, que um homem virtuoso assume as responsabilidades do vício casando com uma mulher fácil, e que a actual revolução da mentalidade feminina provoca automaticamente uma modificação contrária na personalidade masculina, e que esta dupla metamorfose explica as dificuldades do casal actual.

Poder-se-ia convocar um biologista, que diria não serem os homens e as mulheres tal como os imaginamos, visto se encontrarem hormonas femininas no homem e vice-versa, portanto, não ser caso para espanto as reacções duplas duns e doutros.

Um religioso, um economista, um político, um astrólogo, ao ser-lhe posta a questão da fragilidade das relações homem-mulher actuais, certamente estariam de acordo serem essas relações muito pouco pacíficas e explicariam o caso cada qual baseado na sua arte. Podemos convocar um moralista.

As estatísticas têm dez vezes razão, dirá o moralista. Desde há 20 anos o trabalho das mulheres modificou-lhes radicalmente a personalidade, pois que as convenceu da sua importância social e as fez esquecer da sua missão. Os sociólogos têm cem vezes razão, as máquinas ensinaram aos homens o esquecerem-se de que eram fortes, e às mulheres a convencerem-se de que se poderiam tornar suas iguais. Assim o equilíbrio autoridade-submissão foi rompido.

Os psicólogos têm mil vezes razão, a sociedade evoluiu demasiado rapidamente e não permitiu que fossem criadas medidas de adaptação. Deste modo a conduta tipo-homem já não se aplica às novas circunstâncias e o mesmo para as mulheres.

Para resumir: todos têm razão, neste momento tudo se passa como se os papéis tradicionalmente impostos ao homem e à mulher tivessem perdido a nitidez de outrora, e eles já não são fortes, decididos, egoístas, mas também se apresentam desarmados, indecisos, sentimentais e outras vezes combativos, agressivos, cínicos, com se tivessem baralhado as qualidades duns e doutros.

A estatística, a sociologia, a psicologia e todas as outras ciências falam verdade, mas é agora o momento de insistir num ponto que geralmente é omitido: quem tomou a iniciativa de romper este equilíbrio em que desde sempre viveram os homens e as mulheres?

AS MULHERES SÃO AS RESPONSÁVEIS

As mulheres sabem que após terem iniciado um movimento de emancipação não pararam. E que, sobretudo, num período de cinquenta anos depois de terem começado

não cessaram de marcar pontos e de obter vitórias. Mas, repentinamente, não se aperceberam do que faziam. E, então, ao mais pequeno descontrôle em vez de cantar vitória, atiram-se para a cama a soluçar: e acabam por constatar que a vitória foi em certo sentido derrota.

Ganharam honras e títulos mas deixaram de ser consideradas como criaturas de luxo, são úteis e já não são preciosas. Venceram, mas já não podem ser protegidas e tratadas com delicadeza. Porque razão ao domingo se ajudará a carregar os embrulhos dum rapariga que durante a semana pilotou um avião, e porque razão se oferecerão flores a alguém para quem o coração do homem não passa de um órgão que é necessário ascultar?

Podem comportar-se como lhes der na real gana mas perderam a fragilidade do conformismo, são originais mas têm os nervos à flor da pele e disparatam por tudo e por nada.

E, sobretudo, as mulheres deixaram de ter junto de si os homens tal como os amavam, e não previram que iniciando no campo feminino uma grande revolução, essa revolução também poderia atingir o comportamento do homem.

Em suma, jogaram e perderam.

A moral, o moralista não é tão ingénuo ao ponto de acreditar que o único culpado no combate, é aquele que o inicia. A eles era-lhes fácil terem resolvido o problema fechando às mulheres, muito simplesmente, a entrada no mundo do trabalho.

A moral não é apenas uma lamentação feita sobre as ruínas de um passado morto, é antes a arte de aprender a viver mais inteligentemente, baseado na experiência. A moral, portanto, existe para provar às mulheres que fizeram asneiras mas que, por outro lado, nem tudo está perdido.

Porque razão iniciaram as mulheres a sua revolução? Que força as comandou? Porque se lançaram ao trabalho? Qual a razão da sua ambição? Da sua iniciativa?

Porque até há cinquenta anos vivia-se com a ideia de que os homens eram compostos de tronco, coração e cérebro e as mulheres ape-

nas de coração e ventre. De um momento para o outro a cabeça delas pôs-se a funcionar e passaram a ver-se mulheres nas escolas, nas bibliotecas, nos laboratórios, nos consultórios, etc.

Os homens ainda não estão plenamente convencidos de que a cabeça das mulheres pode funcionar tão bem como a deles, porque com ela têm feito bastantes imprudências. Mas este equilíbrio milenário do casal que as acusam terem destruído pode ainda refazer-se. E como? Como construir de novo para ambos condições favoráveis a uma felicidade vivida a dois?

A MULHER QUE ELES PROCURAM

Para o homem de hoje, agora que a mulher sabe pensar, é possível ela ser completa se ainda não perdeu a feminilidade: ser simultaneamente a mulher, a amante e a companheira, alguém, enfim, digno de estima e respeito e alguém com quem se possa romper o círculo da solidão.

Algo que as mulheres poderiam ter feito.

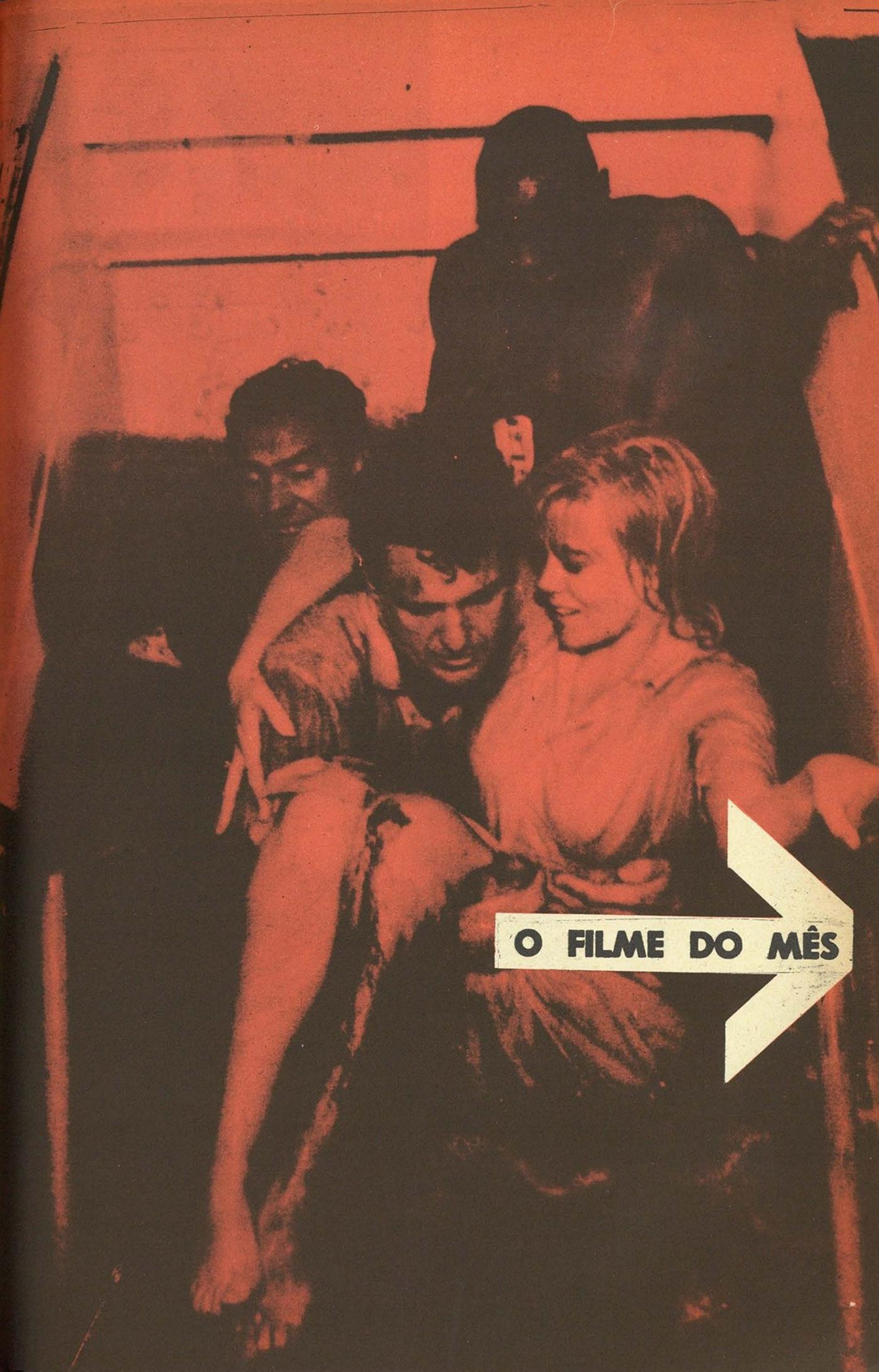
E que podem ainda tentar e conseguir.

Bastava para isso manter-se a mulher como mulher a cultivar a inteligência ao mesmo tempo que o bom senso. E compreender os homens.

Há mulheres que o conseguiram e essas são amadas e amam. Poder-se-á então escrever romances destas uniões perfeitas, e não será romantismo.

Aquilo que a mulher deverá fazer é, ao mesmo tempo, extremamente fácil e difícil; nada há no mundo mais complexo do que o compreender alguém. É necessário começar. Primeiro que tudo abandonar a atitude ridícula de chorar atirada para cima da cama.

E esperá-lo à porta de modo que ele veja bem que o está a esperar como mulher que o ama. É esta a única regra que deve ser estabelecida: que a vida de ambos não é a história de dois seres inimigos, mas antes a história eterna do homem e da mulher tal como se desenrola desde sempre.



O FILME DO MÊS

um filme da
Metro - Goldwyn - Mayer

com

ROBERT STACK
DOROTHY MALONE
TAMMY MARIHUGH
GEORGE SANDERS

A família Henderson: Cliff (Robert Stack), Laurie (Dorothy Malone) e Jill (Tammy Marihugh) embarca num velho navio, o S. S. Claridon. Vai este fazer apenas mais cinco viagens antes de ir para a sucata.



A ÚLTIMA VIAGEM

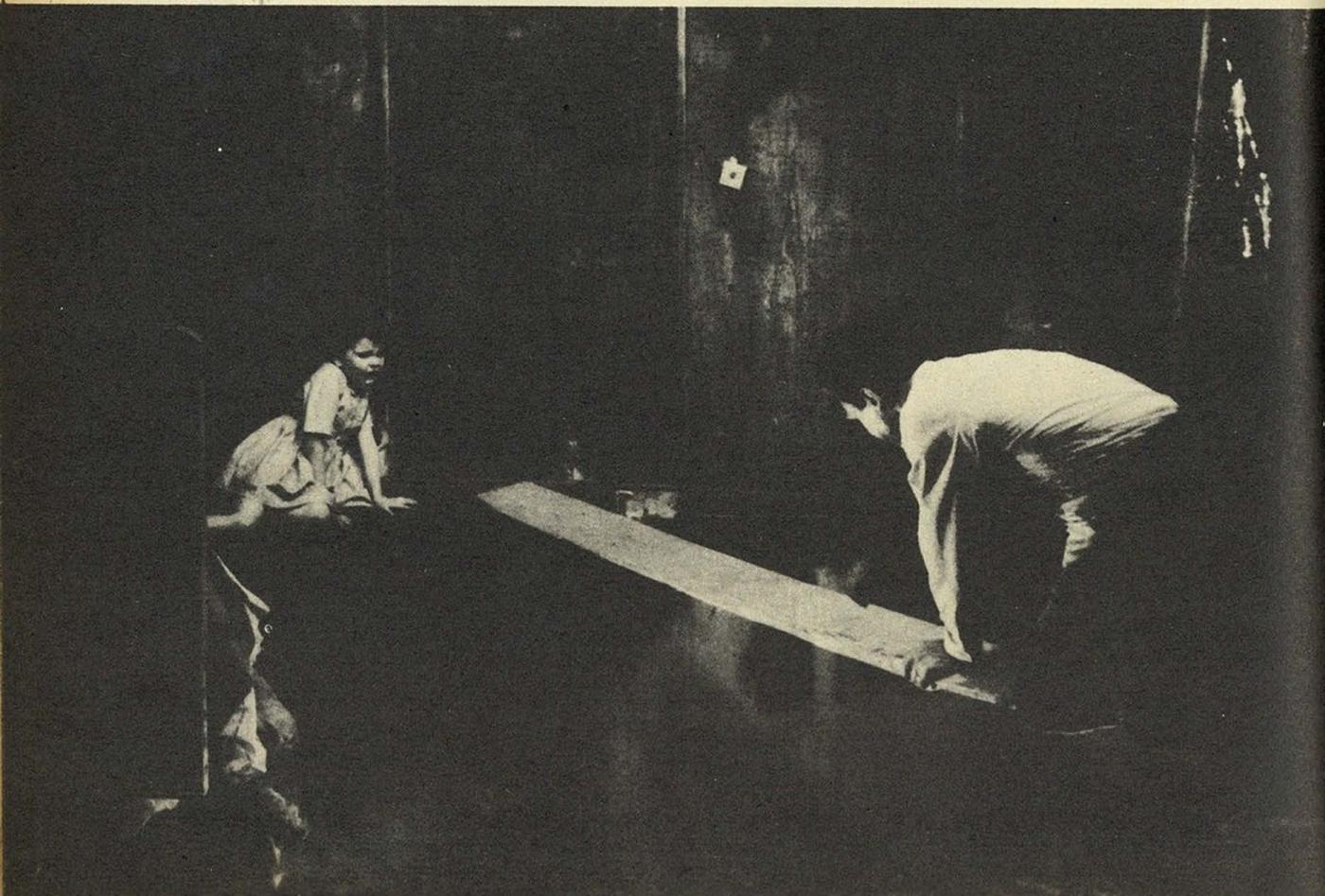
Durante a viagem há incêndio na casa das caldeiras. Mas os passageiros inconscientes do perigo continuam a divertir-se.

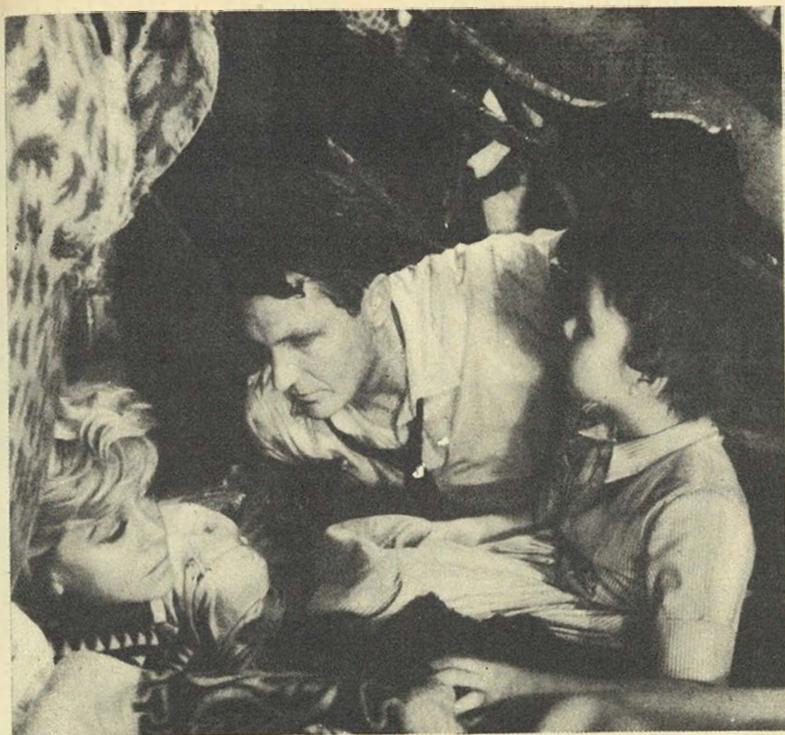




O fogo é dominado mas, apesar dos esforços dos tripulantes, derreteram-se as válvulas de segurança das caldeiras. Está eminente uma explosão. Quando esta se dá, abre um buraco através de todo o barco causando pânico entre os passageiros.

Jill encontra-se numa situação difícil e o pai consegue a custo salvá-la.

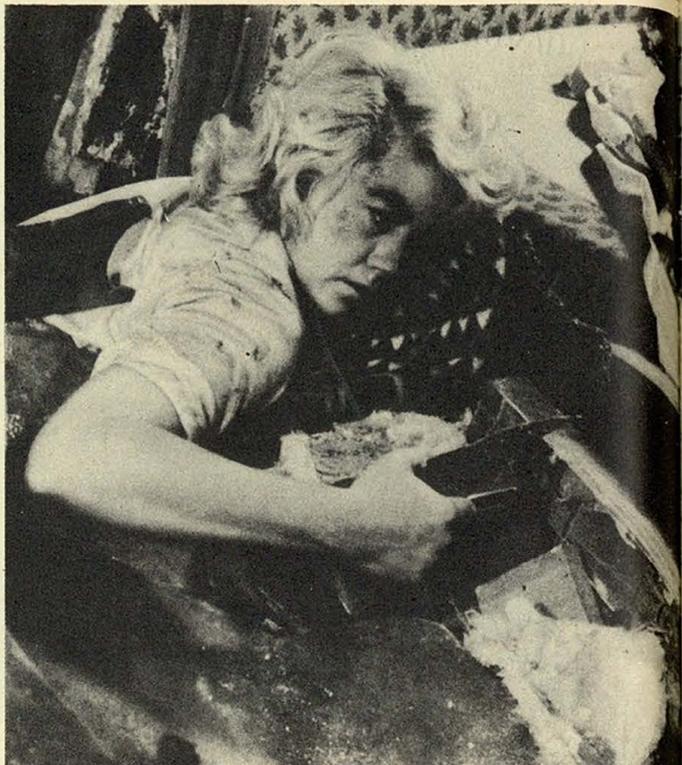




Mas Laurie Henderson, a mãe, fica entalada entre a parede e uma pesada chapa metálica e é impossível salvá-la sem ajuda. O capitão do navio não parece decidido a orientar devidamente o salvamento. O tempo entretanto passa.

Apesar dos esforços dos tripulantes, chefiados pelo maquinista Walsh, a água invade todo o navio.





O capitão Adams ordena o abandono do navio. Jill vai num dos primeiros salva-vidas.

Laurie num momento de desânimo pensa pôr termo à existência. Mas no último momento a esperança toma-a de novo.

Nos últimos minutos Cliff, auxiliado por um engenheiro e com um maçarico consegue libertar a esposa.





Quando um navio de salvamento chega os destroços de uma das chaminés caem sobre o capitão Adams (George Sanders), matando-o.

E, no exacto instante em que o navio se afunda, Laurie é trazida para a coberta e salva.





Segundo rezam as crónicas, Portugal foi, até à revolução republicana de 1910, um país monárquico, católico e tradicionalista. No século XIX as criaturas tinham juízo e, qualidade rara, sabiam respeitar

GRACE
DE MÓNACO
E CAMPO
DE OURIQUE



1. A loucura do mundo de hoje e o sossego do passado

Contudo, de súbito, apareceram políticos que se diziam preocupados com as condições de vida de certas classes sociais, poetas que num jornal chamado «Orfeu» publicavam versos incompreensíveis e, um pouco por toda a parte, surgiram estranhos fenómenos que levaram a consternação e angústia ao espírito das pessoas de bem.

À medida que o tempo passava ia-se de mal a pior. O novo século revelou-se catastrófico e nem António Sardinha conseguia acalmar as dores, os desgostos, as legítimas inquietações dos cidadãos respeitáveis perante o que se passava no mundo e o triste descalabro dos costumes.

O advento do cinema, com mulheres desnudando-se impudicamente, a romântica brilhantina de Rudolfo Valentino, as pernas de Mae West, os olhos eróticos de Pola Negri e divórcios escandalosos, contribuiu para que as novas gerações não se submetessem a princípios tradicionais de educação e costumes.

Aconteceram três guerras, duas mundiais e uma local e demasiado próxima, os impostos aumentaram em delírio estabelecera-se «o império da carne», em Paris brotou uma fauna que se denominava a si mesma existencialista e, dizia-se nos círculos bem informados, não se lavava, nem se penteava por razões filosóficas, negroides tocavam em caves fumarentas músicas selváticas a que chamavam «Jazz», as estatísticas de criminalidade juvenil eram simplesmente assustadoras... não havia no mundo nada que se aproveitasse.

As mulheres subiam as saias, desciam as saias, passeavam nuas pelas areias elegantes, mostravam-se, exibiam-se e saíam quando queriam. As raparigas sonhavam com a celebridade e golpes de teatro à Gata Borralheira; espalhara-se uma tumultuosa febre de publicidade.

E, no entanto, subterrâneamente, choravam-se os bons tempos de Sua Majestade e Sua Graça o Duque, do matrimónio na igreja, com véu branco, flores de laranjeira, casacas e cumprimentos.

No espírito perturbado do habitante da Rua de Santos-o-Velho, dividido entre o escritório e Rita Hayworth, o enxoval e Gary

Cooper, ideais e ambições tornaram-se conflagrantemente contraditórios. Como conciliar a respeitabilidade dos avós, a vida irrepreensível e o temor a Deus com o retrato em todos os jornais e as notícias de sensação? Como sair do rés-do-chão esquerdo, sem perder a estima geral? Um caso espinhoso...

2. Onde se compara Mónaco à Avenida Almirante Reis

Depois de 1945, começou-se seriamente a duvidar que no mundo houvesse um lugar habitável. Um lugar sem greves, nem comícios, onde o prior de Tours fosse venerado e, ao mesmo tempo, que Ali Khan não considerasse insípido.

Porém, no meio do babilónio caos europeu, encravado na França, um pequeno país que se atravessa em meia hora, não se preocupava com as vulgares e lamentáveis questões de salários, não pagava impostos, não tinha exército e vivia em regime monárquico, sob a autoridade de Sua Alteza Real e Sereníssima, o Príncipe Rainier III. Um pequeno povo feliz e tranquilo, católico apostólico romano, que parecendo ter sido poupado a todos os flagelos da época, vogava em pleno século XVIII, com um odor bom a insenso e o consolador roçar das vestes sacerdotais pelas ruas da capital. O derradeiro que florescia à sombra das sempiternas verdades: Deus, o Rei e o Clero.

E, todavia, não se pode dizer que Mónaco seja um banal principado, igual ao Lichensstein, ocupando os seus lazeres a negociar selos ou a fabricar os charutos mais compridos do universo. Numa posição geográfica ideal, junto do Mediterrâneo e perto das grandes estâncias de repouso da Costa Azul, servindo de campo de manobras aos financeiros internacionais e lugar de viligeatura de aristocratas ingleses e vedetas cinematográficas, paraíso do jogo e do contrabando, Mónaco reúne ao aventureiro que em 1943 traficava chocolate na Alemanha e no fim da guerra apareceu vestido de coronel americano, Winston Churchill em férias no barco de um armador grego, que fez fortuna à custa de afundar os seus próprios navios, previamente segurados pelo dobro do que valiam, e que se diverte extra-conjugalmente com um soprano em voga.

E, assim, consegue o milagre de juntar os vinte títulos do príncipe aos vinte nomes falsos do aventureiro, o milagre de conciliar a filosofia de Pina Manique com o mito do homem que se fez a si próprio e de sentar à mesma mesa, nas galas de caridade do Sporting Club de Monte Carlo, o hábito do reverendo Tucker e o corpo opulento de uma actriz célebre.

Mónaco, onde tudo está bem, decente e discreto satisfaz as consciências mais exigentes. Mónaco, no fundo, não anda longe da Avenida Almirante Reis, uma diferença de essência não separa Lady Docker de D. Genciana. Com o dinheiro de Onassis e Niarchos, o principado e a família reinante realizam os sonhos queridos das costureiras de Campo de Ourique e dão à vida do comerciante Costa o luxo que naturais dificuldades económicas directamente não lhe consentem.

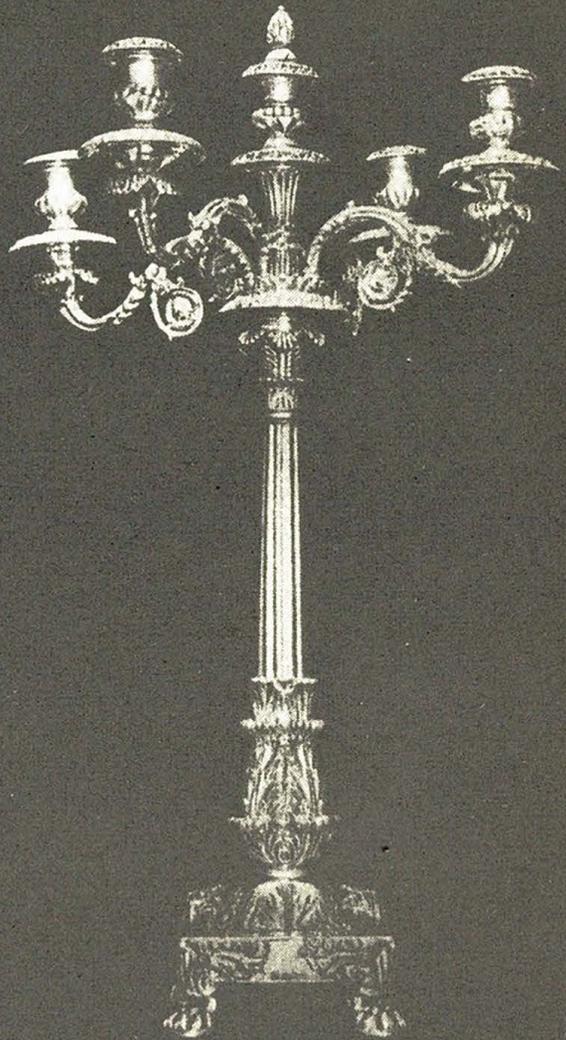
3. Onde se fala de Rockefeller e do sr. Freitas

Duas ideias consolam o americano que vende gravatas e lâminas de barba na vigésima primeira avenida de Nova-York, duas ideias o animam e o amparam. John D. Rockefeller, o velho, principiou também como vendedor ambulante ou coisa semelhante e conseguiu juntar uma das maiores fortunas da terra. Benjamin Franklin, aos vinte anos, exercia a profissão de lenhador e nada o impediu de se tornar Presidente da Federação. Quem pode pois honestamente garantir que as gravatas não são o caminho para o petróleo? Quem pode garantir que as lâminas não são o primeiro passo para a presidência?

O sr. Freitas, em busca de uma esperança, não conhece obviamente estes pequenos factos, mas sabe que o milionário John Kelly foi pedreiro e chegou a sogro de uma Majestade Real, os jornais encarregaram-se de o informar.

A menina Freitas não estará ao corrente de que Teodora, cortesã de Alexandria, se sagrou Imperatriz de Bizâncio. Grace Kelly, contudo, filha de um simples pedreiro teve uma carreira brilhante, sem recorrer a métodos reprováveis, o que é do conhecimento geral.

Coisa alguma obsta, portanto, a que o amanuense Freitas se julgue melhor encarregado do que o pedreiro Kelly e que a menina



Freitas pense gozar de nítida vantagem sobre a menina Kelly.

E, se o sr. Freitas continua amanuense em lugar de milionário e se a menina Freitas continua filha de amanuense em lugar de princesa real, actriz de cinema ou filha de milionário, a sorte foi única responsável, a sorte que, tem-se visto, muda de um dia para o outro.

E talvez que o tempo passe sem trazer alterações, talvez que o destino do sr. Freitas não se transforme, talvez que a menina Freitas, cansada de esperar, se case com o Ernesto, talvez que de cinema e realeza apenas alcance «Sissi» no Cinearte... que importa? Grace de Mônaco e o milionário Kelly continuarão tão próximos como antes, tão próximos como o vizinho, o comerciante Costa, o que os distinguiu foi o acaso, crê-se, e todos se podem achar com direito aos favores do acaso. Por isso...

A família Freitas recorta as fotografias da família de Rainier III e entenece-se quando Kelly Jr. ganha corridas de remo em Melbourne.

Apesar de ricos, afortunados, belos, célebres e reais, são um pouco os amigos da casa, têm um ar íntimo, consolam de Campo de Ourique e das prepotências do patrão. Desviam, em resumo, o amanuense Freitas e a menina Freitas das verdadeiras responsabilidades da vida, como o futebol e as touradas, distraem e adormecem, constituem uma instituição de utilidade pública, quase que de necessidade pública.

4. Em que, pela primeira vez, surge um problema e do modo como foi resolvido. O casamento do século e outros promenores interessantes.

Há uns anos atrás, o povo de Mônaco tinha um grave problema: se Rainier III morresse sem herdeiros, o principado seria anexado à França e, então, findaria a felicidade. Um cortejo de contrariedades cairia sobre Mônaco: impostos, serviço militar, a guerra norte-africanã, os partidos e o que mais se conhece.

Mas Rainier não se mostrava decidido. Depois de um pequeno intermédio, de um arremedo por uma actriz francesa, só parecia interessar-se pelos macacos do seu jardim

zoológico privativo. O padre Tucker, espécie de conselheiro, tutor e anjo da guarda começava a inquietar-se e com certa razão.

Entretanto, a uns quilómetros dali, em Cannes, uma americana loira que no ano anterior ganhara o «Oscar» da melhor interpretação feminina por «Country Girl», sentada numa esplanada fazia festas e lançava olhares doces a um quarentão chamado Jean-Pierre Aumont.

Convidada para o Festival Anual de Cinema, Grace Kelly esteve quase a não aceitar («como é o destino!» pensará a menina Freitas) e, com Aumont e dezenas de outras ocupações, quase que também não aceitava o convite de «Paris-Match» a tirar algumas fotografias ao lado de Rainier e dos respectivos macacos.

Finalmente, à última hora, decidiu-se a não desperdiçar publicidade grátis, enfiou um vestido e, entre duas recepções, viajou até Mônaco, deu a mão a «Bonzo» e sorriu para o príncipe.

Não veio muito impressionada, segundo confessou mais tarde, o anfitrião era simpático, mas talvez que ela própria não estivesse muito receptiva. Contudo, o mesmo não aconteceu do outro lado. Rainier andou três dias pensativo, macambúzio. Por fim, chamou Tucker e disse-lhe: «Quero-me casar com ela». Tucker dobrou uma vénia respeitosa, respondendo: «Acho óptimo, vou imediatamente tratar disso».

E assim foi. Uma viagem oficial do pretendente aos Estados Unidos, novo encontro e amor nasceu, ao que se conta.

A Imprensa, notificava, desencadeou-se, citava-se a frase de Maurois, a tal frase de Maurois, «Os povos felizes não têm história, têm histórias de amor», a mãe Kelly principiou a escrever a vida da filha em folhetins semanais, souberam-se promenores tocantes... soube-se que Grace, em pequenina, era gorda e borbulhenta, que só amara, além do príncipe, naturalmente, um colega de escola que morrera de leucémia aos quinze anos, que não primava pela arrumação, que primava pela obstinação, que sofria de miopia, centenas de segredos íntimos e fantásticos, como todos nós temos e que a ninguém interessam.

Nesta altura um ciumento articulista francês insinuou: «Porque seria que a nossa Giséle Pascal não foi a escolhida? Os milhões

de Kelly não terão tido a sua pequena influência?» A dúvida pairou e, sem a frase retumbante de Tucker, do zeloso e providencial Tucker, pairava ainda. Afirmou o padre aos Kelly: «Se precisarem de dinheiro, o príncipe pode emprestar o que quiserem».

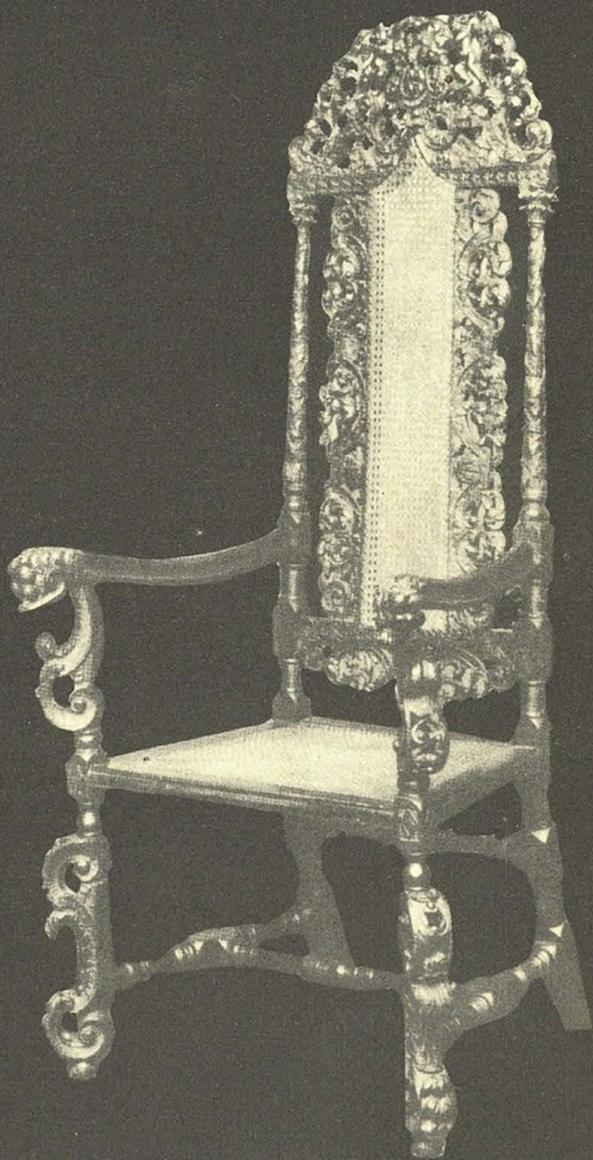
Perante manifesta grandeza de sentimentos, a América, tocada na corda sensível, comoveu-se e aclamou Grace, que, entretanto, assoberbada de trabalho, jurava não voltar a filmar e fazia os últimos preparativos para a solenidade, desmaiando dia sim, dia não.

O cinema ia pois casar-se com o sangue azul, as duas fontes noticiosas de «Paris-Match» iam unir-se, Sinatra, Ava, Rita Gam, Guinness juntavam-se a Helena, Isabel, Henrique de França, a Margarida da Suécia e de Inglaterra, um Grimaldi constituía família com uma Kelly, acontecimento raro...

Era conto da pastora e do príncipe e, se bem que Grace nada tivesse de pastora, as imaginações exaltadas punham-se à procura das cabeças coroadas, que, sabe-se lá, lhes poderiam vir a caber em sorte.

A cerimónia foi magnífica, assombrosa e, quando os noivos partiram em lua-de-mel no «yatch» real, um fotógrafo audacioso, com tele-objectiva, conseguiu fotografar o primeiro beijo...

Quanto não daria a menina Freitas?



5. A decência, a inquietação e uma família feliz. A normalidade. Nascimentos, mortes e mais sucessos.

Regra geral, o que mais apaixona o grande público é a anormalidade, o homem que matou sete mulheres, a mulher que se divorcia pela sétima vez, a última bomba, notícias da guerra, Armin Hary correndo os cem metros em dez segundos, a vaca ou a cadela de cinco pernas. Os títulos dos jornais são a esse respeito elucidativos.

Porquê, então, a celeuma produzida quando um membro da família de Mônaco nasce, Grace vai às compras ou o Marquês de Baux se constipa? Porquê a frequência com que o retrato da princesa aparece na capa de «Paris-Match»? Porquê o excessivo e permanente interesse por indivíduos que nada têm de extraordinário, decentes, respeitáveis, diríamos mesmo «burgueses», na aceção pejorativa do termo?

Eficazmente, a ex-actriz deu herdeiros ao trono, cinco anos passaram sobre o casamento, era lícito esperar que o entusiasmo abrandasse, porém, tal não sucedeu. A banal história de criaturas banais, um filho, uma morte, uma doença seguem-se nas páginas de expansão mundial. A visível magreza ou palidez de Sua Alteza constituem assuntos de conversa e de enternecimento.

Seria um erro procurar a explicação nos objectos deste estranho culto, como erro seria procurá-la nos próprios que a alimentam; como atrás se viu, o casal em questão, os pais milionários de Kelly e tudo o que se passou vão ao encontro das aspirações de determinadas camadas de população; como os filmes de «Sissi», lisongeiam um certo

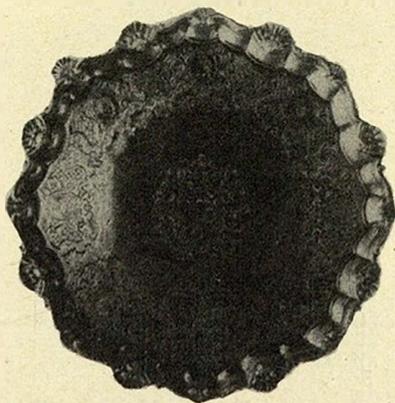
gosto a valsa, a titulares e a sacristia, sem, contudo, abdicarem do «self-made-man», do golpe inesperado da fortuna ou da celebridade cinematográfica. Todavia isso é pouco para tanta constância na adoração manifestada.

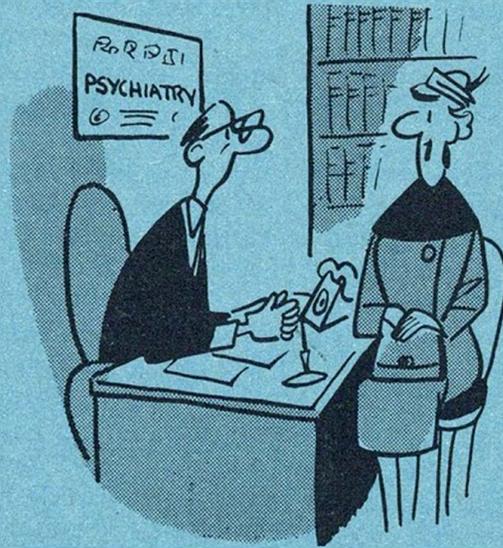
Sem dúvida que o ideal de segurança, do matrimónio e dos filhos como realização pessoal, que a filosofia do «como deve ser» estão em algumas classes profundamente entranhados, que sentimentos aprendidos de cor fazem o seu caminho triunfante e que Grace e Rainier os encarnam a todos. Sem dúvida que sim, mas não basta.

Apesar de todas as convulsões passadas e das que ainda se processam, por causa delas, criou-se e reexpandiu-se, ou talvez melhor, ressuscitou-se um burocrático gosto pela ordem, um irreflectido medo de mudanças («muda-se sempre para pior»), um amor irracional pelo estatismo e pelas posições bem definidas. E, assim, num mundo em que nada está em definitivo seguro, sequer aparentemente seguro, como no século XIX, em que as certezas se tornaram tão raras como difíceis, em que não se sabe de que lado está a verdade e a razão, a família real de Mônaco, como diria qualquer articulista da «Elle», «oferece a imagem de uma felicidade sem núvens, de uma vida tranquila e calma», que não deixa de encantar os que buscam enganar prontos ou consolações fáceis.

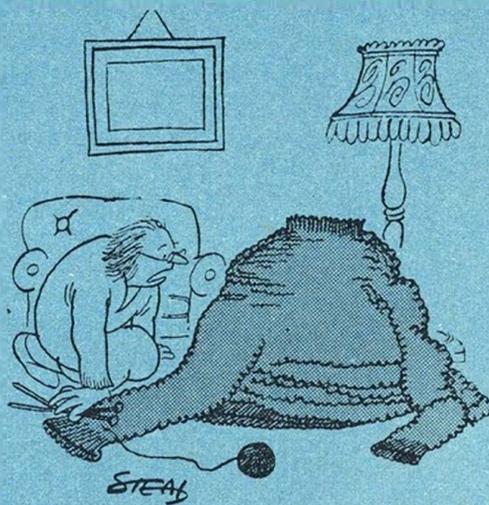
Com eles nunca se trata de rebeldes argelinos ou do desarmamento, apenas de nascimentos, mortes naturais, sucessos de rotina. Assim o sr. Costa não é perturbado por dúvidas, nem abusivamente assaltado por inquietações, não tem de pensar, não tem de agir, comove-se e repousa.

Daí, o resto.





Estou muito contente por o senhor doutor me ter curado de eu ser galinha, apesar de ficar sem os ovos



Basilio! Fala, querido! porque não falas?

Na região do ventre situada dois dedos acima da verilha direita, a um terço de uma linha que une as duas saliências ósseas da bacia (espinhas ilíacas anteriores e superiores), esconde-se um pequeno tubo cilíndrico de oito a dez centímetros de comprimento que preocupa uma boa metade da humanidade.

Este órgão — o apêndice vesicular (assim denominado porque se apresenta sob a forma de um verme) — é apenas um modesto divertículo. Pode, todavia, num escassíssimo intervalo de tempo fazer-nos ir da perfeita saúde para a mesa de operações e pôr em perigo a nossa vida.

Em geral, a vítima de uma crise de apendicite adivinha muito rapidamente o que lhe está acontecendo. Levanta-se de manhã aborrecido, nauseado, com a impressão de ter na véspera bebido e comido muito.

Tem vertigens e vômitos. A temperatura sobe-lhe a 38,5°. E, de súbito, como um soco, sofre uma dor violenta, precisa, aguda, do lado direito. Aí está a apendicite.

O que passa então é bem conhecido: o médico vem com os seus dedos hábeis, palpar, explorar, deprimir o ventre do paciente, arrancando-lhe as mais variadas queixas. Menos de uma hora depois o doente está em cima da mesa de operações onde é, rapidamente, anestesiado. Quando abrir os olhos haverá um apêndice a menos no mundo.

Após cinquenta anos de progresso em cirurgia, a apendicite parece já não pôr problemas. Mas, até ao fim do século passado, a doença era ainda desconhecida, as mortes frequentes. O mal chamava-se «cólica de miserere» ou confundia-se com o vômito negro, da febre amarela.

A apendicite, sempre fatal, era então identificada a uma cólera mal conhecida e gravíssima.

Quando alguém parecia votado a esta calamidade estava condenado sem esperança (como foi o caso, em 1882, de Gambette, Presidente da República Francesa).

O grande responsável — o apêndice — foi apenas identificado no fim do séc. XIX.

Um cirurgião inglês descobriu-o por acaso operando um dos seus doentes que apresentava uma febre intensa, consecutiva, devida pensava-se, a uma hérnia inguinal. Ora, abrindo o abdomen um pouco acima da verilha direita encontrou um apêndice gangrenado. Compeendeu imediatamente que a febre não provinha da hérnia mas da infecção e não hesitou em extirpar o órgão culpado. O caminho estava aberto e os cirurgiões lançaram-se nele com entusiasmo.

A partir desta data memorável, passou a tirar-se o apêndice quase com a mesma frequência e o mesmo à vontade com que se tiram as amígdalas. Uma grande parte dos habitantes das regiões civilizadas do globo, passaram, passam, ou passarão um dia pela mesa de operações, segundo o princípio geralmente admitido segundo o qual cada um de nós é um apendicular que se ignora.

Coisa pouca, de resto. Graças aos progressos incessantes da cirurgia, a segurança da intervenção tornou-se quase total. Vão-se os doentes podendo levantar cada vez mais cedo. Entra-se na clínica de manhã e pode sair-se dela à tarde (já aconteceu).

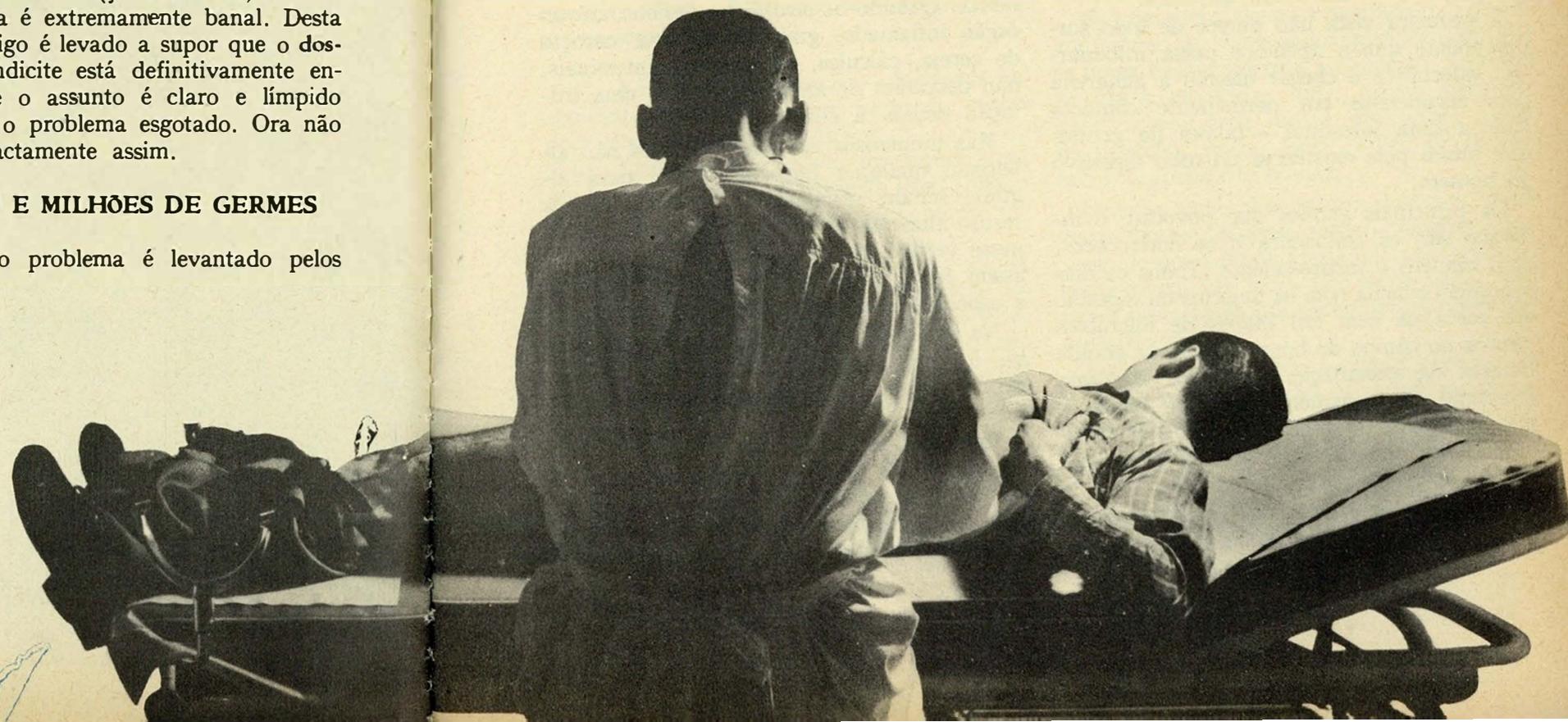
A aventura é extremamente banal. Desta maneira o leigo é levado a supor que o dossier da apendicite está definitivamente encerrado, que o assunto é claro e límpido como água, o problema esgotado. Ora não se passa exactamente assim.

MILHÕES E MILHÕES DE GERMES

O primeiro problema é levantado pelos

conheça a sua

APENDICITE



biologistas: o apêndice é o único órgão do corpo humano a que não se descobriu ainda nenhuma utilidade.

Este desmancha-prazeres reuniforme de seis a oito milímetros de diâmetro, situa-se manifestamente fora do trânsito intestinal. Liga-se a porção do intestino grosso denominada cego, verdadeiro fundo de saco que está inteiramente contido na fossa ilíaca direita. Esta porção do tubo digestivo sai um pouco fora da circulação do conteúdo intestinal: o tráfego tem lugar dois ou três centímetros mais acima no ponto em que o intestino delgado se termina — e continua — no intestino grosso.

O apêndice parece portanto não desempenhar nenhum papel no trabalho intestinal. Segundo as teorias admitidas supomos que apenas é útil — ao cirurgião.

Aparentemente o apêndice está em via de desaparecer: os biologists dizem-no «em regressão». Tal como o couix, derradeiro vestígio de uma cauda hoje desaparecida no homem, parece o apêndice ser o último resto de um órgão que tinha a sua função nos nossos antepassados.

Nos mamíferos — no macaco em particular — o cego apresenta ainda a forma de um funil sem estrangulamento na sua extremidade e participa na digestão. No homem a extremidade deste funil foi-se estreitando através dos tempos para ser apenas como um pequeno verme cheio de muco.

À primeira vista não parece de todo surpreendente que o apêndice possa inflamar-se, infectar-se e chegar mesmo à gangrena pois encontra-se em permanente contacto com a flora intestinal — biliões de germes que lutam pela existência no tubo digestivo do homem.

Os principais germes que povocam o intestino são os colibacilos e os enterococos, cujo número é surpreendente. Todos os dias o homem evacua com os dejectos da digestão até cerca de cem mil biliões de micróbios mortos no campo de honra depois da grande batalha da assimilação alimentar. Mas esta é apenas uma pequena parte de todos os que subsistem no tubo digestivo e que trabalham na decomposição dos alimentos, na síntese de novos corpos químicos.

Normalmente estes germes que aparecem no lactente alguns dias depois do nascimento

são indispensáveis à digestão e inofensivos enquanto estacionam no intestino. Pelo contrário quando passam a barreira intestinal depois de uma lesão qualquer, tornam-se patogénicos, isto é, agressivos e virulentos.

A membrana intestinal está construída de tal maneira que detém e contém esta massa fantástica de micróbios. À mínima falha desta barreira, os germes passam no sangue ou infestam os órgãos vizinhos, provocando colibacilos e septicémia. No momento da morte espalham-se por todo o corpo e arrastam consigo a putrefacção. De certa maneira a decomposição de um cadáver não é mais que uma autodigestão.

Ora, quando se considera a densidade destes germes no intestino, nota-se que ele é maior na região onde o intestino delgado se liga ao intestino grosso, isto é, na vizinhança do apêndice.

Este divertículo está assim particularmente exposto ao contacto dos colibacilos. Quando estes se tornam patogénicos o apêndice infesta-se; é uma apendicite. Toda a questão reside em saber porque razão os colibacilos vizinhos do apêndice se tornam bruscamente agressivos para com ele.

DONDE VEM A INFECÇÃO?

Desde há cinquenta anos, tenta-se explicar a causa da apendicite de numerosas maneiras. Quando os cirurgiões descobriram no órgão inflamado, grainhas de uva, caroços de cereja, cálculos, ou parasitas intestinais, não deixaram de atribuir o mal a uma irritação devida a corpos estranhos.

Mas numerosos apêndices doentes não albergam qualquer hóspede. Assim para alguns, seriam responsáveis pela doença os restos alimentares que se vão acumulando nesse verdadeiro «tubo de cultura». Ora, se assim fosse, a apendicite já teria destruído a espécie humana há milhares de anos.

Na realidade, um apêndice completamente são é capaz de conter uma soma considerável de germes, como qualquer outra parte do intestino.

Investigou-se assim um qualquer factor adjuvante que pudesse precipitar a sua virulência. A apendicite, com efeito, tanto coincide com uma forte prisão de ventre ou um excesso de cansaço, como aparece durante

uma gravidez, se segue a um resfriamento, ou é consecutiva a cálculos biliares ou a uma malformação na posição do apêndice (angulação anormal, etc.).

O apêndice existe nas mais diversas posições, em S ou J ou em rabo de porco. Assim a inflamação foi muitas vezes atribuída a um estrangulamento do órgão, isolando numa das suas porções uma massa de colibacilos em multiplicação.

Hipótese na verdade insuficiente. Quando se examinam ao microscópio fragmentos de tecido infectado, constata-se que os vasos sanguíneos estão muitas vezes lesados: a infecção provém não somente do conteúdo do apêndice, mas, também, das portas de entrada sanguíneas, é geralmente vinculada pelo sangue.

Sabe-se há muito tempo que os germes responsáveis nem sempre são os do intestino. Aos colibacilos e aos enterococos sempre presentes, encontram-se associados micróbios vindos do nariz, da garganta, das orelhas, dos pulmões: estafilococos, estreptococos, pneumococos, etc.

O que explicaria o facto da apendicite se declarar muitas vezes imediatamente depois de uma gripe, de uma angina, de uma otite, de uma pneumonia, ou de qualquer outra doença infecciosa.

A apendicite não provém, portanto, certamente, de uma causa única mas de três factores que devem associar-se para que a doença apareça. Estes três factores parecem ser os seguintes:

a) A infecção à distância — declarada ou clandestina — de qualquer parte do corpo pode repercutir-se no apêndice;

b) Este assalto por via sanguínea pode ser favorecido por uma irritação local (prisão de ventre, angulação do apêndice, corpos estranhos);

c) Estes dois factores precedentes, sós ou conjugados, enfraquecem a resistência do órgão e preparam o terreno à infecção pelos colibacilos que desencadeiam o último ataque. De qualquer maneira estes germes locais são necessários para provocar uma apendicite.

DUAS VEZES, EM TRÊS, ERRA-SE

Segundo as ideias correntemente aceites,

existe uma apendicite declarada ou «aguda» e uma apendicite latente ou crónica. Quando se trata de uma crise declarada (aguda) não há problema: é necessário operar imediatamente.

A dor, muito viva, do lado direito, junta-se uma prisão de ventre mais acentuada que habitualmente. Os vômitos são sempre alimentares, raramente biliosos. A temperatura ultrapassa raramente os 38°,5. A intervenção deve ser praticada o mais rapidamente possível.

Aí, os médicos são unânimes: não se deve temer muito operar «a quente» (isto é durante a crise) com efeito, se esta intervenção comporta alguns riscos é ainda mais perigoso esperar.

Quando se deixa «esfriar» uma crise, como era muito costume há alguns anos, pondo gelo na barriga, está-se a jogar a vida ao par-ou-ímpar. A crise pode, com efeito, acalmar. Mas muitas vezes a infecção provoca um abcesso, ou um gangrena, perfura o peritoneu (membrana serosa que envolve e protege o intestino e outros órgãos abdominais e pélvicos) e propaga-se: é a peritonite.

Acontece muitas vezes que uma crise de apendicite aguda não passa de uma falsa alerta, podendo os sintomas ser enganadores. O cirurgião extirpa nesses casos um apêndice inesperadamente são, e vai-se aperceber que o paciente sofria na realidade de cálculos renais, de uma úlcera perfurada, de uma gravidez extra-uterina, etc.

Mas os riscos de uma verdadeira apendicite aguda são demasiados grandes para que se possa hesitar perante a operação. Segundo as ideias admitidas hoje, existe, paralelamente a esta crise brutal, uma outra forma de infecção, surda, lenta, difícil de despistar: é a apendicite crónica.

Os seus sinais são sempre discretos, equívocos mesmo. Muitas vezes o paciente queixa-se de dores espontâneas do lado direito: a maior parte das vezes não sente nada. Não tem febre e apresenta perturbações digestivas bastante vagas.

De manhã levanta-se fatigado, com a boca pastosa, uma impressão de estado nauseoso. Sofre de dores de cabeça, de prisão de ventre, de cansaço, de digestões difíceis, de falta de apetite. A criança torna-se preguiçosa na aula, magra, indisciplinada. Muitas vezes vomita no automóvel, ou no comboio. Na rapa-

riga ou na mulher estes sintomas estão muitas vezes situados pelo ciclo ovárico.

Bem entendido, o exame objectivo dirige-se ao lado direito do abdomen. Num ponto muito preciso a que se chamou «ponto de Mac Burnay» (segundo o nome do médico americano que o determinou em 1889, a meio caminho entre a espinha ilíaca anterior-superior da bacia e o umbigo) a dor à pressão define uma apendicite crónica. A operação «a frio» foi sempre recomendada como muito menos perigosa (1 por 1000 de mortalidade).

Todavia a noção de apendicite crónica, muito na moda entre as duas guerras, é hoje muito posta em dúvida. Depois de meio-século de intervenções a frio, acabou por se constatar que duas vezes em cada três o apêndice tirado estava são e que uma boa metade dos pacientes recommençaram a sofrer dos mesmos sintomas algumas semanas após a operação.

Hoje, a maioria destas intervenções «a frio» começam a ser consideradas inúteis, mesmo nefastas. Alguns afirmam que a chamada apendicite crónica não existe, que é uma concepção do espírito sem correspondência material.

NAO HA APENDICITE CRÓNICA

Trata-se de um conflito de gerações. Os partidários da apendicite crónica são em geral cirurgiões idosos que mantêm a tradição recolhida durante os seus estudos.

Os médicos jovens pelo contrário não hesitam em rever os credos antigos. Para eles é impossível que a apendicite seja «crónica», isto é que dure seis meses, um ano, ou mais. Com efeito, das duas uma: ou a infecção se declara brutalmente — é a apendicite aguda; ou a apendicite se arrasta durante várias semanas, mas forma então um abcesso limitado com aderências — é uma apendicite **subaguda**.

Segundo estes médicos jovens, a infecção não pode manter-se latente tanto tempo: ou se declara ou desaparece.

Mas então? O que são todos estes sintomas indefiníveis de que se lamentam os pretensos apendiculares crónicos? E antes de mais, essa famosa dor do lado direito?

Durante muito tempo, o teste do «ponto de Mac Burnay» foi admitido como um

dogma: qualquer dor nesse ponto indicava obrigatoriamente uma apendicite. Esta noção está, actualmente, revista. Primeiro, nada mais fácil que provocar a dor à palpação, sugeri-la mesmo como declaram alguns gastroenterologistas. Basta que o paciente esteja obstipado (tendo portanto o colón direito um pouco dilatado) e seja impressionável para que a palpação do «ponto de Mac Burnay» lhe provoque uma dor «suspeita».

Quanto à dor espontânea acima da verilha direita, pode provir muitas vezes do intestino grosso ou do delgado, e do uretero e, na mulher, do ovário ou da trompa.

Os famosos sintomas de perturbações digestivas, de dores de cabeça, de fadiga, de náuseas, de vômitos, são demasiado equívocos para que a partir deles se possa diagnosticar com segurança uma apendicite. A maior parte das vezes têm outras origens: o fígado, o estômago, o intestino.

Muitas vezes os sintomas provêm de uma neurose de angústia que atinge as funções digestivas. Os serviços hospitalares conhecem assim uma multidão de neuropatas que fazem extrair inútilmente o apêndice.

Algumas semanas após a operação, a dor desloca-se-lhes para a vesícula biliar ou o estômago e exigem novas intervenções.

A radiografia foi, durante muitos anos, considerada uma prova decisiva para o diagnóstico de apendicite crónica. Mas uma inflamação vizinha, do intestino grosso, dá exactamente as mesmas imagens.

Coisa curiosa — e isto equivocou um grande número de cirurgiões — uma intervenção inútil deste tipo alivia realmente certos doentes durante algumas semanas. (E, quando voltam a piorar, já não estão sendo assistidos pelo cirurgião).

Pensa-se actualmente que a abertura do abdomen por si só é suficiente para aliviar provisoriamente os sintomas dolorosos, seja por sugestão mental, seja por um reflexo do sistema nervoso.

Se dois terços dos operados sofrem, na realidade, de outros órgãos, que se passa com aqueles que apresentam uma apendicite verdadeira? Não se trata então de uma inflamação latente, mas duma apendicite «subaguda» que prepara em poucos dias ou semanas uma franca crise de apendicite aguda.

A apendicite crónica não existe. É uma simples construção do espírito.

O DEBATE MANTÉM-SE

Em conclusão destes argumentos, os médicos da nova geração não se apressam unicamente a fazer operar a frio as pretenções apendicitas crónicas. Tanto menos quanto, afirmam, o apêndice não é talvez um órgão tão inútil como se chegou a pensar.

Vistas bem as coisas, de facto, se o apêndice fosse apenas um fundo de saco do intestino em regresso, seria constituído exactamente pelos mesmos tecidos — ou não é assim. A sua estrutura é diferente.

Na realidade, as paredes do apêndice contêm tecidos análogos aos das amígdalas: são muito ricos em ganjeios linfáticos. Por este lado o apêndice parece participar em toda uma cadeia de ganjeios repartidos pelo corpo cuja função é elaborar a língua (humor que contém certos glóbulos brancos e anticorpos) afim de defender o organismo contra as infecções.

Os partidários da teoria clássica minimizam o papel destes ganjeios de que se encontram exemplares ao longo de todo o tubo digestivo. Pode todavia observar-se que muitos apêndices se declaram no fim de uma angina. Existe assim uma relação amígdalas-apêndice tanto mais estreita quanto estes órgãos se encontram justamente em dois pontos críticos do tubo digestivo: as amígdalas à entrada do esófago, o apêndice no fim do intestino delgado.

A porta de entrada do tubo digestivo está defendida pelas amígdalas que sustêm a invasão dos micróbios externos. O apêndice poderia representar um papel semelhante em relação aos biliões de germes do intestino delgado. Mas pretendeu-se também que o apêndice não tinha nenhum papel fisiológico. Em que ficar?

Depois de cinquenta anos de observações repetidas os gastro-enterologistas apercebem-se que o trânsito intestinal pode encontrar-se modificado nos indivíduos privados do seu apêndice — mas nenhum trabalho seguro e

bem elaborado foi ainda efectuado sobre o assunto.

Mas quando se interrogam os gastro-enterologistas desprovidos de preconceitos, verifica-se que entre os seus doentes a tendência à diarreia ou à prisão de ventre foi muitas vezes modificada pela operação.

Todo o problema acaba por se resumir nos riscos que levanta uma verdadeira apendicite. Perante os sintomas incertos que põem a suspeita do mal os cirurgiões clássicos dizem que é necessário operar. A resposta, dizem, está nos números. A mortalidade nas apendicitas operadas a frio é de 1/1 000. Na apendicite aguda 6 a 10/100. Assim em cada mil operados pode-se ter salvo a vida de 59 a 99.

Mas respondem os médicos da nova escola, não estranho que os riscos sejam maiores ao tirar um órgão doente que ao tirar um órgão... são!

O verdadeiro problema é fazer um diagnóstico exacto sem ideias preconcebidas. Na crise aguda típica ou depois dela o diagnóstico deve enviar o paciente para a mesa de operações.

Pelo contrário, quando o doente se queixa há já um ano de perturbações digestivas vagas e de dores do lado direito, não, afirmam os jovens médicos, não há uma apendicite crónica. Nenhum receio de apendicite aguda deve fazer intervir o bisturi. É preferível estudar melhor o intestino, a vesícula biliar ou o ovário, onde se passam talvez acidentes mais graves.

Operar uma apendicite «crónica» é uma grave responsabilidade, grave e tripla. Por um lado, toda a intervenção é uma agressão. Há sempre um choque operatório mesmo que passe despercebido, sem falar dos riscos de uma anestesia infeliz e de outros acidentes.

Por fim começa a acreditar-se que o apêndice é um órgão útil. Já se hesita também em tirar as amígdalas.

Novos conceitos baseados na experiência talvez dentro de poucos anos esclareçam definitivamente o assunto.

armazém
das
letras &
diversos

CHAMADA URGENTE

I

Lídia tinha-lhe telefonado, e a voz dela era vibrante, angustiada. Pedia-lhe que fosse vê-la, já, já. Precisava muito de lhe falar. Ele respondera-lhe com enfado: havia de sair assim, àquela hora, com tanto que fazer...? Lídia devia ter percebido a sua contrariedade. Desligara rapidamente, deixando-o perplexo. Com que direito o vinha ela importunar? Eram apenas conhecidos. Amigos... Nada mais. Dois conhecidos, dois amigos que faziam por se amar, talvez... A ideia parecia-lhe cínica. Aquela maneira de formular um problema sentimental com a frieza com que costumava pôr aos alunos problemas de álgebra... Em todo o caso, tinha de reconhecer que era assim mesmo. Conheciam-se havia ano e meio e sempre na mesma, posto cada um pensasse, para si mesmo, ter encontrado o seu ideal. Sim, não falava só em seu nome: falava no dela também. Leopoldo era homem para não ter dúvidas quanto ao que os demais pensavam ou sentiam. Se Lídia ainda o não amava, era questão de tempo. Só aquela insistência do telefone, todos, todos os dias. A princípio fazia por interromper as conversas com este ou aquele pretexto. Que futilidade aquelas longas tagarelices sem nexos! Acabara con-

tudo por habituar-se. Lídia não era, realmente, uma mulher vulgar. Embora de uma cultura medíocre, exprimia coisas subtis, quase profundas às vezes. Dir-se-ia ter vivido muito, muito e dolorosamente, apenas com trinta e sete anos. E que adivinhação, que receptividade! Bastava que ele dissesse... «Está? Está lá?» para ela saber logo o que lhe ia no espírito, se estava a ler ou a trabalhar, se voltara satisfeito ou contrariado do Liceu, se os exercícios dos seus alunos, em cuja versão se encontrava lhe agradavam ou lhe desagradavam. Sim, de facto, mudava de humor facilmente. O Liceu acabrunhava-o. Via-se obrigado a renunciar aos seus estudos pessoais, às suas leituras predilectas, às suas deambulações pelas ruas da cidade. E ela percebia tudo. Bastava aquela interrogação aparentemente estereotipada: «Está? Está lá?». Efectivamente Lídia era-lhe indispensável, tinha de o reconhecer. Mas, quanto a amor. Não. Ah isso não! Estava velho para amores. Solteirão, com trinta e sete anos era tarde para casar. Lídia perdia o seu tempo. Não não tinha o direito de o interromper assim no meio dos seus trabalhos. Chamá-lo àquela hora? Obrigá-lo a sair? E a voz de Lídia ficara-lhe nos ouvidos. Nunca a ouvira assim tão ansiosa, tão desesperada. E principiou a vestir-se. Vestia-se de vagar. Havia de chegar quando

João Gaspar Simões, nasceu na Figueira da Foz a 25 de Fevereiro de 1903. Estudou na Universidade de Coimbra onde se licenciou em Direito. Ainda estudante distinguiu-se literariamente tendo fundado com Branquinho da Fonseca e José Régio a revista «presença», de excepcional importância na evolução das letras e do pensamento português e foi presidente da Associação Académica.

Tem publicados livros de ensaios, romance e novela — «O Mistério da Poesia»; «António Nobre, Percursor da Poesia Moderna»; «Vida e Obra de Fernando Pessoa»; «Pântano»; «O Marido Fiel»; etc. — e uma peça de teatro «O Vestido de Noite».

Mas a importância de João Gaspar Simões na vida literária portuguesa tem, talvez, a sua mais notável expressão na actividade crítica que há anos vem desenvolvendo com uma constância, uma inteireza e uma acuidade, raras entre nós.



conto por João Gaspar Simões

chegasse. Uma vez sem exemplo. Iria, mas teria o cuidado de lhe fazer compreender não estar disposto a caprichos daqueles.

Na rua, tomou um táxi que descia a Calçada da Estrela. Dali ao Campo Pequeno era longe. O táxi rodou à desfilada. E ele pôs-se a recordar a primeira vez que fora a casa de Lídia. Um colega, amigo comum, pedira-lhe encarecidamente que examinasse em matemática o filho de uma senhora das suas relações, apreensiva quanto à capacidade do rapaz, estudante de um colégio particular. Recusara. Não podia prestar-se a uma coisa dessas como professor liceal! Mas ela própria lhe escrevera, por fim, pedindo-lhe que acesse ao seu rogo. E contava-lhe a sua vida, os malogrados estudos do filho. Se o pai ao menos o quisesse orientar... Mas o pai não queria saber do rapaz. Abandonara-a com aquele encargo. A ela cabia toda a responsabilidade. Era divorciada. O marido abalara com uma aventureira. Se não fossem os conselhos de alguns amigos, que havia ela de fazer? Esperava que ele lhe quisesse prestar aquele grande serviço. E ele transigira, por fim. Depois de examinar o filho, ficara a tomar chá com a mãe. O rapaz tinha qualidade: era apenas cábula, nada mais. Aconselhou-a a interná-lo num colégio. Ela assim fizera. E ficaram amigos. Voltara mais vezes. Duas vezes por semana

ela o recebia no pequenino gabinete à entrada da porta e aí ficavam horas a conversar diante de duas xícaras de chá. Estava-se realmente bem ali. Que luz tão suave, que tapetes tão confortáveis, que **maples** tão amplos e profundos! Lídia falava mais do que ele. Tinha sempre tanta, tanta coisa que contar! Conquanto sáisse pouco, não havia nada que ela não soubesse, graças ao telefone seu companheiro inseparável, até na cama. Guerras, revoluções, passagens de modelos, casamentos, divórcios, escândalos: sabia tudo, tudo vinha até ela de toda a parte, através dos fios. E para tudo tinha uma reflexão pessoal, um propósito irónico, uma frase, talvez frívola, mas nunca vulgar.

O táxi estacou. Estava diante do prédio de Lídia. Apeou-se, pagou ao **chauffeur**. Anoitecia. Nas janelas do quarto andar lá no alto, havia uns laivos de sol. A porta estava aberta. Entrou e pôs-se a subir a escada vagarosamente. De vez em quando parecia ouvir a voz angustiada de Lídia ao telefone. Que lhe queria ela? Estaria doente? Não. Não havia razão para alarme, pensava. As mulheres são assim mesmo. Por causa de uma malha caída nas meias põem uma casa em alvoroço. Se houvesse qualquer novidade: uma doença, uma aflicção, não o chamaria assim, dir-lho-ia desde logo.

Estava no quarto andar, diante de Lídia. Premiria o botãozinho eléctrico e a porta abrir-se-ia como das outras vezes. Lídia ia aparecer-lhe com um dos seus vestidinhos muito simples, afogados no pescoço, com a sua gola de cambraia branca, discreta e serena como uma *nurse*. Sim: havia nela a simplicidade de uma inglesa. Era alta e esbelta. Usava os cabelos, castanho muito claros, enrolados na nuca, com as madeixas coladas às fontes, e a risca aberta ao meio. Os seus olhos, castanhos, de tão claros, pareciam verdes, desse verde transparente e glauco das águas do mar a certas horas do dia. E os olhos iluminavam-lhe a máscara. Ao pé deles perdia-se, apagava-se, a perfeição do nariz, fino e bem desenhado, a pequenês da boca de criança fresca e mimosa e a delicadeza da face miúda, com a sua sombra de *rouge* discreta.

Já premira o botão da campainha. Ela própria lhe viria abrir a porta, corredor além, no seu passinho rápido. A campainha soara, e ele esperava. Nada. Tocou de novo. A campainha retiniu, ficou a vibrar. Teria saído? Mas, então, para que lhe pedira que viesse? Para que lhe telefonara? Ah, não! Tal coisa não lha perdoaria. E lembrava os seus livros esparsos, o seu trabalho interrompido. Quem podia confiar em mulheres? No fundo, eram todas frívolas, egoístas, caprichosas. E tocou outra vez. Nada. Silêncio de morte.

Inútil teimar. Se houvesse alguém, teria aberto já. O andar não era tão grande que a campainha se não ouvisse por toda a casa. Decidiu abalar. E pôs-se a descer a escada irritado. Descia muito mais depressa do que subira, dando com a ponteira da bengala nos degraus, a testa franzida.

«Muito boa tarde, Sr. Dr.» murmurou por altura do segundo andar uma rapariga que subia a escada. Leopoldo ergueu a cabeça: era a criada de Lídia.

«Boa tarde! Boa tarde! Não está ninguém em casa?» resmoneou.

A criada explicou que sim, senhor, que devia estar. A senhora ficara em casa quando ela saíra, havia pouco mais de uma hora. Leopoldo teimou que não: não estava ninguém, porque ninguém lhe abrira a porta. Como assim, dizia a criada. E teimava para que voltasse a subir. Contrariado, Leopoldo acedeu. Principiava a estar apreensivo. De

facto, Lídia não era pessoa para lhe suplicar que viesse, saindo depois para o não receber.

A criada resmoneava:

«Não pode ser. O Sr. Dr. deve estar enganado.»

Chegaram. Entraram. Leopoldo quedara-se discretamente no átrio, enquanto a criada batia à porta da saleta e chamava:

«Minha senhora! Minha senhora! O Sr. Dr.»

Nada. Entrelharam-se. Havia qualquer coisa de estranho naquele silêncio. Já inquieta, a criada correu ao quarto da senhora abrindo a porta, mas a porta estava fechada à chave. Voltou a chamar. Nada. Então, Leopoldo, inquieto, avançou pelo corredor. Chamou também. Por fim meteu ombros à porta. A noite invadia o quarto. Apenas através de uma fresta da janela entreaberta penetrava um esvaído raio de sol poente. A criada correu a abrir as portadas. Deitada na cama, imóvel, de olhos fechados, como se dormisse, muito composta, estava Lídia. Leopoldo correu para ela. Abanando-a:

«Lídia! Lídia!»

Esta não respondeu. Dobrou-se sobre a cama. Pegou-lhe na mão abandonada. Estava fria. Não, ah, não! Era impossível! Tremia dos pés à cabeça. Que era aquilo? Que tinha ele? Olhou em volta à procura de uma explicação. No espelho em frente viu-se a si próprio: a face lívida, os olhos espantados, a boca entreaberta, quase imbecil. Era preciso fazer alguma coisa. Talvez estivesse desmaiada. Sim: devia estar desmaiada. A criada, aos pés da cama, de olhos esgazeados, fitava a patroa sem compreender. Que imbecis, pensou Leopoldo. Era preciso chamar um médico. Precipitou-se sobre o telefone, em cima da mesinha de cabeceira, e só então compreendeu: sobre o mármore da mesa havia um copo e a seu lado caído um tubo vazio de *Luminal*. Como? Porquê? E lembrou-se da voz ao telefone. Se tivesse vindo logo... Não. Só agora compreendia que sem ela os seus livros, os seus papéis, a sua tranquilidade nada valiam. Um médico, um médico imediatamente!

II

«Não. Quero que me diga a verdade. Tenho a certeza de que sou eu o responsável.

Se tenho respondido de outra maneira. Se tenho corrido ao seu apelo... Nada aconteceria, pois não é verdade?»

Estavam sentados nos **maples** na salinha de chá. Lídia, muito embrulhada, pálida e débil, sorria. Leopoldo, debruçado para ela, mal sentado, suplicava. E Lídia continuava a sorrir. Mas o sorriso dela tinha qualquer coisa de vago e distante. Os seus olhos castanhos pareciam mais verdes, mais transparentes, mais glaucos. As suas faces miúdas e finas dir-se-iam apagar-se, diluir-se. Se erguesse as mãos, as mãos seriam diáfanas.

«Não sei, Leopoldo, não me lembro de nada. De qualquer maneira a si devo a vida.

— Não. Não é isso. Responda-me, Lídia!

— Que quer que lhe responda? É possível, sim, é possível! Talvez se tivesse res-

pondido com menos impaciência... Mas não. Não foi por isso. Nem eu sei porque foi. Há momentos assim...»

A voz de Lídia nem era ansiosa nem magoada: era tranquila, serena. Na sua boca murcha como uma flôr pisada havia mesmo um sorriso vago, distante, repousado. Leopoldo, inclinado para ela, seguia-lhe as palavras com os olhos. Todo ele era fervor: parecia adorá-la.

«Não me queira poupar. Eu estava cego.

— Cego, Leopoldo?» tornara ela. E uma breve convulsão lhe franziu os lábios. «Não, não estávamos cegos: nem você nem eu. Tinha de ser assim. Nunca se sentiu de repente como que estranho ao mundo? Tem-me acontecido tantas vezes... Até no meio das maiores alegrias. Levantara-me bem disposta. Andei bem todo o dia. Mas quando, ao fim da



tarde, me sentei diante do espelho para arranjar o cabelo, não sei que houve em mim... Pareceu-me tudo tão absurdo! Eu própria. A minha própria cara: os meus cabelos, os meus olhos. Pareço-lhe doida, não é verdade? Talvez estivesse doida naquele momento. Que culpa tenho eu?... Súbitamente veio a mim toda a minha vida: a que fui, o que sou, o que viria a ser. Vi-me velha, de repente. Velha e sem ter vivido. Não sei. Não sei explicar. Estou a dizer tolices. Sim, Leopoldo, às vezes complicamos as coisas só para não termos de enfrentar a verdade. Tenho trinta e sete anos! Trinta e sete anos, Leopoldo! Pensei naquele momento: estou velha. Que posso eu esperar da vida? É um filho homem. Ah, os filhos como eles nos envelhecem! Há momentos em que estas coisas nos esmagam. Procuramos iludir-nos. Andamos todos iludidos. Mas, de repente, a verdade aparece. E então temos medo. Medo, sim, Leopoldo, medo! Chamei por si, precisava de si...

— E eu tratei-a mal... «suspirou Leopoldo, juntando as mãos, num desespero silencioso.» A culpa foi minha.

— Já lhe disse que não. Ninguém teve a culpa. Se tivesse respondido de outra maneira, seria o mesmo. Todos temos medo, todos...

A voz de Lídia não era ressentida, mas resignada. Havia nela uma fatalidade serena e quase risonha.

«Não, não é verdade!» protestou Leopoldo, estendendo as mãos para ela. «Naquele momento teríamos compreendido...

Compreendido o quê?

— Que nos amávamos.

— Oh, que loucura! Há quem diga que fui covarde. É possível. Mas que quer dizer isso? Momentos há em que as palavras por mais graves que sejam nos fazem sorrir. Covarde? Porquê? Porque vi, porque compreendi que era impossível, que era uma ilusão... Quando lhe telefonei, pensava realmente que se você viesse, se tomasse conta de mim, talvez eu me salvasse. Mas salvar-me como, para quê? O amor é impossível, acabaríamos por reconhecer o nosso engano... Não nos podíamos amar.

— Não é verdade. Eu amo-a, amo-a. «A veemência destas palavras parecia profunda e sincera. Mas Lídia sorria: conhecia-o tão

bem. Não passava de uma atitude de uma pose de actor que repete de cor um papel.

«Cale-se!» atalhou ela, com o melhor sorriso, apenas mais vago e mais triste. «O amor não se finge. Não ama quem quer. Fizemos a nossa obrigação. Bem sabe que fizemos o possível. Você não me quer. Eu nunca o amei. Naquele momento cheguei a pensar que sim. Mas era ilusão. Queria enganar-me a mim mesma. Não foi por me ter parecido enfadado e seco que eu cheguei ao extremo. Não, Leopoldo, não creia isso. Se eu o amasse, que me importaria o seu enfado, a sua frieza? Entregar-me-ia fosse como fosse. Não. Eu própria sabia que o não amava. Chamei-o porque tinha medo. Se eu sentisse que merecia a pena, esperaria por si. Tinha a certeza de que viria. E teria sido sua, mesmo que você não quisesse. Ah, não! Seria um malogro! Acabaríamos por ter de confessar que nos enganáramos. Mais tarde ou mais cedo, a verdade viria à tona da água. Não sei mentir, Leopoldo. Não posso mentir.

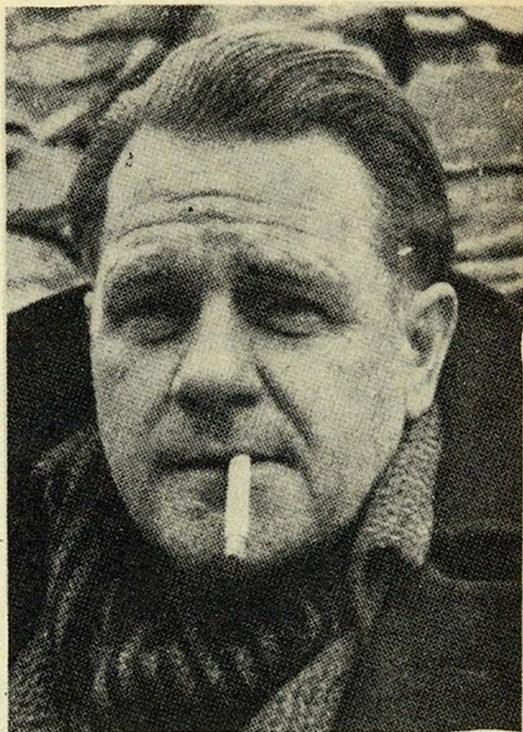
Não a percebo. «Não sei o que quer dizer» protestou Leopoldo, numa espécie de revolta. Ela sabia porém que também aquela revolta não era verdadeira.

«Percebe, sim, percebêmo-nos perfeitamente. É a única coisa que nos une: o entendimento. Mas não serve de nada... Sim: de que serve esse entendimento? É de amor que nós precisamos. Precisamos de ilusão, de cegueira. As pessoas que e compreendem não se amam. Ah, que estúpida é a vida! Que fracos e impotentes nós somos! Porque não há-de uma mulher amar o homem que a compreende? Porque não há-de você poder amar-me a mim, que o compreendo tão bem? Porque não havemos nós de poder escolher aqueles a quem amamos?»

Leopoldo deixou cair a cabeça entre as mãos. Um silêncio se fez entre os dois. Ela olhava em frente e parecia sorrir: sorria sempre, vaga e triste, magoada e distante. Quando daí a pouco se despediram, Lídia disse-lhe sorrindo ainda, com esse mesmo sorriso misterioso:

«Nada a fazer, meu amigo. Não somos nada na vida. O amor, o verdadeiro amor não tem princípio nem fim: está nas almas antes das almas entrarem nos corpos. Continua nas almas depois dos corpos descenderem à terra...».

o livro do mês



Lawrence Durrell

JUSTINE

A tetralogia de Lawrence Durrell é hoje já um clássico da literatura moderna — se bem que o último dos seus quatro volumes tenha sido publicado em Fevereiro deste ano. O quarteto de Alexandria — como é conhecida a obra a partir da cidade onde se passa e que domina o ambiente dos romances — foi considerado por alguns críticos uma peça tão fundamental na evolução da literatura europeia contemporânea como «À la recherche du temps perdu» de Proust.

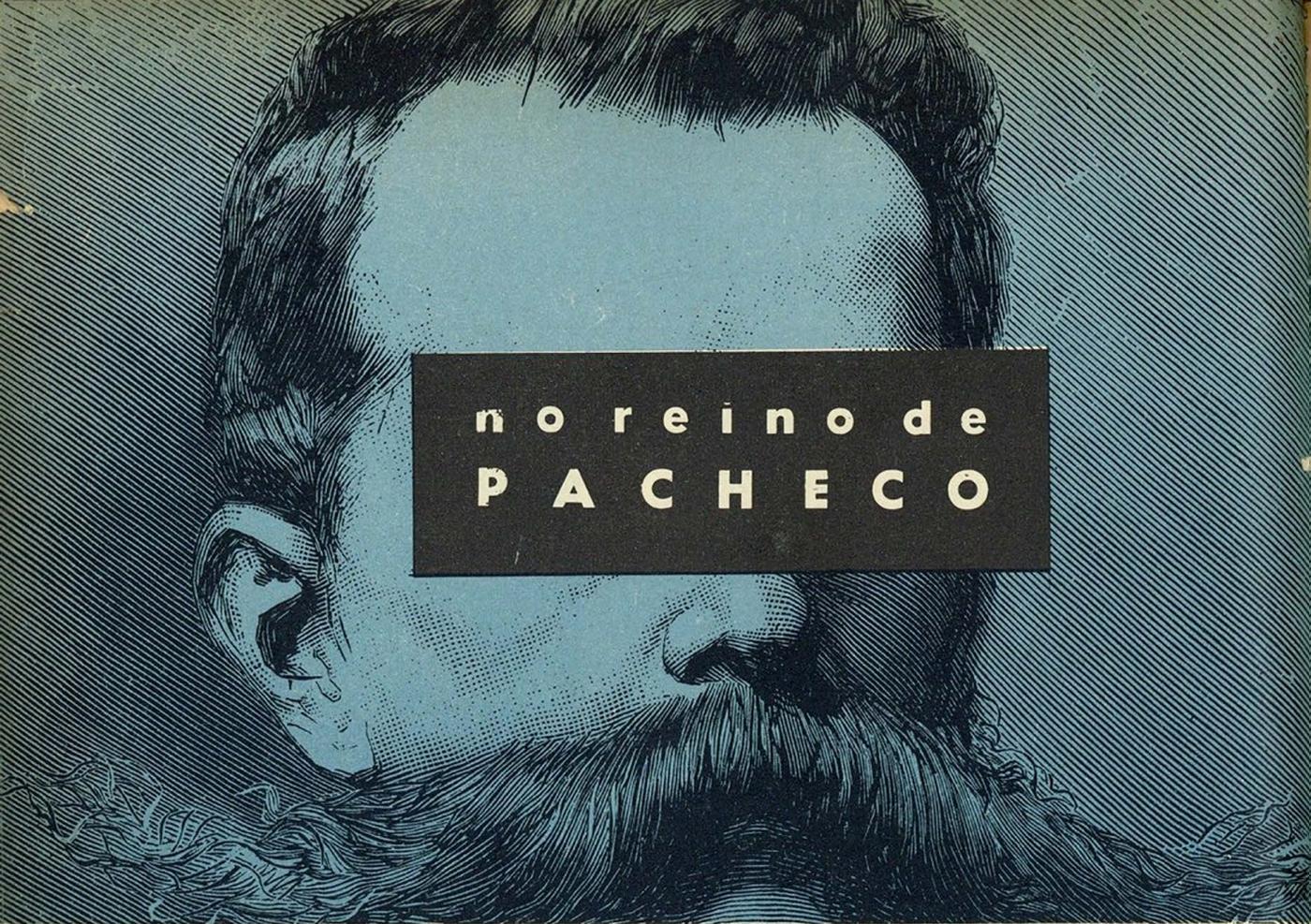
Se bem que um tal juízo possa tomar-se como exagerado o facto é que **Justine**, o primeiro romance, e **Clea**, o último, foram recomendados pela Book Society inglesa, na América, **Mountoline**, o terceiro, foi escolhido pelo Clube do Livro do Mês, e **Balthazar**, o segundo, recebeu em França o prémio para o melhor livro do ano para 1959.

Durrell considera a sua obra uma «investigação em amor moderno». Três das novelas

são narradas pelo mesmo personagem. Darley, professor em Alexandria, obcecado pela cidade e pela vida dos amigos. Em **Mountoline**, Darley passa a ser apenas um personagem, para retomar o fio da narrativa em **Clea**, e fechar o ciclo. Os mesmos personagens e sítios são vistos de ângulos diferentes, num discurso interior contínuo, tratado numa prova poética — Durrell foi, originariamente, um poeta — que os críticos ingleses consideram dos mais apurados deste meio século.

Durrell, que nasceu no norte da Índia, foi educado em Inglaterra e vive actualmente no sul da França, possui uma sólida formação clássica e fala numerosas línguas

É curioso notar os dois autores que cita na primeira página de **Justine**, como epígrafe, pela importância que certamente tiveram na evolução do pensamento contemporâneo: Freud e Sade.



n o r e i n o d e P A C H E C O

No reino de Pacheco há dois tipos de construção: a construção civil e a «autre». Pela «autre» deve entender-se a construção militar (fortalezas, fortes e fortins) e a construção naval (Cruzadores e «ferry-boats»).

Vamos, hoje, dedicar algumas linhas à construção civil «autre», os Pachecos, a fim de determinarmos a sua origem e características.

Começemos pelas origens. A construção civil entre os Pachecos tem a sua origem em Tomar. Disto não há a menor dúvida. Os construtores civis são tomarenses que emigraram para outras cidades e que, levados pelo desejo de realçar a sua terra adoptaram o sistema do contraste: destroem as outras terras. Em Tomar existe a janela do Convento de Cristo. Nas cidades construídas pelos tomarenses, só Cristo é que teria a coragem de ir à janela...

Também aos construtores civis se dá o nome de «Patos bravos». Patos porque só os patos é que gostariam de viver nas suas casas. Bravos para que se distingam dos indivíduos atacados da chamada loucura mansa.

A civilização e a cultura dos construtores civis do Reino de Pacheco não carecem de discussão. Estão patentes ao público nos bairros novos.

Para além dos patos bravos existem os Pachecotetas, uns indivíduos devidamente encanudados que, terminado o curso, foram passar 15 dias a Paris onde contemplaram a Torre Eiffel e o Petit Palais. Foi, também, em Paris que os Pachecotetas compraram as revistinhas em que se inspiram e onde lêem uns artigos (que não digerem) sobre o Carbusies.

Uns vêm de Viseu, outros de Alcabideche e outros ainda não vêm de parte nenhuma: surgiram por si próprios e ficaram deslumbrados ao verificarem que estão vivos e que são Pachecotetas. Enquanto se formam, vivem em pensões baratas e em casas de primas (também de Viseu e de Alcabideche). É também, enquanto se formam, que esquecem o francês aprendido no liceu. Uma vez na posse do canudo e de regresso da sua visita a Paris, inspiram-se nas tais revistas que lá compraram e que lêem com o francês que já esqueceram.

É assim que formam o seu «gosto».

Um dia no Paulistano, encontram um pato bravo e, meses depois, ao dobrarmos a esquina, damos com mais uma «marabilha». A árvore geneológica da construção civil no Reino de Pacheco é simples:

Viseu, Alcabideche ou **self-born**

Pachecoteto
↓
Pensão ou casa da prima
↓
Revistas mal lidas e mal interpretadas

Tomar

Mercearia, sorte grande ou letras
↓
Opel Rekord
↓
Opel Kapitán

Prédio no Areeiro

É claro que, para além dos Pachecotetas descritos, existem uns outros que, em Paris frequentaram **snack-bars** onde aprenderam a regra básica da moderna Pachecotectura: as casas são tanto mais modernas quanto maior for o número de cores diferentes utilizadas para pintar as paredes. É por isso que, actualmente, há tanta casa particular transformada em **snack-bar**.

Esta segunda categoria de Pachecotetas podia designar-se por «categoria» dos Pachecotetas esclarecidos ou cultos. São cultos porque, além de copiarem o mau das revistas francesas, também copiam o mau das revistas americanas.

Falemos, agora, das características e tipos da Pachecotectura contemporânea. A sua característica básica consiste em ser funcional. Por «funcional» entenda-se que as casas destinadas a famílias foram concebidas para senhores que vivem sòzinhos e que em todas as casas é necessário entrar de lado, sair de costas e não falar muito alto para se não acordar os vizinhos.

1.^a descoberta da Pachecotectura «funcional»: o Hall. Por «hall» entende-se um pequeno espaço que dá para a parte da rua e que fica entre a casa de banho e a sala. Cabe lá uma pessoa desde que se deite e dobre os joelhos.

2.^a descoberta da Pachecotectura funcional: é possível ter espaço para comer e não ter espaço para viver, numa sala a que se chama o «living-room».

3.^a descoberta da Pachecotectura funcional: tanto se toma banho em pé como de gatas e é, até preferível, tomá-lo de gatas para se aumentar a duração da vida. Os ga-

tos e as gatas, como todos sabem, têm sete vidas.

Se acrescentarmos que não deve haver duas paredes iguais, teremos a moderna Pachecotectura e se acrescentarmos, também, que devem existir «armários metidos nas paredes» onde caibam três sabonetes e uma caixa de fósforos, teremos a moderna Pachecotectura «esclarecida».

Para além do funcional existe um outro tipo de arquitectura, inspirado na Torre de Belém e no Mosteiro da Batalha. Dá pelo nome de «português suave». Está muito em voga. Os seus elementos básicos são: a) o alpendre; b) a lareira de tijolo; c) a última ceia na parede da casa de jantar; d) o brasão dum desconhecido bordado no reposteiro de veludo; e) a torre.

Destes elementos o mais importante é a torre. Abundam as torres. Pululam as torres. Surgem por toda a parte. A torre deve ser alta e construída a um canto da casa.

A sua utilidade, no nosso tempo, é incontestável. Permite, aos proprietários das casas «português suave»:

1.^o — Observar, ao longe, o monumento das esquadras serracenas.

2.^o — Ver a Índia dos seus anéis.

3.^o — Fiscalizar a Mariazinha que está a namorar no jardim.

4.^o — Colocar, no chão, junto à base da torre, uma caixa de fósforos e, do alto da torre, proceder a concursos de cuspo, para ver quem acerta.

5.^o — Sentir-se «português à antiga».

É pronto. Basta apenas dizer que a Pachecotectura contemporânea assombra naturais e estrangeiros.

A EDITORA ULISSEIA

lança agora a

COLEÇÃO 3:C

Para identificar os três géneros que são publicados alternadamente, procure o sinal



para AVENTURAS



para POLICIAIS



para FICÇÃO CIENTÍFICA



A venda neste mês de Outubro os dois primeiros volumes :



VOANDO PARA O PERIGO

de John Castle & Arthur Hailey



SOCIEDADE DINAMITE

de Horace McCoy

RISE

SURPRISE

-PARTY

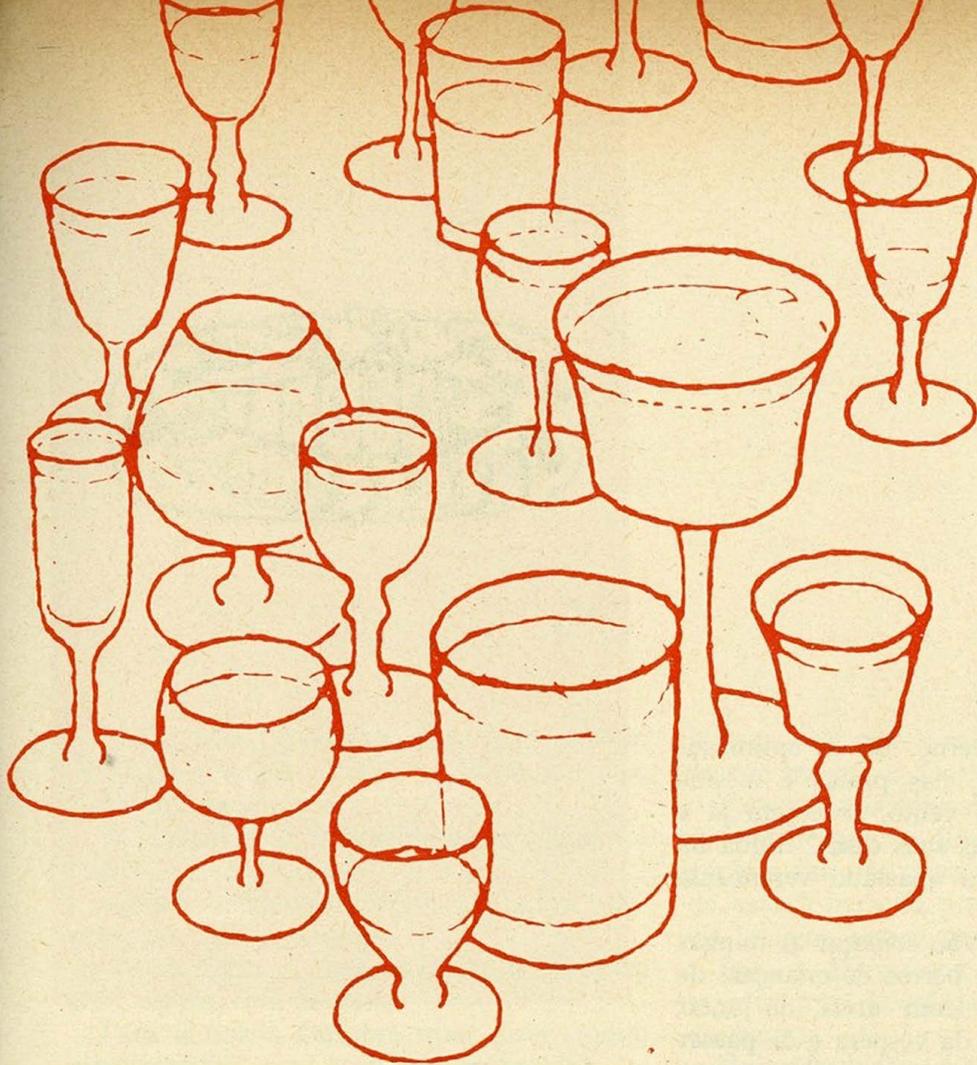
TY



APERITIVO

Resolvi esta manhã não ir à China. A minha vida está cheia de problemas insolúveis que carecem de solução imediata. Não me vale a pena criar problemas novos e cansar esta mioleira, já gasta, a tentar solucioná-los. Não vou, hoje, à China. Tenho, portanto, um problema a menos. Está resolvido: não vou à China. É claro que, pelos mesmos motivos, também não vou ao Japão nem à Dinamarca. Só ao Congo é que não vou por motivos diferentes. Por outro lado estas decisões criaram um problema novo. Desde que não vá à China, ao Japão e à Dinamarca, onde hei-de ir hoje? Um chinês sempre se pode divertir em Lisboa, vendendo gravatas às esquinas, e observando os portugueses que são diferentes dos chineses: são muito mais altos, têm os olhos excessivamente redondos e dizem que os chineses comem arroz. Um português não pode fazer as mesmas coisas. Não pode vender gravatas às esquinas, nem olhar para os olhos dos outros portugueses. Está farto deles ou, se não está, devia estar. O que lhe falta é imaginação. Se eu tivesse imaginação ia vender gravatas em Nanquim. É mentira. Não podia ir porque resolvi não ir à China. Pelo menos hoje. Já só posso ir amanhã, porque «palavra de rei não volta

atrás». Isto, para dizer a verdade, não quero dizer nada porque eu não sou rei. Nem sou nem quero ser. Prefiro poder voltar atrás com a minha palavra. Questão de princípios. O melhor é ficar a coisa assim: embora não vá à China por ter decidido que lá não ia, reservo-me o direito de ir à China se resolver lá ir. E pronto. Não vou à China. Questão de princípios. Não vou, mas salvei a minha liberdade, o meu direito a decidir se quero ir à China ou se não quero ir à China. Sou pelo livre arbítrio contra o determinismo. Sinto-me feliz por ter um problema resolvido logo de manhã. E agora? Onde hei-de ir hoje? Vou passear para os lados do Chiado. É mais barato do que ir à China. Mas é mais barato e menos cansativo. É mais barato, menos cansativo e revela a força do meu carácter: resolvi não ir à China e não vou. Vou antes ao Chiado. Tudo isto vem a propósito de aperitivos, porque toda a gente sabe que ninguém vai à China sem tomar um aperitivo. Por outro lado, toda a gente sabe que as pessoas que resolvem não ir à China merecem um aperitivo para as compensar de não terem ido à China. A melhor compensação será tomar um aperitivo chinês, um aperitivo feito à base de Rum porque toda



a gente sabe que, se o Rum não é chinês, podia, muito bem, sê-lo. Há alguém que conheça algum motivo que impeça o Rum de poder ter sido chinês? Não. Ninguém conhece. Mesmo que alguém conhecesse teria de se calar porque, hoje, não estou para discussões. Aqui vão alguns aperitivos, feitos à base de Rum, que eu gostaria de beber se me não fizessem mal:

1.º — Três cálices de Rum e um cálice de Coca-Cola (ou qualquer bebida de cola). Para as senhoras e para os fracos, alterar a ordem dos ingredientes. Para os tímidos que desejam deixar de o ser: não deitar Coca-Cola. Para os amantes de vitaminas: juntar uma rodela de limão. Juntar gelo.

2.º — Três cálices de Rum, um cálice de **Triple Sec**, sumo de um limão. Para as senhoras que desejamos conquistar: deitar só dois cálices de Rum. Para as senhoras que nos desejam conquistar: a) Se forem bonitas; substituir o **Triple Sec** por Cointreau francês; b) Se forem feias: substituir os ingredientes por água da torneira. Para as sogras: Substituir o sumo de limão por vinagre.

3.º — Dois cálices de Rum, uma colher de chá de mel, sumo de meio limão, meio copo

de Ginger Ale. Como este aperitivo é doce, convém tomar, após o mesmo, duas colheres de sopa de bicarbonato de soda dissolvidas em Champagne francês para tirar o gosto.

4.º — Um copo de sumo de ananás, três cálices de Rum, um cálice de **Brandy**, umas gotas de Bitter. A este **cocktail** chama-se «Mamma mia». Eu chamo-lhe «Mamma tua» porque a minha mãe é uma pessoa decente que não bebe porcarias.

5.º — Em Havana chamam a esta bebida «La Muerte». Não sei se é verdade porque nunca fui a Havana nem lá quero ir pelos mesmos motivos porque não quero ir à China. Um copo de café forte, um cálice de Rum, sumo de um limão, duas colheres de sopa de açúcar. Mexer, gelar, beber e morrer gritando «Olé».

Resolvi, afinal ir à China. O homem é assim: toma decisões rápidas. Não deixo a minha morada. É, portanto, inútil procurarem-me. Se não quiserem não bebam, mas não me procurem para me pedir satisfações. Nunca dou satisfações e, de qualquer forma, parto daqui a uma hora para a China. Adeus. Já parti.

Vai começar o Inverno. Só os optimistas se conservam, ainda, nas praias e mesmo esses, fustigados pelo vento, começam já a pensar no conforto das suas casas. Ainda há dias um respeitável e abastado veraneante dizia aos amigos:

— Até que enfim! Vão começar as minhas férias! Estou farto de berros de crianças, de pastéis de bacalhau com areia, de jantar tarde, de ler o jornal da véspera e de passar as manhãs estendido na areia a olhar para o céu enquanto os filhos dos amigos me cobrem de areia e me despejam sobre o lombo baldes de água fria...

Quantas e quantas esposas não chegam a Outubro necessitadas dum período de descanso que as compense das correrias atrás dos meninos e dos ataques de formigas nos pinhais?

Não há, na verdade, qualquer motivo para que encaremos o mês de Outubro com pessimismo. Vejamos o que este mês significa para os diversos membros da família.

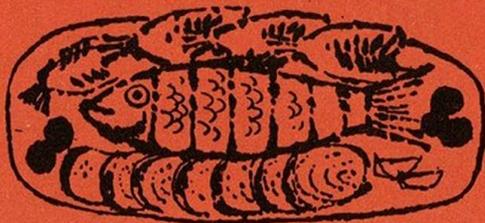
Outubro, para o pai, quer dizer que a paz voltou ao lar e que tem à sua frente oito meses para conseguir obter o dinheiro necessário ao arrendamento da casa para a estação seguinte.

Com o fim das férias vai voltar à Reparação e aos amigos do Café. Vai voltar a conversar de política e de futebol. Vai libertar-se das conversas das esposas e dos filhos.

— Oh! João, viste o vestido da mulher do Fonseca?

— Oh João, passaste pelo padeiro?

— As férias, João, são para mim. Durante o ano nunca te vejo mas as férias são para mim. Não admito que te metas no Café.



culinária

— Fizemos tantos sacrifícios para passar-mos este mês na praia e tu nem sequer lá vais... Passas o dia no Café e no barbeiro...

— Oh João, tu estás gordíssimo! Tens de fazer dieta.

No vocabulário do pai, Outubro quer dizer «regresso à normalidade, mês em que cessa essa correria incómoda a que chamamos férias...»

Para a mãe, Outubro é o início da estação calma. Não mais voltará a preocupar-se com as horas em que a Mariazinha chega a casa, com o trabalho excessivo da caridade, com o marido (que devia ter vindo no comboio das 5 e já são 6 e meia...) com o Zêzinho que anda na estrada de bicicleta e com aquela nódoa que fizeram na mesa da sala de jantar e que é preciso mandar limpar antes de entregarem a casa ao senhorio.

Acabaram-se as notícias tristes.

— Minha senhora: Hoje não há peixe nem carne!

— Minha senhora: acabaram-se as batatas. É preciso ir ao lugar buscar ovos (O «lugar» fica a 6 quilómetros de distância).

— Oh mãe, dê-me 5\$00 para comprar um sorvete...

— Oh mãe, passe-me a ferro o vestido novo porque logo à noite a Mecas dá uma festa em casa.

E acabaram-se, também, os pensamentos tristes:

«Quem será aquele rapaz que anda sempre com a Mariazinha?»

«Onde teria o João arranjado dinheiro para alugar esta casa?»

Para a criada Outubro quer dizer, muito simplesmente, que acabou a escravidão:

— Engome a camisa do sr. doutor, Joaquina.

— O almoço ainda não está pronto?

— Você já fez as camas?

— Vêm jantar hoje uns amigos dos meninos... somos ao todo, 12...

É claro que, para a Joaquina, Outubro quer dizer, ainda, «regresso ao namorado e às conversas à porta da entrada.» Que interesse pode ter ir à leitaria desde que o namorado não esteja à esquina?

Para a Mariazinha, e só para a Mariazinha, Outubro quer dizer «tragédia». Com o fim do Verão acabaram-se as últimas oportunidades de andar de calças «à americana». É que, se é certo que as americanas andam de calças desde miúdas, por economia e amor ao conforto, o mesmo se não passa com a Mariazinha, que anda de calças para que a vejam... é para isso, que as raparigas portuguesas andam de calças como se andassem de vestidos de baile... com plena consciência de que «estão de calças», ou que as calças «lhes ficam bem»... tudo isto é triste, tudo isto existe, tudo isto é fado...

Para a Mariazinha o fim do Verão é, ainda, o fim das festas da Mecas e dos sorvetes

à tarde com aquele rapazinho «tão giro» que parece mesmo o Marlon Brando...

Para a Mariazinha o fim do Verão é o fim do «moderno», o fim de ser como toda a gente o fim dos cromados «contemporâneos» do «snack-bar» da praia, o fim da vida que ela imagina semelhante à das actrizes...

Para a Mariazinha o fim do Verão é o regresso à tia Leocádia, o regresso ao cinema do bairro.

Mais do que isso: é o fim da vida à «LIFE» e o regresso da vida à «DIÁRIO de NOTÍCIAS»...

Pobre Mariazinha que vai passar 8 meses sem dar pulinhos ao pé do mar e sem gritar em êxtase a horas certas e em frente do rapazinho «giro». — Eu amo a vida! Amo! Amo! Amo!

8 meses compridíssimos sem recitar, à tarde, os versinhos lidos, de manhã, naquele livro do Aragon comprado na Bertrand! (Oh mãe; agora todas as raparigas têm o Aragon...).

Para o Zèzinho Outubro é o fim das bicicletas e o início do liceu mas, no fundo, que interesses tem o Zèzinho?!

Por aqui se vê que Outubro é um mês de esperança e, para os *gourmets*, um mês importantíssimo...

É em Outubro que se põem de parte os pastéis de bacalhau feitos à pressa, as lagostas com mayonnaise, os bifés com batatas fritas, os filetes frios, as bolas de berlim às 11 da manhã e as sanduíches de fiambre para o almoço. (Não havia nada na praça, João...).

É em Outubro que os homens deixam de ser ridículos e recomeçam a ser homens.

VIVA OUTUBRO!

Para o regresso a casa, para celebrar o retorno da paz, não há como um bom jantar.

Ainda por cima, exigir-se um bom jantar logo no início da «season» civilizada, dá a entender à família que, durante o ano, não se comerá «à verã» e que as pressas os descuidos e os meninos, estão postos de parte até Julho.

Apresentamos, em seguida, uma ementa que recomendamos:

SOPA DE CEBOLADA

(uma versão rápida e agradável)

Derrete três colheres de sopa de manteiga numa frigideira. Junte-lhe 8 cebolas cortadas às rodelas e deixe cozinhar lentamente até estarem transparentes.

Junte um litro de caldo de carne bem temperado (utilize, se desejar, caldo Knorr). Deixe ferver durante 3 minutos. Tempere. Deite em pratos individuais e coloque em cada um uma torrada fina em que, previamente colocará uma fatia de queijo tipo Gruyere (muito delgada) e levará ao forno até o queijo derreter.

LAGOSTINS BACCARA

(uma receita deliciosa do restaurante Baccará de Nova York)

Não releia estimado leitor. Não vale a pena. Pode ter a certeza de que há lagostins em Nova York.

Adquira lagostins frescos e, sem os coser, tire-lhe a casca. Coloque-os em pequenos tachos de ir ao forno e cubra-os com o seguinte molho: Dose para 250 g de lagostins: 1 colher de chá de azeite, 2 colheres de sopa de vinho branco, 1 dente de alho reduzido a pasta, um pouco de salsa picada, oregão, sal, pimenta preta moída de fresco e uma gota de piri-piri.

Coloque os tachos num forno muito quente durante 8 minutos.

FIGADO DE VITELA A MODA DA PROVENÇA

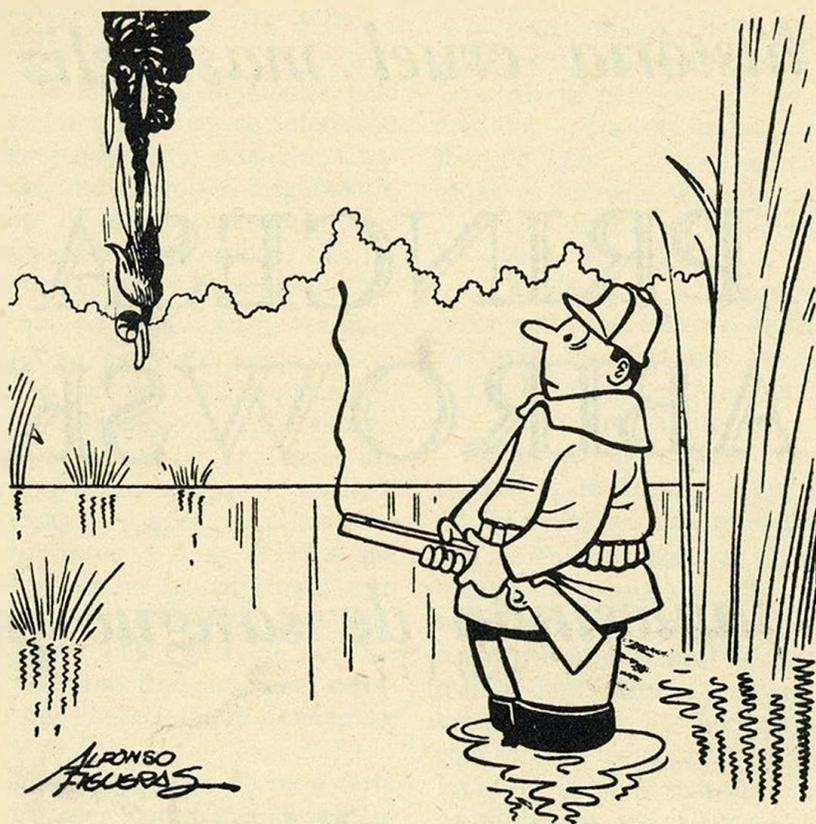
Corte o fígado de vitela em pedaços pequenos e pique uma cebola, 6 cogumelos e salsa. Esmague 2 dentes de alho.

Numa frigideira funda derreta 3 colheres de sopa de manteiga e junte-lhe os ingredientes indicados e o sumo de meio limão. Tempere. Agite bem a frigideira durante 5 minutos e acrescente meia chávena de vinho branco. Cozinhe até que o vinho quase desapareça.

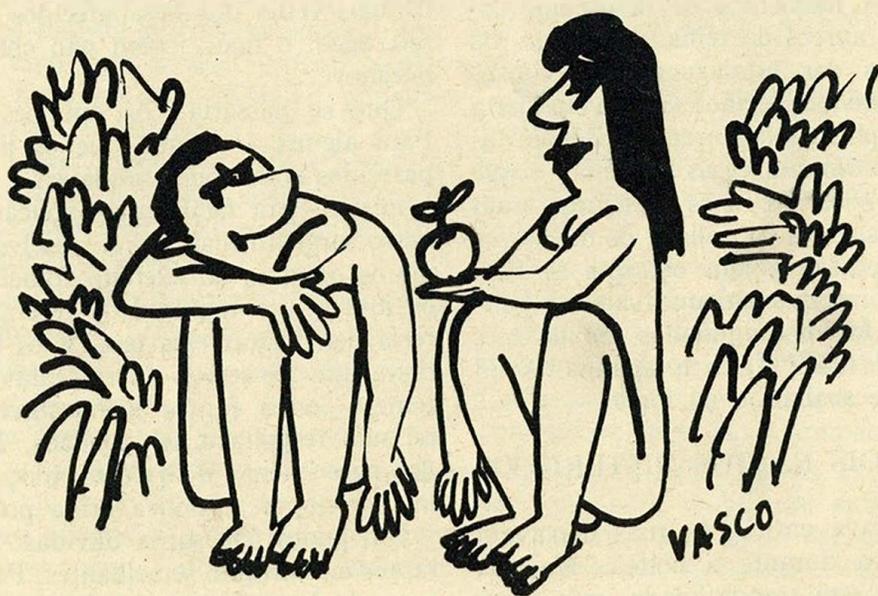
NOTA: Pode acrescentar 1 colher de sopa de creme de tomate.

E pronto, caro leitor, bom jantar e bom Outubro!





Perplexidade



— Então, querido, é apenas uma maçã!...

a história cruel mas feliz da

PRINCESA JABIROWSKI

uma inglesinha de sangue plebeu

Quatro anos se haviam passado sobre o dia em que Luiz XIV entregara a La Reynie a direcção da policia de Paris. A escolha não poderia ter sido melhor. La Reynie dera provas duma firmeza, duma actividade, duma competência inexcedíveis. Os bons burgueses de Paris sentiam-se satisfeitos. A ladroagem vivia momentos de desespero, depois dos dias aureos do reinado anterior. Os envenenadores das estalagens (que constituíam uma autêntica legião) viviam em alerta permanente, pois sabiam que La Reynie introduziria espiões nas casas suspeitas e que os porteiros, o criado, e os cocheiros, eram muitas vezes agentes da policia, de modo que os criminosos não sabiam em que se fiar.

Os salteadores que enxameavam os bairros de Paris foram aniquilados. Só no mês de Janeiro de 1671 foram apanhados 33 assassinos que acabaram na forca.

VINTE E DOIS RAPOTOS MISTERIOSOS

Paris respirava enfim! As ruas deixavam de ser a selva durante a noite... Mas eis senão quando essa tranquilidade, essa segurança se acha de novo perturbada! E toda a gente se fecha em casa, mal a noite cai.

Ninguém se atreve a sair sem uma escolta. Que se passará? Vinte e dois raptos misteriosos!

O bairro de Saint-Antoine fora o mais cruelmente experimentado: Perdera sete dos seus habitantes, todos jovens formosos, e três dos quais estavam em vésperas de se casar. O mais velho dos desaparecidos tinha vinte seis anos; o mais jovem não chegava a ter dezanove.

Que se passaria? As opiniões variavam. Para alguns — e dado que os jovens desaparecidos eram todos saudáveis e atléticos — o mistério era facilmente explicável: um ou outro sargento mais zeloso resolvera completar os quadros do exército francês raptando os jovens... a impunidade dos raptos parecia demonstrar essa tese. E os boatos proliferavam. De resto — acrescentavam os boateiros — esses raptos demonstravam que o rei não respeitava os cidadãos. E assim, o desaparecimento daqueles moços transformou-se numa autêntica arma política.

Um ponto não sofria dúvidas: todos esses raptos eram muito semelhantes. Pouco tempo antes de desaparecerem os jovens tinham sido vistos na companhia duma rapariga — seria sempre a mesma?

A INTERVENÇÃO DE LUIS XIV

A população de Paris foi dominada pelo terror. Tanto assim que o rei se interessou pessoalmente em esclarecer o mistério. Chamou La Reynie, interrogou-o largamente, não apenas sob os desaparecimentos mas sobre os resultados (de resto, nulos) das investigações e sobre as providências tomadas.

A verdade é que se tornava cada vez mais difícil acreditar que esses atentados fossem obra duma única pessoa. Eles implicavam, certamente, uma associação de malfeitores. O próprio facto de nunca ter aparecido um único cadáver ou outro qualquer vestígio, indicava numerosas e eficazes cumplicidades.

La Reynie confessou a Luís XIV a sua perturbação. O soberano reconfortou-o com grande delicadeza garantindo-lhe que confiava absolutamente nele. Acabou por lhe dizer que não poupasse dinheiro, nem esforços, e ofereceu mil libras a quem descobrisse os criminosos.

La Reynie tinha a confiança do rei e carta branca para proceder como melhor entendesse. Era inadmissível que um grupo de sacripantas continuasse a pôr em cheque a polícia real!

La Reynie encarregou um certo Sr. Lecoq, homem bravo e inteligente, de dirigir as investigações. Lecoq era baixo, mas musculado, o que lhe permitia arriscar-se muitas vezes a entrar sozinho nos sítios mal afamados onde os fora-da-lei tinham poiso.

— Tem aqui este dossier — disse-lhe La Reynie. — Estude-o esta noite e amanhã venha dizer-me o que pensa.

Quando Lecoq soube que aquela aventura lhe podia render mil libras sentiu-se duplamente estimulado. E no dia seguinte afirmava peremptoriamente:

— Quanto a esses assassinos, é como se já aqui estivessem presos de pés e mãos...

La Reynie, perante tal segurança, não pode deixar de sorrir:

— Senhor Lecoq, que pensa fazer?

— Uma coisa muito simples — respondeu-lhe. — Ou me engano muito ou o que deve reter a nossa atenção é o que há de comum em todos estes casos. Todos os desaparecidos são homens, todos eles são jovens...

— Temos outra vez a história do rapto para o exército?

— Nada disso. Um homem pode servir dignamente dois senhores! O Rei e o Amor.

— Ah já percebo — disse La Reynie, incrédulo. — Na sua opinião temos uma mulher no caso... Uma mulher que depois de amar os homens se desfazia deles...

— Qualquer coisa como isso.

— Seja. E então?

— Então, aqui está o meu plano: vou renovar para vos servir o sacrifício de Abraão. Peço-vos oito dias para resolver o caso...

La Reynie aceitou o plano de Lecoq e este pôs-se em campo.

Lecoq não era casado, mas tinha um filho natural, que amava ternamente e no qual punha todas as suas esperanças.

Exupère — assim se chamava ele — Tinha apenas dezassete anos, mas parecia ter mais. Lecoq sacrificava tudo a esse filho robusto e inteligente. Vestia-o como se fosse o filho dum burguês e dava-lhe dinheiro bastante para que ele pudesse viver de acordo com o seu temperamento fogoso. O jovem Exupère tinha as maneiras de um verdadeiro gentleman, usava uma linguagem floreada e dançava como um aluno de Lully.

Se a hipótese de Lecoq fosse verdadeira, Exupère seria para a trágica Messalina uma presa bem tentadora. O problema verdadeiro estava em que ela o visse.

A GRANDE AVENTURA

Assim, o velho investigador explicou demoradamente ao filho o que esperava dele e a aventura agradou ao rapaz. Aceitou com entusiasmo a delicada missão que lhe era proposta.

Uma reunião secreta em casa de La Reynie permitiu a Lecoq ao filho e a cinco agentes habituados aos golpes mais duros, a planearem o modo de descobrirem a terrível criminosa (porque todos estavam de acordo com Lecoq) e os seus cúmplices.

Em 11 de Julho, pelas 11 horas da manhã, Exupère, ricamente enfarpelado, com um soberbo anel no dedo, uma cadeia de ouro no colete, a espada à cinta, pôs-se em campo, passeando negligentemente pelas ruas, acariciando de vez em quando a sua pesada bolsa... cheia de moedas de ouro.

Três dias se passaram sem que nada de importante sucedesse. Mas a 14, avançava ele por uma das margens do Sena, reparou numa jovem extremamente formosa. A sua idade andava de certo à volta de vinte e três anos. No momento em que se cruzou com Exupère fixou-o atentamente.

A rapariga caminhava sòzinha mas era seguida a alguns metros de distância por uma governanta. Qualquer coisa avisava Exupère de que estava naquela mulher a chave do enigma.

Com algum receio olhou em volta e descobriu a presença discreta dos agentes destacados para o protegerem. Lecoq conversava — ou fingia conversar — com um pescador. Então Exupère resolveu perseguir a rapariga. Cruzou-se com ela de novo e de novo obteve um sorriso.

Insistiu em falar-lhe mas a rapariga chamou a governanta, deu-lhe algumas instruções em voz baixa, e subiu para uma cadeirinha que a esperava perto de Pont-Neul.

Exupère preparava-se para seguir a rapariga quando foi abordado pela governanta. Sentaram-se os dois num dos muitos bancos de pedra que havia por ali e iniciaram a conversa. — A minha patroa está em Paris há muito pouco tempo. A sua vida é um autêntico romance. Mas eu não sei se desejais conhecê-la...

— Desde há muito que eu sou um escravo dessa formosa mulher... Falai sem receio.

— A minha patroa — prosseguiu então a outra — é filha dum príncipe polaco e duma proprietária da rue de Saint-Denis. Ainda na Polónia ele tinha feito a aposta de que chegaria a Paris e seria capaz de seduzir a primeira mulher que encontrasse. Ele ganhou a aposta! E a minha patroa foi o fruto desses amores pecaminosos.

Após uns instantes de silêncio, a mulher prosseguiu:

— Quando o príncipe viu a filha, sentiu-se com remorsos e disse à amante: «Vou solicitar ao rei da Polónia autorização para casar contigo. Dentro de três meses serás princesa e a nossa filha será legítima». Ele era sincero mas foi assassinado numa estrada, quando do regresso. O céu velava por ela, entretanto. O rei da Polónia soube do que se passava e enviou embaixadores a

Paris para auxiliarem não só a filha, como a mãe. Esta morrera, mas a filha vivia ainda.

A governanta continuava a sua história.

— O Rei da Polónia declarou-a herdeira de todos os bens do pai e mandou-a educar em Cracóvia. Deu-lhe os melhores professores e escondeu-lhe a sua triste vida até que ela atingisse a maioridade, o que sucedeu recentemente. A minha patroa que é uma das mais ricas herdeiras da Polónia desejou visitar Paris para orar no túmulo da mãe. Mas decidiu ficar a viver cá...

— Feliz aquele de quem ela se agrada! — suspirou Exupère.

— Posso garantir-vos que não lhe haveis desagradado. Mas quem sois vós, meu bom senhor?

— O filho dum fidalgo muito rico que vive na província por causa da saúde de minha mãe. Entretanto eu espero um cargo que me está prometido pelo próprio rei. O meu pai dá-me mil pistolas por mês e além disso tenho crédito nas principais lojas.

— Sinto uma grande afeição por vós — garantiu a dama de companhia. E combinou com ele um encontro em Saint-Jermain-L'Auxerrois.

Exupère sentia-se feliz, convencido de que achara uma boa pista. Quando a velha desapareceu foi ter com o pai que o observava de longe.

— Cuidado! — disse ele. — É preciso muita prudência! Esta gente é extremamente perigosa, não pode haver dúvidas. Não te deixes enfeitiçar pela rapariga!

Exupère encolheu os ombros num gesto despreocupado. Pois não era verdade que uma dúzia de agentes velavam por ele, prontos a intervir ao primeiro sinal?

EPILOGO MACABRO

À noite a velha mulher, misteriosamente disfarçada de pedinte, deu-se a reconhecer e convidou-o a segui-la. Caminharam muito tempo e Exupère ficou com a impressão de que a velha procurava desnorteá-lo acerca do sítio em que estavam. Mas Exupère conhecia muito bem Paris e quando pararam em frente duma casa apalaçada, ele sabia perfeitamente onde estavam: na **Rue Des Orfères**.

Ao fundo dum corredor sombrio, acolhia-o

uma sala magnificamente mobilada, iluminada por numerosas velas e onde o esperava a famosa princesa polaca:

— Vós? — murmurou ela estendendo-lhe as mãos e puxando-o contra si.

Exupère amava o amor. Esqueceu a sua missão e o perigo que corria. Felizmente que um assobio o fez voltar à realidade. Exupère levantou-se rapidamente e a jovem polaca fugiu para o quarto ao lado.

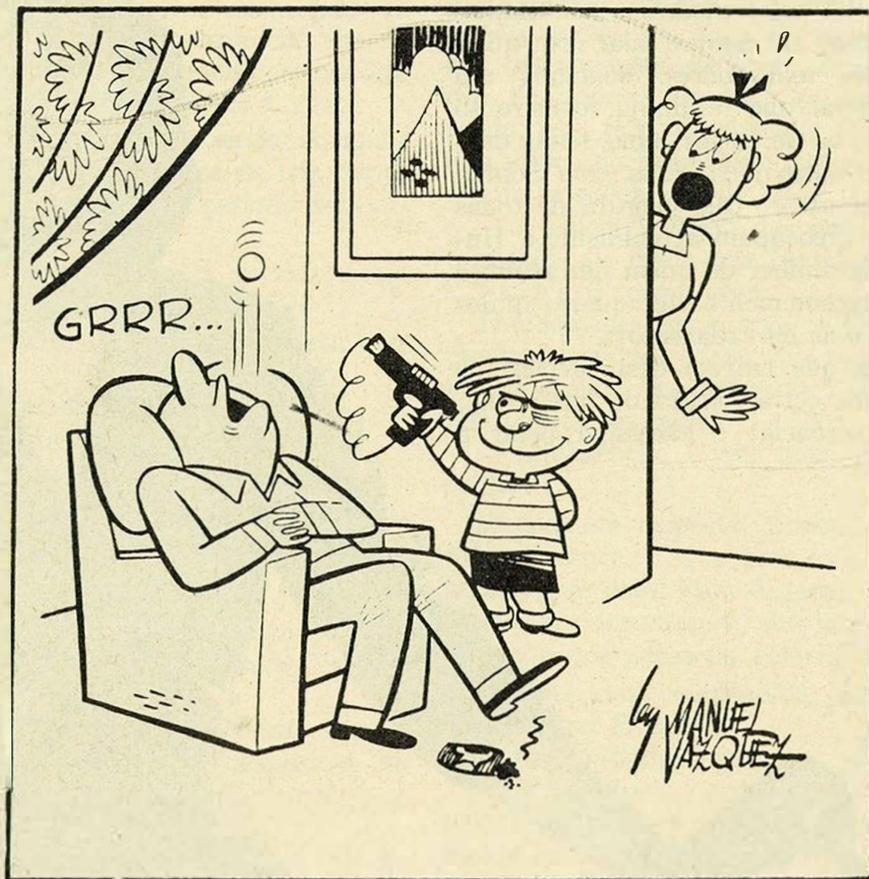
Entretanto Lecoq, bem mais desconfiado do que o filho, resolvera agir e dera ordem para o assalto àquela casa. Assim os agentes invadiram o edifício, abriram todos os armários todas as portas. Num deles em vinte seis pratos de prata repousavam vinte e seis cabeças de homens...

Não havia dúvidas. Exupère descobrira os assassinos que aterrorizavam Paris. A jovem, de princípio, dizia ser a princesa Jabiowski,

filha do príncipe polaco Jabiowski. Depois acabou por confessar tudo.

Nascera em Inglaterra e era riquíssima. Viajava de país em país na companhia de quatro cúmplices que lhe recrutavam os amantes e a quem ela pagava magnificamente. Os amantes eram posteriormente assassinados e decapitados. Os seus corpos eram vendidos a estudantes de cirurgia e as cabeças mumificadas de acordo com novos métodos.

Os quatro cúmplices foram enforcados e a dama de companhia seguiu para as galés. Quanto à gentil inglesa, condenada igualmente à forca, conseguiu fugir da prisão, momentos antes de ser levada para o patíbulo. Há quem diga que foi salva pelo irmão do rei e pelo cavaleiro de Lorraine. Mas as razões permanecem obscuras. Saberá ela graves segredos que lhes diziam respeito?



três minutos com sophia LOREN

Há por aí muito bom cinéfilo que pode não saber quem é Renoir, Duvivier ou Abel Gance mas sabe perfeitamente quem é Sophia Loren, o que já não é mau. Assentes nesta verdade, e desde que estávamos decididos a falar neste número com uma pessoa que dedique a sua existência à feitura de fitas de melhor ou mais duvidoso gosto, optámos pela italiana, mulher extremamente interessante, dadas as suas medidas exorbitantemente generosas, até porque falar com qualquer daqueles realizadores, demanda um exercício cerebral que resultaria monstruoso para quem acaba de passar umas férias deliciosas. E por outro lado, falar com Sophia tinha outro interesse. Que pensará de todas as coisas que preocupam actualmente a Humanidade essa mulher de quem um acintoso crítico dizia recentemente «ter quatro quilos de talento — dois de cada lado?»

Aos leitores que exigem deste género de entrevistas uma certa tonalidade intelectual, que tenham paciência; é excessivo pedir a



uma mulher que seja simultaneamente bela e inteligente. Manda a sabedoria que nos contentemos com uma das coisas.

Acrescentemos que esta entrevista — real — só foi possível graças à gentileza da «Paramount», companhia produtora para que Sophia tem trabalhado em filmes que são por via de regra um êxito, como «Escândalo na Corte» e «Começou em Nápoles».

No melhor estilo «Vaudeville», este celebrado redactor interrogou a vedeta que não se fez rogada nas respostas, ainda que duvidemos que não tenha andado nisto a mão deveras hábil de um senhor chamado Carlo Ponti, homem largamente preocupado com o destino de uma mulher que não é senão uma das suas invenções.

Para satisfazer os corações mais ou menos sentimentais que neste momento andam altamente preocupados com o processo movido pelas autoridades italianas contra o celeberrimo casal, digamos da nossa repulsa pelo barulho feito contra uma coisa que é vulgar na Itália como em qualquer outro país no mundo e que adquire importância apenas quando os comparsas de semelhante história se chamam Carlo Ponti e Sophia Loren...

E sejamos oportunistas, fazendo do amor o motivo inicial desta conversa de três minutos — que é quanto dura um período dos nossos telefones...

— Sophia, agora que está metida nessa alhada judicial, que pensa do amor?

— Que é, apesar de tudo, uma coisa maravilhosa.

— E da felicidade?

— ...Que existe realmente.

— E da ternura?

— Que é uma fraqueza muito agradável...

— E do ciúme?

— ...Um agradável inferno.

— E da amizade?

— Uma coisa muito rara, infelizmente.

Estava esgotado o assunto «amor». Faltava um derivado: a calúnia.

— Que pensa da calúnia, senhora Ponti?

— Que penso? Odeio-a e desprezo-a de uma maneira tal que não me dá forças para odiar mais nada!

Passemos a coisas mais positivas. O di-nheiro; ou a inveja, por exemplo.

— O que penso do dinheiro? Que tem exactamente o valor que se lhe dá. Quanto à in-

veja, penso que é a irmã mais feia da ambição.

(E esta?...)

Um dos pormenores mais em foco nas biografias de Sophia, é o medo que ela experimentou quando, por diversas vezes, se sentiu só diante da sua carreira, sem a ajuda daquele que tinha feito de si, (rapariga pobre de um bairro miserável napolitano) uma «senhora vedeta».

Vejamos que pensa do medo esta mulher que tantas vezes o sentiu:

— O medo — responde Sophia — é uma sensação deveras interessante, mas quando se está certa de se estar protegida...

Por ocasião do célebre roubo das jóias verificado em Londres quando participava nos trabalhos de mais um filme de que é a vedeta, Sophia teve um daqueles bons ataques de raiva no melhor estilo napolitano. A imprensa local, reportando-se ao assunto, debruçava-se mais sobre a cena que a italiana fez quando descobriu o desaparecimento, que propriamente sobre a esplêndida colecção de jóias que não há meio de aparecer, apesar das investigações de uma respeitável colecção de polícias de todo o mundo. Assim sendo, e à falta de melhor, perguntemos a esta vítima do banditismo internacional o que é para si a cólera.

— A cólera?... uma das mais feias transformações da fisionomia humana.

Nada mal, como vêem...

Timidamente, sugerimos a Sophia Loren que nos esclareça o que vale para si o termo «inteligência». Positivamente à vontade, a sólida vedeta responde:

— Inteligência, é um dom que se pode ocultar...

Inquietante resposta, para o que estávamos a pensar. E que bem que Sophia sabe ocultar esse dom! Para disfarçar a nossa perturbação, perguntamos, um tanto deslocadamente, o que pensa da Televisão.

— Uma coisa esplêndida, até porque se pode apagar facilmente...

Sinistra rapariga, esta...

Estava acabada a entrevista. Três minutos, para descanso de muitas almas, são evidentemente curtos para mais do que escrevemos.

Até nisto dos períodos que regulam as conversas telefónicas, a natureza foi prodigiosamente previdente...

AGATHA CHRISTIE

Tem sessenta e cinco anos, cabelos integralmente brancos, e um ar sádio que lhe confere simpatia. As casas em que viveu até hoje, tinham todas o ambiente tétrico dos romances policiais do velho estilo, casas dessas em que se espera ver surgir a cada momento a figura embuçada de um criminoso de carreira, ou com a subtileza clássica do envenenador de primeira água.

A sua infância decorreu numa mansão do século XVIII, a «Greenway House», perdida num parque de Devonshire. Hoje vive numa casa do final do século passado, decorada no melhor estilo Napoleão...

O que é normal, de resto. A mulher de que falamos entretém a sua existência a matar inúmeras pessoas das mais diversas condições sociais, depois de preparar meticulosamente os seus crimes. Mas, talvez porque a incomode o tédio, passa depois à posição contrária colocando-se no lugar de quem investigará esses crimes. A mulher que escolheu este estranho «metier» é universalmente conhecida, tanto por pessoas de bem como das polícias de todo o mundo. Chama-se Agatha Christie.

QUANDO O ISOLAMENTO CONDUZ AO ENGENHO

Agatha é certamente a mulher mais lida em todo o mundo. Os sessenta romances policiais que atirou para a rua alcançaram tiragens que somadas, dão o bonito número de sessenta milhões de exemplares. O prestígio

que conseguiu em quarenta e cinco anos de actividade literária, valeu-lhe uma fortuna fabulosa e a Comenda da Ordem do Império Britânico.

O filho das suas congeminações policiais é certamente mais conhecido em todo o mundo que os heróis de qualquer dos melhores romancistas da actualidade ou do passado. Usa o pomposo — mas bizarro — nome de Hercules Poirot e conseguiu aura de figura da vida real, tanto que, em Londres, se recebem por vezes cartas dirigidas ao «detective Hercules Poirot», evocando a sua experiência para casos mais ou menos estranhos passados com o remetente...

Por outro lado, a experiência criminal de Agatha Christie é de tal forma conceituada que já recebeu consultas sobre a melhor maneira de matar um parente ou um inimigo...

Isto que se conta como anedota, aconteceu na realidade cinco anos depois de uma das mulheres mais famosas em todo o mundo se ter lançado numa carreira que não tinha conhecido até aí nenhum cultor do sexo feminino.

Porque, na realidade, Agatha Christie, foi a primeira mulher a lançar-se nos meandros sinuosos da literatura policial. Quando ela tinha vinte anos, os heróis desse género literário tão popular, eram o celebrado Conan Doyle e Gaston Leroux.

O factor da vida de Agatha grandemente responsável pela sua carreira, foi muito possivelmente a tremenda solidão em que decorreu a sua infância. Sem companheiros e



isolada num casarão pavoroso, a pequena Agatha Miller, filha de um americano pouco dedicado à família e de uma inglesa cheia de princípios até aos cabelos, tinha como única companhia a sua imaginação que desenvolvia contando para si próprias histórias de dia para dia mais complicadas...

UMA ADOLESCENTE ROMÂNTICA

Outra pequena habilidade da pequena Miller, foi ter aprendido a ler sem o auxílio de ninguém, facto que por prodigioso que pareça, é real.

Quando tinha quinze anos, começou a escrever pequenas novelas românticas que pecam por excesso, pormenor que a levou a destruir os seus primeiros testemunhos literários.

Como qualquer teórico do amor, casou-se demasiado cedo. Não completara ainda dezoito anos, estava à porta a primeira guerra mundial e o consorte foi um garboso e desmiolado major do exército de Sua Majestade que partia para a frente dentro de pouco tempo, enquanto Agatha se alistava como enfermeira num hospital de guerra. Estava-se em 1914.

AOS VINTE ANOS O PRIMEIRO ENVENENAMENTO

A guerra estava na sua fase mais acesa quando Agatha escreveu o seu primeiro ro-

mance policial, em que tratava um caso de envenenamento num hospital.

Este processo de matar as suas vítimas ficaria, aliás, no gosto da romancista que irónicamente diz ser o «melhor, o mais higiénico e mais tranquilo processo de eliminar quem quer que seja»...

Um ano depois, lançava-se o seu segundo romance no género e Poirot nasceria um ano depois, exibindo uma sagacidade deveras precoce para a sua idade. Com Poirot, nascia uma das personagens mais divulgadas e admiradas em qualquer parte de há quarenta anos para cá.

O casamento com o tal major desmiolado, duraria precisamente treze anos, número tão azarento quanto fora a sua vida em comum que ambos suportaram difícil e heróicamente durante todo esse tempo em que marido e mulher se não desfaziam um do outro com a facilidade que os nossos dias puseram em uso.

A separação seria, no entanto, um rude golpe para a romancista, agravado pela morte de sua mãe um ano depois.

Só e totalmente desamparada, Agatha passou por intensa depressão nervosa que poderia ser o prenúncio de um grave acontecimento.

«AGATHA CHRISTIE DESAPARECEU!»

Por essa altura ela era já suficientemente conhecida para que a notícia publicada numa manhã de 1928 alarmasse o público inglês:

«Desapareceu Agatha Christie». E não havia dúvida possível nem truque publicitário, ainda pouco em voga por essa época. Agatha desaparecera mesmo. O seu automóvel fora encontrado abandonado na berma de uma estrada de Yorkshire.

Seis centenas de polícias, cães amestrados e milhares de populares colaboraram na investigação mais movimentada desse tempo, mas ao fim de duas semanas, a Scotland Yard começava a estar seriamente preocupada com o desaparecimento da romancista. Inicialmente pensara constituir o caso uma simples brincadeira de uma mulher excessivamente engenhosa, mas tudo durara já tempo demais para que não começassem a nascer os presságios mais tenebrosos e as suspeitas mais dramáticas. A grande hipótese que se aventurava era o suicídio, dado o estado moral que ela exibira naqueles últimos meses. De maneira que não se procurava mais que encontrar o seu corpo.

Felizmente para ela e para os seus admiradores, o caso fora afinal bem menos tétrico do que se pensara. A escritora fora apenas vítima de um tremendo ataque de amnésia. O caso foi, no entanto, o maior romance policial da vida de uma mulher que planeia crimes enquanto come maçãs. É a sua mania mais marcada. O caso serviu de inspiração a um dos seus romances de maior êxito. A sua grandeza vivia da realidade.

NEM SÓ DE CRIMES VIVE AGATHA CHRISTIE

Um ano depois, Agatha realizava uma nova união coroando «o grande amor da sua vida». O seu novo marido é um aristocrático investigador, o «Hounorable» Max Mallown.

Deste casamento teve a nossa heroína uma

filha que tem hoje dezassete anos e que editou já o seu primeiro romance.

O êxito fabuloso de Agatha já não era novidade. A sua imaginação é fecunda e Poirot descobre tudo por mais subtil que seja esta campeã do crime. Oito peças de teatro alcançaram um sucesso sensacional e uma delas foi especialmente escrita para a Rainha Mary que lha encomendou.

Que mais poderia desejar esta mulher? Era feliz, rica, popular. Mas isto não lhe bastava.

Um dia outra mulher alcançava em Inglaterra e nos Estados Unidos um êxito substancial com um romance psicológico: «Longínqua Primavera». Era sua autora Mary Westmacott. Mas quem seria esta Mary que ninguém conhecia, nem os seus próprios editores ingleses que tinham comprado nos Estados Unidos os direitos de publicação na Grã Bretanha?

UMA MÁQUINA DE FAZER LITERATURA

Ela detesta a publicidade, a curiosidade do público e dos jornalistas, o disparo incômodamente luminoso dos fotógrafos. Foge da popularidade como os seus criminosos evitam Poirot.

A um romance policial concebido durante o banho e escrito em oito dias, segue-se um período de tranquilidade que tanto pode durar meses como apenas duas semanas. As suas obras não policiais, não lhe levam mais que três semanas de trabalho.

Ela gosta mais de Mary que de Agatha. Sob todos os pontos de vista. Mas o público prefere Poirot, a personagem que ela mais gostaria de matar no seu próximo romance.

«É um tipo que começa a irritar-me com a sua presunção...»



OS OLHOS:

janelas abertas para dois mundos

Os olhos são o espelho da alma, diz-se. É possível que sim, que sejam, ainda que se saiba que Eichman — uma figura muito em voga neste momento — tem os olhos azuis e tranquilos como um lago e o padre Pierre exhibisse constantemente uns olhos negros e acutilantes...

Apesar disso, consintamos na existência desta asserção deveras poética, sabido que é estar o mundo tão carecido de poesia. Mas isto que não nos impeça, porém, de enunciar um outro teorema sobre esses misteriosos órgãos que exibimos e de que nos servimos constantemente sem dar conta da pequena obra-prima com que nascemos: os olhos são o espelho da saúde.

Realmente, certos investigadores descobriram mais ou menos recentemente que, melhor que qualquer diagnóstico de um especialista de qualquer dessas doenças, os nossos olhos são aquilo por onde se pode constatar melhor a existência de algumas das enfermidades mais temidas pelos homens, como seja a tuberculose, o tumor cerebral ou um cancro.

E, neste caso, os olhos deixam de ser um objecto de pura contemplação, de beleza ou de morte para poetas ligeiramente desactualizados para se tornarem num temível objecto de acusação.

Muito tímidamente, certos professores primários, dizem às suas colecções de enlevados alunos que os olhos «são uma máquina fotográfica em constante funcionamento». E, como o entendimento da sua jovem audiência não consente mais divagações sobre esta matéria, impedem-se de acrescentar que «essas máquinas fotográficas» são no entanto das piores e mais primitivas de quantas se fabricam neste mundo...

Não fosse o excelente trabalho de labora-

tório executado pelo cérebro e todas as imagens que nós vemos, resultariam desfocadas e vergonhosas de composição.

UM PAR DE TRAIADORES AO SERVIÇO DOS OUTROS...

Mas os olhos são qualquer coisa mais; janelas abertas sobre o mundo exterior, oferecem-nos a realidade de tudo quanto se passa à nossa volta; mas como qualquer janela desprovida de cortinas, exhibe para os outros frequentemente aquilo que se passa dentro de nós, atraíndo os nossos sentimentos mais íntimos, denunciando quase sempre as nossas emoções e, como dissemos atrás, até as doenças que podem eliminar-nos de um momento para o outro. Os olhos podem, portanto, funcionar como um par de traidores quando se torna inconveniente mostrar aos outros o que nos vai pela alma. Mas não deixa de ser agradável a mais recente descoberta da oftalmologia: examinando a nossa retina através do oftalmoscópio, um especialista hábil determina imediatamente com uma margem de possibilidades alucinante em que estado está o nosso coração, a nossa tensão arterial, o nosso estado nervoso bem como a existência de uma infecção de carácter tuberculoso ou de uma lesão cerebral. Isto porque, como é lógico, «o vidro da janela» tanto deixa ver para dentro como para fora, e o raciocínio dos médicos nem sempre possui tamanha transparência...

PARA CADA UM SUA VERDADE... CROMÁTICA

Insistindo na questão «fotográfica», reportemo-nos a meia dúzia de pormenores que

nos podem dar a noção exacta de como diferem de indivíduo para indivíduo as condições de receptibilidade ocular. Assim, faça-se notar que nem todos nós recebemos no cérebro as cores existentes à nossa volta com a mesma gradação. Há gente que não tem a percepção de tons que possam considerar-se escuros e outras para quem o mundo deve resultar sombrio, dado que todas as cores resultam carregadas ao seu cérebro, havendo mesmo notícia de certas pessoas que vêem tudo a preto e branco, como se estivessem a presenciar a exibição de um filme. Esta estranha circunstância, deve-se ao facto — diz quem sabe — de não ser comum a receptibilidade dos raios luminosos que «desenham as cores», ao mesmo tempo que o seu sistema óptico transforma radicalmente a sua densidade, alternando logicamente as cores.

Eis a razão fundamental do Daltonismo, se bem que seja extremamente difícil determinar — pelas mesmas razões — quem é em verdade «daltónico» ou não.

Assim como sucede quase a mesma coisa com as dimensões das imagens, principalmente no que se refere ao seu relevo.

Se o leitor se quiser dar ao fantasioso trabalho de olhar as coisas durante cinco horas apenas com o seu olho esquerdo e outras cinco com o direito, verá como lhe parecerão absurdos certos movimentos e certas perspectivas.

É que o que nos dá a noção de relevo é mais o conjunto dos sistemas visuais conjugados (incidência das duas imagens fornecidas por dois olhos) espécie de Cinerama de duas câmaras que é indiscutivelmente um engenho da natureza verdadeiramente prodigioso.

Lembremos que o tal «daltonismo» não é qualquer coisa de tão inocente como possa parecer à primeira vista: muitos homens são impedidos de exercer determinadas profissões por essa mesma causa; seria realmente inconcebível que um condutor de táxi ou de comboios não distinguisse perfeitamente o verde do vermelho.

BOAS E MÁS FOTOGRAFIAS...

Numa cadência impressionante o cérebro é no entanto, a «película» em que se registam

as imagens colhidas pelos olhos. É ali que se faz a sua «revelação» e a sua escolha. E dizemos escolha dado que a magia desse trabalho vai ao ponto de recusar certas imagens que não lhe convem. Para se ter uma noção exacta da tremenda «complicação» que nos vai no sistema óptico, comparemo-lo a uma câmara de cinema que simultaneamente recolhesse e projectasse qualquer coisa como três centenas de imagens por minuto.

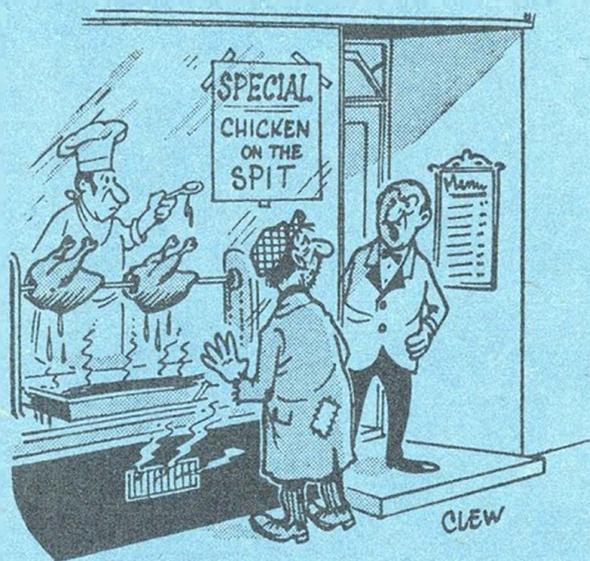
Paralelamente, se essa película mágica estiver alterada por uma lesão, é muito possível que proceda exactamente como uma película velada.

A atrofia do nervo óptico, lesões cerebrais, estigmatismo, miopia, lesões na córnea ou no cristalino e tudo aquilo que geralmente elimina ou afecta a visão são coisas que, felizmente, têm hoje substanciais possibilidades de «conserto». Apesar disso, as notáveis intervenções cirúrgicas até hoje realizadas (transplantação da córnea, extracção do cristalino e sua substituição, e «reparação» da retina) os óculos — que vêm do tempo de Nero, não foram ainda postos de parte. Porquê?... São ainda o meio mais prático e mais barato de corrigir a vista. E o certo é que se tem feito neste capítulo progressos tão sensationais quanto os registados na cirurgia. Não pode deixar de considerar-se extraordinário o processo das «lentes progressivas» que adaptam os olhos para imagens à distância ou perto de nós. As celebérrimas lentes de contacto que tiveram o seu período de descrença resultante da pouca tolerância que apresentaram muitos dos que as usaram, estão hoje num ponto de estudo deveras consolador.

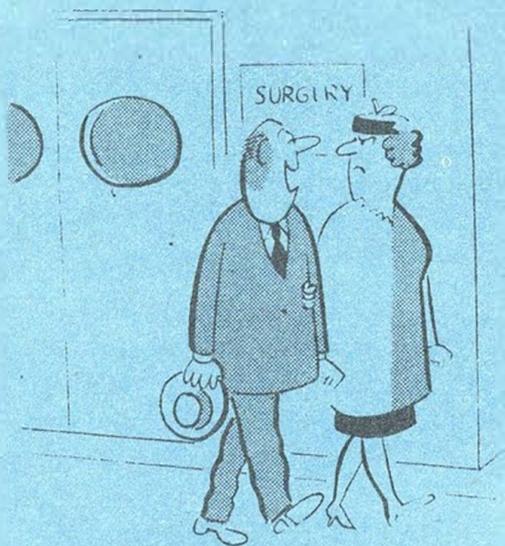
Verifica-se que quem tem a vista afectada pelo fumo desregrado perde gradualmente a visão do verde, do vermelho e do azul. Será a altura de correr ao consultório de um especialista...

Quanto à denegrada televisão, só afecta a vista de quem assiste a emissões a uma distância inferior a três metros em relação a aparelhos de écran médio.

Para quem vê mal, sim. Pode ser pernicioso. De qualquer forma, se distinguir as linhas brancas paralelas que cortam as imagens, corrija a sua posição. E abandone a luminosidade excessiva.

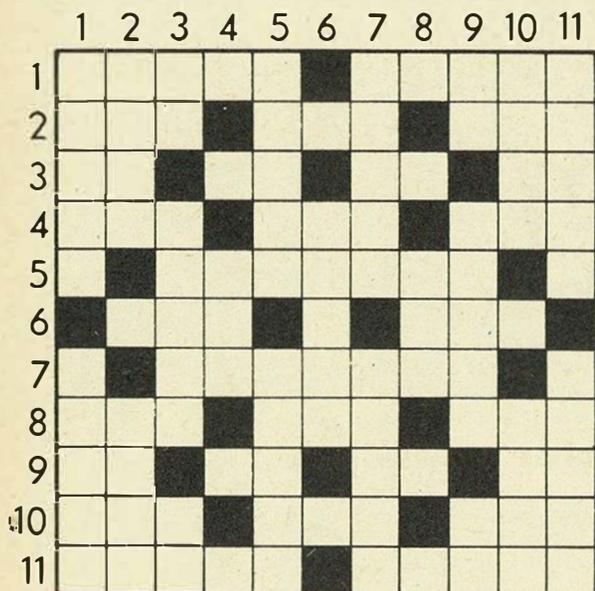


— Não pode fazer o favor de deixar de lambar o vidro?



— Já sei o resultado dos testes. Calculas a quem eu sou alérgico?

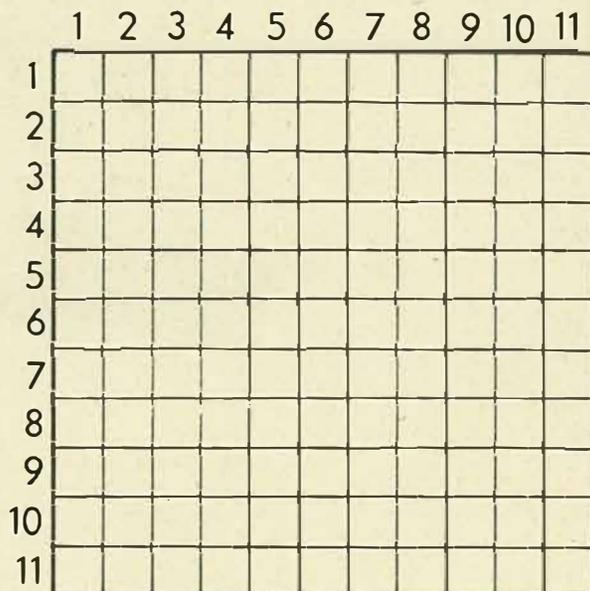
PASSATEMPOS



PALAVRAS CRUZADAS

HORIZONTAIS: 1 — Arriscar; navio. 2 — Reza; uivo; virtude. 3 — Olha; ilha francesa no Mediterrâneo; além; cinquenta e um. 4 — Ave corredora da Austrália; prep. e art.; medida austríaca de peso. 5 — Teimava. 6 — Soror; ergo. 7 — Contava. 8 — Panela; nome próp. fem.; princípio. 9 — Nome de letra; também; grande quantidade de gente; prata (símb.). 10 — Pref. desig. ombro; batráquio; pref. desig. próprio de. 11 — Livro; árvore de Timor (pl.).

VERTICAIS: 1 — Adolescente; tamancos. 2 — Roguem; preceito. 3 — Língua voltaica falada no distrito de Locosso (África); adianta; suf. de origem. 4 — Raiva. 5 — Fazer pregas; padieira. 6 — Adornam. 7 — Dinheiro; caixilhos com que os tipógrafos apertam as formas de impressão. 8 — Entrar. 9 — Símb. quím. do rubídio; presunto; rio da Sibéria. 10 — Palavra que é um encurtamento do nome de um instrumento mus. de corda; lama. 11 — Esqueço; flutuas.



PALAVRAS CRUZADAS

(NOVA MODALIDADE)

HORIZONTAIS: 1 — Benefício; vadiagem (pop.); prep. 2 — Arredores; caquexia. 3 — Fracos; arrulhes. 4 — Chiste; consome. 5 — Tão. 6 — Artigo ant.; reprovos no exame; tecido muito fino. 7 — Pron. pess. 8 — Três (pref.); senhores (abrev.). 9 — Sola; orgulhos. 10 — Fímbria; juntou-se. 11 — Salvo; soletrou; suf. desig. cheia de.

VERTICAIS: 1 — Botequim; acusado; mealheiro. 2 — Datas; faz em pedaços. 3 — Brando; grainha da uva. 4 — Nota mus.; cólera. 5 — Pequena bigorna sem asas. 6 — Eu (arc.); profetas; esperança. 7 — Sinistro. 8 — Maior; senhora (abrev.). 9 — Estampilhas; torrido. 10 — Abracei; astro (pl.). 11 — Serrão; existo; pron. poss.

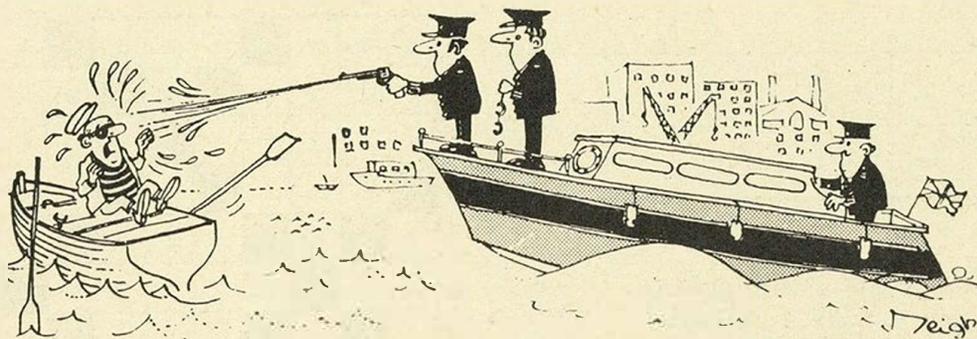
SALTO DE CAVALO

Começando na casa marcada + e terminando na marcada ++ encontraremos os dois tercetos de um soneto de Rita de Lara (bras.).

ga	fo	noi	te a	hu	vã	que,	sua
te	tris	vul	fos	na	hu	ma	de e
res	ri	ve	tos	nu	va	da	Por
ria o	da	li	da	de	quan	mil	nos
cen	cêm	ras,	tão,	ga	do	vem..	a au
po	e, en	De	da	de,	ri	-lu	sse
cia.	su	gên	já	lum	vi	Sol	o cri
cia	rém,	+ Ves	++ vem	ful	mais	bra	mes



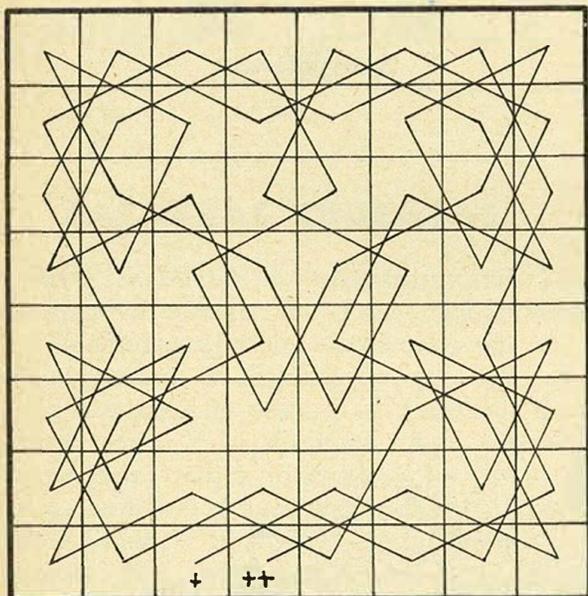
Sem palavras



Polícia Marítima

soluções dos passatempos

SALTO DE CAVALO



Vislumbrasse do Sol a aurifulgência
e, então, veria o triste a nulidade
da sua humilde e vã fosforescência.

De censuras, porem, jamais o crivem...
Porque, na noite da vulgaridade,
quantos humanos vaga-lumes vivem!

RITA DE LARA (bras.)

PALAVRAS CRUZADAS

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1	J	O	G	A	R		B	A	R	C	O
2	O	R	A		U	L	O		B	E	M
3	V	E		I	F		L	A		L	I
4	E	M	A		A	O	S		L	O	T
5	M		B	I	R	R	A	V	A		O
6		S	O	R		N		I	C	O	
7	S		N	A	R	R	A	V	A		V
8	O	L	A		E	M	A		O	V	O
9	C	E		E	R		M	O		A	G
10	O	M	O		G	I	A		O	S	A
11	S	A	L	V	A		S	I	B	A	S

PALAVRAS CRUZADAS

(NOVA MODALIDADE)

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1	B	E	M		L	E	U		S	E	M
2	A	R	O	S		R		M	E	L	A
3	R	A	L	O	S		R	O	L	E	S
4		S	A	L		V		R	O	I	
5	R		R		T	A	M		S		S
6	E	L		G	A	T	A	S		L	O
7	U		A		S	E	U		A		U
8		T	R	I		S		S	R	S	
9	C	O	I	R	O		B	R	I	O	S
10	O	R	L	-A		F		A	D	I	U
11	S	A	O		L	E	U		O	S	A

RICHARD LLEWELLYN

O VALE ERA VERDE



ALMANAQUE

TITULO ORIGINAL
HOW GREEN WAS MY VALLEY

Copyright 1960 by
RICHARD LLEWELLYN



1960

GRUPO DE PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS

LISBOA

— Encantado — disse eu, e resolvemos começar a rir pensando nas suas pernas de aranha a espernear. — Vamos comprar caramelos, sim?

Voltámos para casa, depois de galgar a montanha, com as caras lambuzadas do caramelo que tínhamos o hábito de comprar, um que lhe chamam «puxa-puxa», rindo por tudo e por nada, apenas porque o Sol nos inundava de luz e porque nos sentíamos contentes.

O resto do dia passei-o em grande actividade, a cima e a baixo, para adquirir certificados e certidões do senhor Evans, da gerência da mina, do doutor Richards, do solicitador Silas Owen e do senhor Gruffydd.

— Muito bem, Huw — aprovou o senhor Gruffydd —, vais então desta feita para a escola, é isso?

— Vou sim, senhor Gruffydd.

— É boa ideia — continuou ele. — E aprende. Faz por aprender tudo. Tens aqui, que ta dou, uma caixa para lápis. Pertenceu ao meu avô, depois a meu pai. Agora não preciso dela. Agora vai-te embora porque estou ocupado, mas vem cá amanhã à noite para me contares o que se passou no teu primeiro dia de escola. Está bem?

— Sim, senhor Gruffydd — respondi. Levei a certidão e a caixa para os lápis. Era bem bonita aquela caixa! Tinha uma tampa que deslizava e uma pequena cavidade para se meter o dedo e fazer pressão para mover. Na divisão superior estavam três lápis encarnados, novos, de pontas aguçadas, e duas canetas esverdeadas com encaixes de latão para os aparos e um pedaço de borracha na extremidade. A divisão de cima girava sobre um eixo e dava uma volta descobrindo outra divisão com cinco bonitos lápis, três amarelos, um encarnado e um azul. Debaixo dessa divisão havia outra, onde estava o transferidor, um compasso, uma régua, uma caixa para aparos e outra para *punaises*, dois esquadros de marfim, uma caneta de desenho e lápis de carvão. Era tudo tão bonito e de tão boa qualidade que se desejava que nunca mais acabasse as divisões recheadas de tamanhas preciosidades.

A senhora Jenkins foi lá a casa naquela noite para me lembrar as minhas contas, a escrita e o cálculo mental. Meu pai e minha mãe, Ivor, Bron e Davy sentaram-se à volta da mesa fingindo não prestarem atenção.

Correu tudo muito bem até àquele problema da água que corre para uma banheira em maior quantidade do que aquela que sai por outro para se saber o tempo que levaria a encher a banheira quando minha mãe afastou as meias que estava a coser e deu um estalo com a língua significando impaciência.

— Que tens, filha? — perguntou-lhe meu pai.

— Essa é uma das tolices da escola nacional — respondeu minha mãe. — Encher uma banheira esburacada não lembra ao Diabo. Quem seria o doido que faria isso?

— É um problema, querida — explicou meu pai. — Um exercício mental. Nada tem que ver com os métodos da escola nacional.

— Só para encher a cabeça das crianças de tolices — continuou minha mãe.

— Não são tolices, Beth — continuou meu pai com suavidade para a acalmar. — São contas. A água leva um certo tempo a encher a banheira. A água que sai também leva um tempo determinado. Trata-se de saber quanto tempo será preciso nessas condições para encher a banheira. É tudo.

— Mas quem vai deitar água numa banheira rota? — prosseguiu minha mãe. — Não uma pessoa de juízo certamente.

— Ora que espiga! — tornou impacientemente meu pai depondo o livro e olhando para o tecto. — É para se saber se o rapaz sabe calcular, Beth. Números, só isso, nada mais. Quanto tempo quantos litros.

— Sim, numa banheira rota — cortou minha mãe fazendo das meias uma bola e atirando-a para a cesta. Mas não acertou, apanhou-a e atirou-a com força outra vez. — Se ele levasse para a escola umas calças cheias de buracos sempre queria saber

o que diriam. Mas se uma banheira estiver tão cheia de buracos como um crivo ninguém repara nisso.

— O melhor é parar com as banheiras — disse meu pai dirigindo-se à senhora Jenkins. — Há mais alguma coisa?

— Há os números decimais, senhor Morgan, mas o pequeno é forte nisso.

— Números decimais e harmonia no meu lar — respondeu meu pai — pelo amor de Deus.

— Caluda! — exclamou minha mãe.

Entrámos nos números decimais. Era curioso ver o olhar de minha mãe quando a vírgula começou nas suas andanças.

Quando estava deitado, ouvi naquela noite, minha mãe subir e dirigir-se a Angharad, depois senti meu pai subir com o candeeiro e deixar a porta do seu quarto entreaberta para ouvir o relógio.

— Gwil — ouvi minha mãe —, quem manda naquela vírgula decimal?

— Quem? — perguntou meu pai, e os suspensórios bateram num móvel.

— Vírgula decimal — tentou explicar minha mãe —, essa coisa de que Huw falou lá em baixo.

— Lá vens tu agora com isso — disse meu pai a rir. — Olha, Beth, deixa isso. Daqui a pouco é manhã e se continuamos com essa conversa vamos parar a um manicómio.

— Mas explica lá: porque é que uma criança tem de saber essa coisa e quando eu quero saber sou considerada maluca?

— Beth, minha querida — prosseguiu meu pai —, há coisas para raparigas e coisas para rapazes. A vírgula decimal tem a missão de tornar fraccionário um todo. Diz-se um vírgula cinco em vez de um e meio. E não vale a pena mais explicações. Naturalmente não compreenderias.

Algun tempo se passou e só se ouvia o rumor de roupas que caíam no chão e o ruído dos passos de alguém que passava pela ladeira da coliza.

— Mas a quem pertence? — ouvi dizer minha mãe. — É de alguém?

— Ora, com franqueza, Beth — respondeu meu pai. — Já é tolice! Por que razão havia a vírgula de pertencer a alguém? É um risquinho no papel. Como pode um traço no papel pertencer a alguém?

— Então como se sabe o que se há-de fazer com ela? — tornou outra vez minha mãe. — Multiplica-se por dez, muda-se a vírgula, acrescenta-se um zero.

— Não, querida —olveu meu pai —, não se acrescenta zero. Isto corresponde à divisão. Quando se trata de multiplicação a vírgula passa para a direita. Quando é divisão a vírgula vai para a esquerda.

— Continua — insistiu minha mãe. — Ela pode ficar onde está. De qualquer maneira gostaria de saber quem a inventou.

— Creio que foram os franceses, mas não tenho a certeza — respondeu meu pai. — Deixa isso agora, por favor.

— Bem... então não nos devemos admirar — disse minha mãe toda contente por ter a quem atacar. — Coisas dos franceses! O livro nunca teria entrado cá em casa se eu tivesse tido conhecimento disso antes.

— Tu és de força Beth — disse meu pai —, que prenda me saiste! Cala-te antes que eu te atire pela janela.

— Franceses, realmente — retorquiu minha mãe —, e vírgulas decimais para a esquerda e para a direita como macaquinhos. Que vai ser da criança com franceses e banheiras todas esburacadas?

— Conquistará uma bolsa de estudo, disso é que eu gostaria — respondeu meu pai.

— Bolsa de estudo? Ora... não querias mais nada! — exclamou minha mãe, e as suas palavras tinham um tom especial. — Desta maneira o que será do mundo?

— Vai mas é dormir e não penses no destino do mundo. Pensa na velha rainha

com um mundo de problemas a resolver e dá graças a Deus por não estares no caso dela.

— É possível que ela seja das relações dessa tal vírgula decimal? — interrogou minha mãe.

— Oh! Vai para o Diabo — explodiu meu pai, e apagou a luz. — A pobre criatura está a esta hora a dormir, vamos fazer a mesma coisa. Boas-noites.

— Adeuzinho — concluiu minha mãe.

Eram sete menos um quarto quando, na manhã seguinte, parti para a escola com os livros numa mala às costas, que continha também a famosa caixa para lápis, e comida numa marmita que eu levava na mão. No alto da montanha uma chuva miudinha molhou-me a cara. Até lá o vento, detido pelas árvores, não me incomodou muito, mas no cimo sofri-lhe os efeitos e ainda durante toda a descida do outro lado da montanha.

A cidade pareceu-me então pior do que era por causa das grandes nuvens cinzentas como que penduradas entre os cimos das montanhas, um nevoeiro espesso que envolvia os telhados e a densa fumarada amarela que saía das chaminés. Avistei a escola com os seus três compridos telhados de ardósia entre as outras casas e com poucas árvores à volta e o rio carregado de sujidade por entre rochas escuras.

O tráfego nas ruas era insignificante. Apenas algumas carroças e vários *cabriolets*; uma carroça grande cheia de bilhas de leite que se entrechocavam dirigia-se para a estação.

Quando cheguei à escola alguns rapazes brincavam no pátio. Esperei, para entrar, que eles estivessem na outra extremidade do pátio. No interior reinava o silêncio e o mesmo cheiro a giz que na véspera detestara. Divaguei pelo vestibulo observando os quadros, alguns pintados e muitos desenhados pelos alunos, alguns muito bons. Examinei também o quadro de honra com os nomes impressos em letras douradas.

A porta abriu-se e observei a maneira muito peculiar como o senhor Motshill a abria batendo nela primeiro com a ponta do pé e depois empurrando-a com o ombro.

— Que deseja? — disse ele quando me viu.

— Venho para frequentar a escola.

— Sim, mas diga isso em inglês. Positivamente, que quer?

— Entrar para a escola — disse eu em inglês.

Muito bem — continuou o senhor Motshill. — Esteve cá ontem, parece que me lembro.

— Estive, sim senhor, e trago-lhe os documentos que me pediu.

— Sente-se aí, que já o mando chamar — indicou ele.

Depois de me sentar a campainha lá fora soou por uns momentos e começaram a chegar os professores, sacudindo a chuva dos seus impermeáveis e chapéus, cumprimentando-se mutuamente, cinco homens e duas mulheres, estas velhas e vestidas de preto. Eu não ouvia o que diziam por causa do ruído da campainha. Os alunos, dos dois sexos, entraram e enfileiraram-se dois a dois, com as costas voltadas para mim, mas quase todos procuraram dar uma olhadela para o meu lado: alguns fizeram-me caretas, outros riram-se e dois empurraram o vizinho para que me olhasse e se risse também.

O senhor Motshill saiu do seu gabinete e subiu para um estrado, onde já uma das mulheres estava sentada ao harmónio. Olhou solenemente os alunos por algum tempo e levou a mão à cara com alguns dedos à volta do queixo.

— Vamos rezar — disse ele num tom de voz mais alto que o normal mas em que se vislumbrava a pretensão de querer armar ao trágico. — Padre Nosso — começou, e todas as crianças o acompanharam, alguns marcando as suas próprias pausas, o que obrigava o senhor Motshill a elevar a voz de vez em quando para os obrigar a acompanhar o ritmo. Mas de nada lhe valia. Os rapazes chegavam sempre ao fim antes dele.

O senhor Motshill ao chegar ao fim abriu os olhos e ergueu a vista, cheio de piedade e unção.

— Cantemos um hino — pronunciou ele e voltou-se para a senhora, que se chamava Cash; fechou os olhos ao baixar a cabeça e abriu-os ao levantá-la tudo suavemente com ar seráfico. A senhora Cash meneou também a cabeça, ergueu as mãos com os dedos estendidos e os miminhos curvados e extraiu dois acordes graves com duas notas desafinadas e uma em falso.

— Oó — entoou o senhor Motshill em duas claves distintas percorrendo toda a escala para encontrar a nota desejada.

— Ah — cantaram os pequenos com as bocas abertas, sem tom, sem harmonia, nem interesse.

— «A rocha do tempo entreabriu-se para mim» — cantava o senhor Motshill, a senhora Cash tocava teclas ao acaso com uma careta todas as vezes que errava e as crianças desafinavam à vontade.

— Todos para as suas aulas — acabou por dizer o senhor Motshill. — Sigam já.

Uns tomaram uma direcção, outros outro caminho, todos fazendo um barulho tremendo com os pés, contentes pelo ruído que faziam e o átrio esvaziou-se. O senhor Motshill esperou até o último desaparecer e depois dirigiu-se para o seu gabinete. Entretanto pareceu lembrar-se de mim e voltou.

— Venha cá — disse. — O menino vai receber um papel do senhor Tyser para tomarmos um conhecimento preciso do que faremos consigo.

Passámos por uma porta para entrarmos numa sala de aula onde o senhor Tyser dava lição. Era um homem que parecia permanentemente fatigado, boa pessoa talvez, mas sempre irritado por aturar aqueles rapazes barulhentos e endiabrados.

Senhor Tyser — começou o senhor Motshill —, apresento-lhe o Morgan. Já o censurei por falar galês. Veja o que ele faz com o caderno de caligrafia mais adiantado.

— Sim senhor — respondeu o senhor Tyser. — Venha cá, Morgan, sente-se nesta carteira.

Sentei-me e imediatamente me levantei para arrancar de mim uma ponta de um aparo na qual me tinha espetado ao sentar-me. Os rapazes por trás de mim olhavam inocentemente para o quadro preto com os braços cruzados.

— Foi você quem pôs aqui este aparo? — perguntei a um deles?

Todo vermelho, Mervyn Phillips olhou para mim e James Herriot fez o mesmo.

— Disse alguma coisa? — perguntou o senhor Tyser, surpreso.

— Falei, sim senhor — respondi.

— Faça o favor de falar inglês — aconselhou o senhor Tyser — para evitar trapalhadas.

— No pátio de recreio preciso de entender-me consigo — sussurrou Mervyn Phillips. — Quero tirar-lhe certas ideias da cabeça.

— Inteiramente de acordo — respondi eu.

O senhor Tyser deu-me o caderno de caligrafia, uma aritmética, uma gramática, um livro de moral, um livro de história e uma geografia. Tirei da mala as minhas coisas, ficando a minha carteira lindamente guarneçada.

A minha mão dançava com gosto em cima de todos os cadernos, e era agradável ver a cara prazenteira do senhor Tyser ao examiná-los.

— Tem uma linda letra, Morgan — disse ele. — Onde esteve a aprender?

— Foi a senhora Jenkins quem me ensinou — respondi, e todos os rapazes reprimiram uma risada idiota, aquele riso parvo que dá vontade de meter qualquer coisa pela garganta abaixo dos vazios que riem assim — meus irmãos e minha cunhada.

— É pena — continuou o senhor Tyser — que essa senhora que o ensinou não tenha sido convidada para educar alguns parvos que o rodeiam. Que faria essa senhora se o menino fosse um aluno cábula e ordinário?

— Cachações, privação do jantar e um recadinho para casa — respondi.

Acompanha-me — convidou-me ele. — Segui-o.

Fora da aula, pôs a mão no meu ombro e fitou-me.

— O menino não é coxo, pois não, Morgan? — inquiriu ele de mim com a bondade expressa no rosto.

— Não, senhor Tyser — respondi. — Tenho as pernas delgadas, mas não sou coxo.

— Dá-me grande prazer a sua resposta. Venha depressa.

Dirigimo-nos para o gabinete do senhor Motshill. Ouvimos a sua voz dizer que entrássemos depois de o senhor Tyser ter batido à porta. O gabinete era uma sala quase sem mobília; uma luz acinzentada iluminava uma mesa cheia de papéis e livros; viam-se estantes cheias de livros, duas cadeiras de couro bastante esfoladas e um retrato da rainha quando jovem, muito bonita, com uma pequena coroa. O senhor Motshill mostrou-nos uma cara que indicava que despertara de uma soneca.

— Senhor Motshill — explicou o senhor Tyser de olhos baixos e um fio de voz —, suponho que o grau de conhecimentos de Morgan o indica para ingressar na sexta elementar. A quarta elementar está muito abaixo do seu estado de adiantamento.

— Mostre-me os cadernos — convidou o senhor Motshill e curvou-se sobre a mesa para os tomar; olhou para eles piscando os olhos e passando as folhas tão depressa que as rasgou nas pontas.

— Está bem — disse ele. — Então, sexta elementar. Leve-o ao senhor Jonas.

— Muito obrigado, senhor Motshill — respondeu o senhor Tyser, e abandonámos o gabinete.

— Julgo ser melhor ir buscar os meus livros e as minhas coisas, não lhe parece — perguntei.

— Está claro, é melhor ir buscá-las — respondeu o senhor Tyser. — Quando voltar bata naquela porta — e indicou-me duas portas mais adiante.

Entrei na sala da quarta elementar e dirigi-me à carteira onde estivera sentado sem olhar para ninguém, mas todos me seguiam com a vista no meio do silêncio que parece tornar-se mais completo à medida que nos damos conta de que alguma coisa que nos diz respeito aconteceu.

A minha carteira estava um pouco deslocada do seu lugar primitivo e os dois rapazes que a tinham ocupado estavam agora sentados numa outra fronteira. O sol iluminava vivamente a minha carteira como para mostrar-me a razão por que todos me olhavam insistentemente.

A minha caixa dos lápis tinha as divisões arrancadas. Os lápis viam-se agora partidos e sujos de pó, o que indicava que tinham andado pelo chão. Os meus livros tinham manchas de tinta e nos compartimentos da caixa via-se água. O aparo de desenho, a régua, transferidor tudo partido, lascado ou manchado.

Senti ímpetos assassinos.

Qualquer coisa a arder sobre à cabeça queimando tudo por onde passa. A garganta fica seca e a respiração sai aos arrancos e produz um som estranho. Os olhos enchem-se de lágrimas, um tremor apodera-se de nós e uma nuvem se depara à nossa vista. Na escuridão que nos envolve apodera-se de nós a tentação implacável de agarrar carne e rasgá-la até que o sangue salte ou pegar numa faca e mergulhá-la até que a ponta se quebre ou bater com qualquer coisa pesada até não poder mais, apunhalar, estrangular, golpear, moer, matar e matar. Mas depois sobrevém uma calma e, embora tremamos ainda, não há lugar dentro de nós para outra sensação. Fica-se como morto e por coisa nenhuma se desejaria chorar.

Olhava para a minha caixa e tentava dificilmente reter as lágrimas, mas a estimada caixinha, com o aspecto lamentável que apresentava agora, toda suja de tinta e de terra, com todos os seus encantos desfeitos, vertendo cada um o seu sangue, fez-me chorar por todos eles.

Termos a cabeça escondida pelos braços, os joelhos de encontro ao solo, a soluçar do mais íntimo de si mesmo, enquanto em torno de nós ressoa uma gar-

galhada sem fim, que horrível sensação! Temos desprezo por nós próprios, sentimo-nos tão envergonhados que julgamos preferível perder a vida, e no entanto conservamo-nos ajoelhados, e quanto mais nos desprezamos, quanto mais vergonha sentimos mais do fundo vêm os soluços até que ficamos a ignorar se as nossas lágrimas são de tristeza pelo que aconteceu ou se de raiva por nós mesmos por mostrarmos ser tão parvos.

De repente o pranto como que se esgota. Nem mais uma lágrima brotará ainda que compreendamos que a nossa vida está ameaçada.

Chegado precisamente a esse estado de espírito peguei nas divisões da caixa arrancadas tentando encaixa-las novamente. A caixinha exteriormente não fora muito danificada. Muitos anos antes um artífice pusera todo o seu gosto no seu trabalho para que as pessoas que o vissem se encantassem com aquele lindo desenho de embutidos na tampa e nos cantos. Seria uma linda caixa sem o desenho, sem necessidade de empregar tantas horas para o executar, mas aquele desenho teria representado para o autor o seu encanto, e eu visionava-o passando as mãos pelo seu acetinado, soperando a caixa, enlevando-se nela e desfazendo-se dela com desgosto. Podia visionar também o avô do senhor Gruffydd encantado com a sua posse, passando-a a seu filho e depois este ao próprio senhor Gruffydd. E eu podia compreender o que representava a sua posse para eles pelo que eu próprio sentia.

Salomão certamente nunca sentiu pelos seus tesouros o interesse que eu e três homens antes de mim sentiamos por aquela caixinha. Ter todos aqueles instrumentos de trabalho e de permanente encanto na sua posse, o senti-los nos dedos prontos para a execução de qualquer tarefa que se pretendesse, tê-los numa caixinha para eles mesmos preparada como amigos nossos que eram, é, na verdade, uma doce satisfação sem fim. Abrimos a caixa com atenção, tiramos o que desejamos, e com cuidado tornamos a fechá-la, contemplamo-la antes de começar o nosso trabalho, e durante ele sentimos uma feliz plenitude íntima, que nos obriga muitas vezes a estender a mão para a tocar como se a abençoássemos, tal é o contentamento que temos por possuí-la. Que Deus guarde os artífices que proporcionam ao seu próximo tais satisfações mesmo com meros bocados de madeira.

Enxuguei a tinta do interior da caixa e dos livros com o meu lenço calculando o que minha mãe diria quando o visse, mas não me importei, meti as minhas coisas na maleta e dirigi-me para a porta. Eles continuavam a rir mas com um certo constrangimento porque temiam que eu fosse fazer queixa deles. Comparei-os a cães que sabem que praticaram qualquer acção reprovável e receiam castigo.

— Bater-me-ei com todos vocês um por um — disse-lhes — mas não me queixarei.

— Favoreça-nos com a sua ausência — atreveu-se a dizer Mervyn Phillips — antes que o encha de tinta encarnada.

— Não faz mal — respondi-lhe —, bater-me-ei com todos e consigo em primeiro lugar.

Sai. O senhor Tyser esperava-me à porta da sexta elementar, conversando com o senhor Elijah Jonas-Sessions, mas conhecido na escola apenas como o senhor Jonas; ao vê-lo senti oprimir-se-me o coração.

O senhor Jonas era ruivo, pequeno, com olhares que advertiam quem com ele falasse de que ele tinha uma língua de víbora e que tivesse cautela com o que dissesse; de contrário todas as palavras que pronunciasse seriam deturpadas.

— Demorou-se muito, Morgan — disse o senhor Tyser.

— Talvez ele seja do género de não se apressar — envenenou o senhor Jonas arrepanhando a boca num sorriso que lhe encobria os dentes como se pretendesse demonstrar que lá dentro havia apenas língua. O seu inglês saía com dificuldade pronunciando as palavras mais inglesmente que o inglês. Era pena que tão bela língua estivesse à mercê de semelhante individuo. O doutor Samuel Johnson alguma coisa lhe diria, e eu mesmo lhe disse, mas muito mais tarde.

—Esteve a chorar, Morgan?—perguntou-me o senhor Tyser.

—Estive, sim senhor, mas isso não tem importância.

—Como é que ele está tão sujo?—perguntou o senhor Jonas ainda com o mesmo sorriso tirando o meu lenço do bolso todo sujo de pó e de tinta.

—Estava lavado quando esta manhã entrei nesta escola—retorqui eu, tirando-lhe o lenço das mãos.—O sujo foi daquela sala...

—Quando falar comigo trate-me por senhor—interrompeu o senhor Jonas agora sem sorrir—, ou então as suas costas tomarão conhecimento com a vara. Entre na sala e sente-se imediatamente.

Ao passar pela frente dele levantou a mão para me dar uma palmada na cabeça, de que me livreii porque me baixei, e sentei-me num lugar da quarta fila, onde um rapaz se movera para me fazer espaço..

O senhor Jonas fechou a porta e colocou-se em frente da classe olhando para todos os alunos e depois para mim.

—Temos agora entre nós um portento intelectual—disse ele irõnicamente continuando a olhar para mim com o seu peculiar sorriso engatilhado enquanto os rapazes e as raparigas sorriam também numa irritação servil—de modo que devemos curvar as nossas frentes. Vou ter agora a ousadia de avaliar a sua sapiência no que diz respeito a álgebra e pela sua resposta saberemos se nos será permitido conservarmo-nos na mesma sala ou se teremos de pedir ao Estado um edificio expressamente construido para ele.

Muitos dos rapazes e algumas das raparigas não colaboraram na troça mas alguns procuraram rir mais do que merecia o sarcasmo para não serem envenenados por aquela lingua.

Deu-me para resolver quatro equações do 2.º grau mas eu já tinha bastante prática do assunto adquirido no contacto com Davy e o senhor Gruffydd. Resolvi-as com facilidade mas o senhor Jonas não desarmou.

—Um aluno modelo—comentou ele olhando atentamente para o livro.—Mas os seus livros estão num estado miserável e as suas mãos estão imundas. Se persiste na ideia de ser aluno desta escola as suas maneiras terão de se civilizar. Previna sua mãe que se aparecer cá amanhã no estado em que apareceu hoje, ver-me-ei obrigado a mandá-lo pelo mesmo caminho. Aqui não se toleram os costumes primitivos das regiões mineiras. Foram aquelas palavras que marcaram o início da aversão que desde esse momento fez daquele homem para mim um verdadeiro inimigo. Nenhum conhecimento poderia transmitir-me porque estaria permanentemente revoltado contra ele e contra tudo que pudesse ensinar-me.

Nada respondi, mas olhei-o de frente.

—Nada ganhará em ser insolente—preveniui-me ele, e atirou com o livro de forma a que os cantos ficaram dobrados.—Preste atenção ao que lhe digo e escreva cem vezes antes de ir hoje para casa: «A civilização é a mais elevada aspiração do género humano».

Sentei-me a escrever enquanto ele ensinava álgebra aos restantes alunos.

E na mesma situação fiquei pouco menos de um ano.

As suas palavras eram para mim como o som do vento sobre uma festa de rapazes ao ar livre: nunca lhes prestei atenção.

Eu continuei sentado.

Suspenderam-se os trabalhos escolares às onze horas e todos os alunos foram para o pátio para comer o seu lanche. Logo que saí a porta Mervyn Phillips agarrou-me pelo braço.

—Quer começar agora?—disse ele cercado pelos demais.—Então vamos a isso.

Era mais forte e uma cabeça mais alta do que eu, filho de um negociante de carvão da cidade, habituado a carregar sacas, e com esse exercício bastante musculado.

Não foi, porém, precisamente uma luta o que houve entre nós porque a sua claque rodeava-nos cerceando-nos o espaço. Para compensar os dois bons murros que lhe dei recebi um num dos lados da cabeça mas então caiu em cima de mim o peso dos seus apaniguados, fui ao chão e a minha única possibilidade foi procurar proteger a cabeça dos pontapés daquela malta até que, sem poder imaginar o que estava a acontecer, me apercebi que repentinamente tudo parou, me largavam e que todos se esgueiravam. Quando me levantei, apoiado na parede, o senhor Motshill olhava para mim duma janela lateral.

— Quem começou a bater-lhe, Morgan? — perguntou. — Quero castigá-los. Nesta escola não se admitem agressões.

— Eu declarei-lhes que os havia de bater a todos — respondi.

— Oh — prosseguiu ele. — O senhor Jonas contou-me que você tinha tendências para a desordem. Mas fica avisado de que se for apanhado a provocar desordens dentro ou próximo desta escola dar-lhe-ei uma tarefa e expulsá-lo-ei. Quanto a vocês — dirigiu-se aos rapazes — lembrem-se de que estão a preparar-se para ser os homens de amanhã. Serão as pessoas respeitáveis do futuro. Não se esqueçam das vossas responsabilidades e procedam com dignidade.

Tive muita sorte que Ellis, o carteiro, estivesse na praça aquando da minha saída da escola, em frente do hotel, onde minha mãe me recomendara que o esperasse, de contrário ter-me-iam misturado com a lama. O seu chicote estalou por cima deles enquanto eu, quase sem fôlego, saltava para a boleia.

— Estes sujeitos da cidade são como os ratos — comentou Ellis quando subiu e tomou as rédeas — nunca procedem individualmente, são sempre cem contra um. Porque lhe queriam bater?

— Caloiro — respondi.

— Que cambada! Eles tê-lo-iam feito em fanicos.

— Mas nada diga lá em casa; caso contrário, minha mãe ficará aflita e haverá sarilhos.

— Está bem. Mas esperarei por si todas as noites perto dali.

De facto todas as noites, com excepção de uma ou outra vez, regresssei a casa na companhia do carteiro pela estrada que contornava a montanha e acompanhava o rio. Gostava de ir sentado atrás da égua, aspirar os aromas da montanha, cumprimtando as pessoas por que passávamos, parando para entregar uma carta ou um pacote ou transmitir umas notícias porque Ellis estava ao facto de tudo o que acontecia no vale e fora dele.

Naquela noite fui primeiro a casa de Bron para me lavar, mas não era a água que faria desaparecer as marcas das equimoses na cara, os olhos inchados e um lábio ferido. Bron não estava em casa, assim foi Ivor que encontrei.

Quando entrei em casa minha mãe ao ver-me levantou os braços ao ar, lia-se-lhe a aflicção no olhar mas nem uma exclamação lhe brotou dos lábios.

— Que aconteceu, rapaz? — perguntou Angharad examinando-me de perto. — Aleijaram-te?

— Caí no caminho da montanha. Não estou aleijado. Só moido.

— Vaj com ele ao médico. Ele esteve a jogar à pancada. Sempre quero ver o que o pai dirá.

— Posso tomar o chá? — perguntei-lhe. — Não estou ferido. Só dores pelo corpo.

— Escola nacional — exclamou minha mãe. — Eu bem dizia. O teu pai tem de ouvir-me.

— Queria uma fricção, mãezinha — disse-me —, mas primeiro era melhor tomar uma xicara de chá.

— Já te vou dar o chá, meu filho — respondeu minha mãe tomando a minha cara entre as suas mãos com os seus polegares em cima dos meus olhos. — Quantos brutos produziram estas marcas? Os teus irmãos estavam quase sempre a brigar mas

nunca qualquer me apareceu com marcas como estas. Vai a casa de Bron, Angharad, e pede-lhe um bife cru em sangue.

Entretanto chegou Bron, que se agarrou a mim aos gritos.

—Huw, meu menino— disse ela, em pranto—, quem foi o bruto que te pôs nesse estado? Diz-me, que o mato, esse bandido!

—Deixa o pai chegar. Quero dizer-lhe umas boas a respeito das escolas nacionais!— E atirou com a tenaz do fogão assustando o gato, que fugiu com a barriga a arrastar pelo chão e a ponta do rabo branco como uma estrela.

É uma ótima coisa uma xícara de chá quando nos sentimos alquebrados! Quando misturado com leite e adoçado com açúcar cristal, bebido por uma grande chávena, todas as moléculas do nosso corpo, que pareciam adormecidas, despertam com um novo vigor. Para mim uma boa xícara de chá é um ótimo revigorante.

Quando Angharad voltou com o bife em sangue colocou-mo na cara e atou-o com um pano e eu fui para o barracão entreter-me a limpar a máquina de Owen de forma que quando meu pai chegou eu não estava em casa mas não tão afastado de lá que não pudesse ouvir a voz de minha mãe a contar-lhe o caso. Logo a seguir meu pai abriu a porta do barracão.

—Huw— chamou meu pai.— Vem cá, meu filho.

Foi Angharad quem retirou o pano, porque ele ainda estava todo sujo de carvão, e meu pai pegou na lâmpada para examinar a minha cara.

—Um olho todo negro e o outro apenas azulado— afirmou ele com vontade de lhes tocar, mas no entanto conservando as mãos afastadas.— Marcas bem visíveis na cara mas nenhum corte a não ser no lábio. Está bem. Depois do banho examinar-te-ei o nariz. Agora vai acabar o que estavas a fazer.

Depois também os meus irmãos Davy, Ivor e Ianto vieram ver-me mas nenhum deles comentou o caso. Apenas se interessaram por saber se eu tinha qualquer aleijão. Todos eles me deram umas moedas e Angharad também me deu dois doces.

Entre em casa quando o meu pai acabava de cear. Examinou o meu nariz, para ver se havia alguma fractura, mas, excepto o inchaço, estava tudo normal.

—Banhos de água quente de meia em meia-hora— recomendou meu pai— e água fria e quente a seguir. Estará bom em dois dias.

—Aquela escola nacional iria pelos ares se eu pudesse arranjar pólvora— desabafou minha mãe.

—Esteja calada, minha senhora— respondeu meu pai— o pequeno passará por provações bem piores que estas antes de entregar a alma ao Criador. Queres voltar para a escola ou não, meu rapaz?

—Quero sim, meu pai— respondi.

—Muito bem— disse ele.— Agora ouve, Huw. Estás a fazer-te homem. É próprio de um homem receber e retribuir mais do que recebe se tem febra para isso. Mas às vezes as circunstâncias impõem que ele leve, uma tunda na primeira hora antes de ripostar com uma maior na segunda. Mas se tens de levar uma sova dispõe-te a ela. Leva a tua sova e aprende. Uma coisa é apanhar e outra é deixar-se bater, meu rapaz. Apanha, sim, mas nunca te deixes bater. E dispõe-te a apanhar mais até que possas por tua vez tirar a desforra. Estás a compreender?

—Estou sim, meu pai.

—Então chega-te aqui— disse meu pai, levantou-se e dirigiu-se para a caixa de lata onde estava o dinheiro e trouxe-a para a mesa.— De hoje em diante dar-te-ei dois pence por cada marca que te fizerem na cara, um xelim por um olho amachucado, seis pence por cada vez que tiveres o nariz a sangrar, dois xelins pelo nariz partido e um *peny* por cada marca nos nós dos dedos, nos braços ou no corpo. Agora acompanha-me ao quintal.

—Gwilym— atalhou minha mãe com lágrimas na voz—, deixa-o agora. Já basta o que lhe aconteceu hoje. Não o queiras ver morto.

— Orgulhar-me-ei dele se o vir morto com sangue na cabeça — disse meu pai. — Um rapaz deve fazer-se à luta ou então vestir roupas de mlher. Este rapaz nunca teve ocasião para aprender a defender-se mas receberá esta noite a primeira lição. Veremos o pessoal das escolas nacionais em face de um Morgan.

No barracão meu pai despiu o casaco, arregaçou as mangas da camisa ao mesmo tempo que Ianto e Davy arrastavam a máquina para um lado e Ivor limpava o chão.

— Agora nota — começou meu pai —; um bom esquerdo deita abaixo um fanfarrão. Esta é a primeira lição do curso. Assim...

Meu pai ficou direito, olhos e cabeça voltados para a esquerda, o pé esquerdo apontado na direcção do seu olhar, o braço meio dobrado, o polegar sobre os dedos fechados, as costas da mão, mantida quase sempre ao nível do queixo, para baixo, mas sempre abaixo dos olhos e entre estes, o pé direito apontado para a direita e o braço direito curvado diante do peito e o punho sem o tocar mas quase sempre sobre o coração.

— Agora — explicou meu pai para cá e para lá nas pontas dos pés movendo os braços como se desse socos — fica assim com agilidade, de sobre-aviso e completamente desembaraçado. Vamos, faz como te expliquei.

E foi assim a minha primeira lição de luta.

Naquela noite aprendi a manter-me na melhor posição de pé, a dar e evitar um soco.

— O melhor jogador é aquele que sabe evitar um soco e dar dois — continuou meu pai. — Quando souberes fazer isso poderás dizer que começaste a jogar o *box*. Há muitos que se consideram *boxeurs* mas de facto nem mesmo a designação de lutadores mereciam. Agora repara bem.

Mostrou-me como se procedia ao atacar Ivor e recebendo um soco no queixo e outro no peito, tão rápidos ambos que nem a vista pôde segui-los. Depois Ivor e Davy mostraram o que era um esquerdo, a defesa de um esquerdo e um direito cruzado.

— Isto é que é uma lição — comentou meu pai. — Quando alguém te forçar a despir o casaco resolve-te imediatamente a dar-lhe uma lição. Um directo cruzado convenientemente aplicado é um óptimo ensinamento e com ele muitas vezes fica a luta acabada. Todas as vezes que o adversário atacar usa o esquerdo para o ensinar. Quando ele recuar, ainda com o esquerdo, aplica-lhe mais um par para que ele não tenha descanso. Depois leva o direito ao lugar entre os ossos do peito para o obrigar a baixar a cabeça; nesse momento o esquerdo já deve estar pronto para o apoiar e é a altura de um bom directo no queixo. E pronto: é só vestir o casaco e recolher a casa.

Angharad meteu a cabeça pela fresta que fazia de janela e Davy fingiu que lhe ia dar um murro, mas ela pôs-se aos gritos pois que ficara com a cabeça presa no espaço estreito, e o cabelo caído à volta da cabeça ainda a forçava a sentir a cabeça mais presa.

— Chegou o senhor Gruffydd — anunciou ela enquanto os rapazes procuravam libertar-lhe a cabeça. — Queres rebentar comigo Davy Morgan?

— A tua cabeça é demasiadamente dura — disse Davy. — Só uma rapariga meteria a cabeça num lugar tão estreito. Isso é uma porta ou perdeste o juízo?

— Eu estava a olhar pela janela, meu parvo — respondeu Angharad. — Poderia eu ver alguma coisa através da porta?

— O teu nariz é que te fez cair na armadilha — disse meu pai. — Parte a janela e paga o prejuízo com o teu dinheiro.

— Ó paizinho — lamentou-se Angharad tentando olhar por entre os cabelos e como que a chorar e a rir ao mesmo tempo. — Não lhe mereço isso. Os rapazes fazem o que querem mas para mim só há palavras azedas e descontos no meu rico dinheiro.

Huw ganhou mais com a pancada que levou do que eu durante umas poucas de semanas. Antes eu tivesse nascido rapaz. Não me importava de receber murros todos os dias.

— Ficas aí presa — declarou meu pai — para meditates nas barbaridades que acabas de pronunciar.

E a pobre Angharad assim ficou com a cabeça metida na fresta, fazendo diligência para chorar mas acabando por rir. Davy deu-lhe, ao passar, um beliscão no traseiro mas em contrapartida recebeu tal pontapé que ficou a coxear toda a noite.

— Então, Huw — perguntou o senhor Gruffydd —, umas trapalhadas com os colegas, não?

— Sim, senhor Gruffydd.

— Como foi possível que a caixa para lápis viesse para casa neste estado? Pedi que tivesses o maior cuidado com ela.

— Da maneira como ele chegou a casa — declarou meu pai — o que me admira é que ele a tivesse trazido.

— Deixe Huw responder, senhor Morgan — disse o senhor Gruffydd. — Um objecto não pode vir para casa tão danificado sem que se tomem providências para que o caso não se repita. Huw devia defendê-la. Ele não teve a culpa. Então quem a teve?

— Aqueles que deixaram as marcas dos seus punhos na cara dele — declarou meu pai.

— Eu não estava na aula na altura de eles estragarem a minha caixa, senhor Gruffydd — afirmei eu —, mas eu declarei-lhes que lutaria com todos um por um, e assim farei; assim terão a recompensa do que fizeram onde quer que estejam.

— Canalhas! — exclamou o senhor Gruffydd. — Só uma corja de gente sem escrúpulos nem vergonha poderia ter ânimo para estragar um mimo destes. Dava vontade de lá ir com um molho de varas e gastá-las nas costas de semelhantes patifes.

— Apoiado! — reforçou minha mãe. — e completar a vingança deitando fogo à escola.

— Bico calado, minha senhora — disse meu pai. — É melhor que Huw concilie ele próprio as coisas senhor Gruffydd. Era a mim que competiria lá ir, e Deus os livre se eu me dispuser a isso. Mas a desforra diz respeito a Huw, não a nós.

— O caso também é connosco, senhor Morgan — declarou o senhor Gruffydd, colocando a caixa sobre a mesa. — Huw pode mostrar-se-lhes mais forte com os seus punhos, mas nunca lhes fará compreender o carácter intangível da propriedade privada. O bárbaro recebe a lição do terror físico dada pela força superior mas nunca aprenderá a pensar.

— As varas serão mais eficientes? — perguntou meu pai tirando o cachimbo da boca.

— Muito mais eficientes que os punhos — respondeu o senhor Gruffydd a rir — porque os punhos são a linguagem de homem para homem e as varas e a razão são a lei universal, aplicável a todos os homens. Os punhos ensinarão a lutar melhor se os homens tiverem cabeça e coração e os nossos punhos obrigarão outros homens a deixarem-nos percorrer em paz o nosso caminho. Mas as varas e as palavras ensinam a pensar e a viver melhor. É por isso que conservo na cabeça a ideia de lá ir amanhã.

— Vou consertar a caixa, senhor Gruffydd — declarei eu. — Depois do conserto nada ficará a conhecer-se. Vai ver. Ficarà como nova.

— Então vamos lá. Faz-me doer o coração vê-la no estado em que está.

Fomos para o barracão com candeeiros. Ainda lá estava a pobre Angharad com a cabeça presa na fresta.

— Que é isto? — interessou-se por saber o senhor Gruffydd levantando o candeeiro para ver melhor.

— É Angharad — esclareci.

O senhor Gruffydd afastou os cabelos dos olhos de minha irmã, a qual o fitou. A luz do candeeiro reflectindo no rosto dava-lhe um tom dourado.

Percebi que ela ria mas o seu aspecto era de quem chorava; as lágrimas douradas suspensas dos olhos de um azul admirável imploravam piedade como uma criancinha que estivesse a pedir colo; torcia os lábios, mas apenas um pouquinho para não desfear o seu rosto, tremia-lhe o queixo, o cabelo, quase da cor do cobre limpo, envolvia-lhe o rosto e caía-lhe até quase à cintura, com alguns fios isolados a brilhar, fazendo lembrar as cordas de uma harpa cruzando-lhe os olhos e descendo-lhe pela cara.

O senhor Gruffydd contemplou-a e vi o enternecimento no seu rosto sem poder classificar o género do seu enternecimento. Depôs o candeeiro e agarrou na barra que estava fixada no pescoço de Angharad.

— Se eu lhe fizer doer diga.

Angharad fez um movimento com a cabeça significando negação.

O senhor Gruffydd firmou-se bem nos pés, ajeitou bem as mãos na barra, e num puxão violento arrancou a barra e a extremidade da guarnição da fresta com parafusos e tudo.

— Agora nós — disse voltando-se para mim. — Conserta a caixa que eu arranjaré a janela.

— Sim, senhor Gruffydd.

— Obrigada, senhor Gruffydd — disse Angharad ao mesmo tempo que olhava para o sítio onde estivera a janela e passava a mão pelo pescoço —, que força que o senhor tem!

— Ainda bem — respondeu o senhor Gruffydd. — Para alguma coisa serviu.

Lixei a madeira branca da caixa tirando-lhe as manchas da tinta tanto do interior como do exterior, tornando-a novamente alva como uma folha de papel, mas nos cantos só depois de bem lixados e com muita paciência e tempo seria possível igualá-los ao resto. Coloquei um novo parafuso para servir de eixo e um encaixe para o segundo tabuleiro ou divisão e assim ficou terminada a primeira fase do conserto. Depois coloquei minúsculos pedacinhos de madeira nas fendas e enchi as arranhaduras com lascas de madeira da mesma cor dos desenhos. De facto quando acabei a segunda fase do trabalho ninguém poderia supor os danos que a caixa tinha sofrido. Mas nós todos sabíamos que as pequenas marcas que ainda lá se conservavam, imperceptíveis para outros olhos que não os nossos, lá ficariam sempre, nunca mais cicatrizariam, porque a madeira tem orgulho na sua idade e apressa-se a mostrar à madeira nova que chega o lugar que lhe compete.

Eu estivera a ser observado durante muito tempo pelo senhor Gruffydd, mas só dei por isso quando acabei o meu trabalho e fui pôr a caixa numa situação mais elevada para a examinar cuidadosamente. Foi então que olhei para ele e o vi sorrir.

— És um bom artista, Huw — louvou o senhor Gruffydd.

— Muito obrigado. Já consertou a janela? — respondi.

Já, sim. Pensas que admitiria que um rapazola como tu fosse mais desembaçado do que eu? Faz o favor de ver.

Efectivamente o senhor Gruffydd tinha feito na janela um trabalho digno dos maiores encómios. O construtor de moinhos, Clydach Howell, não o teria feito melhor. As juntas só de muito perto se viam e os parafusos nem mesmo de perto tão bem disfarçados estavam.

— O senhor também é um bom artista carpinteiro, senhor Gruffydd — disse eu intencionalmente.

— Espero que digas a mesma coisa depois de eu ter feito a mobília para a minha casa nova.

—Dá-me licença que o ajude?—perguntei-lhe, porque eu sempre tinha tido vontade de fazer móveis bons para a nossa casa.

—Não permitirei que outra pessoa que não sejas tu me auxilie — respondeu-me. — A tua cara, ainda te dói?

—Já não me lembrava que tinha a cara magoada — respondi, e de facto falava verdade.

Nesta altura ouvi Angharad dizer que lhe abrisse a porta e vi-a entrar carregada com um tabuleiro que continha o chá, pão de forma, manteiga, queijo, alface e agriões.

— A minha mãe tinha dito que comessem enquanto trabalhavam, mas como já acabaram acho melhor que vão lá para casa, onde estarão com mais comodidade. Se o senhor quiser cerveja em vez de chá, lá em casa há em quantidade. O pai diz que a conservou fria na botija e está óptima para beber à saúde da rainha.

— Beberei à saúde da rainha com o maior prazer — disse o senhor Gruffydd. — Dê-me o tabuleiro.

O senhor Gruffydd agarrou no tabuleiro, arrumou alguns pratos que tinham escorregado e deu uma nova disposição às facas, às colheres, colocando o saleiro entre a leiteira e o bule do chá. Enquanto o fazia o senhor Gruffydd observava a cabeça de Angharad; a nova arrumação era afinal um pretexto.

— Pronto... — disse Angharad levantando os olhos para ele; um sorriso pairava nos seus lábios.

Ia dizer mais alguma coisa mas interrompeu-se e o sorriso desapareceu. Ficou a olhar com um véu de tristeza a empanar-lhe a luz dos olhos. O senhor Gruffydd também a fixava. Minha irmã depois pestanejou e, querendo convencer-nos de que era a luz do candeeiro que a incomodava, abrigou os olhos com a mão e voltou-se.

— Que luz tão forte que tem esse candeeiro — disse ela. — Vamos embora, Huw. Já é bastante tarde.

Seguimos para casa. Meu pai, ao ver-nos, adiantou-se para lhe tirar o tabuleiro das mãos do senhor Gruffydd.

— Então que tal está? — exclamou, surpreendido. — Estou a ver que dentro em pouco os meus filhos fá-lo-ão esfregar o soalho!

— Não seria novidade, pois já esfreguei muito soalho — respondeu o senhor Gruffydd. — Tenho informações de que vamos beber em homenagem à rainha.

— A cerveja está à espera — afirmou meu pai. — O chá é uma óptima bebida, mas em certas ocasiões um copo de boa cerveja não lhe fica atrás. Observe esta. Foi minha mulher quem a fez e estou convencido de que o senhor nunca bebeu melhor.

— A saúde então! — exclamou o senhor Gruffydd. — Brindo a Sua Majestade Britânica, nossa real senhora! Que a coroa nunca lhe pese. Por vitória, meus senhores!

— Vitória! — saudaram todos, e a cerveja escorregou pelas goelas abaixo.

— Vamos agora à ceia — cortou minha mãe dos lados do fogão tendo na mão uma caçarola. — Huw, vai deitar-te.

— Sim, minha mãe — disse eu, e dei as boas-noites. Angharad acompanhou-me para pôr na minha cara os panos com água quente e fria, e quando acabou pôs na cadeira ao lado da cama alguns rebuçados.

— Para levars para a escola — concluiu.

— Muito obrigado — respondi.

— Olha lá! O senhor Gruffydd disse-te alguma coisa a meu respeito? — dirigiu-se-me, mas apressadamente, como se tivesse hesitado muito em falar e estivesse ansiosa por se despachar.

— Não — respondi. — Mas a respeito de que assunto?

— Não importa, não faças caso — atalhou ela outra vez apressadamente, mas depreendia-se que olhava para mim e não me via, pois havia um sorriso nos seus

lábios, as suas faces estavam ruborizadas e a sua respiração era ligeira. — Se ele tẽ disser alguma coisa a meu respeito, conta-me depois, sim?

— Está bem, conto.

— Então adeus, boas-noites.

Quando se inclinou para apagar o candeeiro vi-lhe, na boca em forma de beijo, o mesmo sorriso, mas agora como uma mãe que olhasse para o seu filho a chorar nos braços de outra mulher, com uma expressão de mais suavidade e até de sacrifício.

No dia seguinte, na escola, nenhum dos colegas me dirigiu a palavra acerca do meu aspecto, embora lhes desse vontade de rir a minha figura. Com manchas amarelas e azuis pela cara e violáceas à volta dos olhos e do nariz eu parecia uma estampa a cores. Olhavam para mim e tapavam a boca com as mãos para disfarçarem o riso de que eram acometidos. Não lhes liguei importância, mas fixei os rapazes atacados de hilaridade para em qualquer altura ajustar as contas com eles.

Depois de termos orado e entoado o hino nacional fui detido pelo senhor Motshill, que me perguntou a razão do estado em que estava a minha cara.

— Foi uma briga.

— Veja bem os resultados a que uma briga conduz — disse ele. — Será bom que tenha cautela consigo. Naturalmente terei de contar com a visita de seu pai.

— Não senhor. Meu pai declarou que o caso era comigo.

— Oh! — exclamou ele; tirou os óculos para os limpar e piscou os olhos na minha direcção. — Se não se sentir bem vá à minha casa, pergunte pela minha mulher e deite-se lá.

— Muito obrigado, senhor Motshill.

— Lembre-se disto, Morgan — disse-me pondo a mão no meu ombro. — Estou aqui para o ajudar. Desejaria que conquistasse o prémio de estudante gratuito em Oxford. Está ao seu alcance consegui-lo. Mas as desordens só o poderão prejudicar. Não se esqueça e trabalhe com vontade.

A bondade, mesmo que provenha de uma pessoa severa, sempre me comoveu e me fez vir lágrimas aos olhos. Assim, quando entrei na sexta elementar e o senhor Jonas me viu a limpar os olhos logo se pôs a sorrir e no mesmo instante senti o coração a apertar-se-me.

— Ora até que enfim — exclamou ele no seu inglês mais que inglês —, então consegue chorar!

Chegou-se a mim e pôs-se a mirar-me de cima a baixo.

— Está claro que sua mãe seguiu à justa a minha recomendação — continuou ele. — Deixe-me ver o seu lenço.

Mostrei-lho.

— Estou muito admirado com o procedimento de sua mãe — afirmou. — Talvez a tarefa que ele lhe deu o ensine a modificar as suas maneiras. É natural que as pessoas de educação considerem selvagens os galeses. Apavora-me o pensamento de que gente da sua espécie possa crescer e fazer-se homem. De qualquer maneira, ajudado por uma vara, procurarei fazer por si o que me for possível. Fixe isto e não me olhe dessa maneira insolente, garoto malcriado.

A seguir sentei-me e ele entregou-se a leccionar história.

Julgo que ele começou a detestar-me quando compreendeu que eu não o tomava a sério e melindrava-o a ideia de que um garoto não o tinha na conta de que se presumia merecedor, pois que ele julgava-se muito acima dos seus méritos; o seu orgulho ferido desorientava-o e fazia-o mau. Além disso a minha presença era a lembrança viva do sangue galês que lhe corria nas veias e que ele pretendia a todo o transe ocultar.

Na sua opinião nada que fosse do País de Gales tinha qualquer mérito ou merecimento. Para ele, mesmo quando leccionava, havia uma lacuna entre os actos dos

apóstolos e a Distribuição Agrária na história da Inglaterra. O bastardo normando que esmurrou a cara nas areias do Sul, que originou uma aristocracia inglesa, era padrinho do senhor Jonas-Sessions.

Se falava de Roma era apenas como um local em que tinham sido queimados cristãos. Nunca se lembrava que durante séculos os seus avós tinham-se esforçado com a sua espada por manter as legiões romanas afastadas das suas estradas e procurava esquecer que Roma ficou manietada e os *wikings*, dinamarqueses e godos com os corações destroçados quando haviam querido impedir que os avós dele lutassem pelo que lhes pertencia, e se os seus avós haviam sido derrotados não tinha sido porque os tivesse abandonado o ânimo bélico mas porque o melhor de entre todos tinha sucumbido na batalha e não fora possível preencher com novos varões tão esforçados as vagas existentes nas fileiras.

Era essa a razão da vergonha do senhor Jonas.

Recordo-me bem do dia em que tal descobrimos pois foi o dia da minha primeira luta, logo a seguir à morte de Dêlys Pritchard.

17

— EU sou a vida e a ressurreição — pregava o Sr. Gruffydd com a sua voz viril, tão nobre na sua beleza e na sua significação.

— Amen — respondeu a assistência.

Os frios ventos da noite e as chamas dos archotes envolviam-nos a todos no alto da montanha enquanto o Sr. Gruffydd pronunciava o seu sermão em que verberava o vício que campeava na aldeia.

Naquele dia uma coisa horrorosa acontecera: uma rapariga fora violentada na montanha, e à minha chegada à aldeia encontrara-a em completa efervescência: toda a população se achava na rua, na colina, e lá em baixo, em plena aldeia, as lojas estavam fechadas e o sino da capela badalava tristemente. Eu estava a tomar o meu chá quando meu pai chegou porque os trabalhos na mina tinham paralisado mais cedo para que o pessoal se associasse à busca da fera com forma humana.

— A pequena morreu — contava meu pai com voz serena —, mas apanhá-lo-emos ainda que para isso seja preciso pesquisar a montanha polegada a polegada.

— Vão, vão — dizia minha mãe a chorar —, pobre pequena, que tão bonita era!

Eu e outros rapazes acompanhávamos os homens para levarmos archotes e petróleo. Entre uma multidão de duzentos ou trezentos homens encontravam-se meu pai e os meus irmãos, todos graves e silenciosos.

O Sr. Gruffydd marcara encontro na encosta da montanha; depois desceriam para a aldeia quando escurecesse logo que o pessoal tivesse tomado banho e jantasse. Dizia-lhes que tinha chegado o momento em que as suas mulheres não estariam livres de um mau encontro pelos caminhos.

Os humanos com corações de feras vivem junto de nós — gritou ele — trabalham entre nós, lado a lado, prontos a trucidar os vossos filhos e prosseguir sem castigo. Farão da nossa comunidade um pântano de corrupção. Riríeis se vos falasse do Demo? Sorriríeis se vos mencionasse Satanás? Então mostrar-vos-ei o corpo de uma jovem que garras assassinas dilaceraram. Talvez as vossas cabeças se movimentem com as vossas gargalhadas. Essa pequena mártir morreu não às mãos de um homem mas sob as garras duma besta-fera. Uma fera. E entes dessa espécie são seres do Demónio. Entes como esse devem ser esconjurados por vós como Satanás fez aos porcos de Gadara. Estão decididos? Estamos de acordo?

— Absolutamente — gritou a multidão em uníssono.

— Então em marcha — respondeu o Sr. Gruffydd. — Façamos justiça.

Então o Sr. Gruffydd desceu do rochedo, tomou a dianteira da multidão e dirigimo-nos todos para a aldeia a cantar um hino.

A luz dos archotes iluminava as caras barbudas dos homens, os seus olhos lançavam chispas sinistras e as suas botas marcavam no chão um compasso fúnebre enquanto as suas vozes lançavam para longe as notas do hino.

A aldeia apareceu-nos morta, sem luz, portas e janelas fechadas, sem gente nem rumor, a não ser o ruído dos passos dos homens.

A volta de todas as tabernas e das três filas de casas onde viviam os que tinham mistura de sangue galês, inglês e irlandês os homens paravam, ombro com ombro, de maneira a não ser possível a alguém entrar e sair. Depois o Sr. Gruffydd e mais uns tantos homens entraram na primeira taberna e avisaram o proprietário de que não deveria vender bebidas alcoólicas durante uma semana; apenas forneceria cerveja a capatazes que tivessem cinco ou mais homens sob as suas ordens. Fizeram o mesmo nas outras tabernas. Como ninguém entrou nelas nessa noite foi de facto um desastre para os proprietários, que maus uns, outros bons, todos precisavam de viver. Mas compreenderam que assim tinha de ser e assim seria. Se não concordassem bastaria um fósforo, dado o estado de espírito da população, e tudo arderia e eles ficariam apenas com as chamas das suas casas a arder para se aquecerem.

Nas filas de casas onde moravam os mestiços de sangue cruzado vivia a escória das minas. Era gente que executava trabalhos a que os mineiros jamais se sujeitariam e a um preço inconcebível. A troca de qualquer coisa carregavam estrume e escórias e varriam as ruas, e a sua vida era o reflexo do seu trabalho. Até os seus filhos de oito e nove anos de idade eram obrigados a trabalhar para ajudar às despesas do lar. Muitos deles eram alcoólicos e as casas onde viviam assemelhavam-se a autênticos chiqueiros onde pessoas escrupulosas teriam repugnância em meter animais. Mas aquela gente era a última palavra em sentimentos. Eram uma chaga viva.

A porta de um daqueles tugúrios bateu o Sr. Gruffydd mas ninguém lhe respondeu.

A escuridão era cada vez mais densa à nossa volta e o eco das pancadas do Sr. Gruffydd repercutia-se pelo espaço fora como que à procura de um lugar onde se fixassem. Ao redor das casas os archotes formavam como um anel, e sob cada archote, dando ideia da cabeleira esvoaçante de uma fúria, destacava-se a cara de um homem, de um vermelho carregado, com buracos profundos no lugar dos olhos. Viam-se sombras de outros homens em movimento pelas encostas da montanha ou de encontro às paredes das casas consoante a direcção que a brisa imprimia às labaredas dos archotes. Pairava à volta da multidão um halo acinzentado e os telhados das casas já apresentavam um tom esbranquiçado porque a noite iria ser de geada. Era no fundo dos bolsos que as mãos se sentiam confortáveis.

O Sr. Gruffydd continuou a bater, e por fim apareceu uma cabeça na única e estreitíssima janela que se via na fachada da casa.

— Quem é? — ouviu-se uma voz de mulher trémula de medo.

— Os que vigiam — respondeu o Sr. Gruffydd num tom de voz que ecoou pelas quebradas da montanha. As chamas dos archotes tornaram-se mais vivas como se os homens as tivessem estimulado.

— Não temos nada a censurar-nos — gritou a mulher. — Nada temos com o que se passa.

— Abra a porta — respondeu o Sr. Gruffydd. — Se estiverem inocentes nenhum mal lhes sucederá. Abra e não se demore.

A janela fechou-se e a porta abriu-se imediatamente. O Sr. Gruffydd entrou acompanhado de meu pai e de Rhys Howells. Pouco depois saíram atrás de três homens.

— Fiquem aqui — disse Rhys Howells apontando para o sítio onde outrora fora um poço de mina, agora entulhado. Os homens desceram para o fundo da escavação e outros colocaram-se de guarda à volta.

O Sr. Gruffydd penetrou em todas as casas, que se abriam agora espontaneamente mesmo antes de ele bater. Todos os homens eram levados para o mesmo local, mas as mulheres ficavam em casa a fazer companhia às crianças.

Depois de se ter colocado o último homem sob vigilância o Sr. Gruffydd voltou a ocupar o seu anterior lugar sobre o rochedo com todos os homens à sua volta.

— Agora — disse ele — tragam os homens, um de cada vez, para procedermos ao seu interrogatório.

Perguntou-se o mesmo a todos. Os seus nomes, ocupação, quanto ganhavam e em que turno haviam prestado serviço naquele dia. Era evidente que aquele que tivesse estado de serviço de dia não poderia ter estado na montanha e sido o autor do nefando crime.

Depois foram interrogados os dos turnos nocturnos e os que não tinham trabalho certo. Todos foram inquiridos e todos se retiraram, calados e cabisbaixos, ingleses, escoceses, irlandeses e alguns galeses de sangue misturado, até que chegou a vez de Idris Atkinson.

Extraordinariamente alto e magro, cabelos compridos, manchas na pele, mãos que nunca estavam quietas e unhas roídas até o sabugo, não se podia olhar para ele sem repugnância.

— Turno nocturno ou diurno? — perguntou-lhe o Sr. Gruffydd.

— Diurno — respondeu o interrogado lançando à sua volta olhares inquietos.

— Em que galeria? — continuou o Sr. Gruffydd.

— Não tem nada com isso — respondeu ele, e não levantou o olhar do chão.

— Em que galeria? — repetiu o Sr. Gruffydd no mesmo tom calmo, sem manifestar impaciência.

— Na terceira — gritou o homem de repente.

— Na terceira não houve hoje trabalho — esclareceu Rhys Howells apoiando-se nos calcanhares, de braços cruzados e a olhar a montanha. Depois parou e fitou o Sr. Gruffydd.

Estabeleceu-se um profundo silêncio apenas quebrado pelo crepitar dos archotes e pela respiração abafada de muitos homens.

O malandrim olhava à sua volta com a boca entreaberta, narinas dilatadas, olhos avermelhados pelo medo, sem poder falar, com as mãos curtas sempre em movimento sobre o fato, duro de sebo e de pó de carvão, esburacado nos cotovelos e nos joelhos, mostrando a magreza do corpo.

— Vão à casa dele e tragam quem lá estiver — disse o Sr. Gruffydd. — Vejam se encontram qualquer indício nas suas roupas e no boné dele.

— Nada encontram lá nem ninguém — murmurou Idris. — Não fui eu. Não seria capaz disso.

Mas, a correr, os homens já se tinham posto a caminho.

Reinava novamente o silêncio. O biltre, ajoelhado, chorava e lançava olhares aterrorizados na direcção em que os homens tinham seguido, mas ninguém olhava para ele. Daí a momentos ouviu-se um grito e viram-se os homens a correr, de volta, falando todos ao mesmo tempo com a respiração anelante.

Evan Thomas e Sion Prosser eram portadores de dois molhos de peças de roupa.

Evan trazia uma camisa de flanela negra de sujidade e manchada de sangue seco, que estendeu sobre o rochedo em frente do Sr. Gruffydd. Todas as restantes peças, um colete, um casaco e um par de calças estavam também manchadas de sangue, mas o sangue que se via no boné ainda estava húmido.

— Você feriu-se hoje? — perguntou-lhe o Sr. Gruffydd.

— Não senhor — respondeu, a tremer, o patife. — Esse sangue é de um cavalo.

— Nem ontem nem anteontem foi sangrado qualquer cavalo — declarou Llewelyn John, o moço da estrebaria.

— Isso já foi há muitos dias — afirmou, com uma voz fraca, a besta-fera.

— Então como se compreende que o sangue ainda esteja fresco e ainda cheire? — exclamou o Sr. Gruffydd. — E você ainda usou estas peças de roupa hoje. Deixe ver o seu peito. Abra a camisa.

— Não — disse o infame cruzando as mãos sobre o peito e atirando-se ao chão.

— Nas unhas dos dedos da mártir havia pedaços de carne do carrasco — continuou o Sr. Gruffydd com a sua voz calma. — Afastem-lhe as roupas.

— Não — berrou o desalmado.

Rhys Howells e Tom Lavies aproximaram-se do miserável, cada um deles pegou por uma ponta do casaco e, num impulso, rasgaram-no de meio a meio. A camisa foi também rasgada enquanto o bárbaro berrava e o peito dele apareceu com sangrentas arranhaduras. Quando lhe tiraram as calças também se viu sangue no corpo. O miserável não parava com os berros e gritos e já tinha a garganta rouca. Agarrado ao chão, soluçava e a saliva em fio escorria-lhe pelos cantos da boca.

— Onde está o pai da pequena? — perguntou o Sr. Gruffydd ao mesmo tempo que olhava o miserável.

— Estou aqui — respondeu Cynlais Pritchard avançando, acompanhado dos seus três filhos, e colocando-se em frente do Sr. Gruffydd.

— A sua filha morreu — disse o Sr. Gruffydd. — Em vez do prazer de vê-la fazer-se mulher e da alegria de ver-se continuar através dela, o senhor acompanhará amanhã os seus despojos porque um miserável lhe lançou as garras de fera quando ela andava indefesa pela montanha. Era muito nova para poder sem perigo andar sòzinha mas não o devemos censurar por esse facto pois ela conseguiu deixar a sua acusação assinalada por ela mesma no corpo da fera.

Ninguém pronunciava palavra. O pai da vítima procurava conter as lágrimas fechando os olhos e esfregando as coxas também com os punhos cerrados.

— Se entregamos o assassino à justiça concedemos-lhe uns dias de vida que ele recusou à sua filha — disse o Sr. Gruffydd. — Ele terá casa e alimentação até o dia em que o enforcarem e entretanto a sua filha será enterrada muito antes de o liquidarem; além disso a morte pela corda não é má e ele não a merece. E então uma corda em torno do pescoço de um homem que assassinou uma criança de sete anos satisfará a justiça?

— Não — urrou a multidão.

— Então devemos queimá-lo? — continuou o Sr. Gruffydd. — Se o fizermos proporcionar-lhe-emos uma morte horrorosa, a morte dos mártires. Que havemos de fazer dele?

— Entreguem-mo — respondeu o pai da vítima.

— Assim o entendem unânimemente? — perguntou o Sr. Gruffydd à multidão.

— Sim — responderam todos em uníssono.

— Leve-o — disse o Sr. Gruffydd — e assim como fazemos com este bandido fazemos com outro qualquer que tenha a veleidade de aparecer. E lembrem-se de que se o enterrarem, por mais fundo que o façam, envergonharão a terra-mãe. Não façam essa ofensa à terra com semelhante peste.

Um dos irmãos da pequena mártir pegou num archote e os outros ajudaram o pai a levá-lo dali. Sem que eles se pronunciassem todos nós sabíamos que eles o levariam para o local onde a pequena tinha aparecido assassinada e ali o sacrificariam.

A restante assistência não abandonou o local. À medida que eles subiam a luz e os gritos diminuíam até que tudo desapareceu aos nossos olhos.

— Rezemos — propôs o Sr. Gruffydd — Nosso Senhor: Somos homens, somos pecadores. Se esta noite praticámos um erro, que seja apenas eu o responsável. Responderei no vosso tribunal que julguei proceder com justiça. Pelo vosso sagrado nome, ámen.

— Amen — repetiu a multidão. Depois de o Sr. Gruffydd ter descido partiram todos em silêncio para as respectivas casas olhando de vez em quando para a montanha para ver se viam a luz do archote.

Viram-na finalmente, estabeleceu-se na assistência uma violenta agitação e ninguém parou. Tomaram todos o caminho da direita até chegarem às silvas que marginaavam o caminho que levava à granja onde fora encontrado o corpo da criança.

Nesse momento a luz apagou-se e a montanha ficou às escuras. As casas da colina ocultavam-na à nossa vista enquanto subíamos para nos dirigirmos para casa, mas quando chegámos e entrámos pelo quintal, via-se um violento clarão como se o mato lá em cima estivesse a arder e julguei ver as sombras dos homens destacando-se na luz. Nesse momento Marged surgiu-me no pensamento e, apavorado, fui-me deitar.

Um policia com uma farda de grande aparato chegou ao vale no dia seguinte, mas ninguém quis compreender o que ele queria e o que lá o tinha levado de forma que acabou por se retirar sem nada ter investigado.

Perdi toda a manhã do dia seguinte a observar Clydach Howell a fabricar o pequeno caixão; empregou o cerne branco de um velho carvalho e achei de muito interesse a forma como ele emalhetava a madeira em vez de a pregar só empregando pregos e parafusos nos lugares onde não era possível serem vistos. Ajudei também a forrar o interior de seda fixando-a com tachas em forma de flores.

Tão lindo ficou depois de pronto que achei mal empregado trabalho num objecto destinado a ser enterrado.

Como nunca gostei de acompanhar enterros nem de assistir aos preliminares não fui com Clydach levar o caixão a casa.

Cywlais e toda a sua familia, que era numerosa, estavam todos reunidos em casa do Sr. Gruffydd quando lá fui levar-lhe os livros: Toda a gente vestia os seus fatos de ver a Deus pronta a fazer parte do cortejo fúnebre até ao cemitério que estava situado no lado de lá da montanha. Enquanto esperavam em frente da casa falavam no que se tinha passado na noite anterior e muitos deles não tiravam os olhos de uma mancha mais escura que se destacava entre o verde e o castanho da encosta da montanha.

Dentro da casa só se ouvia o ruído da respiração opressa e o continuo choro estrangulado das mulheres, que enxugavam os olhos inchados e avermelhados por terem chorado durante muitas horas.

As crianças conservavam-se na cozinha, sentadas e rigidias, vestidas com os seus melhores fatos, os homens estavam na frente da casa e as mulheres permaneciam lá em cima em volta do caixão, já com o corpo dentro.

O Sr. Gruffydd também se encontrava junto dos homens em frente da casa. Quando lhe entreguei os livros falou como se despertasse de um sonho.

— Obrigado, meu amigo. Vai à cozinha e traz as crianças contigo, percebeste?

Fui à cozinha e fiz a diligência para que os pequenos deixassem de chorar, mas como ouviam o choro das mães não consegui que elas se calassem. Entretanto desceram o caixão com as mulheres a acompanharem-no. O Sr. Pritchard entrou então na cozinha e fez-me sinal para que eu trouxesse as crianças para fora.

Quando o consegui e atingi a rua vi que ela estava tomada pela multidão, formada a dois a dois. Atrás do caixão iam algumas pessoas amigas da familia mas a maior parte dos acompanhantes seguiam à frente do corpo. O hino elevou-se majestosamente e naquelas longas filas negras viam-se lenços a agitarem-se à medida que o cortejo prosseguia lentamente através da aldeia e depois subia o caminho que levava à montanha. Poucas pessoas assistiam pois que quase toda a gente ia incorporada no préstito, excepto os que estavam enfermos e os que dos mesmos cuidavam e os homens presos nos serviços da mina.

Hino após hino, subíamos mais e mais, lentamente; todos cantavam e o eco diminuía cada vez mais à medida que nos aproximávamos do cimo e as árvores rareavam. Fizemos uma pausa para que os que transportavam o caixão descansassem um pouco. Os lenços serviam agora não para limpar os olhos mas as testas e as nuças, os casacos e capas foram dobrados e o calçado apertado foi desatado. Manifestavam-se agora os casos comezinhos, as coisas insignificantes que nos acompanham a cada momento durante toda a vida. Uma bolha de água no calcanhar, o colarinho encharcado de suor, um bico de prego no sapato tinham agora mais importância do que aquela que neste momento ocupava o caixão branco. Depois prosseguiu-se na subida, cantou-se outro hino para tornar a subida menos penosa, subindo e descendo atrás do caixão e dos chapéus pretos de que ia rodeado e as fileiras negras que se fragmentavam agora com clareiras cada vez maiores à proporção que a ladeira se tornava mais íngreme e os homens iam ajudar as mulheres. Neste momento os que iam à frente, já no cume, não se viam. Depois os que levavam o caixão também atingiram o cimo, escuros contra o azul forte do céu com o sol a reflectir-se nos ornatos do caixão e fazendo ressaltar a brancura.

Na outra vertente, ao fundo da qual estava situado o cemitério, seguíamos agora mais depressa porque o caminho era a descer e caminhávamos mais facilmente e com menos cansaço.

Ao chegar ao cemitério formou-se um grande círculo em volta da sepultura, mas o pai e a família da vítima adiantaram-se para ficarem junto do caixão que os carregadores, para descansarem, haviam deposto sobre um monte de terra.

Sobressaindo nas filas negras, lenços começaram novamente a agitar-se e entretanto o Sr. Gruffydd começou a ler. A sua volta ouviam-se choros e sussurros de confirmação das suas palavras.

A mãe da morta teve de ser amparada pelo marido e pelos filhos quando chegou o momento de o caixão baixar à cova. Congestionada, lamentava-se aos gritos e entretanto os assistentes iam passando pela cova e curvavam-se para ver o caixão lá no fundo. Os homens carregavam com algumas mulheres que desmaíavam, afastavam-nas e batiam-lhes nas costas das mãos ao mesmo tempo que as abanavam. As crianças, a meu cargo, choravam que nunca mais acabavam; eu era a única pessoa que estava encarregado delas e não sabia como havia de proceder pois que lidar com crianças nunca fora o meu forte.

Por fim houve um momento de calma e o Sr. Gruffydd lançou um punhado de terra para dentro da cova. A Sr.^a Pritchard aproximou-se da sepultura e atirou algumas flores e terra para dentro e ter-se-ia lançado também se não tivesse sido agarrada e impedida de o fazer. Todas as mulheres da família da vítima gritavam, excepto um petizito que estava a meu lado e que, farto de gritar, se conservava com as mãos nos bolsos e a boca entreaberta, com mostras de estar cansado daquilo tudo.

Surgiram então uns homens, que com pás começaram a encher a cova com terra, a qual batia fortemente na madeira do caixão produzindo um som cavo. Ao ouvir aquele ruído a Sr.^a Pritchard correu na direcção da cova, muito pálida, mas o marido agarrou-a como a uma criança e afastou-a.

Eu nada ouvia da oração do Sr. Gruffydd porque o tom da sua voz era baixo e os choros continuavam. Cantou-se depois um hino, muito desafinado, para terminar, e encerraram-se as fases do funeral.

Voltámos então para casa mais depressa do que tínhamos vindo, mas desta vez desordenadamente, cada qual tomando o caminho que se lhe afigurava mais curto, embora em grupos de conhecidos ou de família.

Eu avançava mais lentamente porque as crianças atrasavam o andamento com a ideia na brincadeira, mas quando se propuseram gritar, os homens, irritados, repreenderam-nas voltando-se para trás, carrancudos. Seguimos o nosso caminho mas chegámos a casa dos Pritchards muito distanciados dos primeiros.

As primeiras mulheres que chegaram despiram os seus casacos e capas, arregaçaram as mangas dos vestidos e lançaram-se ao trabalho indo buscar pratos e pondo água ao lume para o chá. A assistência ia sendo cada vez mais numerosa, e por fim também chegou a mãe da morta, agora um pouco mais animada, mas no entanto prestes a explodir em soluços se uma palavra mais comovente fosse proferida ou um olhar de mais comiseração fosse por ela captado. A sua entrada foi o sinal de ser posta a comida nas mesas e a sua responsabilidade nos deveres de dona da casa parecia afastá-la da sua dor, pois fartou-se de trabalhar, sendo a primeira a compreender as falhas no serviço para lhes dar remédio, sem qualquer manifestação exterior de pesar enquanto a sua tarefa durou.

Foram então chamados os homens, que se conservavam no exterior da casa a fumar. Despejaram os seus cachimbos batendo-os de encontro às paredes e sentaram-se nos lugares destinados pela Sr.^a Pritchard.

Haviam sido destinadas quatro casas para receber todos os que tinham assistido ao funeral. Todas as salas dessas quatro casas estavam cheias de gente, que comia e bebia em silêncio, com a máxima compostura, não como em dia de festa. A comida vinha toda de casa da S.^a Pritchard e era transportada pelas raparigas, e, para nós e para alguns que não tinham podido obter lugar dentro de casa, por rapazes.

Arranjei lugar a um canto da sala da frente da casa da S.^a Pritchard, no meio de dois pequenos filhos da senhora, junto da mesa onde estavam o Sr. Gruffydd, o Sr. Pritchard e as pessoas de mais categoria. Todos estiveram calados durante muito tempo, ocupados apenas com os garfos e facas. Açodadas, as mulheres entravam e saíam com o chá.

— É tudo muito triste — comentou o Sr. Evans, da mina. — Faz muita pena!

Falava inclinado para trás, consternado, olhando para o exterior através da janela.

— Sim, realmente é — disse Rhys Howells. — Mas foi um lindo funeral, de facto. Clidach Howell fez um lindíssimo caixão. Coisa mais bonita nunca vi em minha vida.

— Obrigado, Rhys — apressou-se a dizer Clydach, vermelho de contente —, terei o maior prazer em fazer um igualmente bonito para si.

— Eu é que o verei provavelmente dentro de um — respondeu Rhys. — Mas não tenha preocupações. Será daqui a muitos anos, calculo.

— Se eu tiver de marchar como foi aquela criança pode ser já amanhã. Foi de facto uma beleza.

E todos concordaram. O Sr. Pritchard sorriu vagamente como se se sentisse consolado por os outros pensarem assim, e acrescentou:

— Gostaria que ela tivesse podido ver o enterro. Acha possível que ela o pudesse ter visto, Sr. Gruffydd? Ela já estará no Céu ou terá de esperar a sua vez para entrar?

— Está já no Céu — disse o Sr. Gruffydd com os olhos fitos no prato. — As crianças nunca esperam. «Vinde a mim», disse o Senhor. «Deixai vir a mim os pequeninos». Não consta que tivesse mencionado qualquer espera.

— Sinto-me satisfeito — respondeu o Sr. Pritchard, e as lágrimas corriam-lhe pela cara abaixo — por ela ir para lá. Foi bastante feliz enquanto viveu aqui connosco. Ia tão contente levar-me o comer à mina, tão despreocupada quanto um pássaro no céu, e encontrava-me ali, no alto, no turno da manhã. Porque aconteceu isto então?

— Quem pode penetrar os desígnios do Senhor? — disse o Sr. Owen, o moleiro.

— Porque acontecem as coisas assim, Sr. Gruffydd? — perguntou o pai da pequena com a voz a tremer enquanto os outros homens disfarçavam a sua comoção levando à boca as suas xícaras de chá, desviando o olhar.

— Não sei o que hei-de dizer-lhe, meu caro Sr. Pritchard — respondeu o sr. Gruffydd com a sua voz grave e agora triste que fazia a sala parecer mais silenciosa. Ninguém o pode dizer. Eu poderia sugerir que ela lhes foi tirada como castigo ou provação. Mas que crime cometeu o senhor? Ou a sua boa esposa? E se os dois merecessem punição porque deveria recair o castigo sobre a vossa filhinha e não sobre vocês? Não,

Sr. Pritchard, não o posso esclarecer, pois nada do que pudesse dizer-lhe corresponderia à verdade. A verdade está muito acima de nós e não em nós mesmos. Nós avançamos na fé e nada mais.

— Sim — anuiu o Sr. Pritchard. — Creio que é assim, mas é doloroso.

— Ninguém pode explicar a razão por que o Filho de Deus tinha de morrer. Como Príncipe da Luz, como era, podia ter o mundo à sua disposição para o governar. Mas crucificaram-n'O, e quando alguns se dispuseram a defendê-l'O Ele aconselhou-os a depor as armas. Consentiu que a canalha O crucificasse. Porque escolheu essa morte e não outra? Para nos salvar, supomos. Mas porque morreu assim? Fora-lhe imposto? Então poderemos dizer que estava determinado que sua filha morresse daquela morte e não de outra?

— Mas porque não seria eu o imolado? — interrogou o Sr. Pritchard. — A minha vida já está vivida. Não foi excelente, mas foi a melhor que sube e pude viver. Seria melhor que fosse eu em lugar dela.

— Continuo a não poder dar-lhe qualquer resposta, meu querido Sr. Pritchard — repetiu o Sr. Gruffydd tocando no braço do inconsolável pai. — Deus houve por bem levar-lha. Todos os comentários são inúteis. Limitemo-nos a ter fé em Deus e procurar que as razões que tornaram possível a sua morte sejam dentro do possível eliminadas.

— Prestem todos atenção — observou o Sr. Evans. — Que poderemos fazer para procurar alcançar o objectivo em vista, Sr. Gruffydd? Diga-nos e eu por meu lado farei tudo o que puder.

— Em primeiro lugar — disse o Sr. Gruffydd — convocarei uma reunião para a noite de amanhã. Não aqui, nesta casa, o lugar não é próprio nem o momento oportuno, mas tem de ficar bem expresso no espírito de todos nós que a alma da inocente vítima não foi em vão arrebatada. Por muito tempo ouviremos falar dela.

— Assim seja — ouviram-se os homens em uníssono.

— Muito agradecido, Sr. Gruffydd — declarou o Sr. Pritchard —, as suas palavras são realmente um conforto para mim, mas não bastam.

Estabeleceu-se novamente o silêncio e meu pai com um olhar que me dirigiu deu-me a entender ter chegado o momento de me retirar. Dirigi-me então para casa para me dedicar ao estudo.

Costumava estudar muito à noite com a Sr.^a Tom Jenkins; os meus irmãos Davy e Ianto estavam também sempre dispostos a auxiliarem-me. Eles tinham agora muito trabalho porque a União desenvolvia-se dia a dia, e Ellis, o carteiro, deixava constantemente em nossa casa grandes maços de correspondência; apesar disso nunca fugiam a perder tempo comigo e eu também me prestava de boa vontade a ajudá-los a escrever cartas.

Quando entrei Davy estava sentado a trabalhar, Wyn metia as cartas nos sobrescritos e Angharad lacrava-as enquanto Ianto pintava um aviso para uma reunião.

— Então, que tal foi o enterro? — perguntou Davy.

— Muito concorrido — respondi:

— Viste lá o Jones Pentre Bach? — quis Davy saber.

— Sim, vi-o lá.

— Já calculava — comentou Davy. — Não perde nenhum funeral. Durante vinte anos nunca quálquer enterro se efectuou sem a sua presença. Um *habitué* dos cemitérios. Pessoas assim esfrangalham-me os nervos.

— Essa agora, Davy! — disse Wyn, surpreendido. — O velho apenas demonstra respeito pelos mortos.

— Respeito? — respondeu Davy desprezivelmente. — Não considero respeito arrastar-se atrás de toda a pessoa que morre. Para mim são corvos humanos, adoradores das pompas fúnebres. Sentem com delícia no nariz o cheiro de carne morta.

— Num enterro o aspecto que lhes interessa é o momento do chá — acrescentou Ianto. — Lágrimas exteriormente e chá para dentro.

— O que custa a vocês é subir à montanha — disse Wyn com ira. — Preguiça, só preguiça. O resto é paisagem.

— Entre entrar num cemitério e ir à cidade e voltar prefiro a segunda hipótese — observou Ianto. — Não é preguiça, é sensatez. Cemitérios! Considero que não há lugar mais feio e mais desagradável e desafio a que me provem o contrário.

— Então que entendes que devia fazer-se? Que se pusesse a pobre pequena numa turfeira? — perguntou Angharad?

— Que fosse queimada — afirmou Davy. — «És pó e em pó te tornarás». E quanto mais depressa melhor. Mas caluda. Está encerrada a sessão. Vamos trabalhar.

— Huw — disse Ianto. — Vai ao barracão e traz pregos e um martelo. Temos de afixar isto antes que escureça.

Ianto carregou com a caixa onde foram metidos os pregos e o martelo e levou também o aviso para a aldeia; em frente dos Três Sinos, num tronco de uma velha árvore, afixámos o aviso para a reunião. Nele se convidavam os interessados no seu bem-estar e no dos seus a encontrarem-se no campo de Jonas, às seis horas da tarde do dia seguinte absolutamente resolvido a tomar uma decisão contra o estabelecimento do salário proporcional e nomear uma comissão para comunicar aos proprietários das minas o resultado da sua decisão.

Um numeroso grupo se juntou à nossa volta assim que acabámos de afixar o aviso convocatório. Os que sabiam ler leram-no em voz alta para os circunstantes analfabetos. Muitos, de regresso do funeral, também paravam, e Isaac Wynn, um diácono, deu um estalo com a língua depois de ler o aviso.

— Quando se decidem vocês, Morgans, a meter o nariz nos assuntos que lhes dizem particularmente respeito? — dirigiu-se ele, de má catadura, a Ianto. — Vocês estão sempre a querer convencer o pessoal a seguir as vossas opiniões. Com que direito se arrogam o papel de mentores? Não seria mais conveniente aparecerem mais vezes na capela do que no campo de Jonas? Muitas pessoas teriam mais respeito por vocês.

— Se eu for menos respeitado por conseguir obter salários mais elevados terei nisso muito gosto — respondeu Ianto. — É com o salário que se compra tudo o que as crianças precisam. Não é com o respeito que se paga ao padeiro. Quanto ao nosso nariz, metê-lo-emos onde entendermos sem lhe dar satisfações. Enquanto o senhor me quiser ouvir falar-lhe-ei de tudo o que não estiver certo. Estou no meu direito. E se achar que eu não tenho razão dou-lhe o direito de me combater com os seus argumentos. Esse direito nunca eu lho coarctarei. Quanto à capela, não posso negar as excelências de tal lugar. Apenas não gosto de o frequentar unicamente pelo facto de lá encontrar o senhor e muitos outros da sua laia. Gosto mais, por esse e outros motivos, de frequentar o campo de Jonas. Passe bem.

— Essas palavras terão a competente recompensa — gritou, nas nossas costas, Isaac Wynn.

— Ainda bem — respondeu Ianto —, tanto melhor se for um aumento de salário.

— Em Londres estará melhor do que aqui — berrou Isaac Wynn. — Volte para lá com as suas ideias subversivas.

— Ricas palavras para serem transmitidas aos proprietários — respondeu Ianto —, porque é aos seus cofres que os seus salários vão ter. Se vocês estão encantados por ver o caminho de tudo quanto ganham até cair nas algibeiras dos patrões, dos banqueiros, dos judeus e até nas das raparigas, eu não sou dessa qualidade.

— Como é isso de as raparigas ficarem com o nosso dinheiro? — inquiri de Ianto quando voltávamos para casa.

— Lamento ter pronunciado aquelas palavras na tua frente — respondeu o meu irmão —, mas aquele parvo fez-me sair dos limites. Ainda és muito garoto para tomares sentido nas minhas palavras. Quando chegar o momento próprio sabê-lo-ás.

E assim voltámos para casa com aquela sensação de vácuo que provoca no íntimo o desejarmos saber alguma coisa que poucas palavras bastariam para satisfazer e essas palavras serem-nos negadas.

Davy conversava em casa, no barracão, com dois homens geralmente tidos em fraco conceito. Fiquei surpreendido por encontrá-los em nossa casa, porque, embora sérios, eram jogadores de soco e quase analfabetos.

— Chega-te aqui, Huw — disse Davy ao mesmo tempo que punha o seu braço à volta do meu pescoço. — Dai, conhece Huw?

— Conheço muito bem, sim — respondeu Dai a sorrir, e mostrou na boca um único dente. Não se me avantajava muito na altura, mas era desmesuradamente largo e os seus braços eram muito compridos. Tinha o rosto, cheio de pequenas cicatrizes, todo azulado do pó do carvão. Os olhos tinha-os quase cobertos pela pele, rebentada e cicatrizada vezes e vezes seguidas, mas apesar disso cintilavam como os de um pássaro ladino. Constava que os combates em que tomara parte se contavam por muitas centenas e que uma vez um aristocrata o convidara para ir a Oxford a fim de ensinar os estudantes a jogar o soco, mas que se tinha embriagado em Londres e mandara dois polícias para o hospital acabando por ser metido no calabouço. Por isso fraco era o conceito em que era tido.

Cyfartha Lewis era mais alto, mais novo, de bom aspecto e ombros largos, bem conhecido por ser o campeão do seu peso na mina principal. Não frequentavam a capela, e aos sábados seguiam para a cidade a fim de, à noite, tomar parte em combates e regressavam a tempo, na segunda-feira, de ingressar na mina no turno da manhã. Mas mesmo que não fossem à cidade, de qualquer maneira na capela é que eles não punham os pés.

— Dai vai dar-te algumas lições de *box* — avisou-me Davy. — Pedi-lhe que se desse a esse incómodo.

— Despe-te, pequeno — ordenou Dai com a sua característica voz esganiçada agitando as mãos, que as tinha grandes, num jeito engraçado, meio fechadas e voltadas para cima vendo-se as juntas dos grandes polegares.

Ao tirar a camisa fiquei nu da cintura para cima. Dai chegou-se junto de mim e começou a beliscar-me; fez-me lembrar que minha mãe fazia a mesma coisa aos frangos antes de os meter na panela.

— Espevita-lhe os ombros, as costas e mais os antebraços — recomendou, Dai, e tinha nos olhos uma expressão de aborrecimento. — E as pernas, precisavam de ser fortes ao dobro, não achas, Cyfartha? Dá um soco aqui, meu rapaz.

Avançou o queixo e tocou nele com o dedo mindinho, mas tive acanhamento de lhe dar um bom murro.

— Vamos, meu rapaz, não faças cerimónia. Um directo para matar.

— Vamos embora, vá — disse Cyfartha a sorrir. — Dou-te um soberano se pregarres com ele no chão.

Então decidi-me e dei-lhe um soco, mas não lhe atingi a cabeça embora Dai nem se tivesse movido.

— Nem pr'ó café chega — comentou Dai —, mas ele tem jeito: sabe o que há-de fazer com os ombros e aguenta-se firme, não te parece, Cyfartha?

— Tenho visto muito pior — disse Cyfartha. — Com as pernas é que não se pode contar. Não o ajudarão a dar um bom pulo. Um sopapo será o suficiente para cair de borco.

— Toma nota, Dai — observou Davy. — As pernas impossibilitaram o pequeno de ir para uma boa escola. Mas é da tua conta ensinar-lhe quanto baste para ele se aguentar na escola que frequenta, com boas ou más pernas. Concordas ou não?

— Sim — respondeu Dai. — Eu também estava lá em cima na noite em que tudo aquilo aconteceu. Meu Deus, que pavorosa noite! Lembras-te, Cyfartha?

— Sim, lembro-me muito bem — afirmou Cyfartha. — Acendemos uma fogueira no rochedo, que ardeu durante toda a noite, e na manhã seguinte descemos para a mina. Não me faças lembrar aquela noite. Tive de esportular vinte libras para anular os efeitos daquela geadada nas mãos.

— A que horas da manhã? — perguntou Davy com impaciência.

— Às quatro e meia aqui — respondeu Dai —, e às cinco lá em cima, na montanha. Uma hora de permanência lá, até às seis, meia hora para o caminho, e o almoço às sete. Achas bem, Cyfartha?

— Concorde — disse Cyfartha. — E nada no estômago além de água se tiver de ser.

— Muito bem — anuiu Davy, agora contente. — Os campeões vão dar-te lições, Huw. Agora podes ir tratar dos teus deveres escolares.

E foi assim que transitei de Dai Bando e Cyfartha Lewis para Péricles e John Stuart Mill.

Na manhã seguinte Davy deu-me um puxão para me acordar; cruzei o pátio às quatro e um quarto, com tudo em silêncio, escuro como breu e frio de fazer gelar os ossos, sem me ter lavado porque o balde teria, ao bater nas paredes do poço, feito tanto barulho que acordaria os vizinhos, e em casa havia unicamente a água necessária para fazer o primeiro almoço. Depois saí de casa e defrontei um vento gelado que provocava lágrimas e uma dor aguda como se me metessem um arame pelo nariz acima. Quando cheguei à última casa distingui Dai e Cyfartha, que desciam; para a minha vista eram apenas dois vultos negros e largos, e somente o jeito das suas passadas me indicava que eram eles.

— És tu, Huw? — perguntou Dai; ele gritava mas aos meus ouvidos apenas chegou um murmúrio.

— Sou eu, sim — gritei como resposta. — Bons-dias.

— Bons-dias — respondeu Dai, e cuspiu. — Chega-te aqui.

Subimos então a montanha e foi então que observei com surpresa que atrás de nós subiam também talvez uma dúzia de pessoas, a avaliar pelo barulho dos passos, mas Dai praguejou e agarrou-me pelo pescoço quando parei para me certificar. Caminhámos para cima mais depressa do que eu alguma vez tinha andado, mas como eu algumas vezes ia atrasado para a escola já tinha prática de andar depressa; por isso não me distanciei muito de Dai, e quando lá cheguei acima quase não dava sinais de cansaço.

— Despe-te — disse Dai e ao mesmo tempo tirava a camisa dele enquanto todos os outros se despiam também.

Despi também a minha camisa e julguei que ficaria enregelado para todo o sempre porque o vento era agreste e forte suficientemente para nos atirar a terra. Ainda estava muito escuro; no outro vale o céu começava a tomar um tom mais claro, mas só aí e lá em baixo, no vale, na mina, onde se via uma luzinha amarela, que era a da casa do guindaste, prova de que nesse momento Meirddyn estava a levantar-se.

Dai Baudo era homem para se temer com a aproximação da manhã. Os seus músculos, que a pele rosada pelo frio revestia, era coisa inacreditável. Os dos braços eram mais grossos que as minhas coxas, e por cima do cóis das calças viam-se seis quadrados, qual deles mais grosso que os meus dois punhos juntos. Grossas cordas de músculos partiam dos ombros e dirigiam-se para as extremidades dos braços como um leque aberto, e na parte traseira dos ombros juntavam-se músculos aos molhos em torno das omoplatas e duas cordas grossas desciam de ambos os lados da espinha dorsal.

Nunca sairá da minha lembrança Dai Baudo naquela luz cinzenta sobressaindo da escuridão quando ele tirou a camisa.

Cyfartha não ficava muito atrás de Dai em riqueza de musculatura e os que com eles estavam em pouco lhes eram inferiores. Somente eu destoava do conjunto.

— Avancem rapazes — disse Dai dando socos no peito —, é preciso despertar o sangue.

Durante uns minutos todos nós pulámos e saltámos como loucos para aquecermos e entretanto a luz foi-se tornando de um laranja-esverdeado da cor de um fruto, com traços dourados, e tornámo-nos mais perceptíveis aos olhos dos outros. As árvores também foram tomando forma e cor de um verde-escuro.

— Deitem-se de costas — ordenou Dai, e todos os presentes se deitaram de costas sobre a relva, macia como veludo, coberta de orvalho, que fazia um belo efeito com as suas cintilações, mas tão fria que produzia nas nossas costas o efeito de uma queimadura.

— Agitem as pernas por cima das cabeças e movam os braços para a frente e para trás — ordenou Dai, e foi o que fizemos.

— Levantem-se agora e deitem-se, mas não empreguem as mãos — gritou Dai, e nós cumprimos as suas determinações, para cima e para baixo, até que ficamos a suar, quentes até mais não poder ser.

— Agora preparem-se: um esquerdo directo e o outro em guarda — continuou Dai. — Huw, vem aqui.

Fui para junto dele enquanto Cyfartha e os outros se preparavam. Dai e eu levantámos os punhos e começámos a trocar esquerdos directos, assestando-os e evitando-os, baixando a cabeça com golpes de parada e outros para marcar pontos. Depois Dai aproximou-se mais de mim e esmurrei-o de perto nos músculos da barriga para fortificar os meus músculos dorsais até quase perder as forças.

— Muito bem — disse ele, contente. — Pode fazer-se de ti alguma coisa efectivamente, vai direito à escola a correr para tornar as pernas musculosas. Só precisas de pernas fortes. O resto é comigo.

— Obrigado, Dai — disse eu. Estava tão satisfeito que me sentia capaz de transportar o vale de um salto. — Quando lhe parece que poderei fazer uso do que me ensina?

— Já pode ser hoje. Não percas tempo. Só a lutar aprenderás tudo quanto deves. Quando tiveres alguma prática vem ter comigo. Eu ensinar-te-ei o resto.

— Está bem — respondi. — Hoje mesmo vou começar.

— À mesma hora amanhã — recomendou Dai. — Veste a camisa e vai para casa, mas a correr. E luta, ouviste?

— Sim — respondi. — E será hoje mesmo.

Quando cheguei a casa minha mãe já tinha o meu almoço pronto. Depois de me ter lavado sentei-me à mesa e ela sentou-se também a meu lado alisando-me os cabelos.

— Estiveste há pouco lá em cima, na montanha, não foi, meu filho?

— Estive, sim, mãezinha.

— A aprender a lutar, não? — perguntou-me como se esperasse que eu a desmentisse.

— Foi, sim, minha mãe.

— Também calculei isso — disse ela tristemente. — Pensava isso mesmo quando te ouvi sair de casa. Está muito bem; no entanto se voltares para casa com o corpo cheio de manchas não me ouvirás uma palavra. Mesmo que partas o nariz nada te direi. Nada, nem uma palavra, nem um gesto, nem um olhar.

— Mas eu tenho de aprender a defender-me, minha mãe — respondi. — Caso contrário atacar-me-ão sem que lhes possa pagar na mesma moeda.

— O que estás a dizer não me interessa — disse ela curvando-se sobre o lume com as mãos na cabeça. — O que consegues com isso é torturar-me o coração todas as vezes que saíres de casa. Lembra-te do que te disse há momentos: nem uma palavra, nem um olhar.

— Pois sim, mãezinha — conclui eu. Acabei de beber o meu chá, peguei na maleta e pus-me a caminho.

JÁ então me habituara ao ambiente da escola e desaparecera aquele doentio medo de lá entrar. É uma sensação terrível a de olhar para uma porta e compreender que todo o nosso subconsciente nos afasta dela. Mas a corrida através da montanha foi um remédio mais poderoso do que qualquer outro, pois que quando entrei no outro vale ia cheio de uma energia que quase me convencia de que seria capaz de atravessar uma parede de tijolo.

Tinha também travado conhecimento bastante com outros rapazes para lhes dar uns pontapés e correr atrás de uma bola na sua companhia, mas esses eram os que não constavam do meu rol. Dos outros conservava-me afastado e nem lhes ligava quando me dirigiam a palavra. E essas falas ainda contribuíam para aumentar o rancor que lhes dedicava. Como me lembrava da advertência de Motshill a respeito de questões, andava à procura de um campo de luta afastado da escola que nos conservasse a coberto das vistas da polícia e dos professores. Descobri um local, que preenchia todos os requisitos, perto do hotel e da loja de fazendas, onde só em três lados da praça havia construções.

Fixei na memória aquele local.

Naquela manhã a lição seguia o seu curso costumado; o Sr. Jonas não deu por mim e não tardou que chegasse a hora do recreio.

Quando chegámos ao pátio dirigi-me directamente a Mervyn Phillips.

— Quero entender-me consigo depois das aulas — disse-lhe — atrás da loja do Spackman.

— Está dito — respondeu ele com o pão com manteiga a caminho da boca e os olhos esbugalhados de surpresa. — Darei cabo de si.

Muito bem. Atrás da loja do Spackman.

— Não me interessa a loja do Spackman — disse Mervyn Phillips atirando o pão que estava a comer para o fundo da mala. — Há-de ser agora mesmo.

— Lembre-se da observação do Sr. Motshill.

— Cobardola! Está com medo, está mesmo a ver-se.

Os rapazes começaram a aglomerar-se todos à nossa volta e entretanto o meu antagonista ia despindo o casaco. Vi-me obrigado a despir também o meu e um dos inscritos na minha lista tentou arrebatá-lo, mas fi-lo ficar apatetado uns instantes dando-lhe uma bofetada com as costas da mão que o fiz ver as estrelas. É curioso como um gesto resolutivo como o meu consegue por vezes pôr uma multidão à distância. Assim os rapazes abstiveram-se de se intrometer no caso e conservaram-se um pouco afastados formando um círculo. Dois deles cujos nomes eram omissos na minha lista aproximaram-se de mim e tomaram conta do meu casaco e da minha maleta. Despimos as camisas e houve um momento de hilaridade na assistência, ao ver a diferença do meu físico e do meu adversário, mas aquele riso teve apenas o fim de fortalecer em mim a decisão de vencer Mervyn Phillips.

— Pronto — avisou o bruto, e pôs-se em guarda, com os punhos levantados e com os pés bem fincados no chão. Era mais alto que eu talvez cabeça e meia e já demonstrava o homem forte que viria a ser. Tinha a cara e o pescoço fortemente avermelhados, cor que não se mantinha no corpo, que era muito branco. Na extremidade dos antebraços cabeludos e louros os seus punhos mostravam-se escuros, não por falta de limpeza mas devido à poeira do carvão entranhada na pele.

Andei uns momentos à sua volta para observar o manejo dos seus punhos e ele tentou um esquerdo, mas esquivei-me e assentei-lhe um soco no peito que lhe cortou a respiração. Os seus olhos, observando-me, estavam agora arregalados e de um profundo azul.

Vi alterar-se-lhe a cor do rosto quando se dispôs a atacar-me e eu mudei da

esquerda para a direita atento aos seus punhos, os quais em movimentos de vertigem passaram pelos meus ouvidos, e assestei-lhe um esquerdo que o atingiu em pleno nariz com o meu ombro atrás dele preparando-me para o revide. Mas ele pressentiu o perigo e ergueu o seu direito rapidamente para me apanhar. O seu esquerdo apanhou-me assim num lado da cabeça. Não me aguentei e fui ao chão com os pés dos circunstantes em cima de mim e os seus rostos à minha volta.

«Para os cantos», gritaram os «segundos», e o meu aproximou-se de mim para me ajudar a levantar. Pus-me de pé sem esforço mas dentro da minha cabeça havia o ruído de uma grua carregada com um grande peso e tudo treme e há um gemido surdo de uma máquina sob uma fortíssima pressão.

— Estás em forma, Morgan? — perguntou-me Mat Powell com o cabelo desgredado a cair-lhe para a testa apesar de o atirar constantemente para trás — afasta-te dele, rapaz. Mais dois esquerdos como esse e irás pra o guano.

Recomeçámos, com os «segundos» a empurrarem-nos e a levantarem-nos antes que estivéssemos em guarda. Com cuidado observei-o novamente, procurando descobrir os fracos da sua defesa e notando o seu costume de puxar as calças com os cotovelos. Quando uma pessoa puxa as calças com os cotovelos é certo e sabido que os seus punhos estão inactivos. Assim obriguei-o a mover-se mais activamente na convicção de que as calças iriam escorregando e que os cotovelos as acompanhariam para as levantar novamente.

Ataquei lembrando-me do rosto e das palavras de meu pai e com Dai Bando atrás de mim a manobrar os meus braços com as suas mãos como o fizera naquela manhã.

Com os pés bem firmes no chão, um forte e bem enviado esquerdo com origem no ombro na direcção da sua cabeça, um passo à frente quando ele recuou e o meu punho regado com gotas de sangue, um, dois, três murros mais curtos, mais *jabs* que *punches* para o desequilibrar, depois mais um passo à frente para me aproximar dele e um directo, meio braço, com todo o peso do meu corpo a seguir até um local entre os ossos do seu peito, um som soturno produzido pelo meu punho ao encontrar carne e continuando a penetrar como num buraco, um grunhido lamentoso quando ele se dobrou para a frente, e nesse momento eu erguendo-me nos calcanhares para lhe atingir o queixo com um esquerdo quando a sua cabeça descaiu para a frente levando a minha direita ao lado do seu maxilar com toda a força de que era capaz. Caiu a todo o comprimento enquanto eu tombava para trás também com o impulso que fiz para o esmurrar.

Entretanto ele tentava ajoelhar-se segurando a queixada com as mãos e o rosto coberto de sangue e eu conservava-me à espera de pé quando o Sr. Jonas apareceu à esquina.

— A sineta já tocou — disse ele aos rapazes. — Estão surdos?

Então, por cima das cabeças dos rapazes, ele viu-me e sorriu.

— Outra vez? — disse ele chegando-se mais a passos medidos. — Temos então o nosso carvoeiro no seu desporto predilecto?

Colocou-se junto de mim, mas não lhe liguei e vesti a minha camisa enquanto dois rapazes ajudavam Mervyn a vestir a sua. Toda a assistência tinha debandado, sorradeira, mas eu ouvia os rapazes a correr desabaladamente logo que se encontraram longe da vista do Sr. Jonas. Tive pena de não ser um deles.

— Tenciono comunicar o facto ao Sr. Motshill — avisou-me. — Mas eu mesmo o castigarei. Você pertence à 6.ª Elementar; sou responsável pela classe e implicitamente pelo comportamento dos alunos. Você, Morgan, foi prevenido, portanto sabia bem qual o risco que corria. Vá para a aula, tire a vara e espere lá por mim.

Afastei-me e dirigi-me para a escola com Mat Powell a acompanhar-me. O dia não estava muito frio, embora bastante carregado; de vez em quando caíam umas leves chuvadas. Odiei os tijolos amarelos daquele atarracado edifício escolar.

— Mete o meu casaco no fundo das tuas calças — aconselhou-me Mat —, senão ficarás com o rabo em chaga.

— Não me ralo — respondi. — O que hei-de fazer?

Quando entrámos na aula Mat foi sentar-se na sua carteira e eu fui buscar a vara, que estava pendurada numa escápula, e fiquei junto da estante. Entre rapazes e raparigas, estas menos de metade, a classe tinha quarenta alunos. Nunca me interessara muito prestar atenção às raparigas, pois estavam sempre tranquilas sem coisa nenhuma que as tornasse dignas de interesse. Agora, em frente delas, tinha mais oportunidade de as ver. Concordei que eram um grupo de pessoas sem graça, com excepção de duas.

Uma delas era precisamente irmã de Mervyn e sentava-se perto do irmão. Tinham ambos a mesma altura e o mesmo feitio de rosto, mas Ceinwen — era esse o seu nome — tinha o nariz mais curto e mais bonito, bons dentes e lábio inferior bastante cheio. Os olhos eram lindos e grandes, azuis como os do irmão, mas nela havia muito de feminino, e os cabelos, que lhe chegavam à cintura, tinha-os compridos e ondulados, louros como o feno.

Olhou-me com ódio quando Mervyn entrou e enquanto tirava o lenço para que o irmão limpasse o sangue do rosto conservava-se de olhos fixos, sem pestanejar. Passei a vista pelas compridas carteiras, olhando cara por cara, depois o meu lugar vago e ainda mais caras, algumas delas que constavam da minha lista. Vi Mat Powell, que me olhava fixamente, como que a animar-me, em seguida mais caras até Shani Hughes, que estava sentada na extremidade da fileira da qual eu estava mais perto. Shani parecia ser feita de qualquer coisa azulada, de um azul que se vê às vezes no fogo, um azul-pálido com profundidade e muito do céu. Os cabelos tinham a cor de certas folhas em Setembro e usava uma fita vermelha que lhe subia por trás das orelhas e rematava com um laço no alto da cabeça. Fluida de estatura e delicada de voz e de gestos, olhos escuros e uma boca pequenina, parecia de perfil uma rainha das moedas gregas. Li nos seus olhos tristeza e piedade.

Voltei a olhar para Ceinwen e ainda li na expressão do seu olhar um ódio mortal. O meu olhar foi mais uma vez atraído por Shani e ainda mais se firmou a minha já tomada resolução de não abrir a boca fizesse o que fizesse de mim o Sr. Jonas.

Ele entrou por detrás de mim, em silêncio, sem me olhar. Sentia que ele ria, e quando ele se colocou atrás de mim o silêncio tornou-se opressivo.

Tirou a vara da minha mão e eu continuei a olhar para o retrato do duque de Wellington, suspenso da parede.

— Mervyn Phillips — disse o Sr. Jonas batendo com a vara na perna —, faça o favor de vir aqui para a frente e pôs-se de costas curvadas.

Mervyn avançou, corado, sem olhar para mim e pôs-se de lado curvado para o chão.

Ceinwen tinha agora um sorriso nos lábios e tocava com o cotovelo na condiscípula que estava ao lado. Havia sorrisos em todos os rostos, não sorrisos de prazer, mas movimentos dos lábios como se estivessem contentes por não estarem no meu caso. Senti que qualquer coisa passava através de mim, não uma sensação de medo, talvez de expectativa do que estava para acontecer, ignorava quando mas acreditava que seria a seguir; entretanto sentia uma humidade nas mãos e uma comichão desenfreada na pele da cara.

— Curve-se sobre as costas dele — ordenou o Sr. Jonas por trás de mim com voz tranquila, mas repentina para me assustar.

Debrucei-me sobre as costas de Mervyn e pus os braços à volta do seu pescoço. A vara lançou dois silvos como se o Sr. Jonas a estivesse a experimentar. O som atravessou o meu cérebro e a minha força de vontade concentrou-se nas minhas costas, tensas, expectantes, com os nervos preparados para o choque.

Ouvi novamente a vara a sibilar. Vi a sombra projectar-se no soalho e senti uma dor intensa nas minhas costas, uma dor aguda e como produzida por um ferro em brasa. Novo sibilar e outra vez a sombra, um ladrido do Sr. Jonas, uma contracção da garganta de Mervyn entre os meus dedos, ele a cambalear para a frente e eu a firmar-me nos pés para me aguentar e novamente a dor como de queimadura. E mais, e mais, sem descanso, sem interrupção, como um trabalhar de um maquinismo de relojoaria e o som a mudar aos meus ouvidos à medida que as varadas caíam sobre mim e a vara subia e descia até que as minhas costas eram uma dor única esbraseante, em chamas, em fusão. Um véu de trevas cobriu os meus olhos, um trovão único me enchia a cabeça e as varadas foram-se tornando numa estúpida repetição nada mais importando por me achar num estado de semiconsciência.

A vara partiu-se. Uma das partes saltou por cima de mim e foi parar a um ponto em que eu a avistava.

— Agora — disse o Sr. Jonas com voz cansada — torne a repetir a façanha. Isto foi apenas um preliminar. Vá para o seu lugar e não torne a comportar-se como um zaragateiro. Aprenda a ser um homem digno.

Fixei-o ao abandonar as costas de Mervyn e notei que estava pálido, a testa suada, os lábios azulados, um lado da cara repuxada, os olhos avermelhados e um tremor nas mãos, embora ele se esforçasse por mantê-las quietas entrelaçando os dedos. O seu olhar fixou-se com dureza em mim, percorrendo-me o rosto, mas eu manti o meu olhar sobre ele. Com a língua humedeceu os lábios, a sua respiração tomou um ritmo mais apressado como se se sentisse preso por uma corda. Voltei-lhe então as costas e implorei às pernas que me levassem até à minha carteira. Ao passar em frente de Ceinwen Phillips vi-lhe o lenço, manchado de sangue de seu irmão, todo rasgado em cima da carteira, o seu rosto oculto pelos braços e os ombros a tremerem-lhe.

— Agora — disse o Sr. Jonas, ainda com voz demudada mas aproximando-se do seu tom normal quase esquecido do seu preocupante inglês — vamos estudar geografia. Abram os seus atlas e procurem o Índia, por favor.

E permaneci sentado enquanto ele ensinava geografia.

Naquele dia desejei muitas vezes estar deitado de costas sobre a relva gelada. Sentia-me como esbraseado sem forças para sequer mover um braço. Chegou a hora da merenda mas continuei no meu lugar, sentado, sem forças para me mover, sem mesmo desejo de o fazer. Ainda bem que me conservei assim, pois Shain entrou um pouco antes de a campainha tocar para arrumar os seus livros..

— Oh! — exclamou ela levando precipitadamente a mão à boca e arregalando os olhos. — Ainda está aqui?

— Estou, sim — respondi.

— E não lanchou?

— Não.

— Quer que lhe traga o lanche? — inquiriu ela chegando-se mais para o pé de mim e olhando de relance a porta. — O Huw poderá comer depressa?

— Quero que me dê apenas um copo de água.

— Só água? Então espere um pouco.

Saiu da aula a correr mas silenciosamente, nas pontas dos pés, apenas se ouvindo o farfalhar da sua saia azul enfeitada com três galões amarelos em toda a orla e alguns laços na frente, com o cabelo a mover-se com o movimento do corpo. Voltou pouco depois com um jarro e a água a correr-lhe pelas mãos e a saia com manchas mais escuras de pingos de água.

— Beba — disse ela com um olhar amigo — e deixe ficar o jarro debaixo da carteira para beber mais se quiser. Está a doer-lhe muito?

— Está, sim. Dói-me muito.

—Disseram aí que o Huw tinha bocados de tapete por baixo da roupa e por isso é que se aguentou.

—Veja se tenho algum bocado de tapete.

Ela aproximou-se o perfume que dela emanava quando colocou a mão nas minhas costas para se certificar. Foi apenas um ligeiro toque, mas tão pesado me pareceu que senti uma dor como de um ferro em brasa.

—Tenho pena de lhe ter feito doer—disse ela com os lábios a tremer e os olhos castanhos, grandes e profundos a encherem-se de lágrimas.—Realmente não tem tapete.

—Não faz mal. Não tem importância.

—Vai contar à sua mãe o que se passou?

—Não tenciono fazê-lo.

—O Huw gosta de ovos de passarinhos?—perguntou ela com um sorriso a esboçar-se nos lábios.

—Sim, já tenho tido muitos.

—Se calhar não é verdade—retorquiu ela, agora já com um sorriso aberto.

—Tenho, sim. Já teve um de rouxinol?

—Não—respondeu ela sentando-se ainda a sorrir e com uma sobranceira mais levantada do que outra.—E o Huw já teve? Eu ia oferecer-lhe precisamente um de pintarroxo.

—Porquê?—perguntei com curiosidade.

—Porque está aflito com dores—respondeu ela e deixou de sorrir.

—Se você aceitar o de rouxinol aceitarei o de pintarroxo.

—Com muito gosto—anuiu ela, e voltou a aflorar-lhe os lábios o sorriso.—Gosto dos rouxinóis. Cantam muito bem. Já teve algum rouxinol?

—Milhares. E faisões, perdizes e tentilhões.

—Nós também temos tido muitos, mas eu gostaria de ver um gavião no ninho e ouvir um rouxinol cantar. Costumávamos ouvi-los cantar, mas desde que instalaram as novas forjas deixámos de os ouvir. Ficaram as árvores todas queimadas.

A campainha deixou de ouvir-se e a expressão sorridente também desapareceu do rosto de Shani, que se levantou e saiu.

—A seguir à aula—concluiu ela, e a sua mão era como uma pomba branca a esvoaçar da porta.

Não tinha fim aquela tarde e imensas as minhas graças quando pude voltar para casa. No pátio do recreio, quando cheguei lá, tive a sensação de receber uma pancada em pleno peito, e tive de apoiar-me à parede para me aguentar. Depois segui rua abaixo atormentado com dores, com vontade de atirar-me ao chão de qualquer maneira.

Mervyn seguia a meu lado e sua irmã no outro.

—Lamento, Huw Morgan, que você tivesse sido o único a ser castigado—explicou ele—, mas aquela besta tem-lhe raiva e foi essa a razão. Quer que eu lhe leve os livros?

—Não, muito obrigado, não preciso.

—Quer ser meu amigo, ao menos?—perguntou ele, tímido e corado, com a irmã a incitá-lo.

—Quero—respondi, e apertámos as mãos, um pouco acanhados.

—Huw Morgan—disse Ceinoven, muito corada, os olhos azuis, muito azuis, brilhantes, enormes.—Vou beijá-lo.

E assim fez. Senti os seus lábios na minha face, mais quentes que o meu rosto, o seu hálito ardente e cheio de vitalidade e as suas mãos, que me tocaram quando se aproximou de mim. Depois afastou-se a correr, com os cabelos ao vento, e atravessou a rua precipitadamente, em risco de ser atropelada por um carro que passava. O cocheiro virou-se para invectivar e ela deitou-lhe a língua de fora.

— Vê-lo-ei amanhã, Huw — rematou Mervyn e atirou uma pedra ao condutor do carro.

Segui o meu caminho lentamente até o largo até que Shani me alcançou mas antes disso conheci-lhe os seus passos e voltei-me.

— Como conseguirá chegar a casa? — perguntou. — Quer que peça ao meu pai que o leve no carro?

— Não. Ellis, o carteiro, leva-me a casa.

— Estou tão contente! — exclamou Shani, com o olhar embaciado, ao mesmo tempo que, num gesto de alívio, juntava as mãos. Temia a cada momento que o Huw caísse.

— Caisse? — exclamei num ímpeto de ira. — Só cairei quando morrer. Estou apenas um pouco desorientado. Amanhã dar-lhe-ei o ovo de rouxinol.

— E eu não me esquecerei do de pintarroxo — rematou ela em voz baixa. — Então adeus.

— Adeus, até amanhã — disse eu e subi para o lado de Ellis, e oh, que conforto para mim. A almofada era macia assim como a coberta do carro por trás de mim.

Quando cheguei, a casa estava tranquila e mudei de roupa. Sôzinho em casa, pude ver no espelho as minhas costas, onde largos e profundos vergões formavam sombras. Ouvi então o assobio de Ianto, que regressava da mina, e comecei a arranjar-me a toda a pressa, mas quando ele entrou ainda não tinha a camisa vestida.

— Olá, pequeno — saudou-me ao mesmo tempo que me atirava a marmitta da comida, que eu não consegui apanhar no ar e que caiu estrepitosamente no chão. — Perdeste um ponto, rapaz. Antes que te desses conta a bola cairia no outro lado...

Interrompeu-se, os olhos muito abertos no rosto enfarruscado, e procurou levantar-me a camisa.

— Que foi isso, pequeno? — perguntou, surpreendido.

— Foi na escola — respondi.

— Fizeram-te isso na escola? — repetiu olhando mais atentamente. — Deram-te com vontade.

— Não digas nada — recomendei-lhe eu ao mesmo tempo que acabava de vestir a camisa. — Calculas qual será a reacção da mãe.

— Eu é que já sei o que vou dizer a quem te fez isso — respondeu Ianto. — Vou tomar banho e depois falaremos.

Fui buscar o meu chá ao fogão. Precisamente nessa altura chegou Bron na ideia de tirar roupa da corda para Ianto e para Ivor.

— Como passou o grande homem? — perguntou e dava-me beliscões na cara.

— Vou indo — respondi.

— Ótimo — tornou ela e pegou na marmitta do meu lanche. — Gostaste da torta de maçã que fiz especialmente para ti?

Sentiu o peso do ambiente e olhou para mim na expectativa.

— Trazes pedras aqui dentro? — interrogou e forçou o fecho da marmitta. — Oh, meu Deus, que aconteceu, não me dizes? — exclamou, surpreendida. — Nada comeste. Então para que serve cozinhar especialmente para ti se não comes nada e voltas com a comida como levaste?

— Deixa em paz o garoto, Bron — gritou lá de fora Ianto, e ouviu-se arrastar o balde pelas pedras. — Observa as costas dele.

— Não — escusei-me, e fugi de casa com Bron a gritar atrás de mim.

Atingi um ponto elevado da montanha, satisfeito por sentir o vento frio nas minhas costas.

A dor é um magnífico crisol para o espírito, e por consequência modifica a nossa concepção da vida. Coisas que anteriormente muito significavam passam a não ter importância de maior quando somos duramente fustigados pela dor.

Naquela tarde enquanto o frio adormecia a dor eu via novamente a cara do

Sr. Jonas e lutava outra vez com Mervyn Phillips, contemplava o rosto de Ianto e tentava encontrar o caminho do sossego para o meu espirito em ebulição, um pesado sonho me tomou, sonho que não tinha começo nem fim, e vi o vale, despido da sua cobertura de verde, com nítida verdade. Como formigas, vi homens a trabalhar no interior da terra para poder adquirir o sustento para os seus. Vi alguns homens pagando com dinheiro aos outros mas ficando para si com a maior parte. Vi uma das riquezas da terra escavada pelas picaretas e tomada pelas pás. Compreendi naquele momento que, como tudo, aquela riqueza teria de ter um fim. Não haveria mais paga, pois acabaria a distinção entre patrões e operários. As ferramentas empregadas na extracção enferrujar-se-iam. As galerias das minas de carvão seriam votadas às inundações e aos ratos O pessoal abandoná-las-ia. As casas esvaziar-se-iam. A capela ficaria erma e a erva misericordiosa tentaria cobrir tudo com o seu manto.

E fiquei aterrado.

Olhei para o infinito, para o céu, que escurecia, e vi a grande roda do elevador, cujas hastes cortavam a luz à medida que se movia mais lentamente até que pararia. Ouvi o entrecocar das últimas lâmpadas e o tenir das derradeiras chapas de latão que os homens entregam no depósito. Depois o ruído dos seus passos calcando pesadamente a terra afastava-se cada vez mais dos seus ouvidos, e o tumulto de ratos aos milhões, felizes nas águas infectas das minas abandonadas, erguia-se sobrelevando todos os outros sons.

E fiquei louco de medo.

Na escuridão despertei, tão entorpecido que não podia mover-me e ainda tão fortemente possuído pelo medo que receava abrir os olhos. Pouco a pouco consegui mover as pernas, e como comecei a apreender os ruídos da noite tranquilizei-me mais e mais e sentei-me.

O vento mostrava-se diligente na sua faina assobiando descretamente para fazer compreender aos seus amigos da montanha que rondava por ali para arejar as casas e não para brincar com folhas caídas e galhos secos. Ele assobiava e as árvores procuravam fazê-lo calar, e quanto maior a árvore mais nítida era a imposição do silêncio. Procuravam com os seus braços fazê-lo parar nas suas manifestações, mas eram esforços baldados porque o vento atravessava-as e elas nada mais podiam fazer do que gesticular para ele.

A pálida luz das estrelas iluminava o céu, e na aldeia, lá em baixo, viam-se compridas filas de luzes cortadas de quando em quando por espaços escuros. Uma luz mais brilhante saía da capela, duas dos Três Sinos, mais duas, pequeninas, do outro lado da montanha, na granja; tudo o mais era escuro, uma escura suavidade que prenuncia chuva. A montanha do lado de lá parecia que se havia voltado para dormir e mais além as outras montanhas dormiam também com sombras violáceas que se tornavam gradualmente de um azul mais carregado.

O vento trazia aos meus ouvidos o vozear do coro da capela, e naquelas notas, poucas, eu distinguia as másculas e ricas vozes dos homens do vale, heróicas e puras, vindas do coração e onde se lia a altivez de espirito, e eu sabia que aquelas vozes eram a minha pois eu fazia parte deles como eles de mim e o vale estava em nós como nós no vale e nós fazíamos parte do vale nenhum mais que outro, nenhum sem o outro. O vale era eu e eu do vale, e as ervas, as pedras, as folhas das árvores, o carvão e qualquer gota de água, ou ramo, ou vara, ou flor, ou pitada de pólen, ou criatura viva, ou poeira dos caminhos, tudo fazia parte do meu sangue, dos meus ossos, do meu pensamento.

Meu vale, meu vale! Estarás sempre dentro de mim, viverei eternamente dentro de ti! Que a morte me leve, que qualquer catástrofe caia sobre mim se alguma vez te esquecer! Vale da morte agora para alguns, mas não para mim, porque eu sou a tua memória com os teus verdes e as tuas manchas escuras, com tudo quanto vive,

feliz nas tuas anfractuosidades e nos teus recantos quando nos enviavas os teus doces aromas e nos fornecias tempero para a comida, e flores, e as aves cantavam gloriosamente, alegres por estarem contigo.

Aquela visão e o meu sonho levaram-me a casa do Sr. Gruffydd naquela noite porque eu queria saber em que se baseavam. Sentia que havia razões para eles mas desejava que não as houvesse. Descia e os rouxinóis cantavam nas moitas das silvas junto do campo de Glas Fryn. Shani Hughes veio então ao meu pensamento.

Ninguém encontrei pelas ruas quando atravessava a aldeia, nem mesmo um gato, mas da capela chegava-me aos ouvidos um rumor de vozes interrompida de quando em quando por aclamações. Recordei-me da reunião plenária marcada para aquela noite pelo Sr. Gruffydd. Aproximei-me e tentei entrar pela porta traseira; não consegui porque estava aferrolhada. Dei a volta à capela dirigindo-me para a da frente e deparou-se-me uma multidão junto do pórtico, que escutava; à luz das lamparinas de azeite os seus rostos apresentavam-se pálidos, mas cheios de doçura, de paz, com sorrisos de esperança, de alegria, como se boas notícias tivessem recebido.

Através da porta aberta vi o povo em compactas fileiras; nas naves laterais estavam todos de joelhos e até mesmo no grande estrado se viam pessoas ajoelhadas. O Sr. Gruffydd tinha os olhos fechados e as suas mãos estavam cerradas sobre o Livro.

— Todo poderoso — rezava ele —, indicai-nos o caminho. Os pensamentos dos homens está obscurecido pelas trevas e nelas se esconde Satanás, sempre vigilante, sempre pronto, hábil em fazer mal, em provocar uma acção danosa, um mau pensamento. Esclarecei-nos, meu Deus!

— Ámen!

— O mal da humanidade está nas mentes ociosas dos homens — continuava o Sr. Gruffydd — pois os vádios não pensam nem têm capacidade para pensar. Castigai-os com o fogo, meu Deus! Queimai com as vossas chamas os nossos maus pensamentos como nós fazemos consumir pelo fogo as ervas secas. Para que possamos ver, Senhor, enviai o vosso fogo purificador.

— Aleluia! — gritou a assistência em unísono.

— Nem todas as coisas edificam, embora todas as coisas sejam materiais. Há, porém, coisas que nos faltam e que edificarão. Sabemos quais são e Vos pedimos, Senhor: são aquelas mesmas coisas que o Vosso Filho Amado pediu e pelas quais morreu. Entre elas está o nosso pão de todos os dias, que alguns, cegos de alma e coração, nos querem tirar. Arrancai-os da sua cegueira, Senhor Deus. Fazei com que eles vejam!

— Aleluia! — gritou novamente o povo.

— Quando a Terra nasceu, assim como a Voz ecoou na treva, permite que desta vez outra Voz ecoe através das trevas que rodeiam as mentes dos homens e diga que a luz se faça, e, Senhor Deus, a luz far-se-á, porque o homem com a mente esclarecida pode levar à fruição de todas as coisas boas para si mesmo e para todos os seus semelhantes. Mas numerosos são aqueles que esquecem os seus irmãos e os renegam e andam na criminosa ociosidade e permitem que os seus filhos e as suas mulheres pereçam na penúria. Afastai as trevas que nos rodeiam, Senhor, e permiti que a luz se faça.

— Aleluia! — exclamou a assistência.

— Vinde a nós, vós que estais cansados e sobrecarregados de trabalhos — continuava o Sr. Gruffydd.

— Hosana, hosana! — clamavam os crentes.

— Cantemos ao Senhor! — volvia o Sr. Gruffydd.

A multidão aglomerada no pórtico da capela ajoelhou-se e, quando a congregação começou a cantar, de lágrimas nos olhos, ergueu as suas vozes e acompanhou-a.

— Huw — era a voz de Bron. Voltei-me e vi-a com o capuz da capa sobre a

cabeça e a capa apertada de encontro ao corpo e de mão estendida para mim. O seu sorriso habitual fazia brilhar o seu rosto, de olhos semicerrados, vendo-se por entre as pálpebras dois raios de luz, e a sua boca larga mas encantadora deixava ver os seus alvos dentes.

— Vem cá, pequeno — disse. — Procurámos-te toda a noite.

— Fui dormir para o cimo da montanha — respondi.

Ela envolveu-me nos seus braços e assim aspirei o seu agradável perfume de alfazema e a macieza suave dos seus erectos seios assim como o calor da sua boca na minha frente.

— Este frio pode matar-te — disse ela com voz trémula. — A tua mãe está lá dentro mas quase que foi preciso arrastá-la e só se decidiu a vir quando lhe garanti que te iam procurar.

— Qual era o motivo daquela aglomeração, Bron? — perguntei-lhe quando, protegido pela sua capa, seguíamos a caminho de casa. O braço dela, passado pelas minhas costas, magoava-me, mas, provocada por ela, era uma dor que eu desculpava.

— Era a reunião evangélica — meu rapaz — disse Bron com voz que mal se ouvia, e as lágrimas brilhavam nos seus olhos, reflectindo à luz das estrelas.

— Porquê, Bron? — perguntei-lhe, surpreendido pela sua diferença de atitude.

— Todo o pessoal dos três vales se declarará em greve esta noite e o da nossa mina amanhã, suponho eu. Mas vem a minha casa. Tenho lá uma sopa especial para ti. É de brande.

Entrámos em casa dela esquecido das minhas dores por motivo de tão graves notícias e um tanto receoso com as perspectivas, mas contente por ir consolar-me com um prato de sopa de brande.

A sopa de brande é o mimo das sopas, que na nossa boca tem um sabor esplêndido. Um frango e um bom bocado de presunto com uma pequena costeleta de carneiro com pouca gordura, ovas de truta com creme, um pouco de manteiga, uma gema de ovo bem batida, cenouras, nabos e batatas. De quinze em quinze minutos uma xícara de brande e um pouco de cereveja feita em casa e uns dentes de alho esmagados. Dez minutos antes de ser servida mais umas folhazitas de alho para estarem verdes quando se comer.

Antes de a saborear levante os olhos e dê graças pela maravilha com que vai regalar-se. Depois siga ao frango.

Brom deixou-me e foi encontrar-se com Ivor; segui depois para a cama, cheio, contente e indiferente às atitudes dos galeses mais ou menos anglicizados que em todas as épocas irromperam como escabracho numa boa terra.

NA manhã seguinte, na montanha, Dai Bando viu as minhas costas e, desesperado, deixou cair os braços ao longo do corpo. Ficou tão impressionado que o rosto se lhe transformou numa carranca em que os olhos, permanentemente semicerrados, nesse momento mal se viam.

— Que te aconteceu, rapaz? — peruntou ele.

— Foi na escola — respondi.

— E os teus irmãos já viram isso — insistiu e meteu os dedos à boca produzindo um assobio para chamar Cyfartha.

— Ianto viu, mas eu pedi-lhe que nada fizesse por causa da mãe.

— Estou banzado — comentou Cyfartha.

— Quem foi o autor da graça? — perguntou Dai com a cabeça caída para o lado, olhando de través.

— O Sr. Jonas — respondi. — Na escola é o Sr. Jonas, mas fora dela é o Sr. Jonas-Sessions.

— O Sr. Jonas-Sessions — repetiu Dai esfregando as mãos. — Temos algum compromisso na cidade, Cyfartha?

— Temos um combate marcado para quarta-feira respondeu o interpelado.

— De modo que se lá fôssemos — disse Dai fixando o amigo com insistência — era unicamente para confirmar o combate de quarta-feira, não era, Cyfartha.

— Não vejo que tenhamos qualquer outro motivo, meu bom Dai, a não ser que pretendas visitar qualquer pessoa de respeitabilidade.

— Era uma visita breve, apenas cinco minutos. Tenho a impressão de que se podem esbanjar cinco minutos de pior maneira. Realmente, é o Sr. Jonas-Sessions, não é Cyfartha?

— Na vara é ele um ás, Dai — retorquiu Cyfartha.

— Ah, mas hoje vou bem encadernado. A visita é para pessoa de categoria. Levo o meu melhor fato e o chapéu de coco.

— E eu vou da mesma maneira:

— Vai para casa, rapaz — disse Dai amavelmente — e volta daqui a três dias. Compreendes?

— Obrigado, meu caro Dai — respondi eu.

— E se vires hoje dois cavalheiros bem vestidos — acrescentou Dai — não é nada que te diga respeito. Hem, Cyfartha?

— Boca fechada — rematou Cyfartha.

Voltei então para casa, onde complicações me esperavam.

— Huw — disse meu pai. — Despe a camisa.

— Porquê, meu pai? Não tem importância — respondi, pois minha mãe olhava-nos com ar de censura.

— Huw, atreves-te a reagir às minhas ordens? — exclamou meu pai, vermelho de ira. — Tira a camisa.

Não havia resistência possível. Tive de despir a camisa.

Com as mãos nos ombros dele, minha mãe veio colocar-se junto de meu pai. Durante um momento fiquei exposto ao valor do fogão. Estavam ambos calados, mas eu podia sentir o peso dos olhares de minha mãe.

— Porque te fizeram isso, meu filho? — perguntou meu pai.

— Porque fui apanhado a bater-me com um condiscípulo, meu pai — respondi, e comecei a vestir a camisa.

— Quem levou mais? — perguntou novamente meu pai, e deu uma pancada nas mãos de minha mãe, para as fazer deixar de tremer.

— Foi o outro, meu pai — respondi.

— Muito bem — tornou meu pai. — Cinco xelins da latinha para o Huw.

— Mas, Gwilym — disse minha mãe, cheia de ira e de surpresa —, vais admitir que ele seja sovado desta maneira? Vais deixar que um selvagem maltrate o teu filho sem que receba o pago de tal bestialidade?

— Beth, se eu lá for por causa do sucedido — respondeu meu pai —, ele não fica com um osso inteiro no corpo.

— Meu pai, permita que eu vá lá — observou Ivor. — Bron chorou toda a noite.

— Se alguém tivesse que lá ir seria eu — atalhou meu pai. — O pequeno foi maltratado porque lutou com outro. Dei-lhe autorização para que o fizesse e reitero essa permissão, mesmo que por causa disso seja castigado. Se o regulamento da escola não o consente está bem que sofra as consequências. Mas não te deixes dominar por outros, meu rapaz. Ainda te dói muito?

— Agora não, meu pai — respondi.

— Ainda bem — tornou meu pai. — Cinco xelins da lata, Beth, e além disso irá comigo e com os rapazes assistir ao desafio dos irlandeses com os nossos.

Naquela manhã segui para a escola com o ovo do rouxinol dentro do boné. Parecia que voava, tal a alegria de que me achava possuído.

Entre os colegas notei uma disposição muito diferente da anterior a meu respeito. Tal facto deu-me vontade de rir. Em vez das piadas murmuradas de que eu costumava ser alvo desde o primeiro momento da minha entrada na escola, olhavam agora para mim com olhares em que imploravam camaradagem. Mesmo dois dos que estavam inscritos na minha lista sorriram para mim e saudaram-me com uns bons-dias amistosos.

Como o próximo é estúpido! Temos de sofrer ou fazer sofrer os outros antes de ter direito ao respeito que nos é devido! Naquela manhã dispensaram-mo a todo o momento, o que me foi sumamente desagradável. Não suporto ser alvo de curiosidade quando não existe razão que a justifique.

Um homem é um homem, com ou sem sofrimento, merecedor do respeito que se deve dedicar a todo o ser humano. Assim passei por todos eles, no fundo de mim com um sentimento de desprezo, e procurei com o olhar Shani Hughes.

Quando começámos as orações o Sr. Jonas dirigiu-me um rápido olhar. Depois, em todo o dia, em que permaneci sentado, nunca mais a sua vista se fixou em mim. Shani, por vezes voltava-se para mim e sorria, outras era Ceinwen quem me procurava com o olhar, mas havia nos seus olhos uma expressão que não me agradou. Os seus olhos eram azuis com um brilho extraordinário e as escleróticas muito brancas, e no entanto, apesar do brilho e da alvura, notava-se nelas não uma sombra, talvez uma nebulosidade secreta, como se ela me estivesse a ver não como eu era, mas como o seu pensamento me fizera.

Isso incomodava-me e apetecia-me fugir daquele olhar.

Tínhamos voltado da merenda havia meia hora, e estávamos na aula de moral, quando bateram à porta e uma menina da 3.^a Elementar, que mostrou apenas a extremidade da carita pela greta da porta, como um ratito, veio dizer ao Sr. Jonas se podia chegar ao gabinete do Sr. Motshill, onde o procuravam. O Sr. Jonas passou o catecismo para a mão do nosso chefe de aula e saiu.

Logo após a sua saída Ceinwen levantou-se e veio sentar-se ao meu lado. Por momentos não lhe prestei atenção mas ela pôs ao meu lado uma régua de marfim toda marcada, admirável peça dourada pela idade.

— É para substituir a que eu parti — confessou ela. — Nunca deixei de lamentar o que fizemos à sua caixa.

— Como a arranjou? — perguntei-lhe.

— Pedi ao meu pai que me obtivesse uma. Aceitei-a. Com um alfinete risquei o meu nome da parte de trás. É como que uma dedicatória.

— Muito obrigado. Mas talvez o seu pai tenha pena de se desfazer dela.

— Não, não; eu disse-lhe que a pretendia para lha oferecer. E agora outro assunto: queria que o Huw me desse um ovo de rouxinol.

— Isso não é da sua ideia. Quem lhe falou nisso?

— Foi a Shani. Ela tem um numa caixinha de vidro e eu queria também um. Dê-me um. Em compensação dar-lhe-ei um beijo.

— Dar-lhe-ei um ovo de rouxinol, não por causa do beijo, mas simplesmente porque se dei um a Shani dar-lhe-ei também um a si.

Olhei para onde estava Shani e observei que ela me estava a olhar fixamente, mas com um ar triste. Por qualquer razão a tristeza apoderou-se também de mim e tive vontade de ir para o seu lado, apertá-la nos braços e dar-lhe conforto, ampará-la, mas contra quê. Não saberia dizê-lo.

Nesse momento altos gritos partiram do vestibulo, ouviram-se as vozes do Sr. Motshill e do Sr. Jonas, móveis que caíam, mais gritos, pesados passos soavam a correr pelo vestibulo, e mais gritos e mais berros. As pequenas da classe levantaram-se e começaram aos gritos sem saber por quê. Depois todos os presentes na classe se levantaram,

abandonaram as carteiras após o que correram para a porta; esta porém escancarou-se de repente e pela abertura precipitou-se o Sr. Jonas seguido por Dai Bando, pelo Sr. Motshill, três professores, entre eles o Sr. Tyser, com o colarinho arrancado, e Cyfartha, que fechava a torrente impetuosa.

O aspecto do Sr. Jonas era lamentável, todo rasgado, sem colarinho, um bocado da gravata, como um trapo, pendente do pescoço, o casaco destroçado, as calças um farrapo de alto a baixo; as lágrimas inundavam-lhe os olhos, as faces tinham-as arroxeadas pelas bofetadas que recebia de Dai quando levantava a cabeça, bofetada atrás de bofetada, duas, três, quatro, tantas que não podiam contar-se tal a generosidade com que eram dadas com as mãos bem abertas.

O Sr. Motshill procurava pôr um dique àquela avalanche de violência, mas Dai não lhe ligava importância, e o Sr. Motshill dava pulos de raiva e batia com os punhos fechados nas largas costas de Dai e gritava fazendo acompanhamento ao berreiro das almas. Cyfartha atirou ao chão um dos professores com uma rasteira, e os outros dois deixaram cair os braços ao longo do corpo numa manifestação de impotência e limitaram-se a olhar para Dai. Logo que este compreendeu que dos professores nenhum auxílio podia o Sr. Jonas receber, tirou o cinto, agarrou o Sr. Jonas pelo pescoço, pôs um pé no estrado e obrigou-o a curvar sobre o seu joelho.

Era um divertido espectáculo o que Dai nos proporcionava fazendo o cinto estalar no corpo do Sr. Jonas ininterruptamente e provocando neste um berreiro tal que, junto ao que as raparigas faziam, fazia da aula um autêntico pandemónio.

Como todas as coisas boas, a sova acabou. O Sr. Jonas chorava e manquejava, mas Dai naturalmente considerava que a representação não estava completa. Faltava a apoteose. Piscou o olho a Cyfartha, agarraram-no pelos pés e por debaixo dos braços e atiraram-no para a caixa do carvão que estava justamente aberta nesse momento. Baixaram a tampa e devem ter considerado o incidente encerrado porque Dai tirou papel e tabaco de dentro do seu chapéu de coco enquanto os professores e o Sr. Motshill o contemplavam meio aparvalhados. Cyfartha deu-lhe lume. Dai lançou uma bafurada para o tecto e o berreiro acalmava-se. Dai, muito calmo, passou a manga do casaco pela testa, pôs na cabeça o seu chapéu e virou-se para lançar um olhar pela classe. Viu-me, fingiu não me conhecer e eu nada fiz de onde se pudesse deduzir que era das suas relações.

— Insolente — gritava nesse momento o Sr. Motshill. — Você é um covarde e um animal. Ter o arrojo de entrar numa escola e maltratar um professor. Terá de entender-se com a polícia. Você não sairia daqui sem levar uma carta se eu fosse mais novo.

— Estou a pagar uma visita — disse Dai suavemente e quase que a pedir perdão. — Pensava encontrá-lo na montanha. Pedi-lhe que fosse lá, não foi, e tive de o procurar aqui. Não foi assim, Cyfartha?

— Sim, é verdade. Ele recebeu o convite e não era correcto deixar de o visitar.

— Ele fugiu de mim a correr, de modo que eu tive de ir atrás dele. Tinha de o encontrar e iria até à China com esse fim. E só aqui é que pude contactar com ele. Agora vamos tomar uma bebida, não é verdade, meu caro Cyfartha?

— Claro, claro — retorquiu Cyfartha. — Ele agora encontra-se confortavelmente instalado, não lhes parece? Agora vamos nós para casa confortarmo-nos com um trago de qualquer coisa.

— Um bom golo — comentou Dai — seria neste momento para mim uma dádiva de Deus. Que sítio este, tão poeirento! Tenho as goelas tão secas que nem poderia cantar, não achas Cyfartha?

— Até uma rã teria dificuldade em coaxar — respondeu o companheiro.

— Então vamos embora. Boa tarde, cavalheiro — cumprimentou Dai, e tocou no chapéu muito delicadamente para o Sr. Motshill. — Boa tarde a todos; para aquele que ali está refastelado, o Diabo que o leve.

E saíram, passos pesados a ressoar nas tábuas do sobrado; a porta da rua bateu com força nas costas deles. Só depois de extintos todos os ruídos o Sr. Motshill se sentou, esgotado num banco de uma carteira.

— Tenham a bondade de tirar o Sr. Jonas dali para fora — disse ele, e suspirou.

A tampa da caixa foi levantada por dois professores e surgiu o Sr. Jonas com o cabelo num desalinho, o rosto mascarado e inchado provocado pelos dedos de Dai marcado a roxo nas faces, os olhos denotando uma raiva incontida, a tremer quando o levaram da sala emitindo uns roncões que não inspiravam riso mas sim piedade. Estranho é como se pode odiar uma pessoa e sentir-se no íntimo piedade dela.

Ao voltarmos para casa naquela noite, com Shani na minha companhia, notámos na praça e nas ruas um movimento desusado de gente, homens e mulheres, os homens com os fatos de trabalho, as mulheres com trajos caseiros e de cabeça descoberta, em grupos e com aspecto preocupado.

— Que novidades há, Ellis? — perguntei ao carteiro enquanto ele atrelava a égua aos varais.

— É de greve que se trata — respondeu o homem com ar acabrunhado. — Calculo que os nossos já tenham abandonado as minas quando chegarmos a casa. O seu pai, Ianto e mais dois foram encontrar-se com os proprietários. Oxalá que o que se passar seja bom para todos.

Em todo o caminho em volta da montanha homens saíam a correr das suas casas ansiosos por saber notícias de Ellis, o qual nunca parava, mas gritava batendo na égua ao mesmo tempo com as rédeas; ao ouvirem o que Ellis dizia os homens ficavam com aspecto triste e as mulheres ficavam mudas de espanto, torciam as mãos ou apertavam os filhos de encontro ao peito.

Quando chegámos à nossa aldeia vimos que toda a população se encontrava na rua, dirigindo-se toda para a colina, falando pouco, cheia de ansiedade pela volta dos operários. Dei um salto da boleia enquanto a multidão nos cercava e ouvi os comentários dos assistentes à medida que Ellis ia dando novidades.

Em casa encontrei minha mãe a descascar maçãs e Angharad a cortar as cascas em bocadinhos pequeninos para fazer compota, Bron a passar roupa a ferro e Owen a brincar com Gareth diante do fogão.

— Então, que novidades trazes? — perguntou minha mãe.

Todas prosseguiram na sua tarefa, mas Bron, quando passei a seu lado, chorava tão baixinho que nenhuma pessoa perceberia. Dediquei-me naquela noite a limpar a máquina de Owen; já tinha prática de a desmontar peça por peça e de a montar novamente. Estava precisamente a limpar as mãos sujas de óleo quando senti os passos de meu pai no quintal; ele entrou com ar de vencido, acabrunhado, de casaco vestido e chapéu na cabeça, calado, e sentou-se.

Suspirou dolorosamente como se o pesar tivesse sido o seu companheiro durante horas.

— Huw — disse ele a olhar para o candeeiro.

— Diga, paizinho — disse e aproximei-me dele ainda com as mãos sujas de óleo.

— Tenho vergonha de, ao entrar, olhar de frente a tua mãe.

— Porquê, meu pai? — respondi.

— Oh, Huw, meu pequeno — disse ele num tom amargurado. — Não sei como havemos de viver. Chega-te aqui, meu filho.

Aproximei-me dele e ele apertou-me nos braços e tocou o meu com o seu rosto barbado.

— Enquanto eles discutiam tinha-os todos na ideia. Tu e os teus irmãos. Não posso supor o que nos acontecerá. Um abismo abre-se sob os nossos pés. É impossível prever o resultado de tudo isto.

A voz de meu pai, junto do meu ouvido, soava repassada de tristeza.

— A tua mãe e todas as outras mulheres serão as principais vítimas. Serão elas quem terá de suportar o peso de toda a carga. Tenho vergonha de lhe expor o estado do assunto.

— Mas ela está à sua espera, meu pai.

Ele esteve calado uns momentos e depois levantou-se.

— Deus a abençoe. Ela é compreensiva em extremo. Fica aqui mais um bocado, meu querido Huw.

— Sim, meu pai. Espere, tem o casaco sujo de óleo.

— Não faz mal, não tem importância — rematou ele, e encaminhou-se para casa.

Logo após a sua saída entrou lanto, pálido e com uma luz no olhar parecendo um homem decepcionado por não ter terminado uma luta.

— O pai já foi lá para dentro? — perguntou-me.

— Já, já foi — respondi.

— Bem, chegámos a pensar que ele não se atreveria a voltar para casa.

— Porquê? — interessei-me por saber.

— Por coisa nenhuma — respondeu impacientemente. — Qual era a disposição dele?

— Muito desalentado — respondi.

— Sim — prosseguiu ele. — É o estado de espírito de todos. O trabalho vai paralisar.

— Vão declarar a greve?

— Já a declarámos. Desde as três e meia que a greve é um facto.

— E haverá possibilidade de vencer?

— Não vejo nenhuma probabilidade. Nenhum jeito. E agora, boas-noites. Adeus.

Ao sair observei-o a escutar à janela da cozinha e seguir depois para casa de Bron. Como pensasse para nada ser preciso, fui direito ao alpendre, galguei a janela e fui deitar-me.

Na manhã do dia seguinte minha mãe apenas me deu duas fatias de pão, mas somente uma delas com manteiga, e para a escola só levei um pastel, pão e queijo, umas folhas de alface, mas nada de chá.

— Hoje, em lugar de chá, bebes água, meu rapaz — disse a mãe. — O teu pai não faz ideia alguma do fim da greve, e temos de começar desde já a gastar o menos possível.

Não se estava habituado, quando se passava na rua, a ver tantos homens nas mais diversas atitudes, uns sentados em bancos ou nos peitoris das janelas, ou de pé, nos passeios, mas perpassava pelo ambiente um ar de pavor, de receio, porque noutras ocasiões as ruas estavam completamente abandonadas. Ninguém se ouvia a rir ou a falar em voz alta.

Naquele dia, ao olhar para trás, para o cimo da montanha, vi a colina e mais abaixo, nas ruas da aldeia, pequenos grupos de homens e mulheres, e até mesmo nas quintas e nos jardins se via gente a olhar para o vale, como se esperassem assistir a qualquer acontecimento.

Estava-se então no mês de Junho, mês de canícula, quando a relva amarelece, o rio seca e as rochas aquecem de tal maneira que quase nos queimam os pés quando passamos sobre elas. O pessoal das minas mantinha-se em reuniões permanentemente na encosta da montanha e notava-se-lhes dia a dia uma cor mais escura por causa do sol a que estavam agora mais expostos, pois que eu estava acostumado a vê-los sempre pálidos.

A respeito da greve nem uma palavra se trocava em casa. Tácitamente estava assente que não se falasse nela. Já então havia fortes restrições no passadio em casa. Tomávamos chá, sim, mas sem açúcar nem leite. Mais tarde até chá deixou de haver. A quantidade de comida que a cada um de nós cabia foi-se também reduzindo. O pão era cortado em fatias muito mais delgadas e a manteiga só aparecia na mesa aos domingos.

Passou Agosto e Setembro.

As reuniões do pessoal continuavam não só no nosso mas nos restantes vales. Meus irmãos e meu pai eram considerados indispensáveis nos comícios. O pessoal queria ganhar mais. Os donos das minas alegavam a impossibilidade em que estavam de pagar maiores salários, e até os queriam diminuir, porque o preço do carvão era agora menos compensador, e nenhuma das partes queria ceder.

Todos emagreciam, especialmente as mulheres e notava-se um desinteresse nas crianças pelas brincadeiras. Os homens levantavam questiúnculas por motivos insignificantes; mas realmente baseadas apenas na ociosidade e na falta de dinheiro e de alimento.

Na escola não havia alteração de ambiente. O Sr. Jonas leccionou e eu permanecia sentado. De facto nada tínhamos a ver um com o outro. Nenhum comentário proferiu a respeito de Dai Bando. Algumas crianças de ambos os sexos não frequentavam agora a escola. Não tinham calçado e os pais não lho compravam receosos de o dinheiro lhes fazer falta para a alimentação. Outras não compareciam porque apenas podiam comer uma vez por dia.

Um dia em que Shani se sentou junto de Edite Moss, a filha do carnicheiro, compreendi, pelo contraste, o que se passava com Shani. Edite era muito gorda, com cabelo preto e uma grande cara vermelhusca. Ao lado dela Shani parecia uma pomba junto de um corvo, tão pequena, tão delgada era, e com um rosto tão pálido.

O seu pai trabalhava também nas minas, no escritório da gerência, mas certamente também estaria em greve. Num intervalo destinado à refeição Shani ficou na aula a costurar. Eu fui com o meu lanche para o pátio do recreio, mas como estava a chover, voltei e fui sentar-me no vestiário. Foi então que vi Shani a olhar pela janela da aula. Bati no vidro e dirigi-lhe um sorriso, a que ela não só não respondeu mas olhou-me como se tivesse com vontade de chorar e afastou-se da janela.

Pouco depois apareceu cá fora e fingiu que ia beber água; quando notou que eu a observava aproximou-se:

— Ia beber água — informou a pequena.

— Sim? — disse-lhe eu, preparando-me para comer o pão e o queijo que trazia.

— Quer que eu lha vá buscar?

— Não não — recusou ela, mas não fez um movimento para se afastar.

Está provado que quando estamos com fome e na nossa presença alguém está a comer qualquer coisa que desejaríamos a boca se enche de água, que engolimos com ruído. Ouvi um ruído idêntico feito por Shani quando eu a observava. Notei então os seus olhares presos na minha marmitta.

— Porque não foi hoje comer a casa? — perguntei.

— Oh — respondeu ela levantando os braços para segurar uma madeixa de cabelo que aliás não se tinha desprendido —, é muito maçador fazer uma caminhada para ir comer a casa.

— Quer aceitar um bocado do meu?

— Comer um bocado do seu? Não, muito obrigado. O Huw tem de palmilhar muito para vir para a escola. Precisa de bastante alimento.

— Não se preocupe com isso. Vê? Até tenho aqui demasiada comida. Coma, não faça cerimónia.

Apresentei-lhe pão e queijo de duas qualidades, agriões e alface do nosso quintal. Ela olhou aquela comida toda e notei o mesmo ruído ao engolir em seco.

— Vamos, coma. Não se faça piegas! — insisti.

A pequena tomou um pouco de pão com queijo, mordeu-o e mastigou-o; vi-lhe nessa altura os olhos cheios de lágrimas, e pôs-se a soluçar enquanto mastigava.

Quando nos apercebemos de que alguém está na nossa frente com fome não podemos comer com sossego e satisfação, de modo que naquele dia Shani teve de comer por dois e à tarde, durante a lição de História desmaiou. O Sr. Jonas tomou-a nos seus braços e levou-a para fora da aula e ela foi levada a casa por outra pequena.

Quando cheguei a casa contei o caso a minha mãe, que não fez comentários, apenas teve uma crispção nos músculos da cara e deu mostras de cansaço. No dia seguinte a minha marmitta ia mais recheada quando fui para a escola e ainda mais qualquer mimo envolto em papel pardo que ela meteu no bolso do meu casaco. Mas minha mãe não pronunciou palavra; apenas esboçou um sorriso.

Assim, sob a égide de minha mãe, Shani e eu lanchávamos juntos todos os dias. Nunca cheguei a ver a mãe ou o pai dela nem nunca fui a sua casa, e, embora a tivesse convidado, nunca veio à nossa porque o pai tinha vendido o carro e a casa dela ficava muito distante da nossa. Depois de duas semanas desta camaradagem ela deixou de vir à escola. Constatou que tinham ido para o Norte, ela e a família, para Middlesborough, onde seu pai esperava arranjar trabalho.

Nunca Shani me sairá da memória, com o seu vestido azul e a sua guarnição de galão amarelo, o seu laço no alto da cabeça e o seu rosto tão pálido visto de perfil como o das rainhas das moedas da Grécia antiga.

Quatro meses assim se passaram: Julho, Agosto, Setembro e Outubro.

Ao longo das paredes das ruas da aldeia e das casas da colina era visível uma longa lista escura proveniente das marcas de óleo de que os fatos dos homens que a elas se tinham encostado estavam impregnados. Mais acima e mais abaixo, numa linha sombria e ondulante, mas sempre à altura dos ombros. Algumas mulheres tinham por vezes tentado limpá-la com água quente mas não tardava muito tempo que ela voltasse a aparecer.

As lojas haviam fechado, excepto durante dois dias por semana, quando os fazendeiros chegavam para vender no mercado. Houve três que por venderem a crédito fecharam definitivamente. Sociedades de beneficência estavam absolutamente exaustas de fundos. A comissão da União de que os meus irmãos faziam parte, tudo fizera para angariar donativos, mas até esses por fim tinham cessado.

Donas de casa como minha mãe cujos filhos tinham ganho dinheiro e que haviam conseguido economias juntavam recursos alimentares e económicos para auxiliar as mulheres, casadas recentemente, que eram mães, e as mulheres com muitos filhos e cujo único amparo eram os ganhos dos maridos. Entretanto as semanas haviam passado, e o número das mulheres com possibilidades diminuía progressivamente passando essas mesmas a necessitar de auxílio.

Nas suas frequentes visitas à cidade o Sr. Gruffydd conseguia angariar auxílio em comida, roupas e dinheiro que distribuía pelos moradores dos tugúrios, mas esse auxílio nunca tinha chegado para beneficiar os moradores da colina. Ele tinha emagrecido muito, o corpo não lhe segurava o fato e teria morrido certamente de fome se minha mãe não o convidasse muitas vezes para partilhar das nossas refeições. Tudo o que recebia da capela era distribuído pelos famintos. Organizou um orfeão composto de homens em greve e fez de Ivor o seu auxiliar. Percorria então com esses homens todos os vales cantando por dinheiro e era ver a quantidade de homens que se lhes queriam juntar, e foi assim que certa noite, no escuro, ouvi um coro de milhares de vozes. Parecia um coro celestial.

Começaram então as crianças a morrer. Os cortejos fúnebres no alto da montanha começaram por serem constituídos por numerosas pessoas. Diminuíram depois progressivamente e o acompanhamento de hinos mais fraco porque as forças iam faltando ao povo.

Chegou o mês de Novembro e com ele o frio. Na primeira semana do mês caiu neve, que formou uma crosta espessa. Alguns homens foram às minas para obter algum carvão mas foram impedidos de o arranjar pelos guardas. Então os homens usaram da violência e carregaram o carvão que quiseram. No dia seguinte a polícia apareceu para impedir que o caso se repetisse e montou guarda na casa das lâmpadas. Foram presos dois homens, que foram conduzidos para a cidade, onde passaram seis meses na cadeia. Então aqueles que não possuíam dinheiro para comprar carvão iam à montanha arranjar lenha, e porque todos os homens dos outros vales faziam a mesma coisa dentro em pouco toda a lenha desapareceu excepto a das árvores que ainda se conservavam de pé.

Mas estas estavam verdes e não interessavam para queimar. Cada vez eram mais as crianças que morriam, mas agora não só estas mas também os adultos. Já não eram conduzidos para a sepultura nos caixões fabricados por Clydach. Um simples lençol bastava.

Famílias reuniam-se na casa de uma para comer e aquecerem-se em conjunto. Tapavam as janelas para conservar o calor no interior das casas. O Sr. Gruffydd envidava todos os esforços para impedir que os homens se revoltassem e seguissem para as minas a travar combate com os polícias.

Na manhã de um dia da terceira semana desse mês o carteiro Ellis parou em frente da nossa casa para entregar uma carta a meu pai.

— Entre, Ellis — convidou minha mãe. — Sente-se e coma qualquer coisa.

— Muito obrigado, Sr.^a Morgan — respondeu Ellis a tremer de frio. — Almoçarei quando chegar a casa.

— Ou o senhor almoça aqui — repontou minha mãe — ou nunca mais passará esta porta para dentro.

— Pronto, Sr.^a Morgan, esse argumento convence-me — disse Ellis tirando o chapéu e sentando-se junto de mim. — Mas não me dê chá nem toucinho.

— O senhor tomará chá e comerá toucinho — insistiu minha mãe fingindo dar a entender que empregaria a violência em caso de recusa. — Faça o favor de comer o que se lhe está a oferecer.

— Sim, Sr.^a Morgan — respondeu Ellis humildemente olhando para ela e depois, fingindo receio, para um lado e para outro.

— Se alguma vez vier a esta casa e se retirar sem ter comido alguma coisa boa é porque estarei morta.

— Beth — disse meu pai passando a carta para Ianto depois de a ler —, vamos hoje à cidade, eu e os rapazes.

Minha mãe olhou para meu pai com o garfo espetado numa batata, surpreendida.

— Falar com os proprietários — respondeu meu pai com uma cor no rosto que lhe não via há muito.

— Teremos de nos considerar vencidos — disse Davy bebendo golinhos de água quente.

— Eles prometerem um salário mínimo — informou meu pai. — É uma palha.

— E nós os náufragos — comentou Ianto olhando, pensativo, para a carta.

Meu pai bateu com os punhos fechados com toda a força na mesa e fez saltar a louça.

— Pois bem, o assunto está encerrado — gritou ele com os olhos em brasa. — Então naufraguemos. Mas, por Deus, antes que a noite acabe, teremos de ter possibilidades de encher o estômago a essas crianças.

— Modera-te, Gwilym — atalhou minha mãe. — Angharad, vai a casa do Sr. Gruffydd convidá-lo para almoçar.

— Sim, minha mãe — disse Angharad, que saiu a correr.

O nosso almoço naquelle manhã foi de facto agradável.

Fatias fininhas de toucinho, batatas, torradas com manteiga, geleia de morango e, para rematar, chá e leite mas com açúcar.

Depois de tantos dias de privações, que delícia ter a mesa assim fornecida!

—Onde escondeste isto tudo, minha boa Beth?—perguntou meu pai comendo que era um gosto.

—Trata dos teus assuntos—respondeu minha mãe, mais bonita agora, que lhe tinha subido a cor ao rosto—que dos meus trato eu. É o meu orgulho poder agora mostrar qualquer coisa digna de ser vista.

—Beth, minha querida, és única. Quebraram às marteladas o molde pelo qual foste feita—gracejou meu pai.

—Desaparece daqui, engraçado—disse minha mãe rindo e chorando ao mesmo tempo—antes que te dê com o mesmo martelo com que quebraram o molde.

Nesse momento já havia uma grande aglomeração à volta da nossa casa, pois constara que Ellis fora o portador da carta dirigida a meu pai, e os assistentes já começavam a gritar de impaciência, chamando a atenção dos outros com os seus gritos. Por isso as casas começaram a despejar gente para a rua.

—Podemos contar com uma corrida até à estação, Ellis?—perguntou meu pai.

—Sim, se eu cavalgar a *Mari*, teremos, sr. Morgan—respondeu Ellis.

Minha mãe foi à latinha e tirou dinheiro, que, depois de contar, entregou a cada um dos que partiam. Beijou-os e eles saíram. Logo que a multidão os viu com os seus trajos de ver a Deus compreendeu que a sua saída tinha ligação com a carta que meu pai havia recebido, e pela expressão do meu pai deduziu que qualquer de agradável resultaria da viagem. Assim o povo, a chorar, começou a aclamá-lo. Meu pai também tinha lágrimas nos olhos; Ellis tocou *Mari* com o chicote e seguiu pela colina abaixo com gente a correr atrás e aos lados por todo o caminho até à estação.

Não fui à escola naquele dia porque, acompanhado por Ivor, tirei cópias da carta e levámo-las e distribuimo-las aos apontadores das outras minas para que comunicassem ao pessoal o conteúdo da carta e lhe pedissem que estivessem reunidos quando meu pai chegasse, na noite seguinte.

A notícia do fim da greve chegou pelo telégrafo pelas cinco horas daquela tarde. Poucas palavras continha o telegrama, mas foram as suficientes para que o povo ficasse louco de alegria.

Os homens corriam pelas ruas dançando com quem calhava. As mulheres acenavam das janelas e as crianças montavam rosas em coroa.

Ao escurecer, pelas sete horas, um grande carro de carga chegou à aldeia e parou no meio da rua principal. Ninguém deu por ele porque os habitantes tinham-se recolhido, pois começava a nevar. Quando o condutor chamou a atenção do povo com os seus gritos um a um todos foram saindo de suas casas e logo que ele começou a tirar do carro canastras e cestos cheios de comestíveis puseram-se todos a correr quase se precipitando sobre o homem. Foi preciso que este tivesse pedido a duas pessoas que estabelecessem um sistema ordenado de distribuição, caso contrário correria o risco de ser esmagado.

Ninguém sabia a quem se devia a remessa. Alguém disse que se devia a um jornal de Londres que pedira donativos nas suas colunas; outros opinavam que fora o velho Evans com a intenção de se reconciliar com os operários e outros ainda admitiam a hipótese de ter sido mais uma vez ao Sr. Gruffydd que se devia tal magnanidade. Mas o sr. Gruffydd, consultado, declarou nada saber a tal respeito e só foi possível esclarecer o mistério no dia seguinte, quando o meu pai e os meus irmãos chegaram.

Não pode imaginar-se o que foi a recepção que lhes fizeram. Quem os trouxe da estação foi o carroceiro Thomas. Era de noite, os homens, munidos de archotes, dirigiram-se para a montanha, onde os metais dos instrumentos estavam tão frios que a banda decidiu cantar em vez de tocar. Encontraram o carro quando ele já tinha

chegado ao cimo. Desatrelaram os cavalos e no lugar deles colocaram os *pónes* da mina onde meu pai exercia a sua actividade. Acenderam os archotes e, rodeando o carro, foi assim que o levaram até casa.

Era digno de ver-se a ondulação daquelas luzes pela montanha e ouvirem-se as vozes cada vez mais nítidas à medida que se aproximavam. Se algumas centenas de pessoas compunham o cortejo, outras centenas corriam-lhe ao encontro e muitas mais ainda, especialmente mulheres, o esperavam na povoação. Tão numerosa era a multidão e tamanha era a vozearia que meu pai estava cansado só de a ouvir, mas lia-se no rosto a satisfação.

— Vamos retomar o trabalho, rapazes — gritava meu pai, e os homens aclamavam-no até enrouquecer. — Teremos menor salário, mas fixou-se um mínimo. Foi assinada a convenção. Voltamos ao trabalho.

— Quando? — gritavam os mineiros. — Quando?

— Amanhã — respondia meu pai.

— Amanhã — repetia a multidão.

A banda começou a tocar e os homens prosseguiam o caminho de braço dado. Os Três Sinos abriram as portas para fornecer o resto da sua existência de cerveja e a alegria redobrou Davy Pryse, que tocava baixo, tinha à volta da boca um círculo vermelho que certamente lhe doía pelos esgares que fazia. A sua respiração tornada em gelo rodeava a aba do seu chapéu, as luvas e o cachecol.

O povo recolheu-se por fim às suas casas em virtude de os archotes se consumirem sem haver outros para os substituir e do frio, que era constante.

— Pai do Céu, eu Vos dou graças de todo o meu coração — disse meu pai ao entrar, ajoelhando-se com a minha mãe ao lado — por todas as mercês que nos tendes concedido e pela inspiração que nos tem guiado. Ontem dei-Vos graças, hoje faço a mesma coisa e amanhã a mesma coisa farei porque tudo Vos devo, Senhor. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

— Amen — rematámos todos nós.

— Gwilym — disse então minha mãe. — Toca para a cama.

— Mas antes disso não se petisca qualquer coisa? — repontou meu pai. — Temos a barriga pegada às costas.

— Lavem-se e deitem-se — ordenou minha mãe. — Já não é de hoje nem de ontem que se passa fome nesta casa. Embora concorde que a viagem foi demorada, neste momento nada há em casa para vocês.

— Está bem, Beth — disse meu pai tentando deitar água na fervura. — Eu não estou a reclamar, estava simplesmente a pedir.

— Perdeste o juízo? — perguntou minha mãe, ainda severa.

— Talvez aquele maldito frio lá da montanha mo tivesse arrebatado — disse meu pai pondo as mãos na cabeça.

Minha mãe olhou para meu pai enquanto nos ríamos. O seu aspecto era sisudo para lhe demonstrar quão diminuída se sentia por ele ter admitido a hipótese de chegar a casa e ela não ter providenciado para que ele tivesse qualquer coisa para se reconfortar. Mas minha mãe não podia ficar séria por muito tempo quando meu pai brincava, e já se podia vislumbrar o começo de um sorriso que lhe nascia nos olhos. Ela então acariciou-lhe o rosto.

— Oh, meu bom Gwilym — disse ela. — Como pareces cansado! Lava-te e vai deitar-te; depois levar-te-ei à cama qualquer coisa.

— Que será? — interessou-se meu pai por saber, mas ela fingiu-se ainda irritada e afastou-o de si mas já sem brusquidão.

— Um quente e um frio, meu garoto — disse ela com impaciência.

— Lavar-me-ei no quente. É com sabão. Mas é muito pouco. E pode saber-se o que é?

— Cheira, meu rapaz — continuou minha mãe já com a paciência no fim.

Meu pai fingiu que farejava, mas já com pouco entusiasmo para a graça porque se sentia mais frio.

— Se eu só tivesse para comer o que cheiro — disse ele — nem um tacho haveria nesta casa para lavar.

— Deixa-te de fitas, meu tonto — volveu minha mãe empurrando-o para uma cadeira e fazendo-o sentar para o descalçar. — Tenho um frango, um bife bastante avantajado e mais uns complementos. Estás contente?

— Beth — confessou meu pai —, até ao meu último alento louvarei a Deus por me ter dado uma mulher como tu. Quase que ia apostar que tens também sopa de brande. Vou já para a cama.

— Falas assim e vê-se mesmo que estás com vontade de me meter a sopa na boca com uma colher na tua própria mão. A cama já estará quente?

— Não, criança grande — exclamou ela e deu-lhe uma palmada no pé. — Está fria, muito fria. Toda a noite não fizemos outra coisa, Angharad, Bronwen e eu, do que correr escada acima e escada abaixo com blocos de gelo. Agora a cama com esse gelo todo deve estar quentinha como um borralho.

— Muito bem — aceitou meu pai piscando os olhos para nós. — É como me sinto feliz: com um bom pedaço de gelo na cama.

— Caluda! — exclamou minha mãe voltando-se para nós. — E vocês? Estão aí a fazer caretas como macacos. Já se lavaram?

— Já sim, minha mãe — retorquimos.

— Então venham para a mesa e deixem-se de larachas, tanto vocês como o vosso pai. Gwilym!

— Que queres, meu amorzinho? — respondeu meu pai, muito sério e com os olhos a brilhar.

— Já para a cama — intimou minha mãe.

— Sim, Beth, querida — aceitou meu pai, e dirigiu-se para a porta, onde se voltou. — Não tenho mérito para apanhar um blocozinho de gelo, Sr.^a Morgan? — disse ele com voz mimalha. E desatou a correr pela escada acima perseguido pela minha mãe, que brandia a pá do fogão, enquanto os filhos riam com vontade.

NO dia seguinte saí de casa antes de meu pai e dos meus irmãos. Tinha necessidade de o fazer porque a neve dificultava-me o andamento e tinha de chegar à escola a horas, tanto mais que havia faltado dois dias.

Visto do alto da montanha, o vale apresentava-se belo, amplo e branco, muito tranquilo, e as minhas botas deixavam marcas pelo caminho mais sombrias que a neve que as rodeava. A neve até tornara branco o monte de escórias e apenas a engrenagem do poço da mina fazia destacar o seu negrume lá em baixo. Toda a aldeia estava também coberta de neve e eu distinguia todas as marcas que Ellis e *Mari* haviam deixado ao atravessarem a rua. O rio estava gelado, mas onde o gelo aparecia através da neve viam-se uns sítios acinzentados. Não sei porquê mas alguns pássaros ainda por lá esvoaçavam.

Na escola fazia frio de rachar pedras. Não despíamos os nossos abafos, mas mesmo assim sentíamos tanto frio que precisávamos de bater as mãos constantemente para termos calor suficiente para nos servirmos das canetas.

A tarde fui chamado ao gabinete do Sr. Motshill, onde o encontrei, em frente do fogão, embrulhado no seu sobretudo.

— Morgan — disse ele com voz de constipado —, tive ocasião de examinar os seus trabalhos e comparei-os com os que faz em casa. O resultado da comparação é tal

que apenas encontro um termo para o classificar: é assustador. A que se deve atribuir?

As suas palavras e o ar com que as dizia tinham um cunho de bondade. Tinha o nariz vermelho e até mesmo as suas suissas pareciam mirradas pelo frio.

— Responda-me, Morgan — tornou ele com o mesmo ar de bondade. — Quem não o conhecer, pelo exame dos seus cadernos julgará que se trata de um pateta, e, o que é pior, de um pateta preguiçoso. Tomei conhecimento de que três dos seus irmãos obtiveram as primeiras classificações nas escolas locais. Que se passa consigo? Melhor, com metade de si? Porque o seu trabalho de casa é uma coisa absolutamente diferente. Porquê?

Acontece na vida, por vezes, sabermos qual a resposta que daríamos a uma pergunta que nos fizessem, mas faltarem-nos as palavras com que a exprimiríamos. O que nos ocorre é tão confuso e estúpido que até nos sentimos envergonhados.

— Cheguei a ter esperanças de o poder propor para uma bolsa de estudo na Universidade — continuou o Sr. Motshill, e as suas palavras ainda resumavam bondade. — Seria muito grato ao meu coração ver o seu nome em letras douradas no quadro de honra da entrada. Avalie o motivo de orgulho que isso seria para os seus condiscípulos e o aliciante exemplo para os futuros alunos. Pense também nos seus pais. Estou convencido de que lhes daria uma grande alegria, de que ficariam contentíssimos.

— Ficariam, sim, senhor — retorqui eu satisfeito por ter encontrado as primeiras palavras.

— Então, voltemos ao princípio — continuou o Sr. Motshill pondo cordialmente uma das suas mãos no meu ombro. — Porque é o seu trabalho feito aqui tão extraordinariamente inferior ao que faz em casa? Não está contente aqui?

— Gostaria de estudar sob a direcção do Sr. Tyser — respondi.

— Oh! — exclamou o Sr. Motshill, e vislumbrei qualquer coisa por trás dos seus óculos, que parecia um sorriso, que tornava os seus olhos mais pequenos. — Também me lembrei disso! Sim, também admiti isso! Obrigado, Morgan. Vocês, os galeses, são uns tipos especiais. Volte para a aula, Morgan.

— Sim senhor.

— E lembre-se, Morgan — disse o Sr. Mosthill quando me aproximei da porta —, o homem que triunfa é aquele que quando tem qualquer coisa para dizer a diz no momento oportuno. O homem que se submete à opressão é um covarde. Compreendeu?

— Compreendi, sim, Sr. Motshill.

— Nunca se esqueça destas palavras — concluiu o Sr. Motshill.

Voltei para a aula com o firme propósito de me entregar ao estudo com toda a alma, mau grado o Sr. Jonas ou a quem quer que fosse, apenas em atenção ao Sr. Motshill. Fui para a minha carteira de dentes cerrados. Ao folhear os meus cadernos indignei-me comigo mesmo ao ver a bodega feita por mim, os borrões, as raspagens, e o insulto para os homens e os animais que os meus desenhos representavam.

Embora me mantivesse aparentemente com atenção seguindo a lição pelo livro, sentia à minha volta, na atmosfera, uma sensação estranha. O meu pensamento divagava. Não estava presente. Entretanto o Sr. Jonas calara-se. Não estava agora no seu lugar habitual, em frente da classe. Sentia-o agora por detrás de mim. Adivinhava o seu sorriso mau. Passou a mão por cima do meu ombro e agarrou no meu livro. Enquanto o folheava ouvi-o rir para si mesmo.

— Levante-se, Morgan — ordenou ele. — Terei o prazer de o apresentar à classe como um professor emérito.

— Não conte com isso. Não me levantarei — respondi-lhe.

Agarrou-me pela orelha, obrigando-me assim a levantar.

Vi Ceinwen voltar-se. Nos seus olhos lia-se a fúria. As suas mãos agarraram-se ao vestido, a sua boca torceu-se e com um movimento de cabeça incitou-me à rebelião.

Já tencionava fazê-lo, porque estava louco de raiva ao verificar que ele tinha

o arrojo de me tocar. Acompanhei-o até à frente da classe, onde havia mais espaço para a luta. Quando lá chegámos empurrei-o e usei uns golpes baixos atingindo-o na boca do estômago ferindo até a minha mão na corrente do relógio.

Ele fez estremecer a sala ao cair. O quadro negro acompanhou-o na queda e o ambiente ficou saturado de pó de giz. As raparigas começaram a gritar.

— Foge, Huw — clamava Ceinwen —, foge, rapaz.

Mas o Sr. Jonas levantara-se e, furioso, aproximava-se de mim com os dedos em garra. Esperei que ele parasse.

Naquele momento sentia bem viva dentro de mim a sensação que nos empolga quando desejamos ver sangue. Não fora em vão que tinha recebido, na montanha, as lições de Dai e Cyfartha.

Apliquei-lhe um esquerdo ao queixo e senti-me tomado de alegria ao ouvir o meu punho estalar fortemente naquela carne que odiava e ao ver o espanto e a dor expressos naqueles olhos que detestava. Um direito e outro esquerdo na cabeça atiraram-no novamente ao chão justamente na ocasião em que o Sr. Motshill entrava. É curioso como nos sentimos empolgados pela luta e no mesmo instante, convencidos do nosso errado procedimento, nos sentimos envergonhados pela acção condenável que praticámos. Foi o que senti quando o Sr. Motshill entrou e assistiu ao desenrolar da cena.

— Morgan — disse ele com uma voz dura como o aço —, pegue nos seus livros, vá para casa e conserve-se lá durante esta semana. Na segunda-feira venha falar comigo. Sr. Jonas, queira fazer o favor de vir ao meu gabinete.

Retirei-me, mas não sem ver que Ceinwen ria a bandeiras despregadas.

Que problema constituía para mim ter de voltar para casa e confessar a minha mãe que fora expulso da escola por ter agredido um professor! Quanto mais pensava no caso mais antipática se me afigurava a atitude assumida por mim.

Para chegar a casa tomei o caminho mais longo e mais difícil, cujos obstáculos levassem mais tempo a transpôr, com o propósito de retardar o momento da confissão como se isso pudesse aliviar uma consciência culposa. A verdade era que quanto mais me aproximava mais apresso me sentia.

Passei antes por casa de Bron, mas ela estava a fazer qualquer coisa lá em cima e, embora dissesse para baixo que a esperasse, saí sem lhe dar resposta. Ao aproximar-me de casa fui possuído do receio de que minha mãe sáisse e me encontrasse.

Atirei os livros pela janela do quintal e dirigi-me, a correr, para casa do Sr. Gruffydd, que estava em plena mudança de residência. Ia morrer para a casa da Sr.^a Rowlands, a qual ia para casa da filha, para viver com ela, na casinha, ao lado da capela, com grandes janelas e uma porta ladeada por duas colunas.

Entrei pela porta da frente para o corredor escuro, caminhando, por entre caixas, tábuas e latas diversas, direito à porta do seu gabinete diante da qual estaquei. Apesar do frio exterior e do gelo agarrado às janelas, o Sr. Gruffydd estava em mangas de camisa e pareceu-me que suava. Em cima de uma mesa estava um bule da nossa casa e ao lado pratos, que também nos pertenciam, com pão, comida e salada. Também se encontrava presente, apoiada num toucador antigo, com a cabeça encostada ao braço, olhando de lado o Sr. Gruffydd, com o cabelo, sobre a capa, a descer-lhe pelas costas. Ao arrastar um caixote, o Sr. Gruffydd fizera muito barulho e por isso não me sentira entrar; antes que eu tivesse tempo para pronunciar qualquer palavra ele olhou para Angharad e tirou um lenço do bolso para limpar a testa.

— Tenho pensado muito no assunto — dizia ele — e acho que as coisas ainda não estão devidamente esclarecidas.

— Não sei porquê — retorquia Angharad com um fio de impaciência na voz. — Nada me liga a Iestyn. É unicamente um amigo.

— Mas que há meses lhe faz rapapés — continuou o Sr. Gruffydd. — Tenho

ouvido sua mãe algumas vezes dizer que está contente por saber que a Angharad não conhecerá dificuldades se casar com ele.

— Mas a riqueza não me interessa — respondeu Angharad, e havia na sua forma de falar tanto de minha mãe que achei graça. — Para mim há coisas de mais apreço que a riqueza.

— No entanto não me parece que a Angharad esteja a proceder como deve ser — retorquiu o Sr. Gruffydd com uma ligeira impaciência na voz.

— Pense um pouco mais no que lhe diz respeito e menos nos meus assuntos — respondeu minha irmã. — Se eu entendesse que devia casar com ele assim faria. Mas prefiro-o a si.

— Angharad — explodiu o Sr. Gruffydd. — Não tem vergonha?

— Não sei porque deva envergonhar-me de confessar a verdade — replicou Angharad.

— Não — tornou o Sr. Gruffydd —, não devo acompanhá-la nos seus propósitos.

— O senhor tem mas é medo das línguas do mundo —olveu Angharad, e pôs-se a arrumar as panelas. — Só isso: medo das línguas do mundo.

— Não, não é isso. Tenho medo é de vê-la passar necessidades durante toda a vida. De que a Angharad e eu tenhamos de depender da generosidade alheia para a nossa subsistência e de que o meu benefício aclesiástico não dê para vivermos. Acha bem que eu assista ao embranquecimento prematuro dos seus cabelos? Que vejamos os nossos filhos vestidos com fatos que outros recusariam? Que tenhamos de dar graças por termos um rancho de filhos a viver numa casa cheia de trastes fora de uso oferecidos por pessoas generosas que não os querem na sua casa? Não, Angharad. Sou um homem. Devido à minha missão poderei suportar uma tal vida mas julgo que poderia até tornar-me criminoso se tivesse de a fazer suportar comigo.

— Porquê? — perguntou Angharad aproximando-se dele com uns olhos magníficos de brilho e as mãos abertas num gesto de renúncia.

— Porque devemos ser razoáveis — respondeu o Sr. Gruffydd. — Não é uma virtude a pobreza, como não o é a falta de espírito. A vida é boa e bela. É legítimo que toda a gente dela se aproveite.

— Mas porque iria o senhor até ao crime se a sua vida, tal qual é, afectasse a minha?

— Porque — respondeu o Sr. Gruffydd hesitando nas palavras a empregar sem olhar para o rosto de Angharad — pois bem... porque sim. E agora deixe-me trabalhar.

Voltou-lhe as costas para ir puxar um caixote pelas cordas. Angharad olhou um instante para as suas mãos e observei o seu ar concentrado e o movimento desesperado da sua cabeça. Enquanto ela estava de costas voltadas a colocar a louça no cesto voltei para o corredor procurando não fazer ruído e fui até a casa de Bron.

— Bron — anunciei-lhe eu. — Fui expulso da escola porque bati no tal Sr. Jonas.

— Sim? Mas bateste-lhe muito. — interessou-se Bron procurando tirar a farinha de trigo que tinha nas mãos.

— Sim, bati nele e no quadro preto.

— Mas só uma vez — continuou Bron a perguntar e aproximou-se.

— Umás cinco vezes. E por duas vezes ele foi de focinho ao chão.

— Vou dar-te cinco beijos —olveu Bron agarrando-me e dando-me cinco beijos na cara. Agora vai para casa e conta à tua mãe.

— Estou com receio — respondi-lhe.

— Receio, rapaz?! A tua mãe já tem tudo preparado para ti. Vai lá a casa e volta depois para comer um bocado de torta de amoras.

— Está bem! Mas ainda estou com receio.

E foi assim que entrei em casa pelo quintal prosseguindo lentamente dando pontapés nos pedaços de gelo e demorando-me o mais que podia.

Quando estamos possuídos do receio de qualquer coisa, parece que o comando do nosso cérebro hesita em dar a ordem de avançar e então fazemos coisas sem sentido antes que o nosso corpo receba a ordem transmitida do cérebro para que prosigamos na senda que nos levará à coisa que temíamos. Levei minutos a atingir a porta traseira da nossa casa e algum tempo a escovar as minhas botas com escrúpulo excessivo. Quando olhei para cima minha mãe olhava-me e sorria debruçada na janela de trás.

—Chega aqui—disse ela, e a voz de minha mãe chegou até mim abafada pela cortina.

Fui lá e parei ao pé dela. Outra coisa estranha: se sentimos a nossa consciência culpada e esperamos castigo, ficamos parados, sem vontade própria, como se isso também nos tirasse de dificuldades.

—Então?—perguntou minha mãe.

—Fui expulso da escola, mãezinha—respondi eu em voz tão baixa que mal se ouvia.

—Já sei. Bron contou-me. Há tempo que preciso de alguém que transporte as estantes para casa do Sr. Gruffydd.

—Mas preguei com o Sr. Jonas no chão, minha mãe—esclareci eu para saber até onde ia a sua benevolência.

—E na altura de ele estar no chão deste-lhe um bom pontapé?—perguntou-me batendo com o dedal na pedra.

—Não, minha mãe—respondi.

—Bem, foi pena que eu não estivesse lá. Então leva as estantes—retorquiu minha mãe.

Sentia-me capaz de carregar milhentas estantes tão alegre me encontrava.

Mas o Sr. Gruffydd não foi da mesma opinião de minha mãe.

—Bateu no seu professor?—exclamou ele quando lhe contei o que se tinha passado e parecia que todos os pelos da sua barba se punham de pé.—Que vergonha para si, Huw Morgan. Coisa tão indecente nunca ouvi. Agrediu o seu professor? Um criança levantar a mão para um homem revestido de respeitabilidade?

—Perdi a cabeça—atalhei.

—Perdeu a cabeça—repetiu o Sr. Gruffydd com desprezo.—Que justificação! Com efeito, perdeu a cabeça! Bem, está assente! De maneira que, se nos excedermos e nos censurarem, perdemos a cabeça e batemos a torto e a direito, não é assim? Já ouviu dizer que nosso Senhor tivesse feito isso? Ou teria Ele alguma vez perdido a cabeça?

—Talvez, com os vendilhões do Templo.

—Jesus tinha a justificação de eles profanarem um lugar sagrado, mas nunca se revoltou contra a lei e a autoridade. Nem mesmo quando se preparavam para O matar. Mas o menino Morgan perde a cabeça, agride o seu professor e lança-o por terra. Sim senhor! O Sr. Morgan já ouviu dizer alguma coisa a respeito de Sócrates?

—Já, sim senhor.

—Então faça-me o favor de ler o diálogo, que diz respeito às leis da sociedade, entre esse grande e nobre homem e Criton—disse o Sr. Gruffydd apontando-me o livro.—O professor Platão ensiná-lo-á.

Folheei o Platão e encontrei o trecho.

—Isso foi escrito há mais de dois mil anos e parece impossível que, com todos os nossos progressos programas de educação, ainda haja um fedelho insolente que se atreva a pôr as mãos em quem tem autoridade sobre ele. Se continuar a proceder dessa maneira é possível que ainda o vejamos a dançar pendurado numa forca.

—Lamento, senhor—proferi eu, sentindo no peito como que uma ferida.

—Lamenta, não é?—Sim, senhor! Faz-nos o jeito de lamentar e sentir-se arrependido. Mas primeiro tem de cometer violências para satisfazer os seus ímpetos

satânicos para depois se sentir arrependido. Porque não teve primeiro um dedal de bom senso? Hem? Mas Sócrates era um homem feito à imagem de Deus, e nobre por essa razão. Preferiu ficar sem a vida a ofender as leis do Estado ou protestar contra a autoridade dos que nela se encontravam investidos. Foi essa a atitude que o Sr. Morgan tomou? Retire-se, senhor. Até tenho vergonha de o fitar.

Sí de casa do Sr. Gruffydd, subi a colina e entrei pelo lado do quintal. Fui para o barracão, sentei-me em cima da máquina e recordei todas as palavras do Sr. Gruffydd estorcendo-me à medida que as relembrava.

Estive nesse sofrimento durante algum tempo, depois saltei o alpendre, entrei pela janela e deitei-me, pois momentos há em que a cama é o único sítio onde se pode estar tranqüilo.

— Podem ambos ser os culpados — comentou meu pai na manhã do dia seguinte. — Não te censuro porque eu poderia ter feito a mesma coisa. Veremos o que se passa quando, na segunda-feira, lá fores.

— O Sr. Motshill disse que queria preparar-me para o exame de admissão à Universidade — informei eu.

— Os teus irmãos também poderiam tê-lo feito — respondeu meu pai — mas esses diabos preferiram o trabalho imediato. Se ficares aprovado no primeiro exame, ganharás uma continha que depois te direi. Está bem?

— Sim, meu pai.

— Come — acrescentou minha mãe. — Come para desenvolveres a mioleira.

Cheguei a supôr que aquela semana não tinha fim. Muito me custou a passar! Limpei as capoeiras e tapei com bocados de madeira os buracos que as raposas haviam feito. Caiei a frente da nossa casa e a de Bron, dei um novo aspecto ao jardim, puli a máquina, que ficou a brilhar como se fosse feita de metais nobres. Tudo para passar o tempo que faltava para segunda-feira seguinte.

Angharad disse-me, aí pelo final da semana, que o Sr. Gruffydd precisava de mim para o auxiliar. Apressei-me a lá ir. Ele sorriu para mim como de costume quando entrei e estendeu-me a mão.

— Bom-dia, Huw, entre — saudou-me ele.

— Bom-dia, Sr. Gruffydd, e muito obrigado — respondi eu apenas.

— Vou começar com a minha mobília, Huw — informou. — Tenho aqui os desenhos.

Realmente os desenhos eram um encanto; curvas longas e elegantes partiam do alto e acabavam no sobrado. Nada de fantasias disparatadas ou de mau gosto, mas sim linhas sóbrias, elegantes e artísticas; era evidente que só uma experiência de saber e bom-gosto tinha presidido àquela justa proporção que originava uma dignidade que anunciava a todos os que os observassem a excelência do artista.

— Que beleza! — comentei.

— Bom, agora vamos tirar as medidas para serrar a madeira.

Não tínhamos começado ainda a tratar da madeira quando Isaac Wynn bateu à porta vindo directamente da mina.

— O Sr. Evans caiu para debaixo de uma vagoneta na galeria inferior — anunciou ele a resfolegar. — Poderá vir até lá, Sr. Gruffydd?

O Sr. Gruffydd não perdeu um momento, não esperou que Isaac Wynn o acompanhasse, e saiu de casa como uma tromba, deixando o chapéu e o sobretudo. Agarrei neles e também num cachecol e segui atrás dele a correr. Podia ter-me poupado esse esforço pois quando cheguei à mina já o Sr. Evans vinha para cima numa padiola para o levarem para a casa do elevador. Entreguei as coisas do Sr. Gruffydd ao encarregado das lanternas e regresssei, mas enquanto seguia o meu caminho ouvi o hino dos mortos.

Na rua, até onde o hino era audível, os homens descobriam-se e permaneciam em silêncio. As mulheres, ao chegarem às portas, chamavam os filhos em voz baixa

para se recolherem a casa e ficavam, paradas, em silêncio, com os olhos baixos. Em todas as ruas da aldeia havia gente, que permanecia silenciosa, enquanto o hino se elevava, saturno, do fundo da mina e o vento gemia num acompanhamento que arrepiava.

Morrera o velho Evans no meio do seu próprio pessoal, na casa do elevador, que ele próprio ajudara a construir, a roda que girara, para o enriquecer, dia e noite durante tantos anos; girara agora mais uma vez para carregar para cima o seu corpo sem vida.

Voltei para casa do Sr. Gruffydd para serrar a madeira esperando o seu regresso. Quando entrou, a sua aparência causou-me pesar. Vinha acabrunhado e o seu olhar era o de um moribundo.

— Siga para casa, Huw — disse ele enquanto se sentava na prancha. — Peça desculpa à sua mãe. Hoje não irei lá jantar.

— Sim senhor. Quer que volte depois do jantar para prosseguirmos no nosso trabalho?

— Não. Quero estar sozinho. Dir-lhe-ei quando deve vir.

Regressei então a casa.

Quando lhe dei o recado, minha mãe nada disse, apenas dirigiu um olhar a Angharad, que estava a chorar sentada num banco, perto do fogão, deu-lhe um beijo e foi cortar violentamente o pão como se lhe tivesse raiva.

O funeral do Sr. Evans parecia interminável. Não somente imensa gente se incorporava no enterro, à frente e atrás do corpo mas por todo o caminho o cortejo passou por alas de gente vinda dos outros vales. Todas as minas, as oficinas dos caminhos de ferro, as forjas, as sociedades recreativas, beneficentes, religiosas, desportivas mandaram representantes em elevado número.

Nunca tinha visto tanta gente, aquelas filas infindáveis e tristes de caras avermelhadas pelo sabão e pelo frio e brilhantes por causa da neve, todos de luto carregado da cabeça aos pés. Os colarinhos brancos dos homens eram a única nota de branco no conjunto.

Cânticos e mais cânticos durante quilómetros com toda a gente em movimento por vezes uniforme, outras irregular. Quando, por momentos, os cânticos cessavam, ouvia-se então nitidamente o som dos passos e do ranger das botas e o sussurro das saias das mulheres. A neve também dava um brilho maravilhoso aos chapéus altos, que se viam às centenas.

Angharad, acompanhada de meus pais, caminhava atrás de Iestyn, o qual ia com dois tios de Londres, encarregados da venda da produção, e do Sr. Gruffydd que seguia com mais quatro pregadores.

Eu assistia, a meio caminho da colina, acompanhado de Bron, à passagem do enterro, contente por não fazer parte dele.

— Vamos — aconselhou Bron quando ainda nem metade do cortejo tinha passado —, voltemos para casa. Vamos tomar chá.

Subimos a colina a correr mas eu adiantei-me e pus a chaleira sobre o fogo antes de Bron ter chegado a casa.

— Pobre Angharad — disse Bron. — A razão de lhe chamar pobre não sei explicar; ter de escolher marido entre dois bons homens, não sei se seria razoável chamar-lhe pobre.

— Julgas que ela optará pelo Sr. Gruffydd? — perguntei-lhe.

— Talvez, se o Sr. Gruffydd a quiser. Ele também não sabe o que há-de fazer. Ela vai fazer dezoito anos e ele está quase nos quarenta. Acresce a circunstância de ele ser um homem pobre até ao fim dos seus dias.

— Ele é assim tão pobre? — perguntei-lhe.

— Recebe vinte e cinco libras por ano. Não há ainda muito tempo dava o teu pai a tua mãe esse dinheiro de dez em dez dias.

—Dez xelins por semana?—interroguei, extremamente surpreendido.—Para o Sr. Gruffydd? Apenas dez míseros xelins por semana?

—E é quando lhe pagam. O teu pai tem-se esforçado porque lhe paguem há já algumas semanas, mas respondem-lhe que a greve tudo absorveu e o Sr. Gruffydd que espere. É claro que ele esperará toda a vida sem pronunciar uma palavra de protesto.

—Como o poderemos ajudar, Bron?

—Conservando-nos calados, meu pequeno. O Sr. Gruffydd que fale quando entender. Nós é que não o devemos fazer.

—Então Angharad casará com Iestyn?

—Faço votos para que assim seja. Casar com um pregador é casar ao mesmo tempo com a capela. Eu não casaria com um homem nessas condições nem que me pagassem cem soberanos de ouro por semana. Com a morte do pai Iestyn é agora um homem rico; calculo que o querido Sr. Gruffydd ficará agora de pior partido. E tenho pena dele por isso.

Quando Angharad chegou do enterro deitou-se imediatamente. No dia seguinte minha mãe impôs-se e mandou-a, acompanhada de Ceridwen, para uma quinta, a fim de a conservar afastada por algum tempo. Durante alguns dias o Sr. Gruffydd não viria a nossa casa e quando eu ia a casa dele para o auxiliar na confecção da mobília encontrava a pequena casa sempre fechada. Sabíamos que andava entregue à sua missão porque Ellis via-o a caminho das quintas da montanha, e presidia todas as noites, na capela, a grandes reuniões de gente.

Iestyn estava agora em Londres com os tios. Todos os dias Ellis era portador de uma choruda carta dirigida a Angharad que Bron se encarregava de lhe fazer chegar às mãos, e nem um dia, não contando com os domingos, deixou de ser recebida uma carta enquanto ele esteve ausente. Cheguei a supor que ele não fazia outra coisa durante todo o dia que não fosse escrever em papel de luto.

Na segunda-feira tornei à escola. Percorri todo o caminho possuído de forte ansiedade. Ceinwen fez-se encontrada comigo junto das forjas, como que por acaso, dizendo que ia comprar linhas para a mãe, mas a verdade é que ao passar por diante do armazém de Beredith não entrou lá embora eu lhe tivesse lembrado o encargo que trazia. Durante algum tempo permanecemos calados até chegarmos junto da porta da escola, diante da qual parou hesitante porque se encontravam bastantes colegas nossos ali aglomerados.

—Huw —acabou por dizer—, levar-me-á qualquer noite para ouvir os rouxinóis?

—Rouxinóis? Mas, minha menina, estamos no Inverno.

—Bem, então quando eles estiverem em condições de cantar.

—Sim, daqui a três meses, ou mesmo mais, poderei levá-la.

—Muito bem, não se esqueça. Fica combinado.

Passei por entre os grupos. Os rapazes afastavam-se delicadamente para eu passar sorrindo e desejando-me muito bons-dias. Eu mesmo me surpreendi ao sentir-me um tanto envaidecido como se me tivesse tornado alguém importante, mas diligenciei afastar de mim essa vaidade olhando para a porta do gabinete. Olhei os quadros no vestibulo e tentei imaginar ver num deles o meu nome, em letras douradas, entre o retrato do último director e o quadro com os nomes dos alunos premiados. Resolvi obter um prêmio e que o meu nome ali figurasse ainda que tivesse de suar sangue.

—Bom-dia, Morgan —ouvi o Sr. Motshill dizer por detrás de mim.

—Bom-dia, Sr. Motshill — respondi, e senti-me arrefecer.

—Espero que este possa classificar-se de bom-dia — disse ele, frio, limpando os óculos, sem olhar para mim. — Está arrependido do que fez?

—Estou, sim senhor, e muito respondi.

— Sente-se com coragem para recuperar o tempo que perdeu? — continuou pondo os óculos à distância para se certificar de que estavam limpos.

— Sim senhor.

— Vá então para a sua aula. Espero ficar encantado quando, na próxima sexta-feira, examinar os seus cadernos.

— Sim senhor, muito obrigado.

A caminho da aula ia satisfeito por poder enxugar as lágrimas que me vinham aos olhos sem ninguém me observar. É estranho como manifestações de bondade tocam tanto o nosso coração que fazem com que brotem lágrimas.

Ora muito bem! A surpresa foi minha quando entrei na aula: quem lá estava a ensinar, em lugar do Sr. Jonas, era o Sr. Tyser.

O espanto e o contentamento de que me senti possuído foram tão grandes que parei, como que tornado em pedra, a olhar para ele. O Sr. Tyser sorriu ao ver-me mas fingiu não me prestar atenção entregando-se à sua tarefa.

Então senti uma desagradável opressão, uma sensação ao mesmo tempo de frio e de calor, e estremeci com a respiração suspensa ao resolver retribuir, com a multiplicação do meu esforço, todas as manifestações de bondade do Sr. Motshill. Nada que eu fizesse seria de mais.

Dispus-me a trabalhar com todas as veras da minha alma.

Lá fora, durante o recreio, tive outra surpresa, que me enraiveceu e encheu de mal-estar e depois me divertiu, sem que por isso ficasse satisfeito.

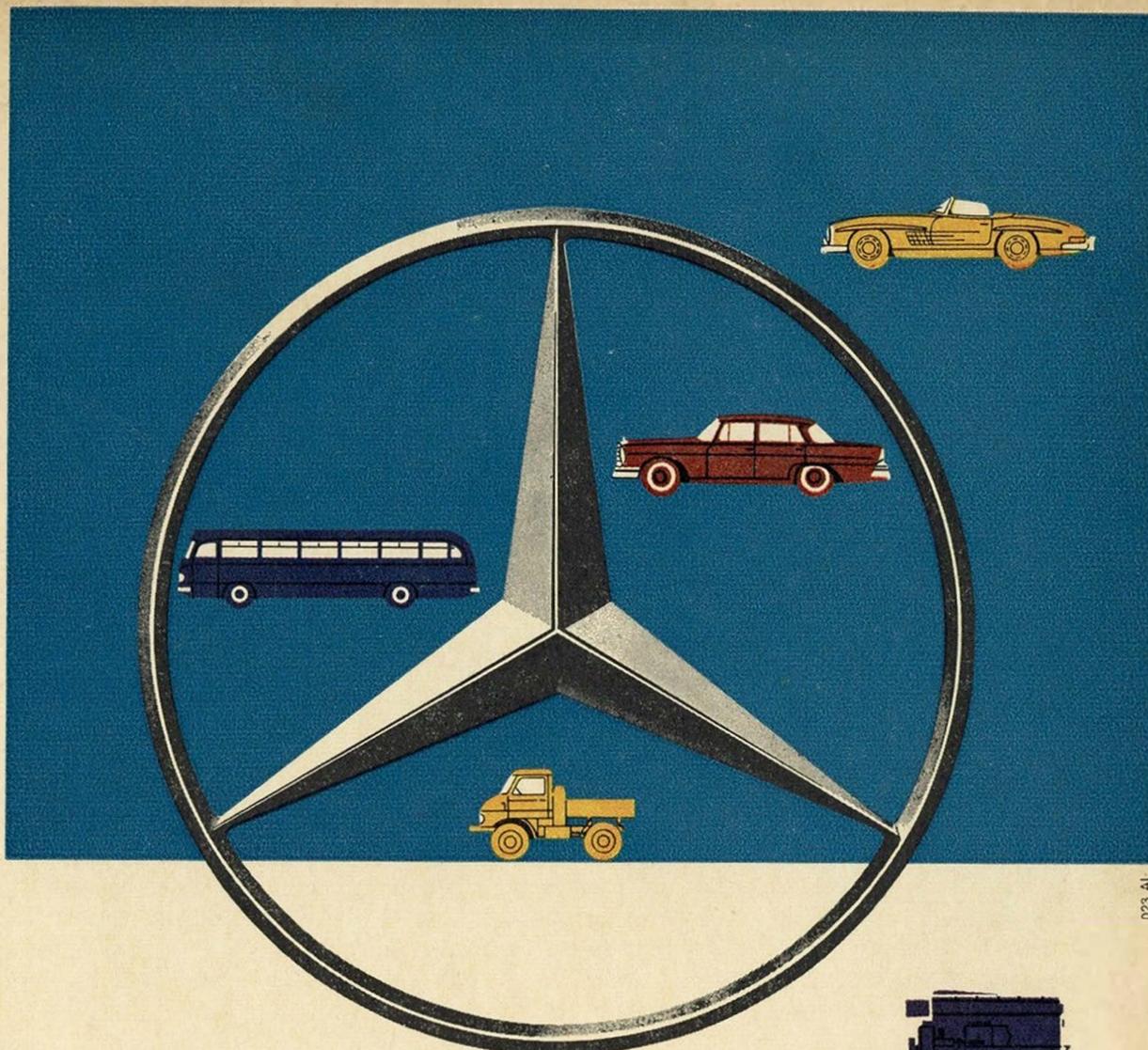
O Sr. Jonas fora encarregado da classe infantil, a classe abaixo da 1.ª Elementar, com crianças dos sete aos oito anos. Vi-o sair da aula e prosseguir o seu caminho com as mãos nos bolsos. O aspecto das suas costas causou-me dó, pois tinha um ombro mais descaído do que o outro, de forma que no casaco aparecia uma grande prega. Arrastava os pés, não metia as mãos nos bolsos naturalmente, mas apenas as pontas com os punhos da camisa amarrotados e os pulsos vermelhos como se lhe fosse indiferente que estivessem dentro ou fora, quentes ou frios.

Passaram-me pelo pensamento as crianças e o seu sorriso. Tive pena delas e estremeci, grato ao destino por me sentir livre daquele sorriso.

OS vidros das janelas da cozinha caíram. Senti-me satisfeito por ter tirado tantos para os dar, porque eram uns vidros excelentes feitos à mão pelos ótimos operários daquele tempo. Vistos de lado apresentavam uma pitoresca curvatura como se quisessem fugir da vidraça, e dava prazer limpá-los tão claros e brilhantes ficavam. Vi minha mãe limpá-los muitas vezes da parte de dentro. Atingia a terceira fila nas pontas dos pés. Para limpar a quarta e a quinta filas servia-se de um banco e para a sexta trepava para o peitoril da janela. Quando descia punha-se a olhar para eles de lado para se certificar se não teria ficado qualquer mancha. Se ficava satisfeita limpava o peitoril, passava um pano pelo banco, tornava a pô-lo ao lado do fogão, depois dedicava os seus esforços aos vidros do guarda-louça, pois que o dia da limpeza das janelas era o mesmo da limpeza das louças e todas as painéis, todos os vidros, fossem de utensílios ou das janelas ficavam reluzentes.

Depois será a vez das portas lá de baixo e dos vidros cá de cima. O deslocamento seguinte, a próxima queda daquele montão lá de fora cobrirá com toda a certeza a casa. Calculo que esmague o telhado. Pobre casa! Ouço os teus queixumes, sinto a tua dor com todas aquelas toneladas sobre o teu dorso. Quase que vejo a tua face crispada de angústia com os olhos apavorados postos em mim a pedir auxí-

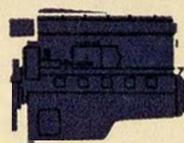
Qualidade - e o que está por detrás dela



023 AI

Uma grande linha de produtos

Em todos os campos da motorização, o valor de um veículo ou de um motor é traduzido na confiança que neles pode ser depositada e na longa vida que eles podem oferecer com pleno rendimento. É esta uma das razões porque os elegantes automóveis de passageiros e de sport Mercedes-Benz mantêm tão elevado prestígio perante a clientela, o mesmo acontecendo com os camiões, autocarros, veículos para usos municipais, tractores universais Unimog e motores Diesel, cuja procura aumenta continuamente. Cincoenta e nove produtos diferentes da Daimler-Benz AG ostentam a famosa estrela de três pontas, um símbolo da mais elevada qualidade e de fama mundial.



MERCEDES-BENZ

